

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
VARIANTE EM COMUNICAÇÃO POLÍTICA

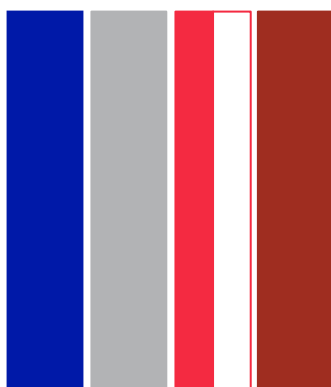
O JORNALISMO, A OPINIÃO PÚBLICA E O PROCESSO INDEPENDENTISTA CATALÃO:

ANÁLISE ÀS FONTES DE INFORMAÇÃO DA IMPRENSA DIÁRIA ESPANHOLA (E CATALÃ)

Ana Daniela Oliveira Pereira

M

2021



Ana Daniela Oliveira Pereira

**O JORNALISMO, A OPINIÃO PÚBLICA E O
PROCESSO INDEPENDENTISTA CATALÃO:
ANÁLISE ÀS FONTES DE INFORMAÇÃO DA
IMPrensa DIÁRIA ESPANHOLA (E CATALÃ)**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada
pelo Professor Doutor Fernando Vasco Moreira Ribeiro

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2021

Ana Daniela Oliveira Pereira

O Jornalismo, a opinião pública e o processo independentista catalão: análise às fontes de informação da imprensa diária espanhola (e catalã)

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada pelo Professor Doutor Fernando Vasco Moreira Ribeiro

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

À Isa,

À minha Ana Isabel,

Ao meu Avô,

Aos Meus Pais,

E a todos os quem nunca me deixam desistir dos sonhos.

«Tudo vale a pena se a alma não é pequena.»

Fernando Pessoa

Sumário

Declaração de honra	5
Agradecimentos	6
Resumo.....	8
Abstract	9
Índice de Figuras	10
Índice de Tabelas.....	11
Índice de Gráficos.....	12
Lista de abreviaturas e siglas.....	13
Introdução.....	14
1.As Fontes de Informação ao serviço da Comunicação Política	17
1.1. Os media como construtores de opinião pública.....	17
1.2. Modelos teóricos sobre as fontes de informação.....	24
1.3. O jornalismo político: a relação jornalista – fonte de informação em Espanha	40
2.O processo independentista catalão: o conflito geopolítico espanhol do século XXI	49
2.1. Nação e Nacionalismo: definições conceptuais	49
2.2. As identidades nacionais: perspetiva histórica sobre o desenvolvimento dos nacionalismos espanhol, catalão e basco	55
2.3. Catalunha: o conflito geopolítico espanhol do século XXI	65
2.3.1. Revisão dos Estatutos Autonómicos: argumento inicial para desencadeamento de reação catalã	65
2.3.2. Revisão dos Estatutos Autonómicos: argumento inicial para desencadeamento de reação catalã	69
2.4. Conflito geopolítico Catalunha - Madrid: posição dos media	77
3.As Fontes de Informação do processo independentista catalão	80
3.1. Objetivos do Estudo	80
3.2. Objetos de Estudo	80
3.2.1. A imprensa espanhola: caracterização dos títulos em análise	82
3.2.1.1.Ara.....	82
3.2.1.2.El Mundo.....	83
3.2.1.3.El País	84

3.2.1.4. La Vanguardia	85
3.2.2. Os entrevistados	87
3.2.2.1. David Miró Molés (Ara).....	87
3.2.2.2. Jaume Valles Aroca (La Vanguardia).....	87
3.3. Grandes Questões	88
3.4. Metodologia	88
3.5. Resultados	96
3.5.1. Análise quantitativa	96
3.5.2. A perspetiva dos profissionais de comunicação de dois diários.....	126
3.5.3. Resultados comparados.....	129
3.6. Limitações à concretização da investigação.....	131
Conclusões	133
Referências Bibliográficas	138
Apêndices	2
Apêndice 1: Grelha de Análise	3
Apêndice 2: Orientações base para análise dos conteúdos jornalísticos	9
Apêndice 3: Quadro síntese de alinhamento político.....	10
Apêndice 4: Quadros síntese jornal Ara.....	12
Apêndice 5: Quadros síntese jornal El Mundo.....	50
Apêndice 6: Quadros síntese jornal El País	79
Apêndice 7: Quadros síntese jornal La Vanguardia	112
Apêndice 8: Entrevista a Jaume Valles Aroca (La Vanguardia)	154
Apêndice 9: Entrevista a David Miró Molés (Ara)	168

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

[Braga, 28 de setembro de 2021]

[Ana Daniela Oliveira Pereira]

Agradecimentos

São muitas as pessoas e nomes que cabem nestas páginas, mas antes de particularizar esta lista, quero começar por agradecer à **Universidade do Porto**, em particular à Faculdade de Letras, pela forma como fui recebida, neste que foi o regresso à academia, depois de uma experiência memorável na **Universidade do Minho**. Sem dúvida que estas são as minhas duas casas, sendo um orgulho ter tido a possibilidade de passar por elas e aprender com tantos **Professores**, peças chave no meu desenvolvimento pessoal, académico e profissional. Será, por isso, injusto particularizar os agradecimentos, no entanto, não posso deixar de destacar o papel do Professor Doutor **Vasco Ribeiro**, que me acompanhou ao longo dos dois últimos anos, ajudando no redescobrimento da investigação e incentivando-me na procura por soluções para as dúvidas teóricas e metodológicas com que me fui debatendo. Mais do que um orientador, o Professor Doutor Vasco Ribeiro foi um mestre.

Agradeço também ao meu amigo de longa data e professor **João Gonçalves**, peça fundamental para este resultado, não só pelas conversas infindáveis sobre a Catalunha, a mediatização da questão independentista, os processos de investigação e as partilhas de livros essenciais, mas também pelo tempo que investiu nas sucessivas leituras deste trabalho, tendo sido a minha inspiração para voltar a estudar e, acima de tudo, um farol. Agradeço também aos entrevistados Jaume Valles Aroca e David Miró que me deram a possibilidade de conhecer os meandros das redações dos jornais e compreender a forma como a seleção das fontes acontece. Agradeço às três **Anas Isabeis** que se cruzaram na minha caminhada e que foram fundamentais para chegar até aqui: uma por todas as vezes que ocupou o sofá lá de casa para garantir que eu não procrastinava e trabalhava nesta investigação, outra por ter sido impulsionadora das minhas conquistas académicas, tendo o condão de me desconstruir e aguentar as minhas conversas com o João, e ainda a outra Ana Isabel, minha estrelinha desde 2004. À **Cátia Ferraz**, amiga de todas as horas, que se prontificou a ajudar no levantamento jornalístico, tendo estado sempre comigo. À **Sara Morais** por ter enfrentado ao meu lado dois anos de emoções à flor da pele e por estar sempre por cá, mesmo quando tudo parecia demasiado irreal, assim como à **Ana Paula Bronze**, à **Cinthia** e à **Joana**, todas colegas desta viagem. À **Ana**

Sofia, ‘minha irmã emprestada’, que me apoiou desde o minuto -1. Ao **André Marcos**, o amigo que nunca me deixou cair, mesmo nos momentos em que tudo parecia um castelo de cartas prestes a ruir. Ao amigo **José Baptista**, tão importante para não baixar os braços na reta final da dissertação. Quero também agradecer a todos os **amigos** que foram acompanhando os meus dilemas, conversas inacabáveis sobre a Catalunha em torno deste trabalho e que, com as palavras certas de incentivo, não me deixaram baixar os braços. Agradeço também ao meu avô Arlindo, pessoa que, desde cedo, me ensinou a ver noticiários, despertando o meu interesse e curiosidade pelo mundo da informação. À minha **equipa da Startup Braga**, em particular à Ana Rita Ribeiro, ao Luís Rodrigues, ao Carlos Gonçalves e ao Alexandre Mendes, que por força das circunstâncias tiveram de lidar com os meus períodos de ausência, foram forçados a ouvir os meus desabafos e a ler as mil versões de trabalhos académicos que fui entregando. À equipa da **InvestBraga**, em particular ao seu administrador, Eng. Carlos Silva, que soube também compreender o momento que estava a viver, apoiando-me de forma incansável ao longo destes dois anos. À equipa de **Comunicação da Associação de Festas de São João de Braga** por ter aguentado o barco nas minhas ausências.

Por fim, não posso deixar de agradecer às pessoas que foram mais importantes para a concretização deste trabalho: **os meus pais**, neles representada toda a minha família. Sem eles, seguramente, não existiria e esta investigação não seria assinada por mim. Ao longo deste meu trajeto académico e profissional, foram eles que estiveram sempre ao meu lado, não me cortando as asas para voar e arriscar.

Sem todos eles, não poderia cumprir o desígnio proposto pelo heterónimo de Fernando Pessoa, nem seria toda em cada coisa.

Obrigada!

Resumo

A investigação que se apresenta foi desenvolvida no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, com especialização em Comunicação Política e tem como objetivo o estudo das fontes de informação associadas ao debate político em torno do processo de autodeterminação da Catalunha.

Através do estudo de caso dos diários Ara, El Mundo, El País e La Vanguardia, pretendeu-se identificar e avaliar a projeção pública das fontes de informação, estabelecendo a relação entre as fontes de informação utilizadas pelos jornais e as linhas editoriais dos mesmos, uma vez que os diários apresentam posições distintas sobre o tema.

Recorrendo a métodos de investigação qualitativos e quantitativos, os conteúdos noticiosos publicados foram analisados de forma a encontrar pistas sobre o papel das fontes de informação na construção da agenda mediática em torno do processo independentista catalão. Deste modo, foram levadas a cabo entrevistas exploratórias a Jaume Valles Aroca (La Vanguardia) e David Miró Molés (Diari Ara), tendo-se procurado compreender o fenómeno ligado às relações estabelecidas entre jornalistas e fontes de informação associadas à questão catalã, bem como identificar traços comuns no comportamento das fontes perante os jornalistas das várias redações e vice-versa.

A par deste processo, foi ainda desenvolvido um estudo de caso sobre as fontes de informação envolvidas nos conteúdos noticiosos publicados. Esta análise teve como ponto de partida as conceptualizações teóricas sobre os graus de confidencialidade de Mencher (1991) e de outros autores de referência, originando um quadro de análise a partir do qual foi possível responder às grandes questões desta investigação.

Com a conclusão desta dissertação, espera-se poder contribuir para o conhecimento sobre as fontes de informação associadas à temática independentista catalã.

Palavras-chave: fontes de informação; processo independentista catalão; media; Catalunha; autodeterminação catalã.

Abstract

The research presented here was developed in the context of the master's degree in Communication Sciences, with a specialization in Political Communication and aims to study the information sources associated with the political debate around the self-determination process of Catalonia.

Through the case study of the newspapers Ara, El Mundo, El País and La Vanguardia, it was intended to identify and evaluate the public projection of the information sources, establishing the relationship between the information sources used by the newspapers and their editorial lines, since the newspapers present different positions on the subject.

Using qualitative and quantitative research methods, the published news contents were analysed in order to find clues about the role of information sources in the construction of the media agenda around the Catalan independence process. Thus, exploratory interviews were carried out with Jaume Valles Aroca (La Vanguardia) and David Miró Molés (Diari Ara), in order to understand the phenomenon linked to the relationships established between journalists and information sources associated with the Catalan issue, as well as to identify common traits in the behaviour of sources towards journalists from different newsrooms and vice-versa.

Along with this process, a case study was also developed on the information sources involved in the published news contents. This analysis was based on the theoretical conceptualizations about the degrees of confidentiality of Mencher (1991) and other reference authors, originating an analysis framework from which it was possible to answer the main questions of this research.

With the conclusion of this dissertation, it is expected to contribute to the knowledge about the sources of information associated with the Catalan independence theme.

Key-words: sources of information; Catalan independence process; media; Catalonia; Catalan self-determination.

Índice de Figuras

FIGURA 1 - MODELO DE RELAÇÃO ENTRE JORNALISTA E FONTE DE INFORMAÇÃO (CASERO-RIPÓLLES, 2018) .. 32

Índice de Tabelas

TABELA 1: DISTRIBUIÇÃO DE NOTÍCIAS PUBLICADAS	98
TABELA 2: DISTRIBUIÇÃO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS MESES DE PUBLICAÇÃO	99
TABELA 3: DISTRIBUIÇÃO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO POR GÉNERO.....	100
TABELA 4: POSICIONAMENTO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO OUVIDAS PELO ARA.....	104
TABELA 5: POSICIONAMENTO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO OUVIDAS PELO EL MUNDO.....	111
TABELA 6: POSICIONAMENTO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO OUVIDAS PELO EL PAÍS	117
TABELA 7: POSICIONAMENTO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO OUVIDAS PELO LA VANGUARDIA.....	123

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1: RELAÇÃO PÁGINAS ANALISADAS, NOTÍCIAS E FONTES MAPEADAS	98
GRÁFICO 2: TEMÁTICAS ABORDADAS ARA.....	100
GRÁFICO 3: TOP DOS 20 PROTAGONISTAS DO DISCURSO INFORMATIVO ARA	101
GRÁFICO 4: TOP DOS 20 DOS GRUPOS DE FONTES DE INFORMAÇÃO ARA	103
GRÁFICO 5: TOP DOS 20 PARTIDOS COM MAIOR PREPONDERÂNCIA ARA.....	104
GRÁFICO 6: MEIOS DE ATUAÇÃO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO ARA	105
GRÁFICO 7: GRAUS DE CONFIDENCIALIDADE ARA.....	106
GRÁFICO 8: MANCHA OCUPADA PELAS DECLARAÇÕES DAS FONTES ARA.....	107
GRÁFICO 9: TEMÁTICAS ABORDADAS EL MUNDO	108
GRÁFICO 10: TOP DOS 20 PROTAGONISTAS DO DISCURSO INFORMATIVO DO EL MUNDO	109
GRÁFICO 11: TOP DOS 20 DOS GRUPOS DE FONTES DE INFORMAÇÃO EL MUNDO	110
GRÁFICO 12: TOP DOS 20 PARTIDOS COM MAIOR PREPONDERÂNCIA EL MUNDO	111
GRÁFICO 13: MEIOS DE ATUAÇÃO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO EL MUNDO	112
GRÁFICO 14: GRAUS DE CONFIDENCIALIDADE EL MUNDO.....	113
GRÁFICO 15: MANCHA OCUPADA PELAS DECLARAÇÕES DAS FONTES EL MUNDO	113
GRÁFICO 16: TEMÁTICAS ABORDADAS EL PAÍS	114
GRÁFICO 17: TOP DOS 20 PROTAGONISTAS DO DISCURSO INFORMATIVO DO EL PAÍS.....	115
GRÁFICO 18: TOP DOS 20 DOS GRUPOS DE FONTES DE INFORMAÇÃO EL PAÍS.....	116
GRÁFICO 19: PARTIDOS COM PREPONDERÂNCIA EL PAÍS.....	117
GRÁFICO 20: MEIOS DE ATUAÇÃO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO EL PAÍS.....	118
GRÁFICO 21: GRAUS DE CONFIDENCIALIDADE EL PAÍS	119
GRÁFICO 22: MANCHA OCUPADA PELAS DECLARAÇÕES DAS FONTES EL PAÍS	119
GRÁFICO 23: TEMÁTICAS ABORDADAS LA VANGUARDIA.....	120
GRÁFICO 24: TOP DOS 20 PROTAGONISTAS DO DISCURSO INFORMATIVO DO LA VANGUARDIA	121
GRÁFICO 25: TOP DOS 20 DOS GRUPOS DE FONTES DE INFORMAÇÃO LA VANGUARDIA	122
GRÁFICO 26: PARTIDOS COM PREPONDERÂNCIA LA VANGUARDIA	123
GRÁFICO 27: MEIOS DE ATUAÇÃO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO LA VANGUARDIA	124
GRÁFICO 28: GRAUS DE CONFIDENCIALIDADE LA VANGUARDIA.....	125
GRÁFICO 29: MANCHA OCUPADA PELAS DECLARAÇÕES DAS FONTES LA VANGUARDIA.....	125
GRÁFICO 30: TEMÁTICAS AGRUPADAS	130

Lista de abreviaturas e siglas

ANC	ASSEMBLEA NACIONAL CATALANA
BNG	BLOQUE NACIONALISTA GALLEGO
BOE	AGENCIA ESTATAL BOLETÍN OFICIAL DEL ESTADO
CC	COALICIÓN CANARIA Y NUEVA CANARIA
CDC	CONVERGÈNCIA DEMOCRÀTICA DE CATALUNYA
CEDA	CONFEDERACIÓN ESPAÑOLA DE DERECHAS AUTÓNOMAS
CIU	CONVERGÈNCIA I UNIÓ
CNxR	CONSELL PER LA REPÚBLICA CATALANA
CUP	CANDIDATURA D'UNITAT POPULAR
DOGC	DIARIO OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA
EA	IZQUIERDA UNIDA DE NAVARRA
ERC	ESQUERRA REPUBLICANA DE CATALUNYA
ETA	EUSKADI TA ASKATASUNA
ICV-EUIA	INICIATIVA PER CATALUNYA VERDS–ESQUERRA UNIDA I ALTERNATIVA CATALUNYA
IU	IZQUIERDA UNIDA
JxCAT.....	JUNTS PER CATALUNYA
JxSí	JUNTS PEL SÍ
OJD.....	OFICINA DE JUSTIFICACIÓN DE LA DIFUSIÓN
PAR	PARTIDO ARAGONÉS
PCE	PARTIDO COMUNISTA DE ESPAÑA
PDECAT	PARTIT DEMÒCRATA EUROPEU CATALÀ
PNV	PARTIDO NACIONAL BASCO
PP	PARTIDO POPULAR ESPANHOL
PS	PARTIDO SOCIALISTA
PSC	PARTIT DELS SOCIALISTES DE CATALUNYA
PSOE	PARTIDO SOCIALISTA OBRERO ESPAÑOL
UDC	UNIÓ DEMOCRÀTICA DE CATALUNYA

Introdução

Numa era onde o acesso à informação é cada vez mais democrático, torna-se imperioso refletir sobre o papel das fontes de informação na produção de conteúdos noticiosos, compreender o papel do jornalista como intermediário, bem como perceber as dinâmicas complexas em torno da relação entre jornalistas e fontes, em particular na área do jornalismo político.

Numa abordagem focada naquelas que são as relações estabelecidas entre fontes e jornalistas, Gans (1979) recorre a uma metáfora para assinalar a interdependência entre quem testemunha (a fonte) e quem escreve (o jornalista). O autor afirma que a relação entre as duas partes “assemelha-se a uma dança”, sendo a dança a descrição ‘perfeita’ para a relação de aproximação e afastamento entre as fontes e os profissionais do jornalismo (Gans, 1979: 116).

Tendo em conta que, nas mais diversas áreas do jornalismo, as fontes de informação trabalham com o intuito de moldar o resultado final dos conteúdos publicados, no caso do jornalismo político o papel interventivo das fontes de informação assume uma relevância particular, uma vez que, como refere Jaume Valles Aroca em entrevista para esta investigação, este é um “jornalismo de poder”. A par desta relação conturbada, dada a fronteira ténue entre o trabalho do jornalista-mediador e da fonte-produtora, o noticiário político confronta-se com a elevada dependência que mantém face às fontes oficiais, deixando o profissional de informação à mercê dos conteúdos estrategicamente disponibilizados pelas equipas de assessoria ou, em último caso, pelo protagonista político. Ora, é neste cenário confuso e nem sempre perceptível que o leitor se move, cabendo ao produtor informativo ajudar a orientar o consumidor, fornecendo-lhe, através do recurso a um conjunto de mecanismos de validação de fontes, informação credível e imparcial perante as perspetivas das fontes de informação.

Se o universo onde jornalistas e fontes de informação se movem é de difícil explicação, sobretudo como consequência das relações de dependência que as partes criam entre si, não menos complexa é a forma como Espanha tem gerido as questões internas relativas à sua organização geopolítica.

Espanha é, atualmente, um dos focos de tensão política na Europa e, em particular no lote de países da União Europeia. Com 17 autonomias, o país conduzido por Felipe VI enfrenta desafios que poderão colocar em causa a fórmula de governação, sendo o mais latente o independentismo catalão. Num país habituado a viver numa atmosfera condicionada pelos nacionalismos, os acontecimentos recentes catapultaram o processo catalão para as capas dos jornais, sendo, por isso, importante compreender de que forma é feita a mediatização do conflito e quem se encarrega de assumir os papéis principais como fontes de informação, com a certeza de que o fenómeno acompanhará a tendência genérica do jornalismo político: as fontes de informação com mais tempo de antena serão essencialmente políticas, tal como acontece com Carles Puigdemont, a figura pouco consensual que, em todos os jornais analisados, assume uma posição na dianteira como fonte de informação.

Feita a contextualização sobre os caminhos que levaram à concretização deste trabalho, importa explicar o objeto de estudo. A partir do estudo de caso das fontes de informação do discurso noticioso, publicado nos jornais Ara, El País, El Mundo e La Vanguardia, sobre o processo independentista catalão, pretende-se identificar e avaliar a projeção pública das fontes de informação utilizadas em notícias e reportagens sobre o debate político catalão, tendo em conta a linha editorial de cada um dos jornais.

Quanto à estrutura adotada para o desenvolvimento e apresentação deste estudo, poderá dizer-se que se optou por, numa primeira fase, apostar num enquadramento teórico que permita compreender de que forma as fontes de informação estão ao serviço da comunicação política, contextualizando-se também o surgimento dos nacionalismos em Espanha e fornecendo informação detalhada sobre o processo catalão. A segunda parte da dissertação, que corresponde ao terceiro capítulo, irá centrar-se na análise comparativa às quase 14 mil fontes de informação analisadas, provenientes dos jornais Ara, El Mundo, El País e La Vanguardia, de forma a ser possível responder às grandes questões de investigação. Também neste capítulo será possível compreender o funcionamento das redações durante os meses conturbados do processo independentista catalão.

Ao longo desta investigação será possível analisar algumas das principais conclusões de autores das áreas das ciências sociais, sendo estas leituras essenciais para compreender a dimensão e o espectro do estudo desenvolvido.

Note-se ainda que, de forma a aproximar a investigação à realidade espanhola na área das Ciências da Comunicação, o presente trabalho conta com um vasto conjunto de autores espanhóis, sendo que, tanto no caso desses autores como de outros, a tradução das citações das obras é da responsabilidade do autor da dissertação.

1. As Fontes de Informação ao serviço da Comunicação Política

De Hall (1978) a Mazzoleni (2010), de Entman (2007) a Noelle-Neumann (1974), de Nisbet (2008) a Tuchman (1978), passando por McCombs e Shaw (1972), muitos têm sido os autores a estudarem a importância dos media na seleção de temáticas que marcam o dia a dia da comunidade, sendo o papel das fontes de informação um dos pilares mais relevantes para a construção daquela que é a agenda mediatizada e sobre o qual se debruçará este primeiro capítulo.

Convém destacar que Berlo (2003) encara que toda a comunicação interpessoal pressupõe a existência de uma fonte, sendo o papel das fontes para o jornalismo essencial, na medida em que assumem o protagonismo como relatores e comentadores de factos e eventos. Casero-Ripollés (2009: 354) afiança, por sua vez, que “a informação jornalística se configura, nas sociedades atuais, como um recurso estratégico fundamental por diversos motivos: a capacidade para definir a realidade, bem como a capacidade cognitiva e simbólica que permite moldar os significados sociais, a sua indiscutível competência para estruturar a visibilidade pública e o seu potencial para articular a agenda pública”.

Numa abordagem que pretende colocar em confronto várias visões teóricas sobre o efeito dos media na construção da opinião pública, este capítulo pretende conduzir-nos a uma reflexão sobre a influência das fontes de informação, sobretudo as ligadas à política, na construção da agenda mediática, sendo o ponto de partida para um trabalho focado na forma como os meios de comunicação espanhóis interagem com as fontes de informação, em particular as ligadas ao poder político.

1.1. Os media como construtores de opinião pública

Num primeiro momento, é importante compreender o conceito de opinião pública. Caracterizado pela sua ambiguidade e controvérsia, o conceito tem contribuído para muitas reflexões que se cruzam, invariavelmente, com o discurso mediatizado e com a política. Apesar da expressão “opinião pública” ter sido utilizada pela primeira vez em XVIII, no âmbito de “uma discussão filosófica de democracia parlamentar” (Mateus, 2008: 60) muitos foram cunhando o mesmo conceito com expressões como “vox

populi”. No entanto, é Lippman que, em 1922, cunha a expressão no livro *Opinião Pública*, numa altura em que o conceito ganhava uma nova dinâmica na sociedade democrática. Sobre o conceito o autor escreveu que “sendo suposto [a opinião pública] constituir a mola principal das democracias, seria razoável esperar sobre a mesma encontrar vasta literatura. Mas não é assim. Existem excelentes livros sobre governos e partidos, isto é, sobre a maquinaria que em teoria regista as opiniões públicas após formadas. Mas quanto às fontes que as constituem, aos processos de formação, existe muito pouco. De um modo geral, a existência da força designada opinião pública é simplesmente dada como adquirida” (1922: 253). Sauvy (1959), por sua vez, destaca que “a opinião é um árbitro, uma consciência, diremos que quase um tribunal desprovido de poder jurídico, mas receado. É o foro interior de uma nação. A opinião pública é uma força política e essa força não foi prevista por nenhuma constituição” (Sauvy, 1959:3). Já Bohman (1996) assume a opinião pública como o “processo pelo qual os atores coletivos emergentes apelam não a um público ‘fantasma’, mas a outros cidadãos, por meios que são consistentes com as exigências de igualdade, não-tirania e publicidade” (Bohman, 1996: 236). Arendt *et al.* (1995) defendem, no entanto, que a opinião pública “diz respeito ao todo que nós partilhamos uns com os outros de forma involuntária e onde nós podemos intervir mais, porque temos quase mais ocasião de fazer uma experiência direta” potenciando a criação de uma visão/juízo comum (Arendt *et al.*, 1995:89). Ao passo que Bourdieu (1989) acredita que a opinião pública se tornou “numa espécie de organismo oficial, um artefacto político, nas mãos do Estado e dos múltiplos interesses privados organizados que confluem no interior do próprio Estado” (Bourdieu, 1989: 225). Luhmann (1992) interpreta a opinião pública como “uma espécie de rede de comunicação que não força a participação” (Luhmann, 1992: 70), ficando ao critério de cada um participar ou não nestas dinâmicas.

Ora, partindo da aceção de Bourdieu, deveremos entender que os meios de comunicação têm um papel preponderante na construção da opinião pública (McNair, 2007), emergindo com a necessidade de “articular algum mecanismo de mediação entre o público e os seus representantes” (López Garcia, 2006: 234). Manuel Castells (2007) atribui ainda aos meios de comunicação a habilidade de estabelecer e decidir as relações

de poder, competindo-lhes, como perspectiva Mio, “simplificar e tornar compreensíveis os eventos políticos” (Mio, 1997: 121). Deste modo, e no cruzamento teórico com a visão de Arendth *et al.* (1995), poderemos entender que os meios de comunicação servem de plataforma para a potencial criação de um juízo comum, ainda que tal possa não ser amplamente percebido pelo cidadão.

Mazzoleni (2010) considera, por sua vez, que os meios de comunicação assumem um papel de “controlo da gestão de poder, de representação da vontade popular, da discussão e opinião pública e da publicidade” (Mazzoleni, 2010: 22), algo que poderá ser corporizado através da seleção das fontes de informação a que os media recorrem para abordar determinado tema. Nesta linha de raciocínio, Maria José Canel (2006) compara os meios de comunicação com as instituições políticas, sublinhando os meios são agentes de poder com um *status* comparável ao das organizações políticas. Note-se ainda que Habermas (1991) considera que meios de comunicação assumem um papel central na esfera pública, uma vez que facilitam que o público tenha acesso a informações importantes para o seu dia a dia. Para o autor, o público baseará as suas convicções na informação que recebe e, portanto, fundamentará as decisões políticas no que ouve (*Ibidem*, 1991). Assim, torna-se importante reforçar a necessidade dos meios de comunicação apresentarem de forma clara o que noticiam, munindo o público de ferramentas para o acesso ao “diálogo social” (Gambra, 1990), dando a possibilidade, como refere Dahlgren (1995), do individuo compreender as questões de interesse comum que marcam a agenda mediática.

Já no século XVIII, Tocqueville (1840) havia destacado o facto dos jornais serem os principais produtores de opinião, impondo-a “através da imensa pressão exercida sobre a inteligência de cada um” (Tocqueville, 1849:18). A esta avaliação do francês, Tönnies (1922) acrescenta a divisão da opinião pública em três categorias, sendo o elo entre todas os meios de comunicação. Numa altura em que a imprensa ganhava particular destaque, o autor considerava que os jornais eram importantes para a construção de ‘opinião do público’, na medida em que dariam expressão às ideias e promoveriam a publicitação de informações de relevo para a sociedade, ainda que servissem também como instrumento de coação intelectual através da ‘opinião publicada’ – seleccionada

previamente de acordo com os interesses das redações - que, recorrendo à manipulação e persuasão, assumiam a forma de ‘opinião pública’.

Como destaca Tönnies (1922), a seleção de temas para construir a agenda mediática tem uma implicação direta na forma como o público percebe o dado tema. Deste modo, e podendo o discurso politizado ser entendido como uma ação política (Canel, 2006), Castelló (2012) admite que o mesmo se assemelha a um conflito, dando relevância ao facto de que a “comunicação de conflito constitui o conflito em si mesma” (Castelló, 2012: 17). Partindo desta tese, Moragas-Fernández e Gómez (2017) defendem que a forma como o conflito político é comunicado irá produzir efeitos na maneira como o mesmo se desenrola, sendo, portanto, essencial compreender como é que os meios de comunicação agem e posicionam face a esses mesmos conflitos. No caso em concreto associado ao processo independentista catalão, será importante compreender, à luz o defendido pelas autoras, de que forma se posicionaram os media e como é que as fontes de informação contribuem para essas mesmas posições de conflito. Gans (1979) assume também que “as fontes, os jornalistas e as audiências coexistem num sistema, apesar de este sistema se assemelhar mais a um foco de guerra do que a um organismo funcional interrelacionado” (Gans, 1979: 81), sendo que Schlesinger (1993) apresenta como sendo um fenómeno natural o da concorrência entre fontes no acesso aos meios de comunicação, sobretudo em sistemas democráticos cuja abundância de órgãos de comunicação é parca, destacando que as fontes ligadas aos aparelhos governamentais apresentam linhas estratégicas mais consistentes na forma como influenciam a agenda mediática. A estratégia destes profissionais assenta, sobretudo, na seleção pormenorizada dos públicos-alvo a impactar (não comunicam tudo para todos) e na capacidade de prever e neutralizar fontes divergentes.

Consciente de que a imprensa não tem muito sucesso quando tenta impor ao público formas de pensar, Bernard Cohen (1963) ressalta que são os órgãos de comunicação que desafiam os públicos a pensar sobre determinados temas, aqueles que selecionam previamente e que constituem a “opinião publicada”. Entman (2007), por sua vez, discorda desta visão que é “frequentemente citada, apesar de ser enganosa” (Entman, 2007: 165). O autor sublinha que a relação estabelecida entre “‘o que pensar’ e ‘o que

pensar sobre” não é completamente clara na definição de Cohen e a própria distinção “engana porque, sem coerção física, toda a influência sobre ‘o que as pessoas pensam’ deriva do que lhes é dito sobre ‘no que pensar’. Se os media realmente têm um sucesso impressionante em dizer às pessoas sobre o que pensar, as próprias pessoas também devem exercer uma influência significativa sobre o que pensam” (*Ibidem*, 2007: 165).

Luhmann (1992), por sua vez, considera que a política centra a sua ação na opinião pública, abdicando da observação direta da realidade. Para o sociólogo “os temas da opinião pública, as notícias e os comentários na imprensa e no audiovisual têm uma óbvia importância para a política e ao mesmo tempo escondem com a sua evidência o que é realmente importante. Tem simplesmente de aparecer nos jornais” (Luhmann, 1992: 85).

Ainda que a perspectiva teórica de Cohen (1963) possa ser controversa e não “inteiramente clara” (Entman, 2007: 165), certo é que trouxe uma nova abordagem ao estudo associado à produção de notícias por parte dos meios de comunicação social, sendo considerada, por autores como Moragas-Fernández e Gómez (2017), a força motriz para o desenvolvimento de estudos associados ao conceito de *agenda setting*.

Teorizado por McCombs e Shaw (1972), o conceito de *agenda setting* estabelece a existência de uma relação direta entre os temas que os meios de comunicação acreditam ser importantes e os temas que os públicos consideram revelantes para a sociedade/ambiente onde estão inseridos. Com os jornalistas a serem assumidos como *gatekeepers* da informação, cabe a estes selecionar o que é ou não noticiável. Desde a conceptualização teórica do conceito de *agenda setting*, vários investigadores propuseram uma análise à agenda dos meios de comunicação tendo em conta três níveis. O primeiro centrado na seleção dos temas que determinam o que a opinião pública irá considerar como sendo importante (McCombs, 2004 e Rodríguez, 2004), o segundo relativo à forma como os meios de comunicação tratam os temas e de que forma esse tratamento influencia a interpretação da audiência (McCombs e Evatt, 1995; Lang, 2000) e o terceiro nível, abordado em estudos recentes, propõe uma reflexão sobre a influência dos meios de comunicação na agenda do público com recurso à análise em rede (Guo, Tien e McCombs, 2012; Cheng e Chan, 2015). É também

importante compreender o conceito associado ao *agenda building* que, tal como na teorização de McCombs e Shaw (1972), pressupõe que a construção da agenda mediática e política é feita com a conjugação de um leque restrito de fatores, onde sobressai a relação entre os meios de comunicação e a política (Aira Foix, 2012). Introduzido por Cobb e Elder (1971), Nisbet (2008) considera que a construção da agenda mediática é um processo “através do qual organizações mediáticas e jornalistas apresentam, enfatizam e/ou selecionam determinados eventos, assuntos ou fontes para cobrir em detrimento de outros”. Araújo e Lopes (2014) destaca, que este processo – o do *agenda building* -, ocorre numa fase anterior à do *agenda setting*, sendo por isso um primeiro nível deste último conceito. Ora, o conceito associado à agenda building assume especial importância para esta dissertação, uma vez que propõe o estudo dos motivos pelos “quais alguns assuntos ou fontes são introduzidas na agenda mediática” (Araújo e Lopes, 2014: 750).

Sobre o processo de construção da agenda dos meios de comunicação e da sua relação com a agenda política, Hohlfeldt (1997) destaca que “quanto à questão da política em si, no que toca ao agendamento, verificou-se que o político é extremamente sensível a tal processo e, assim, em sociedades em que, como a norte americana, a atividade política é extremamente valorizada, os media alcançam uma importância superior na constituição das relações políticas” (*Ibidem*, 1997: 42).

Ainda relacionado com os estudos sobre o *agenda setting* e o *agenda building* surge uma outra teoria de relevo para a investigação apresentada: a do *framing*, conceito teorizado por Goffman. Robert Entman refere-se ao “*frame*” como o processo de “selecionar alguns aspetos de uma realidade que se percebe e dar-lhes mais relevância num texto de comunicação, de forma a que se promova uma definição do problema (diagnóstico), uma interpretação causal, uma avaliação moral (com atribuição de responsabilidade) e/ou uma recomendação de tratamento para o assunto exposto (prognóstico)” (Entman, 1993, 2004). O autor vai mais longe e, recordando autores como Gross e D’Ambrosio (2004), Iyengar e Simon (1993), Kim, Scheufele e Shanahan (2002) e Price, Tewksbury e Powers (1997), sublinha que o *framing* “introduz ou aumenta a importância ou a importância aparente de certas ideias, ativando esquemas

que encorajam o público-alvo a pensar, sentir e decidir sobre determinada forma” (*Ibidem*, 2007: 164). Assim, entendemos que esta abordagem deverá ser tida em conta na análise dos resultados desta dissertação, uma vez que o recurso às fontes de informação pressupõe, à partida, uma seleção das mesmas.

Na abordagem à importância do *framing* no estabelecimento da agenda dos meios de comunicação, Entman (2007) destaca que este é uma das ferramentas mais importantes na crítica ao poder político, ainda que seja importante distinguir o viés associado à orientação da notícia, sendo, portanto, essencial perceber que a orientação “caracteriza as notícias individuais e os editoriais em que o *framing* favorece um lado em relação ao outro e numa disputa e uma disputa atual ou potencial” (Entman, 2007: 165). No mesmo artigo, o norte americano refere que os meios de comunicação defendem que, perante as várias perspetivas em confronto sobre dado tema, assumem uma postura neutral, tratando de igual forma as visões concorrentes.

Ainda que os media optem por contestar este raciocínio sobre o enviesamento da informação publicada, o poder político parece corroborar com a tese de Entman, num ato que o autor justifica com o facto de “conseguirem, muitas vezes, impor uma parcialidade nas reportagens dos principais media” (*Ibidem*, 2007:165). Entman destaca ainda que as notícias inclinadas não são “raras exceções” (*Ibidem*, 2007:165), sendo temáticas como as questões raciais, a política externa, a cobertura de eleições (Druckman e Parkin, 2005; Kahn e Kenney, 2002) e os movimentos de protesto (Rojecki, 1999) as que mais causam enviesamento por parte dos media. Ainda que a realidade norte-americana, analisada pormenorizadamente por Entman (2007), seja distinta da europeia, não são raros os casos em que os media ajudam a catapultar dado grupo, causa ou indivíduo, permitindo que conquiste poder, o que conduz invariavelmente a um viés de conteúdo associado a “padrões consistentes no enquadramento da comunicação mediada que promove a entrada de um lado em conflito sobre o uso do poder governamental”, que têm depois efeitos conscientes ou inconscientes junto dos públicos, fazendo com que possam tomar partido por A em detrimento de B (*Ibidem*, 2007:167).

Certo é que os fenómenos associados à construção da opinião pública podem condicionar o desenvolvimento de opiniões divergentes dando origem ao fenómeno da “espiral do silêncio”, que se traduz pela construção da opinião da maioria a partir da ligação entre os meios de comunicação, a comunicação entre pares (indivíduos da mesma sociedade) e a formulação das suas próprias opiniões. Deste modo, e como destaca Noelle-Neumann (1974), o indivíduo tende a seguir a opinião maioritária, como forma de evitar o seu isolamento.

Depois da proposta de reflexão sobre o impacto dos meios de comunicação na construção da opinião pública, convém analisar as relações estabelecidas entre fontes de informação e jornalistas, uma vez que a forma como esta associação se constrói poderá ser essencial para compreender o fenómeno retratado por Entman (2007), relativo ao enviesamento da informação mediatizada, tendo sempre presente que “a cobertura mediática não é um reflexo da realidade, mas sim um produto fabricado, determinado por uma hierarquia de influências sociais” (Nisbet, 2008), sendo este aspeto essencial para o presente trabalho de investigação.

1.2. Modelos teóricos sobre as fontes de informação

Dotada de um poder simbólico, a informação jornalística tem vindo a ser desafiada pelos atores políticos, que procuram, como destaca Casero-Ripollés (2009: 354), controlar as mensagens veiculadas, numa tentativa de estruturar a opinião pública de acordo com os seus interesses. Bennett e Entman (2001) sublinham ainda que “a comunicação política mediatizada se tornou central na vida pública e política das democracias contemporâneas”. No entanto, antes de analisar a relação estabelecida entre fontes e jornalistas, importa ter presente que, como defende Tuchman (1997), as notícias não refletem a sociedade, assumindo antes o papel de construtoras de um fenómeno social partilhado, competindo às notícias definir e dar força ao mesmo, sendo atribuído, deste modo, o papel de protagonista ao que é mediatizado. Também Nelson Traquina (1993) entende que as notícias “são o resultado de um processo de produção, definido como perceção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num

produto (as notícias). Os acontecimentos constituem um imenso universo de matéria-prima; a estratificação deste recurso consiste na seleção do que irá ser tratado, ou seja, na escolha do que se julga ser matéria-prima digna de adquirir existência pública de notícia, numa palavra – noticiável (“*newsworthy*”)” (Traquina, 1993: 169 e 170).

Na sequência do processo seletivo de acontecimentos e de vozes para a construção de notícias, Ordaz (2016) mostra-se crítico perante os defensores da ideia de que “quem determina o enquadramento das mensagens é o jornalista, descartando de antemão a influência do discurso produzido pelos vários atores sociais, implicados nas controvérsias, nos conteúdos mediáticos” (Ordaz, 2016: 22).

Numa abordagem focada naquelas que são as relações estabelecidas entre fontes e jornalistas, Gans (1979) recorre a uma metáfora para assinalar a interdependência entre quem testemunha (a fonte) e quem escreve (o jornalista). O autor afirma que a relação entre as duas partes “assemelha-se a uma dança”, sendo esta a descrição ‘perfeita’ para a relação de aproximação e afastamento entre as fontes e os profissionais do jornalismo (Gans, 1979: 116). Também Mencher (1991) apresenta uma visão pragmática sobre a relação entre jornalistas, garantindo que “a fonte é o sangue do jornalista” (Mencher, 1991: 282). McQuail (2003), por sua vez, prefere destacar que “as relações com as fontes de informação são essenciais aos media noticiosos e, muitas vezes, constituem um ativo processo binário”. O autor acrescenta que as fontes de informação estão à procura de protagonismo e da formulação perfeita para serem notícia, ao passo que os órgãos de comunicação estão também à procura de conteúdos que lhes permitam captar a atenção dos leitores/espectadores (*Ibidem*, 2003: 291). Já Lopes (2016) defende que “as fontes de informação jornalística são um vetor central para avaliar a qualidade do jornalismo e a vitalidade do espaço público que vamos construindo através dos media” (Lopes, 2016: 180) e Ribeiro (2006) descreve a relação estabelecida entre políticos, profissionais de relações públicas e órgãos de comunicação como “um intrincado novelo, no qual é impossível vislumbrar as pontas do fio e perceber de que forma este se enrola sobre si próprio” (Ribeiro, 2006: 6). Ora, partindo destes pressupostos, assumiremos, ao longo deste trabalho, as fontes de informação como protagonistas,

sobretudo as que trabalham política e, em concreto, o processo independentista catalão.

No trabalho que desenvolveu, Aira Foix (2012) destaca que os políticos são fontes de informação indispensáveis à construção da realidade social, uma vez que têm acesso a informação de acesso restrito e que, se partilhada com os profissionais de informação, pode marcar a agenda mediática. Aira Foix ressalva ainda que os políticos gozam de boas dinâmicas comunicacionais, tornando a comunicação clara e acessível, sendo, todavia, a profissionalização da política um condicionamento ao desenrolar do trabalho jornalístico.

Num momento em que se assiste à “mediatização da política” (Mazzolien e Schulz, 1999) e os políticos trabalham de acordo com a lógica dos media, quer no desenvolvimento de micro e macro eventos, quer no envolvimento de produtos que chegam a ser abordagens próximas do *infotainment*, importa compreender o fenómeno paralelo associado à relação entre fonte e jornalista (notório sobretudo em espaço puramente informativos), onde o poder de influência traduz-se num desequilíbrio entre as partes, trazendo um claro benefício para as fontes, uma vez que a produção noticiosa e a agenda mediática são influenciadas pelas fontes, sobretudo se as mesmas tiverem poder (Aira Foix, 2011). Traquina (1993) deixa antever que, efetivamente, as pessoas com uma maior autoridade gozam de uma maior credibilidade junto das redações, não só por terem muitos contactos, como pela aceitação junto da sociedade, o que torna estes indivíduos fontes mais favorecidas no processo de construção e produção de notícias.

Vasco Ribeiro (2006), por sua vez, alerta para o facto de algumas fontes terem a capacidade para influenciar diretamente o conteúdo das notícias, “bloquear ou acelerar a sua difusão e aumentar ou diminuir o seu impacto público” (Ribeiro, 2006: 13). Algo corroborado por Jordi Barbeta, editor do La Vanguardia, que, sobre o condicionamento da agenda mediática por parte do poder político, garante: “o guião é marcado pelo poder. O poder distribui a informação de acordo com os seus interesses e entrega-a a quem é do seu interesse. Os filtros são determinados pela hierarquia. Agora, há sempre

uma margem para o jornalista poder saltar os filtros até um certo ponto" (Aira Foix, 2011: 12).

Efetivamente, estas abordagens teóricas surgem como a confirmação ao que Entman (2007) destacou relativamente ao enviesamento das notícias produzidas nas redações de um qualquer meio de comunicação. Além do poder político ter a capacidade de condicionar a produção de conteúdos informativos, Vasco Ribeiro (2006) destaca o facto da própria seleção de umas fontes em detrimento de outras condicionar à partida o conteúdo noticioso.

Consciente da existência de profissionais que se ocupam em fazer valer a sua mensagem, de forma a obter um tratamento favorável da mesma, Ribeiro (2006) aponta para a grande influência dos *spin doctors* ou dos consultores de comunicação na área do jornalismo político. Segundo o autor, “nestes casos, os jornalistas são confrontados com a ação de fontes cujo principal desiderato é, precisamente, fazer com que as instituições ou causas que representam sejam alvo de uma cobertura noticiosa que, em traços gerais, despreze eventuais acontecimentos negativos e releve os acontecimentos positivos” (Ribeiro, 2006: 13). O investigador acrescenta ainda que relacionamento estabelecido entre as fontes e os meios de comunicação é ditado quer pela necessidade de produção de conteúdos, quer “pelo posicionamento das fontes na estrutura social”, cabendo ao jornalista deslindar o que as fontes de informação podem querer ocultar (*Ibidem*, 2006: 14). Hess (1984) sublinha também que há profissionais de comunicação que, além de assumirem o papel de fonte de informação, conseguem prolongar o impacto dos conteúdos noticiosos onde são envolvidos. Ibáñez (2016), por sua vez, recorda que “a atividade de informar não se circunscreve apenas à captação e difusão da informação”, sendo necessário o jornalista triar e decodificar as motivações das fontes de informação (Ibáñez, 2016: 104).

Também Sigal (1973) defende que os conteúdos das notícias estão dependentes do que as fontes veiculam ao profissional de jornalismo. O investigador estabelece uma relação que pode ser representada de forma circular, onde as notícias dependem das fontes de informação e as fontes de informação dependem dos jornalistas para veicularem os seus

interesses, sendo que os próprios jornalistas precisam das fontes para conseguirem produzir notícias.

Sigal sublinha também que o tipo de fontes consultadas é relevante para a construção das notícias, uma vez que uma fonte oficial goza de um estatuto diferente do de uma fonte não oficial. “Há mais notícias emanadas por fontes oficiais do que por qualquer outra fonte”, afiança, para explicar ainda que “a maior parte destas notícias passa, rotineiramente, pelos canais formais da informação pública do governo para os repórteres (...) mas nem toda a informação é rotineira. Algumas notícias fora da rotina provêm de fontes oficiais que revelam à imprensa uma peça informativa que lhes é pertinente, por iniciativa própria e sem autorização específica para tal. As notícias restantes têm de ser compostas pelos repórteres, nas suas rondas, trocando e confirmando as suas informações com os seus contactos no governo, e fazendo mesmo algumas adivinhações. Também nestas instâncias são as fontes oficiais que fornecem a informação que faz a notícia” (Sigal, 1973: 131). Deste modo, Sigal esquematiza a relação entre as fontes de informação e os canais através dos quais interagem com os jornalistas. O norte-americano distingue a existência de canais informativos de rotina, que agrupa toda a informação saída de comunicações oficiais (*press releases*, conferências de imprensa, discursos, eventos, etc.), dos informais (encontros restritos, fugas de informação, acontecimentos sem pendor institucional – não governamental) e dos de iniciativa (pesquisas realizadas pelos próprios jornalistas a bases de dados, entrevistas solicitadas pelos jornalistas, acontecimentos não programados e em primeira mão) (*Ibidem*, 1973: 120).

O investigador dá ainda nota de que quanto maior for o recurso aos canais de iniciativa, menor será a permeabilidade do jornalista à informação que lhe chega pelos canais de rotina. Certo é que, e como sublinha, “os jornalistas reúnem-se em torno dos canais (de rotina)” (*Ibidem*, 1973: 130), uma vez que estes canais permitem a construção de realidades/histórias idênticas entre pares, servindo esse aspeto como validação do que está a ser relatado. “Para aqueles que não sabem e não podem saber quais são as «verdadeiras» notícias, as rotinas de recolha de notícia produzem «notícias certificadas» - informação que parece válida, na medida em que é conhecimento geral entre os

jornalistas e as suas fontes” (*Ibidem*, 1973: 130). Traquina (1993) sublinha ainda que a predominância dos canais de rotina nas redações faz com que nem todas as fontes tenham um acesso igualitário aos meios de comunicação, sendo umas preteridas em detrimento de outras, numa relação que o autor classifica como sendo estratificada socialmente.

Há ainda autores, como Molotch e Lester (1993: 47), que definem as fontes como “promotores de notícias”, uma vez que lhes compete criar notícia a partir de um acontecimento ou evitar que determinado facto seja convertido numa notícia com grande potencial de crise. Os dois autores estabelecem uma relação entre as circunstâncias em que algo acontece e os seus promotores, considerando os acontecimentos previamente programados como de rotina, uma vez que a notícia é promovida pelo profissional de comunicação; acontecimentos não intencionais e que não têm origem diretamente em ações do promotor de notícias e da organização para qual este trabalha; acontecimentos que derivam do acaso e que o promotor tenta assumir como sendo rotineiro; acontecimentos que, acontecendo à revelia dos envolvidos e levados a cabo por influência de informadores, originam escândalos. Apesar de reconhecerem que os jornalistas recorrem abundantemente aos “promotores de notícias”, Molotch e Lester (1993) defendem que os profissionais de informação conseguem distanciar-se das fontes, mantendo um registo de isenção.

Com uma visão oposta à de Molotch e Lester, Ordaz (2016) mostra-se, como já referido, crítico perante a ideia de que quem determina o enquadramento das mensagens é o jornalista, destacando que este viés mediocêntrico faz com que o conteúdo noticioso “seja tido, quase sistematicamente, como uma variável independente” (Ordaz, 2016: 22). Já Hall *et al.* (1978) acreditam que fontes com influência, junto de determinados níveis de poder, usufruem de uma aura que lhes permite alterar o registo/enquadramento noticioso dos jornalistas, enquadrando-o de acordo com os seus interesses, e reduzindo a capacidade de intervenção dos redatores de notícias, os definidores primários. Esta categoria tem, todavia, uma hierarquia de credibilidade complexa, que permite que as fontes com um maior poder possam ter maior relevância face às restantes, dando a possibilidade dos mais poderosos imporem as suas próprias

definições, o que se traduz na construção do papel ideológico dos media. Os investigadores acreditam ainda que os meios de comunicação têm a capacidade de perpetuar a hegemonia do poder da sociedade através do recurso a fontes que, por si só, tenham poder (Hall *et al.*, 1978).

Hall *et al.* (1978) constroem também o conceito de definidores primários, num exercício que visa estabelecer relações mais ou menos diretas entre as fontes de informação preferenciais dos jornalistas e a construção da agenda mediática. No trabalho desenvolvido, são classificados como definidores primários os profissionais que assumem a representação do poder (os porta-vozes). Ora, estes profissionais gozam de uma ampla credibilidade junto dos meios de comunicação, bem como dos públicos, sendo, portanto, as suas perspetivas mais bem aceites do que as de outras fontes. Os especialistas em comunicação destacam ainda que o grupo das fontes com maior poder é composto por representantes de instituições sociais de relevo, fontes autorizadas (associadas ao poder institucional), representantes dos órgãos de soberania e dos interesses organizados (ministros, deputados, grupos de interesse) e especialistas (Hall *et al.*, 1978: 58).

Perspetiva divergente à de Hall *et al.* (1978) apresenta Rogério Santos (1997): “A descrição geral não toma em linha de conta as lutas entre fontes oficiais para tentar influenciar a apresentação do assunto. No caso de disputas, por exemplo, entre membros de um mesmo governo sobre uma questão política, quem é o primeiro definidor?” (Santos, 1997: 31). Para o investigador português, “o modelo não dá relevo à questão da competição entre fontes de informação relegadas no bloco de ‘divergentes’, que parecem desprovidas de interesse”, acrescentando que “estas devem utilizar os mesmos termos que os previamente estabelecidos pelos primeiros definidores e pelas definições apresentadas inicialmente, o que exclui qualquer negociação posterior à criação das primeiras definições” (*Ibidem*, 1997: 31). Rogério Santos destaca ainda que os profissionais de comunicação potenciam momentos que respondem aos critérios de noticiabilidade, transformando-os, portanto, em notícia. Também Boorstin (1987) já havia destacado o calculismo das fontes de informação ao potenciarem “pseudoacontecimentos” para marcar a agenda mediática, no entanto,

também os jornalistas podem ser motores deste tipo de acontecimentos. Adriano Duarte Rodrigues (1993) prefere interpretar estes momentos como “meta acontecimentos”, resultantes do próprio discurso jornalístico. “O que torna o discurso jornalístico fonte de acontecimentos notáveis é o facto de ele próprio ser dispositivo de notabilidade, verdadeiro deus ex-machina, mundo da experiência autónomo das restantes experiências do mundo” (*Ibidem*, 1993: 29).

Numa era em que a sociedade se deixa envolver por dinâmicas promocionais, quer seja de ideias ou produtos, quer seja de valores e acontecimentos (Chaparro, 2001), os profissionais de comunicação devem ser entendidos como apropriadores de rotinas e dinâmicas jornalísticas, com o intuito de construir e divulgar as suas mensagens, aproximando-as dos hábitos jornalísticos. “As instituições apropriaram-se das habilidades narrativas e argumentativas do jornalismo; assimilaram as rotinas e a cultura da produção jornalística; e no planeamento e controlo dos acontecimentos, a dimensão comunicativa ganhou preponderância, para a divulgação dos eventos e difusão do discurso” (Chaparro, 2001: 44 e 45).

Para os investigadores Chris Atton e Emma Wickenden (2005), a teorização de definidores primários, defendida por Hall *et al.*, pode ser invertida com o desenvolvimento do conceito de *alternative media*, que procura dar espaço, voz e visibilidade aos cidadãos comuns. A opção pelos cidadãos comuns surge em oposição ao recurso às fontes oficiais (Atton e Wickenden, 2005: 357).

Gans (1979) assume que “as fontes, os jornalistas e as audiências coexistem num sistema, apesar de este sistema se assemelhar mais a um foco de guerra do que a um organismo funcional interrelacionado” (Gans, 1979: 81). A referência bélica de Gans (1979) não é única, estabelecendo o autor também essa mesma comparação quando compara a forma como as fontes tentam gerir as notícias, de forma a que a sua visão seja plasmada no conteúdo mediatizado, e os jornalistas tentam descodificar e alcançar a informação que pretendem (*Ibidem*, 1979: 117).

Erickson *et al.* (1989) sublinham que, além dos profissionais de comunicação política competirem entre si, de forma a garantir que a melhor versão de dada história é

publicada com o ângulo que trabalharam, também as organizações noticiosas lutam entre si para garantir que a temática a abordar se distancia da apresentada pela concorrência ou que é publicada em primeira mão, por exemplo. “Tal como as fontes têm interesses políticos específicos em certos assuntos particulares, também as organizações noticiosas os têm” (Erickson *et al.*, 1989: 392).

De forma a tornar entendível a relação entre fontes de informação políticas e os produtores de conteúdos noticiosos, Casero-Ripóllés (2018) esquematiza a interação estabelecida entre as partes recorrendo a cinco padrões comportamentais, de entre os quais se destaca a negociação constante. “Estas relações são fundamentais para a construção da realidade social, para a articulação das preocupações e prioridades dos cidadãos e para a estruturação de a opinião pública nas sociedades de hoje” (Casero-Ripollés, 2008: 111). Através desta proposta teórica, é possível compreender que a relação entre fontes e jornalistas deambula constantemente entre o conflito e a cooperação, entre a independência e a dependência.

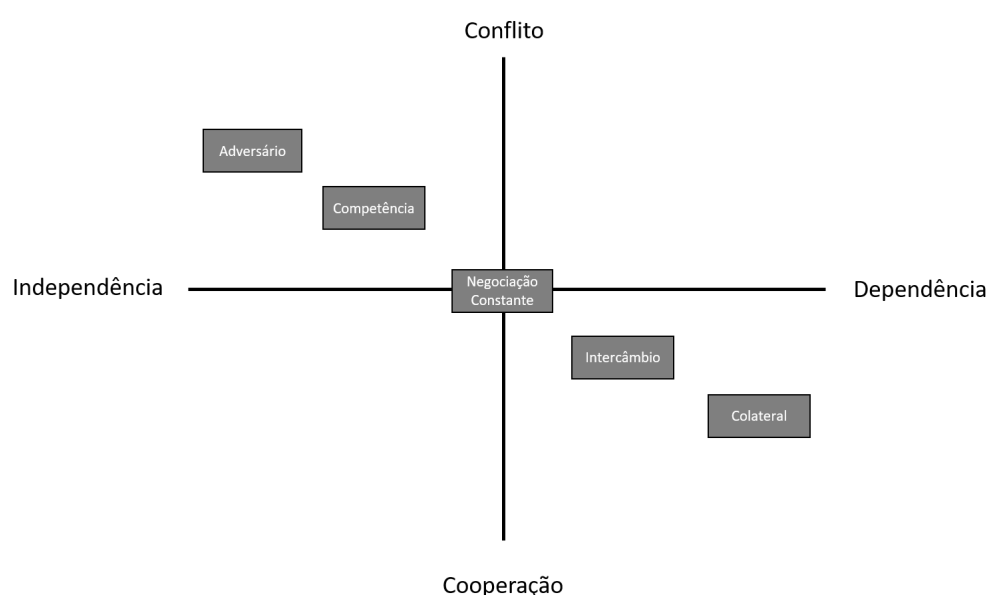


Figura 1 - Modelo de Relação entre jornalista e fonte de informação (Casero-Ripóllés, 2018)

Com uma estruturação complexa da relação entre fontes e jornalistas, é possível afirmar que a ligação entre os profissionais de informação e as fontes chega a ser “promíscua” (Traquina, 1993: 173), dando a origem a fenómenos como os das fugas de informação e

testes de medidas mais impopulares junto da opinião pública, através de cachas oferecidas aos jornalistas que, com base nas matérias relatadas pelas fontes, avançam com as publicações.

Focado em explicar as relações estabelecidas entre o indivíduo político e os jornalistas, Casero-Ripollés (2018) destaca que, apesar desta relação de interdependência entre as partes, cabe ao jornalista assumir o papel fiscalizador da ação dos políticos, escrutinando os movimentos dos políticos e antevendo os interesses das fontes de informação, ainda que este cenário possa gerar tensões entre as partes, numa atitude que as torna adversárias. Gans (1979) defende também que são os jornalistas os decisores finais do que é ou não publicado, sendo apenas função das fontes estar disponível para ajudar na construção dos conteúdos (Gans, 1979: 117).

Hess (1984) refere que, apesar da tensão constante entre profissionais de comunicação e jornalistas, a relação entre as classes profissionais é cordial. “Isto pode, contudo, parecer um elogio frágil para os leitores e ouvintes noticiosos. Estes consumidores nem sempre estão conscientes das regras e mostram-se menos dispostos a confiar nas garantias dos assessores e repórteres do que no seu entendimento do que é o interesse público” (Hess, 1984: 112).

Com os jornalistas cada vez mais expostos às fontes profissionais, que conduz à conceptualização do “jornalismo de acesso” (Moutinho e Sousa, 2002), é importante refletir sobre a categorização das fontes, de forma a compreender os “conteúdos jornalísticos a montante, durante e a jusante de todo o processo de construção noticioso” (Lopes, 2016: 180). Em 1979, Gans defendeu a existência de duas categorias de fontes: as conhecidas e as desconhecidas (fontes anónimas), tendo ainda avançado com uma tipologia de fontes assentes nas categorias: institucionais e oficiosas, estáveis e provisórias e ainda passivas e ativas (envolvidas no acontecimento). O autor destaca, no entanto, que as fontes conhecidas têm uma maior capacidade de serem envolvidas no discurso noticioso. Ainda no campo da distinção das fontes, Borrat (1989) propõe a inclusão das variáveis: “fonte nacional ou internacional”, “fonte comunitária ou extracomunitária” e “fonte primária ou secundária”. Já Pinto (2000) acrescenta a tipificação de fontes com “variáveis por enumeração”, tal como refere Lopes (2016:

183), onde se destaca a análise de fontes de acordo com o âmbito geográfico e a sua natureza.

É também importante considerar a proposta de Ericson *et al.* (1991) para a categorização das fontes de informação. As categorias propostas assinalam a distinção entre os jornalistas, que chegam a relatar acontecimentos que envolvem fontes anónimas; os porta-vozes governamentais, que lidam com temáticas de impacto no dia a dia da comunidade, suscitando interesse por parte dos media; os porta-vozes de organizações e instituições não governamentais e o cidadão, que se representa e que, apesar de ter uma importância menor enquanto fonte, serve para ancorar os pontos de vista dos jornalistas. Estes investigadores alertam ainda para o facto de existirem fontes não especificadas e que são apresentadas como ‘fontes próximas’.

Para Mencher (1991) as fontes também devem ser estudadas de acordo com aquele que foi o compromisso assumido pelo jornalista com a fonte, pelo que propõe vários níveis de identificação para as mesmas: *on the record*, neste nível a fonte é identificada, credibilizando o trabalho desenvolvido pelo jornalista e possibilitando que tudo o que é dito seja publicável; *on background*, a fonte não é totalmente identificável e poderá moldar a notícia sem que tal seja percebido por quem lê ou ouve, uma vez que há a cedência de informação por parte da fonte; *not for attribution*, a informação é atribuída a um grupo de indivíduos sem identificação direta (exemplo: um deputado); *deep background*, neste caso a fonte não pode ser identificada, nem ver publicados dados que a possam expor, no entanto a informação pode ser divulgada, sendo comum o recurso a expressões como “fonte autorizada”; *off the record*, sendo este o nível mais próximo do segredo e da confidencialidade total.

Ora, é com base nas tipificações apresentadas acima que iremos, no capítulo III, analisar as fontes de informação utilizadas pelos meios de comunicação em estudo, de forma a estabelecer a relação entre as fontes de informação e o posicionamento dos meios de comunicação.

Certo é que as fragilidades vividas nas redações, que deixaram de ter tempo e recursos para analisar, questionar e investigar, conduziu à profissionalização das fontes, que,

cientes das necessidades dos jornalistas, produzem conteúdos noticiosos com regularidade, alimentando a agenda mediática e trabalhando no reforço da notoriedade das instituições que representam. Estas fontes, como defende Neveu (2005), “dispõem de um conhecimento preciso dos métodos de trabalho dos jornalistas, que lhes permite antecipar as suas limitações e expectativas” (Neveu, 2005: 69). Já Deschepper (1990) destaca que as fontes de informação profissionais são peritas em trabalhar relações com jornalistas, dando especial destaque a figuras como a do assessor de imprensa, que mantém uma ligação próxima com o assessorado; o adido de imprensa e dos técnicos/redatores de comunicação. Rogério Santos (1997) acrescenta a figura do diretor de comunicação, que acumula funções técnicas com estratégicas e políticas. Em comum, todos estes profissionais têm o facto de criarem conteúdos para envio às redações, monitorizarem o *clipping*, definirem canais prioritários de comunicação, prepararem mensagens chave para os porta-vozes, entre outras funções (Deschepper, 1990: 27 a 30). Às categorias elencadas por Deschepper e Rogério Santos, poderemos acrescentar uma outra: os *spin doctors*, termo utilizado pela primeira vez por William Safire, em 1984, durante a campanha eleitoral de Reagan. Sobre a ação destes profissionais e dos responsáveis de Relações Públicas, Kiousis *et al.* (2006), defendem que estes “e outras fontes lutam pela atenção mediática, ao fornecerem aos jornalistas conteúdo que reduz a quantidade de recursos despendidos durante o processo de construção da notícia” (Kiousis *et al.*, 2006: 267). Deste modo, o processo de *agenda building*, apresentado no tópico anterior, é desenhado por estes profissionais de comunicação política que, através da disponibilização de informação previamente trabalhada, conseguem fornecer dados importantes para os jornalistas e a respetiva interpretação, mantendo, nesta análise aos dados, os ângulos que lhes são mais convenientes.

Ricardo Jorge Pinto (1997) defende a construção de um novo paradigma em torno do jornalismo político, que deverá pressupor uma componente interpretativa forte como contraponto ao relato meramente factual. O investigador conjuga, nesta sua visão, um dado importante no momento de interpretar o jogo entre fonte política e jornalista, sublinhando que a estruturação esta dinâmica é cada vez mais complexa. “Um corpo de

jornalistas altamente especializado está a redefinir os padrões de criação de factos políticos. As fontes anónimas estão a tornar-se fontes credíveis, e as regras do jogo subverteram os antigos padrões dos procedimentos jornalísticos. O jornalismo político é agora produto da assimilação do sistema dos meios de comunicação social pelos sistemas políticos, e vice-versa, sendo que ambos os agentes tiveram de se adaptar a uma estrutura de informação mais flexível. Os repórteres são agora parte num sistema sem fundo concreto” (Pinto, 1997: 235). A abordagem de Pinto (1997) traz consigo uma série de dados importantes, uma vez que permite identificar um dos traços mais comuns entre as fontes de informação profissionais: a ligação passada ao trabalho das redações, o que facilita que as fontes compreendam os momentos e as formas ideais para veicular as suas mensagens.

Para o investigador Rafael Yanes Mesa (2007), é a comunicação que atesta a existência de uma ação política válida, sendo os órgãos de comunicação os intermediários para que as suas mensagens cheguem à sociedade, num processo onde o jornalismo assume um papel fundamental e, até, fundacional. O autor vai mais longe e classifica que as mensagens trabalhadas pela comunicação política se servem de instrumentos de persuasão “para convencer a opinião pública”, tornando a política e a persuasão num “binómio inseparável”, onde êxito deste jogo está dependente dos jornalistas (Yanes Mesa, 2007). “Os meios de comunicação converteram-se no centro do debate dos assuntos públicos, sendo o fórum onde se visualiza o diálogo contínuo do que se supõe ser a atualidade política”, transformando os jornalistas em atores preponderantes na atividade política, o que leva a que os profissionais de comunicação política recorram a técnicas de persuasão para que os jornalistas “descodifiquem uma mensagem que não dê lugar a interpretações distintas” (*Ibidem*, 2007: 359).

Aira Foix (2012), depois de ouvir os editores de política dos principais diários espanhóis e os assessores de comunicação dos partidos envolvidos no debate em torno dos estatutos autonómicos da Catalunha de 2006, concluiu que as duas classes profissionais admitem uma influência mútua. No caso dos jornalistas, esta acontece apenas através da forma como o discurso é construído (linguagem utilizada e tempos de publicação). Já

do lado dos assessores de comunicação e *spin doctors*, a influência reflete-se através de eventos/momentos que contribuam para a formação da agenda mediática.

Ainda que, entre si, se olhem com algum desdém, mas simultaneamente confiança, a relação dos jornalistas com as fontes é pautada por um conjunto de pressupostos de onde se destaca o respeito dos jornalistas pelos pedidos de embargo e de confidencialidade, bem como a capacidade da fonte de informação compreender os valores notícia, da imparcialidade e da objetividade do jornalista (Blumler, 1992; Blumler e Gurevitch, 2005).

Com uma relação dinâmica e constante, as pontes estabelecidas entre jornalistas e políticos variam consoante o contexto onde se desenrolam, o meio de contacto, a geografia e o tempo político, no entanto, e como recorda Casero-Ripollés (2012), há parâmetros comuns a todas as relações estabelecidas entre jornalistas e políticos/fontes de informação. A primeira centra-se na mediatização da política, com os meios a imporem os seus próprios *timings* e a definirem os ângulos e enquadramentos do conteúdo. O segundo fator prende-se com a mercantilização do jornalismo, como consequência da grave crise financeira que afeta o jornalismo, e a facilidade de acesso a conteúdos não pagos através das plataformas digitais, o que impacta diretamente no modelo de negócio mais tradicional dos meios de comunicação. Como consequência deste ponto, e com os meios de comunicação a necessitarem de captar audiências, na maior parte das vezes em segmentos de entretenimento, os políticos, incentivados pelos media – em especial pela televisão –, transformaram-se em *‘talk show men’*, numa tentativa de fazer política em momentos de não política (Ribeiro, 2018: 68) e que Pinto (1997) considera como sendo “uma agora privilegiada da política, onde as audiências tomam parte numa discussão simulada” (Pinto, 1997: 235). Também os interesses corporativos dos meios de comunicação ganham especial ênfase (Casero-Ripollés, 2012). Já o terceiro parâmetro debruça-se sobre a profissionalização da comunicação política e, como consequência, do agente político/fonte de informação. Casero-Ripollés (2009), com base nesta abordagem teórica, destaca que a “profissionalização constitui um poderoso instrumento de controlo da informação jornalística por parte dos atores políticos”, ainda que sublinhe o aspeto que McNair (2009) tem como positivo: a

facilidade com que a informação chega aos jornalistas. Por fim, a digitalização dos meios de comunicação como resultado da evolução tecnológica.

Ora, é nas novas tecnologias que podemos agora encontrar uma nova figura: a do consumidor-utilizador, que tem autonomia para criar e partilhar o seu conteúdo através dessas plataformas, permitindo-se também à associação em grupos com o mesmo ideal social, político ou até religioso. Para Castells (2009), esta nova forma de comunicação, assente na interação, traduz-se no empoderamento da sociedade, que pode assumir o papel de criador e produtor de conteúdos, criando abordagens paralelas às definidas previamente pelas redações e consolidando novos “agentes informativos” como blogs, perfis nas redes sociais, etc. (Casero-Ripollés, 2012). “Com isto, os cidadãos comuns podem, em determinado momento, afetar o significado e fluxo das notícias” (*Ibidem*, 2012: 30). Também a ligação aos meios de comunicação mais tradicionais (e que atualmente gravitam nas redes sociais) é feita pelo indivíduo, que passa a comandar as suas opções através de um clique (Jenkins, 2006).

Se a internet veio desafiar o papel dos meios de comunicação como mediadores de informação, o desenvolvimento das plataformas de produção, transferência e disseminação de conteúdos trouxe novas oportunidades aos agentes políticos, que se serviram delas para a autopromoção dos seus ideais com recurso a técnicas de propaganda baseadas na viralização de conteúdos (López-García *et al.*, 2016). Com uma comunicação não mediada, os protagonistas políticos passam a conseguir comunicar diretamente com as suas audiências, uma vez que estes veículos de comunicação não retrabalham o intermediário ou codificam a mensagem e o *feedback* do público (Túñez, 2012).

Além de permitir que o agente político comunique diretamente com os seus públicos, as redes sociais assumem um papel preponderante como fonte de informação para as redações. Efetivamente, os novos media trazem facilidade às redações na hora de aceder às elites e protagonistas, sendo também espaço primordial para encontrar as perspetivas da sociedade que, de outra forma, não seria vista/conhecida dos profissionais de informação (von Nordheim, *et al.*, 2018: 807). Os investigadores destacam que “as métricas do ‘gosto’ e da ‘partilha’ converteram-se em fatores notícia”

(*Ibidem*, 2018: 807). Por sua vez, Broersma e Graham (2013) consideram também que este espaço traz aos produtores de notícias novas maneiras de “reunir, partilhar e negociar informações com as fontes” (Broersma e Graham, 2013: 447), criando a oportunidade de adaptar ferramentas e rotinas de trabalho, “abrir novos espaços para o discurso e elevar o potencial deliberativo das plataformas” (von Nordheim, *et al.*, 2018: 808), ao mesmo tempo que tem como grande risco “a dependência de corporações globais cujos algoritmos opacos têm vindo a construir um monopólio cada vez mais forte sobre a forma como a comunicação social se organiza” (*Ibidem*, 2018: 808). Este é um aspeto a ter em consideração no levantamento que será feito no capítulo III, uma vez que o conflito geopolítico em estudo foi alimentado nas redes sociais, quer por defensores do nacionalismo catalão, quer por defensores unionistas.

No trabalho intitulado “Sourcing the Sources”, os investigadores von Nordheim *et al.* (2018) recordam que a dependência perante os novos media não se regista apenas do lado dos distribuidores de informação, mas também junto de quem produz informação (*Ibidem*, 2018: 808), pelo que o recurso às redes sociais como fonte de informação é tida como importante, tal como é possível verificar no estudo da CISION, citado por von Nordheim, *et al.* (2018), que dá conta de que apenas 9% dos jornalistas dos Estados Unidos, ouvidos pela empresa de monitorização de *clipping*, consideram que as redes sociais não são uma fonte importante.

Com efeito, Sundar e Nass (2001) tipificam as fontes de informação associadas à produção de conteúdos online, criando três categoriais: as fontes visíveis, referente a todas as que são claramente identificáveis; as fontes tecnológicas, criadas nas plataformas produtoras de conteúdo e que são lidas como anónimas, ainda que as plataformas possam ser claramente identificadas; as fontes recetoras, que são, neste caso, os recetores da informação que, graças a ferramentas de seleção, conseguem identificar o que acompanhar ou não acompanhar. Nesta última categoria, Sundar e Nass pormenorizam ainda a dinâmica do indivíduo como *gatekeeper*, uma vez que atua individualmente sobre o que quer ver e acompanhar, bem como o papel da audiência como fonte, uma vez que graças aos novos media a audiência tem a capacidade de

selecionar o conteúdo, algo contrário ao que acontece nos media tradicionais, onde a audiência toda o conteúdo, mas não o seleciona (Sundar e Nass, 2001: 59).

Neste ponto, e ainda que possa ser uma temática mais secundarizada face ao mote que conduz à redação deste capítulo, convém recordar o que Tuchman (1978) destacou sobre a relação com os ambientes onde fonte e jornalista se inserem. O que descreve ao longo dos seus trabalhos ajuda a compreender a forma como a relação entre as partes é mais ou menos complexa: se a fonte atua de forma autónoma, uma vez que a organização não vive só com profissionais de comunicação (a fonte não encontra pares que possam conflitar), no caso dos jornalistas o trabalho é construído de forma grupal, envolvendo, desde logo, o trabalho do jornalista-redator e o do jornalista-editor. Tuchman denota que há duas posições em choque constante nas redações: a das organizações que, seguindo as suas linhas editoriais, moldam o discurso noticioso, e a dos jornalistas, que pretendem agir de forma autónoma e sem a interferência das estruturas editoriais ou diretivas dos grupos de comunicação.

1.3. O jornalismo político: a relação jornalista – fonte de informação em Espanha

Analisar a relação entre as fontes de informação e os jornalistas pressupõe compreender, desde logo, que o jornalismo e a política estão intimamente ligados, sendo esta relação importante como garantia de uma sociedade democrática. Casero-Ripollés (2012) realça que o jornalismo político tanto presta atenção “à política institucional como à extra-representativa, como às manifestações, ações de movimentos cívicos e sociais ou as da sociedade civil no campo político” (Casero-Ripollés, 2012: 21). Visão corroborada por Dader (2012), que defende que o jornalismo tem uma natureza política bastante vincada, que vai mais longe ao afirmar que o jornalismo assume uma função ‘vertebral’ ao ligar os indivíduos aos projetos políticos e vice-versa. Casero-Ripollés, já em 2008, havia destacado o papel dos jornalistas como construtores “tanto da realidade política como do capital social partilhado”.

Com o jornalismo a assumir um papel preponderante no século XXI, os dois autores (Casero-Ripollés, 2012; Dader, 2012) consideram que existem três vetores justificativos

para tal importância, uma vez que o jornalismo garante o acompanhamento e questionamento da ação dos decisores políticos, permite que os cidadãos tenham acesso a informação relevante para o seu dia a dia e proporciona ainda espaços de discussão sobre os mesmos temas (Casero-Ripollés, 2012: 22).

Efetivamente, e numa abordagem mais lata, que pode ser aplicada à especialidade política, o jornalismo é o garante que a comunidade tem acesso a informação mediada e amplamente escrutinada, servindo o profissional de informação de agente mediador entre as partes: os políticos (ou os profissionais de comunicação que com eles trabalham) e o público. Ora, tudo isto permite que o indivíduo tenha acesso a informação e conhecimento que permita compreender o ambiente onde está inserido, tornando-se atento e exigente. No campo político, o jornalismo ganha especial relevo, uma vez que é “um contribuinte chave para favorecer uma cidadania bem informada e permite a sua participação política” (Casero-Ripollés, 2012: 23).

Às funções destacadas do papel do jornalismo na sociedade, em especial quando observado à luz do jornalismo político, Casero-Ripollés (2012) acrescenta uma outra função, que pressupõe a tomada de posição por parte do profissional de informação, assumido pelo investigador como “advogado de uma determinada causa”, dando espaço, inclusivamente, para que o jornalismo se envolva ativamente na vida política. “A vontade de influenciar a formação da opinião pública e persuadir os cidadãos constitui o leitmotiv principal. Isto conduz à politização do jornalismo e, frequentemente, ao surgimento de atitudes partidaristas nos meios de comunicação” (Casero-Ripollés, 2012: 24). A parcialidade política assumida pelos meios de comunicação pode ser lícita, desde que o leitor a conheça claramente, ou seja, se a mesma for explicitada pelo meio de comunicação e se as avaliações qualitativas forem devidamente separadas dos relatos factuais.

A ligação estabelecida entre o jornalismo e a política assume especial preponderância ao contribuir para modelar a esfera pública (Sampedro, 2000) e, deste modo, traduzir-se na formação de opinião pública, tal como já tivemos a oportunidade de explorar no primeiro tópico deste capítulo. “Políticos e jornalistas definem conjuntamente a

realidade política que chega aos cidadãos e estabelecem assim os conteúdos e os limites do debate público” (Casero-Ripollés, 2012).

Com o jornalismo global a ser condicionado por quatro aspetos essenciais, e sobre os quais já refletimos (mediatização da política, profissionalização da comunicação política, mercantilização e digitalização dos meios de comunicação), Van Dalen (2012) destaca ainda a influência do sistema político e da própria cultura na forma como os atores políticos (muitas vezes fontes de informação) e os jornalistas se relacionam.

Foquemo-nos agora no jornalismo político espanhol, central nesta investigação. Casero-Ripollés (2012) destaca que o jornalismo é politizado, sendo assumida a orientação ideológica dos jornais na linha editorial, bem como através da participação ativa no dia a dia político do país. Esta dinâmica politizada dos meios é percebida, não só pelos jornalistas, como também pelo público com os cidadãos. “Os cidadãos espanhóis atribuem um grau elevado de politização aos meios” (Casero-Ripollés, 2012: 34).

O cenário relatado faz com que Hallin e Mancini (2004), no estudo desenvolvido sobre sistemas mediáticos comparados, classifiquem o sistema espanhol como sendo marcado pelo “pluralismo polarizado”, que se caracteriza pela instrumentalização dos meios de comunicação por parte das organizações políticas. Este sistema é característico dos países do sul da Europa onde o Estado desempenha um papel fundamental quer através da constituição de órgãos de comunicação públicos, quer da concessão de licenças a operadores privados (muitas vezes feita de acordo com interesses partidários). Guillen e Diaz (2017: 142) destacam que estes sistemas, em particular o espanhol, resultam “de uma aliança paralela entre os meios/grupos mediáticos e grupos políticos”, o que se reflete na abordagem do discurso noticioso, em particular no associado ao debate político catalão, tal como é possível verificar no estudo de Canet (2011). Já Sampedro e Seoname (2008) e López Garcia (2011) assumem que a classificação de Hallin e Mancini (2004) não é suficiente para descrever a realidade vivida em Espanha, optando por considerarem que a melhor designação assenta na definição de “bipolarização antagonista”, caracterizada pelo bipartidarismo da democracia espanhola que, apesar de tudo, tem vindo a ser ameaçada com a entrada de outros

partidos no arco da governação. No entanto, e ainda que atualmente o foco mediático comece a dar espaço a outros partidos, a dinâmica mediática é ainda bastante concentrada nos dois partidos com mais lugares no Congresso dos Deputados de Espanha: o PP e o PSOE. Ora, esta situação continua a fazer com que o foco seja dividido por ambos, permitindo que estes mesmos partidos consigam condicionar a agenda mediática de acordo com os seus interesses ideológicos, como defende López Garcia (2011). Contribui ainda para esta classificação o facto do sistema mediático espanhol se encontrar dividido em dois grandes grupos, que se vinculam direta ou indiretamente a cada um destes partidos, convertendo as publicações em meios propagandísticos que conduzem à instauração de mecanismos de exposição seletiva, ou seja, os consumidores optam por aceder aos meios de comunicação que melhor se enquadram com os seus valores e ideologias (Iyengar e Hahn, 2009), consumindo apenas a informação de nicho, cedida pelos meios de comunicação com os quais se identificam (Stroud, 2011). Esta realidade bipolarizada é motor para o conflito constante entre os dois bloco ideológicos, levando a um discurso negativo sobre o rival, de forma a captar e a mobilizar apoiantes (Sampedro e Seoane, 2008). Ora, a realidade bipolarizada espanhola – abordada do ponto de vista da política nacional – é também corporizada numa dinâmica bipolar entre o bloco composto pelos que defendem a independência da Catalunha e os que, por outro lado, optam pelo unionismo espanhol.

Apesar de tudo, Ripollés (2012) sublinha que os meios de comunicação não se chegam a identificar de forma clara com o partido A ou B, no entanto, vão valorizando as propostas políticas que se enquadrem com a linha ideológica defendida ou que respondam aos seus interesses empresariais. “O paralelismo não deriva, deste modo, numa subordinação total e persistente do jornalismo à política. Mas prima por uma dinâmica de negociação constante marcada por uma tensão permanente entre os dois âmbitos para conservar a sua autonomia e impor os seus pontos de vista” (Casero-Ripollés, 2008).

Numa viagem pela história do jornalismo político espanhol é possível verificar que a influência dos agentes políticos sobre as redações começou a acontecer aquando do processo de transição democrática e que marca o fim do franquismo (García Galindo,

2009; Baarrera del Barrio, 2009). Nessa altura, os jornalistas aliaram-se aos políticos para alavancar a construção da democracia espanhola, assumindo um papel de “promotores ou facilitadores da mudança política” (García Galindo, 2009; Baarrera del Barrio, 2009), num momento que fica marcado pela assunção de que os jornalistas têm uma missão política, “potenciando o exercício de influência sobre a opinião pública” (Casero-Ripollés, 2012).

Como se pode antever, a influência política sobre o jornalismo em Espanha, tal como acontece noutras democracias, é elemento condicionador da autonomia do profissional de informação, podendo haver lugar a tentativas de controlo por parte do poder político (Casero-Ripollés, 2009). No entanto, às tentativas de subserviência dos jornalistas junta-se um outro condicionalismo à prática e à autonomia dos profissionais: o peso dos grupos económicos e os interesses comerciais dos mesmos. O tema não é novo e, de acordo com o estudo de Canel *et al.* (2000: 90), os jornalistas indicam as pressões internas como o elemento que mais condiciona o tratamento da agenda mediática, sendo a interferência política tida como segundo fator condicional da sua atividade. Já num estudo mais recente, Van Dalen (2012: 475) identifica uma outra ordem de importância do ponto de vista do condicionalismo informativo, dando relevância às pressões políticas que surgem a partir do interior do grupo de comunicação (através da administração e direção, que promovem as linhas editoriais de acordo com os seus interesses económicos), à dificuldade de tempo para a construção das notícias, bem como aos problemas levantados pelos profissionais de comunicação política quando os jornalistas procuram novas abordagens e ângulos para a informação que lhes é passada. Neste estudo do dinamarquês, que propôs uma comparação à prática noticiosa espanhola com a dinamarquesa, alemã e britânica, as pressões dos departamentos comerciais são tidas como o último fator de interferência na produção noticiosa espanhola, ao contrário do que acontece nas redações dos outros países analisados, onde estas assumem o papel de protagonistas.

Admitindo que os jornalistas são efetivamente condicionados pelas pressões internas das direções e administrações dos grupos económicos, Casero-Ripollés (2012: 36) esclarece que “não é que os jornalistas sejam partidaristas ou que tenham filiação

política definida e a ponham em prática no exercício da sua profissão, mas estes vêem-se politizados pelo meio e pela empresa que o suporta”. Canel *et al.* (2000) e Hanitzsch (2011) constatarem exatamente o mesmo, assumindo que o jornalista arroga o papel de transmissor de informação, mais do que aquele associado ao questionamento do que lhe é dito (em defesa de uma coisa) ou até mesmo o de indivíduo que tenta influenciar a opinião pública. Deste modo, é possível afirmar que os jornalistas espanhóis, não assumem uma posição de doutrinação, mas antes um papel de “difusor populista” (Hanitzsch, 2011), uma vez que os jornalistas, com o intuito de mediatizar histórias com impacto junto da audiência, se preocupam em trazer para a agenda conteúdos que permitam a angariação de audiência através de conteúdos que produzam grandes escândalos e conflitos, como casos de corrupção, ou de *infotainment*.

Ora, mais do que os jornalistas pensarem em orientar os seus trabalhos para um modelo de mercantilização (mercado – audiência) e se deixarem influenciar pelo agente político A ou B, Curran (2005) destaca que são as estruturas diretivas dos grupos de comunicação que conseguem chegar às elites políticas, negociando vantagens, numa dinâmica de clientelas políticas. Recorde-se que, efetivamente, os jornalistas são meros assalariados que, como refere o autor, veem os interesses associados às linhas editoriais dos meios a influenciar o trabalho que desempenham.

Voltando à realidade bipolarizada antagonista, que é uma das características do jornalismo político espanhol, num estudo da Asociación de la Prensa de Madrid os cidadãos espanhóis mostraram-se conscientes da influência política na informação que lhes é veiculada, bem como naquelas que são as linhas mestras ideológicas dos meios de comunicação e que, rapidamente, conduzem ao conflito entre as partes. Ora, estes mesmos cidadãos acreditam ainda que a rivalidade assumida pelos media se traduz num crispar de posições políticas e, por conseguinte, no agudizar das relações interpessoais entre os apoiantes dos blocos em confronto (Casero-Ripollés, 2012 *apud* Asociación de la Prensa de Madrid, 2008: 40). Este dado será particularmente importante para a discussão de resultados, uma vez que, em 2017, o referendo pela autodeterminação da Catalunha conduziu a um ‘choque’ entre as perspetivas catalãs e espanholas.

Casero-Ripollés (2012: 39) traça ainda uma última particularidade associada ao jornalismo político espanhol. O autor espanhol dá conta de que o jornalismo verticalizado na política centra os seus trabalhos nas declarações dos agentes políticos em detrimento de novas abordagens. Ora, esta lógica torna o jornalista transmissor das afirmações do político A (ligado ao partido X) sobre B (ligado ao partido Y) com B a garantir algo sobre A e o meio de comunicação converte-se num espaço de diálogo entre as várias fações, deixando de parte a componente interpretativa das afirmações proferidas. Esta abordagem do jornalismo tem, como consequência direta, a escassez de espaço dedicado ao discurso de movimentos sociais, centrando a recolha de declarações junto da elite política. Casero-Ripollés (2012) destaca, todavia, que esta opção por um modelo jornalístico que deixa de parte a componente de investigação, se deve, entre outros fatores, à “profunda profissionalização da comunicação política” e à escassez de meios nas redações, quer humanos, quer materiais. Como consequências diretas do recurso ao jornalismo de declarações, assiste-se ao aumento da capacidade dos políticos em controlar a informação e a agenda mediática, uma vez que abordam os temas que lhes são caros, evitando assuntos que possam afetar a sua popularidade, bem como à definição dos formatos em que os políticos são acompanhados pelos meios de comunicação e respetivos moldes de interação, o que poderá pressupor a existência de meras declarações dos políticos sem dar a possibilidade dos jornalistas levantarem questões, tal como aconteceu recentemente com a cobertura à pandemia de COVID-19 em Espanha, uma vez que, em abril, o governo chegou a impedir a realização de perguntas durante as conferências de imprensa associadas ao acompanhamento da pandemia (Jornal Expresso, 2020).

Jordi Barbeta, editor de política do jornal La Vanguardia, disse a Aira Foix (2012), no âmbito de um estudo realizado sobre a influência dos *spin doctors* na agenda mediática dos órgãos de comunicação espanhóis, que a relação entre fontes e meios é complicada, consequência das “pressões, ameaças, subvenções, conceções e cobardia correspondente dos meios e dos profissionais” (Aira Foix, 2012: 89). Perdigó, responsável da editoria de política do El Periódico de Catalunya, defendeu que “as máquinas dos partidos se especializaram no controlo da agenda mediática. Em

programá-la e contra programá-la, para ocultar ou competir com o adversário na hora de dividir as manchetes dos jornais ou o tempo na rádio ou televisão”, adaptando o discurso político às necessidades dos meios de comunicação, tornando-o mediatizável (*Ibidem*, 2012: 89). No mesmo estudo, Valls, subdiretor do El País, destacou que os meios têm de ser capazes de desconstruir a intencionalidade dos profissionais de relações públicas e *spin doctors*, já Prieto, do ABC, sublinhou que quando um jornalista dispõe de informação abundante sobre dado tema estará menos tentado em reforçar as suas pesquisas, sendo, deste modo, para os políticos importante o papel dos gabinetes de comunicação (*Ibidem*, 2012: 92). Ora, ao longo deste estudo, irá procurar-se compreender se, de facto, as perspetivas dos editores se comprovam e se as fontes profissionais de comunicação têm espaço nos meios de comunicação, bem como se a linha editorial e as fontes de informação condicionam a construção da agenda em torno da temática do processo independentista catalão.

Também o jornalismo espanhol se tem digitalizado e visto, por isso, as fontes de informação migrarem para as plataformas digitais, tal como destacado no tópico anterior. Num estudo levado a cabo por Saperas Lapiedra (2012) sobre a relação do jornalismo político e a internet em Espanha, os editores de política ouvidos pelo investigador assumem que a dinâmica estabelecida entre os jornalistas e as fontes não tem grandes alterações, afirmando que essas relações são “convencionais e centradas na capacidade da agenda do jornalista e do acesso personalizado às fontes de informação, em especial aos atores políticos” (Saperas Lapiedra, 2012: 74). Os inquiridos admitiram, no entanto, que as inovações tecnológicas permitiram aperfeiçoar a mecânica de “convocatória e recordatório da agenda de atos políticos”, bem como abriu espaço para os gabinetes de comunicação poderem veicular informação relevante para as figuras com que trabalham. Saperas Lapiedra (2012) cita ainda um dos editores de política de um jornal, que garante que “o jornalista consegue a informação da mesma maneira como a podia conseguir há 30 anos, além de que não há outra, a não ser a confiança entre a fonte e o jornalista” (*Ibidem*, 2012: 74). Ora, esse mesmo responsável pela editoria de política de um dos jornais ressalva ainda que “o útil para o jornalista é ter uma relação pessoal com o político, de forma a conseguir saber e conhecer a verdade

sobre algo” (*Ibidem*, 2012: 74). Já no caso dos inquiridos ligados à rádio e à televisão, as plataformas digitais têm conquistado alguma importância, ainda que tal não signifique que as relações convencionais possam perder importância. Para os editores ligados a estas redações, os sites e as redes sociais têm vindo a crescer de importância na hora de aceder a informação sobre os políticos (*Ibidem*, 2012: 75).

Os editores de política apresentam também críticas ao papel dos profissionais de comunicação política, sobretudo devido às barreiras que estes têm vindo a colocar no estabelecimento de ligações diretas entre os jornalistas e os políticos. Os profissionais das redações destacam mesmo, nos inquéritos realizados, que os gabinetes de comunicação têm optado pelas plataformas digitais como forma de veiculação das mensagens partidárias, deixando de parte – neste processo – os jornalistas, concluindo que “prescinde-se do jornalista ou dificulta-se o seu trabalho” (Saperas Lapiedra, 2012: 76). Recorrendo a um exemplo concreto da alteração do paradigma dos gabinetes de imprensa, um dos editores destacou que “o PSOE e o PP já não me mandam as notas de imprensa, já a escrevem no Twitter. Tanto a vejo eu como jornalista como qualquer outra pessoa” (*Ibidem*, 2012: 76).

2. O processo independentista catalão: o conflito geopolítico espanhol do século XXI

Espanha é, por estes dias, um dos focos de tensão política na Europa com o processo independentista catalão e todas as suas incidências a marcarem a ordem do dia informativo em Espanha e noutras geografias, sobretudo em momentos mais críticos, como aconteceu durante o referendo inconstitucional catalão (Burgen, 2017).

Com o processo independentista catalão a nortear esta investigação, torna-se essencial definir conceitos como o de nação e nacionalismo, ligados implícita e explicitamente ao tema. Será também importante viajar na história de Espanha para compreender o fenómeno nacionalista, perceber como é que o país composto por identidades nacionais múltiplas, bem como entender de que forma o desejo dos independentistas catalães parte de pressupostos distintos dos defendidos pelos nacionalistas bascos, ainda que ambos tenham traçado caminhos convergentes nas últimas décadas.

2.1. Nação e Nacionalismo: definições conceptuais

A nova ordem mundial trazida com o fim da Guerra Fria, a queda da União de Repúblicas Socialistas Soviéticas, o domínio global norte-americano e a perspectiva integracionista europeia contribuíram para o estabelecimento de uma nova organização mundial, secundarizando conflitos geopolíticos antigos. Miall *et al.* (1999) destacam que o conflito entre superpotências deu lugar a conflitos internos (Miall *et al.*, 1999: 2). Romão (2012) sublinha, por sua vez, que o conflito ideológico entre Estados se converteu no conflito entre as nacionalidades e identidades locais, abrindo espaço para o ressurgimento da força dos nacionalismos (Romão, 2012:18).

É nos discursos políticos que encontramos frequentemente referências à ‘nação’, num ato continuo que banaliza a complexidade associada à definição deste conceito. Recorrendo a Walker Connor (1994: 36), Filipe Vasconcelos Romão (2012) sublinha que a grande dificuldade em definir o conceito está relacionada com a sua intangibilidade, sendo a definição do termo variável (Romão, 2012: 20). Para Xosé M. Núñez Seixas (1995) deveremos entender a nação como “todo o coletivo de pessoas que sentem um

vínculo de natureza ancestral com base numa série de fatores comuns variáveis (etnicidade, territorialidade, história, etc.) e que consideram que esse coletivo é a principal referência de delimitação territorial do poder e da soberania” (Núñez Seixas, 1995: 489). O autor defende ainda que aceitar que o coletivo constitui uma nação é sinónimo de anuir ao direito de autodeterminação, permitindo, deste modo, que possam determinar, de forma livre, o seu destino, “enquanto esse conjunto de indivíduos é o sujeito de direitos políticos coletivos ligados a um determinado território” (*Ibidem*, 1994: 489). Numa análise mais científica, Núñez Seixas (1995) considera que a nação é um imaginário social, podendo ser entendida também como uma ‘comunidade imaginada’ (Anderson, 1983), sendo determinante para a constituição de uma ‘nação’ que os seus integrantes estejam convictos da sua existência. “As nações não existem nem estão predeterminadas desde tempos remotos, mas são fruto do convencimento dos indivíduos que as integram, muito especialmente da elaboração teórica dos nacionalistas, que as transformam em imagens compartilhadas por um coletivo humano, em imaginários sociais” (Núñez Seixas, 1995: 490). Romão (2012) concorda com a assunção de Núñez Seixas (1995) e defende que foi após a Revolução Francesa que a legitimidade do Estado deixou de ser baseada na figura de um soberano absoluto para se centrar no coletivo, entendido como nação. Ora, esta alteração de perspetiva leva ao surgimento de um outro conceito: o de Estado-Nação, que sintetiza em si dois aspetos fundamentais e, simultaneamente, diferentes: “a ambição de conquista do poder político soberano por parte de um determinado grupo unido em torno de afinidades culturais – a nação conduzirá ao Estado” e “a vontade de um poder político criar afinidades culturais e fomentar o desenvolvimento e a coesão de um grupo unido sobre o qual irá assentar esse mesmo poder – o Estado dará origem à nação” (Romão, 2012: 21). Ainda que a literatura científica associada ao nacionalismo e ao conceito de nação seja recente, Renan (1882) enunciou um conjunto de características que contribuem para a construção de uma ‘nação’, identificando dois elementos importantes para esta abordagem: um composto pelo passado e pela história, formando o “capital social no qual assenta uma ideia nacional” (Renan, 1882: 10) e um outro que está dependente da identificação dos indivíduos com os princípios basilares da nação e

da vontade de a constituírem (Romão, 2012). Podemos assim depreender que uma nação é o resultado de um conjunto de fatores históricos, culturais e evolutivos, mais ou menos dinâmicos, que permitem a construção de uma identidade.

De forma a enriquecer a discussão sobre o conceito de 'nação', é essencial ter em conta a importância deste nas diversas dimensões associadas à vida coletiva, em particular na política, quer nacional, quer internacional, compreendendo também o papel que as nações têm em relação ao poder. Naquela que, para Romão (2012), é uma teia complexa de se explicar, importa considerar o nacionalismo como força motriz para a construção de uma nação. "Esta é, provavelmente ideologia mais poderosa e constante nos últimos dois séculos e grande parte da sua força advém do carácter silencioso e subtil que, por vezes, se assume" (Romão, 2012: 20). Já para Gellner (2006), o "nacionalismo é (...) um princípio político que defende que a unidade política e a unidade nacional devem ser congruentes" (Gellner, 2006:1).

O debate em torno do nacionalismo deve feito atendendo a duas variantes, que apresentam características distintas entre si: o nacionalismo cívico e o étnico. Estas têm como principal diferença o facto de uma ser desenhada com base na herança cultural e outra construída pelo ideário político. Muro e Quiroga (2006) recordam que os académicos que começaram por estruturar esta distinção (Meinecke, Hans Kohn e John Plamenatz) abriram caminho para que outros estudiosos atribuíssem características "liberais, humanistas e integrantes" ao nacionalismo cívico e ao nacionalismo étnico "posições xenófobas e violentas" (Muro e Quiroga, 2006: 11). Esta questão assume uma grande importância na medida em que os académicos tendem a defender que a nação étnica é prévia ao Estado, sendo entendido, portanto, que este é construído tendo por base a nação, ao passo que o Estado é tido como o ponto de partida para a construção do nacionalismo cívico, sendo, por isso, moldado através de instrumentos como a Constituição do Estado. De forma a ultrapassar esta divisão do conceito, Seymour (2000) propõe uma nova abordagem associada à conceção sociopolítica de nação. O autor começa por esgrimir argumentos que colocam em causa a divisão do nacionalismo nas duas classificações, defendendo que a definição de nacionalismo cívico se alheia à influência cultural e a de nacionalismo étnico considera a existência de Estados

independentes por cada nacionalismo, propondo, assim, a definição de nação sociopolítica. Neste conceito, Seymour (2000) agrega a sua visão sobre nação cultural (assente na partilha da língua, cultura e história) a fatores de ordem política, numa conceptualização próxima da do conceito de nação cívica, ainda que com dois traços diferenciadores: a forma como a nação é materializada não tem de se relacionar diretamente com um Estado independente; o conceito não é apenas político (Seymour, 2000: 28-29).

Motivados por tradições, adaptações de um ideário antigo ou até pela criação de algo inexistente, os conceitos de nação e nacionalismo podem ser assumidos como de grande engenharia social (Hobsbawm, 1996), sendo conferido à imprensa um papel primordial na construção de ligações de dependência entre a comunidade, graças à disseminação de mensagens em línguas vernaculares. Também a Revolução Industrial permitiu a alteração do paradigma das sociedades rurais em sociedades industriais, fomentando a construção dessas mesmas comunidades (Anderson, 1983:18). Esta linha de pensamento, associado ao desenvolvimento do nacionalismo, como consequência da evolução das sociedades rurais para industriais, é corroborada por Gellner (2006), que reforça o papel do nascimento de novas culturas caracterizadas pela sua homogeneidade, padrões comportamentais e pela convergência em torno da mesma unidade política, originando o que viria a ser Estados-Nação, sinónimos da associação de vontades e aspetos culturais com a política (Gellner, 2006: 136).

Numa interpretação modernista dos conceitos de nacionalismo e nação é possível encontrar traços que evidenciam que o nacionalismo está na origem da própria nação, sendo esta considerada o seu produto. Visão oposta têm os perenialistas, como Hastings (1997), ao defenderem que a nação é precedente aos progressos económicos, culturais e sociais, sendo o Estado assumido como veículo para o desenvolvimento da nação ao colocar à disposição desta a sua máquina (Romão, 2012: 25). Hastings (1997) considera ainda que são os grupos com aspetos culturais, identitários e linguísticos coincidentes e as etnias que estão na origem de uma nação. Se, num cenário teórico ideal, todos os valores culturais e políticos poderiam constituir um Estado-Nação perfeito, na prática estas unidades aglomeram grupos que não se identificam com a visão dominante

(Hastings, 1997: 2-3). Efetivamente, quando observamos o caso espanhol, que será detalhado no tópico seguinte, encontramos um Estado-Nação que se apresenta fragmentado graças à existência de grupos que não se reveem na nação espanhola, defendendo outras nações, em concreto a nação basca e catalã.

O trabalho de Hastings (1997) propõe ainda uma reflexão entre o nacionalismo teórico e o prático, sendo o primeiro – como o próprio nome indica – algo abstrato e genérico, apresentando a necessidade de cada nação ter direito a um Estado. Já o segundo é entendido como sendo a génese dos Estados-Nação, “por se materializar na defesa de uma etnia ou especificidade cultural em concreto, que chega ao ponto de preconizar o estabelecimento de um Estado ou a expansão de um já existente” (Romão, 2012:25). A visão prática do nacionalismo de Hastings (1997) não pressupõe a existência de ações e discursos inflamados, podendo este ser afirmado através de atos do dia a dia do cidadão comum, que se tornam definidores da própria nação (Fox e Miler-Idriss, 2008: 537). Este é o ponto de partida para a teorização de Billing (1995) sobre o conceito de “nacionalismo banal”. Para o autor, o nacionalismo não está apenas presente nas ações de políticos e grupos organizados, podendo os gestos dos cidadãos, ainda que concretizados de forma inconsciente, ser uma manifestação de identidade nacional. Billing (1995) considera também que, sem se aperceber, o indivíduo é aculturado pelos valores do Estado-Nação onde se encontra inserido, sem que haja a perceção clara de que há um vínculo direto a uma identidade nacional (Billing, 1995: 5). O nacionalismo é também associado a um fenómeno resultante da fragilidade de alguns Estados ainda não consolidados, sendo necessário compreender que “as nações que têm as suas aspirações plenamente enquadradas em Estados independentes continuam a existir e a manifestar-se todos os dias, apesar de o fazerem de forma banal e sem suscitar grandes atenções mediáticas” (Romão, 2012: 27).

Numa abordagem mais hodierna, Kaldor (2004) parte para a classificação dos nacionalismos contemporâneos, destacando o “novo nacionalismo”, associado não raras as vezes ao extremismo religioso, e o “pequeno nacionalismo”, característico de Estados não homogêneos ou pacíficos (Kaldor, 2004: 169-175). A visão de Kaldor limita, no entanto, a interpretação em torno do nacionalismo, deixando de parte elementos

relevantes na discussão como o facto do pequeno nacionalismo poder “conter marcas das características mais fechadas do nacionalismo, tal como um nacionalismo mais abrangente pode fazer da pluralidade democrática uma das suas pedras de toque” (Romão, 2012: 35). Robles Egea (2003) recorda, por seu turno, que a forma como nacionalismo se materializa levanta uma série de questões aos indivíduos permitindo distinguir os que assumem estar disponíveis para defender o mesmo através de ações violentas e aqueles que pretendem alcançar os seus objetivos através da participação democrática (Egea, 2003: 11). Esta correlação é, todavia, contestada por autores como Yael Tamir (1993) que considera que o nacionalismo deve ter o estatuto de outra qualquer teoria política, não sendo clara a relação entre a teorização e o desenvolvimento de ações que são condenáveis (Romão, 2012: 36). Romão (2012) recorda que o nacionalismo liberal considera a cultura agregadora de realidades nacionais, minimizando o papel da mesma como agente político no estabelecimento de um Estado soberano. Esta perspetiva defende que é possível conjugar várias nações no mesmo Estado sem que isso signifique a existência de conflitos violentos (Romão, 2012: 36). Tamir (1993) propõe ainda um novo paradigma associado ao direito à autodeterminação nacional democrática, defendendo a autodeterminação cultural, que não conduz à independência política, mas preserva os traços identitários, mostrando uma grande importância democrática como contraponto à soberania. Desta teorização, destaca-se o facto de se evidenciar a tentativa de estabilização do sistema internacional, canalizando o potencial de conflitualidade interna para saídas democráticas, permitindo trilhar caminhos conjuntos onde as várias nações são tidas em consideração no momento de se definir o percurso do Estado (Romão, 2012: 36). A título de exemplo, sublinhe-se o facto da redação da Constituição espanhola de 1978 ter resultado desta confluência das identidades nacionais em torno de uma saída democrática para o país. Miller (2000) entende que, ao contrário do que os nacionalistas defendem, o Estado não é nacionalmente homogéneo, havendo espaço para a definição de autonomias locais (ou Estados federados) como forma de garantir a existência de um Estado com múltiplas nações (Miller, 2000: 124).

2.2. As identidades nacionais: perspectiva histórica sobre o desenvolvimento dos nacionalismos espanhol, catalão e basco

Dada a relevância do nacionalismo catalão para esta investigação, torna-se importante contextualizar o desenvolvimento da identidade nacional catalã dentro de todos os nacionalismos que o Estado espanhol alberga no seu território. Traduzindo-se na evolução dos Estados, o nacionalismo assume um papel preponderante na política, sendo Espanha, atualmente, um dos exemplos da coexistência de várias identidades nacionais dentro de um mesmo Estado soberano. Convém introduzir ainda dois conceitos importantes para o estudo destas identidades, uma vez que é possível categorizar o conceito de nacionalismo de duas formas distintas: o nacionalismo centrífugo e o nacionalismo centrípeto. Ora, o nacionalismo centrípeto deve ser entendido como o nacionalismo que pretende manter agregadas todas as identidades em torno da mesma entidade política, habitualmente o Estado, num quadro caracterizado pela maior integração possível. Já o nacionalismo centrífugo está intimamente ligado à evolução dos sistemas políticos democráticos, onde a centralização perde força a favor da descentralização política, compatível com a identidade nacional, que procura manter a supremacia, e as outras identidades presentes no território. O nacionalismo centrífugo procura afastar-se do poder centralizador em que está integrado, tendo como objetivo final a independência ou a conquista de maior autonomia, no quadro de um Estado autonómico ou federal (Romão, 2012: 58).

Numa análise mais aprofundada, e tendo como ponto de partida as definições de nacionalismo centrífugo e centrípeto, é possível identificar em Espanha vários nacionalismos centrífugos: o basco (que chegou a manifestar-se com o recurso à violência através da Euskadi Ta Askatasuna - ETA), o catalão (que nos últimos anos levou a manifestações violentas conduzidas por movimentos civis pró-independência da Catalunha e envolvendo, em alguns casos, o governo autonómico) e o galego, sendo o nacionalismo espanhol centrípeto. Ora, esta realidade, e a existência de confrontos violentos entre estes nacionalismos (basco – espanhol; catalão – espanhol), faz com que

Espanha viva embrenhada num quadro nacionalista complexo, que explicaremos ao longo dos próximos parágrafos.

Apesar de “Espanha ser um velho Estado nacional da Europa”, tendo nascido teoricamente no século XV, o país viveu uma realidade paradoxal associada à estagnação, presa numa configuração de império durante a Idade Moderna, sobretudo numa altura em que os Estados europeus caminhavam para a sua consolidação. Espanha torna-se, deste logo, numa realidade “claramente retalhada”, potenciada pelo desenvolvimento dos nacionalismos periféricos. Sem poder considerar que Espanha era, no início do século XIX, um território de “plurinacionalidades”, Núñez Seixas (1995) defende que o país pode ser caracterizado pela sua pluralidade étnica, que ganha novos contornos com o facto do processo de construção de um Estado nacional espanhol moderno ter fracassado o que, portanto, conduziu “à resistência ativa e consciente dos integrantes de grupos étnicos periféricos (...) contra o nacionalismo espanhol apercebido como uniformizador” (Núñez Seixas, 1995: 493-494). Peñarrubia (1993) sugere que implicitamente a nacionalização espanhola não conseguiu garantir a unificação das várias identidades nacionais dada resistência de bascos, catalães e até galegos (Peñarrubia, 1993: 12-16). Ora, Núñez Seixas (1995) sublinha que os nacionalismos periféricos se consolidaram politicamente nas quatro décadas finais do século XIX, sendo que “os êxitos do primeiro condicionam os fracassos do segundo, e vice-versa” (Núñez Seixas, 1995: 491).

Sobre o fenómeno associado às identidades nacionalistas surgidas em território espanhol, Núñez Seixas (1995) acrescenta ainda que realidade vivida em Espanha nos séculos XIX e XX foi bastante dinâmica, o que pressupôs o desenvolvimento de um ideário nacional dialético, contraposto e assente na negociação. Efetivamente, as perdas territoriais na América Latina, no final do século XIX terão afetado a forma como o Estado-nação passou a encarar-se, espoletando a consolidação do sentimento identitário nacionalista espanhol. Pérez Garzón (2007) considera, inclusivamente, que a vaga de independências concedidas em 1898 foi desbloqueadora do enraizamento nacionalista espanhol (Pérez Garzón, 2007: 50). Numa retrospectiva histórica é possível verificar que é em 1812 que Espanha, através das disposições constantes na

Constituição de Cádiz, é apresentada como nação, resultado da implementação de um Estado liberal espanhol e da subsequente definição de políticas de massas (Esteban de Vega, 2006: 73; Romão, 2012, 75). No entanto, a consumação de Espanha como uma nação una foi, desde logo, desafiada por um conjunto de condições que ajudam a compreender os problemas com os quais Madrid (sinónimo da identidade nacional) tem convivido. Fusi (2000a: 16) destaca que Espanha no século XIX foi “um país de centralismo oficial, mas de localismo real”, consequência do crescimento simultâneo das identidades nacionalistas espanhola e das pró-nacionalistas basca, catalã e galega; do atraso da construção de um modelo governativo estável que permitisse a centralização da administração do Estado; do forte desnivelamento no desenvolvimento da economia espanhola face ao progresso industrial das regiões bascas Vizcaya e Guipúzcoa e da Catalunha; e do “nacionalismo sentimental espanhol” entorpecido (Fusi, 2000b: 163).

Com dificuldades de implantação no século XIX, a identidade nacionalista espanhola viu, já durante o século XX, catalães e bascos afirmarem-se através da “subsistência de características culturais diferenciadas (...) nos quais o uso social de idiomas diferentes do castelhano (...) persistiu com muita força” (Núñez Seixas, 1999: 31). Aliás, este fenómeno é suficientemente robusto para que possamos compreender a manutenção das intenções do País Basco e da Catalunha lutarem, já no século XXI, pela sua autodeterminação. Fusi (2000) sublinha que os nacionalismos basco e catalão conseguiram cumprir algumas das exigências que permitiram consolidar o desejo de ser nação, destacando-se o facto de contarem com meios de comunicação de massas próprios (associados ao território onde se localizam); um sistema educacional regional homogéneo assente nos idiomas basco e catalão; uma opinião pública alinhada com os objetivos nacionalistas; e economias regionais integradas (Fusi, 2000a: 213). Pode-se concluir assim que “o caminho ficou mais aberto para o desenvolvimento paralelo de outras identidades nacionais em território espanhol” (Romão, 2012: 77).

Muitas vezes, a identidade nacionalista catalã é relacionada com a basca, tal como podemos comprovar nos parágrafos anteriores a este. Com o objetivo final de instaurarem novos Estados-nação, os nacionalismos centrífugos catalão e basco

partilham algumas semelhanças: os territórios ocupados por ambas as identidades nacionais têm posições geoestratégicas essenciais, uma vez que estão junto aos dois únicos pontos de união entre a Península Ibérica e França que não bloqueiam no inverno por causa da neve; contam com idiomas próprios; são regiões com um desenvolvimento económico histórico (desde o século XIX), que provêm de investimentos espanhóis e estrangeiros; e ausência histórica do estatuto de reino independente (Suárez-Zuloaga, 2007: 18-20). Já a diferenciação entre os dois deve-se ao facto de o basco valorizar mais os aspetos políticos em detrimento da cultura ao contrário do que acontece com o catalão, focado na língua, no direito e na história (Fusi, 2000a: 214). Na realidade, as diferentes perspetivas são justificadas com o facto das regiões bascas, ao longo da história de Espanha, terem gozado de uma maior autonomia face ao poder central. As províncias que desenhavam o País Basco (Vizcaya, Guipúzcoa e Álava) tiveram, até finais do século XIX, uma maior autonomia fiscal, asseguraram que os homens não necessitavam de se alistar nos exércitos e tinham ainda a possibilidade de vetar orientações provenientes de Madrid, sempre que as mesmas se desviassem dos '*fueros*' (forais) concedidos às três regiões e a Navarra (Suárez-Zuloaga, 2007: 29-38). Já na Catalunha, a cultura e o desejo de *Renaixença* (renascença) terão norteado o surgimento e consolidação da nação, tendo a visão associada ao renascimento cultural catalão acontecido numa altura em que os nacionalismos proliferavam na Europa. À cultura juntaram-se ainda a experiência republicana de 1873, caracterizada pelo federalismo não consumado graças à derrota do carlismo, e a mudança no tecido económico da região, resultante da industrialização (Romão, 2012: 79; Núñez Seixas, 1999:35). Outra das grandes diferenças entre o nacionalismo basco e o catalão prende-se com o facto de, historicamente, o primeiro ser associado a um partido, neste caso o Partido Nacional Basco (PNV), sendo este responsável pela defesa de costumes tradicionais, do antiespanholismo, do catolicismo, do antiliberalismo e do racismo. Ao passo que, no segundo caso, não é possível identificar um partido de referência, sendo o nacionalismo catalão representado, ao longo da sua história, por organizações políticas que, partindo do ideário nacionalista, vão defendendo posições menos radicais que o PNV. Tomando como referência o século XX, é possível identificar aquele que é um dos primeiros

partidos defensores do nacionalismo catalão: a *Lliga Regionalista de Catalunya*. Este partido conservador de direita, criado no início daquele século, defendeu a constituição da *Mancomunidad Catalana*, o primeiro desafio político-institucional da Catalunha, responsável por agregar quatro regiões que absorveram algumas competências de gestão. Aliás, este partido, que viria a ser proibido durante a ditadura de Primo Rivera (1923-1930), assentava a sua ação na defesa de valores como o regionalismo, o regeneracionalismo e a moderação (Romão, 2012: 81).

Se a ditadura de Primo Rivera reduziu os nacionalismos centrífugos a aspetos culturais, como sublinhou Palacios Bañuelos (2005), a queda da ditadura e a alteração de sistema de governo (da monarquia para república) potenciou a reorganização dos nacionalismos do País Basco e da Catalunha, sendo este último caso acompanhado pela mudança de espectro político dentro do nacionalismo. A direita nacionalista catalã, representada pela *Lliga Regionalista de Catalunya*, cedeu o lugar de principal partido à *Esquerra Republicana de Catalunya* (ERC), de vocação esquerdista (Romão, 2012: 81). O caminho trilhado com o fim da monarquia, em 1930, levou à concretização do Pacto de San Sebastián (17 de agosto de 1930). Este documento, subscrito pelos representantes de praticamente todas as correntes republicanas, previa um maior envolvimento dos nacionalistas catalães no Estado central, bem como estabelecia pontos de confluência para o reforço da autonomia política da Catalunha, vertidos posteriormente na Constituição da República espanhola de 1931. No documento, que marca a implantação da Segunda República em Espanha, é concedida autonomia às regiões, vertida posteriormente nos Estatutos Autonómicos que, no caso catalão, foram aprovados em 1932. Já os estatutos bascos foram viabilizados apenas em 1936, véspera da guerra civil debutar (Fusi, 2000a: 249-250). Todavia, e se a decisão de conceder autonomia às regiões agradou à população alinhada com os nacionalismos em questão, a direita nacionalista espanhola considerou que a descentralização de competências e de poder era, como classifica Fusi (2000), intolerável (*Ibidem*, 2000a: 255-256). Este desconforto da direita nacionalista espanhola ganhou um novo fulgor graças à coligação, em 1933, dos partidos pequenos com a *Confederación Española de Derechas Autónomas* (CEDA) que, apesar de não estar presente no governo, condicionava as decisões políticas nos

órgãos legislativos, levando, deste modo, ao retrocesso nos processos autonómicos que decorriam em Espanha (Preston, 2006: 124-129). Seguiu-se depois a vitória da Frente Popular, uma força política de esquerda, que levou ao golpe militar da direita nacionalista espanhola através de Francisco Franco (1936), numa altura em que a radicalização dos nacionalismos basco e catalão era evidente e tendo sempre uma ligação aos espectros políticos: a direita é tida como sinónimo do nacionalismo e centralismo espanhol; a esquerda é interpretada como potenciadora de divisões e dos nacionalismos centrífugos.

Ora, resultado do insucesso do golpe militar de Franco à escala nacional, uma vez que algumas zonas do país não foram ‘conquistadas’, viveram-se, em Espanha, três anos de oposição violenta entre republicanos progressistas (comunistas; anarquistas; nacionalistas conservadores bascos – que até ao momento eram de direita) e nacionalistas (monárquicos; fascistas, no caso espanhol corporizados pelos falangistas; católicos; carlistas; nacionalistas conservadores catalães – que assumiam uma tendência democrática até aí). A vitória de Franco, em 1939, atirou o país para uma ditadura de extrema-direita, que durou até à morte do general (1975), sendo que até então o país viveu mergulhado num nacionalismo espanhol exacerbado, que não aceitava a existência de outras identidades nacionais, e num catolicismo ultraconservador. Deste modo, assistiu-se à condenação, proibição e repressão dos nacionalismos centrífugos em todas as suas dimensões (cultural, política, etc.), como sublinham Balfour e Quiroga (2007). Ainda que a derrota nazi tenha trazido uma nova realidade económica para a Espanha de Franco, certo é que o discurso nacionalista espanhol, face às outras identidades nacionais, foi sendo constante (Fusi, 2000a: 164-165).

A morte de Franco e a nomeação de Juan Carlos de Borbón y Borbón para conduzir os destinos de Espanha trouxe um novo desafio: o da ‘Transição’ de uma ditadura para a democracia com, após as primeiras legislativas democráticas de 1977, a redação da Constituição Espanhola que ainda hoje serve de base para toda a organização política do país. Para Balfour e Quiroga (2007) o exercício levado a cabo na redação da lei foi de uma “proeza de engenharia semântica e consenso político, o que levou à difusão da ideia de que os diferentes mitos e imaginários do nacionalismo espanhol e dos

nacionalismos subestatais poderiam chegar a coexistir”, que se traduziu numa “Espanha reinventada” (Balfour e Quiroga, 2007: 91). Efetivamente, a elaboração da Constituição implicou a necessidade de definir as unidades territoriais que compõem Espanha, bem como assumir uma posição perante as identidades nacionalistas centrífugas que, durante a ditadura de Franco, foram ilegalizadas. No debate sobre a Constituição, e com os partidários ligados à direita nacionalista conservadora a defender uma posição *una* em torno do nacionalismo espanhol, o papel de mediador entre nacionalistas espanhóis e nacionalistas bascos e catalães acabou por ser assumido por partidos como o *Partido Socialista Obrero Español* (PSOE) e o *Partido Comunista de España* (PCE), legalizados após a queda do franquismo, e que defenderam inicialmente a constituição de uma Espanha federal. O documento acabou por contemplar a resposta um conjunto de questões associadas à fragmentação social e do território, tendo sido reconhecida, a título de exemplo, a pluralidade linguística das regiões. Além da definição concreta de medidas de ordem organizacional, a Constituição de 1978 pressupôs o debate em torno dos modelos de partilha de soberania (Meyer Resende, 2011: 745) e do conceito de nação, com os nacionalistas bascos e catalães à procura do reconhecimento das suas identidades como nações e os nacionalistas espanhóis a oporem-se a tal facto, por considerarem que o mesmo abriria espaço para a discussão da autodeterminação dessas mesmas nações. Como resultado do processo negocial foi possível incluir na Constituição a identificação de Espanha como única nação composta por múltiplas nacionalidades, numa solução de compromisso materializada pela construção de um “Estado unitário regional” (Miranda, 1994), através da instituição de comunidades autonómicas, unidades territoriais que pressupunham a autonomia legislativa e passavam a dispor de competências executivas e de governo. Estas comunidades passam a agregar províncias e a dispor de órgãos de governo próprios, contrariando o princípio centralizador de Franco. A solução encontrada na Constituição assume-se como um misto entre o modelo unionista (dos nacionalistas espanhóis) e o federalista (defendido pela ala esquerda e pelos nacionalismos centrífugos), permitindo responder às solicitações de bascos e catalães sem entrar em confronto com as alas políticas mais próximas do ideário de Franco (Romão, 2012: 89).

Artigo 2.º

A Constituição fundamenta-se na indissolúvel unidade da Nação espanhola, pátria comum e indivisível de todos os espanhóis, e reconhece e garante o direito à autonomia das nacionalidades e regiões que a integram e a solidariedade entre todas. (Constitución Española)

A nova Constituição acaba por ser aprovada em sede de câmara baixa do parlamento, contando com os votos favoráveis dos partidos nacionalistas catalães e com a abstenção dos nacionalistas bascos, que olhavam com desconfiança para o sistema constitucional em debate. O referendo constitucional manteve a tendência, ainda que os republicanos catalães e os radicais bascos tenham apelado ao voto contra. Já os nacionalistas moderados catalães assumiram nas ruas uma posição favorável ao documento e os nacionalistas moderados bascos a optaram por pedir a abstenção na votação. (Romão, 2012: 90). Na verdade, a atitude cristalizada pelos bascos durante o processo de aprovação da Constituição não era nova, repetindo o que aconteceu na discussão do Pacto de San Sebastián, onde foram uma das ausências mais notadas. Os bascos não acreditavam em Espanha como um todo, defendendo que “os bascos constituem uma nação sem Estado” e os “espanhóis (...) constituem um Estado sem nação” (Rekalde e Pereira, 2003: 12). Depois de aprovada a Constituição, e como resultado das suas disposições associadas ao Capítulo III daquele documento, seguiu-se a democratização do território através da aprovação dos Estatutos Autonómicos, envolvendo todas as autonomias e não apenas as três que tinham traços nacionalistas prévios (identidade nacionalista basca, catalã e galega).

Os anos que se seguiram à ditadura, tal como aconteceu em Portugal, foram marcados por uma grande instabilidade política, tendo assumido, em Espanha, uma maior dimensão graças à atividade terrorista de grupos de extrema-esquerda e extrema-direita. Em 1981, um grupo de guardas civis, com ligações ao franquismo, barricou-se no parlamento espanhol com os deputados que se preparavam para eleger o sucessor de Adolfo Suárez, tendo o grupo abandonado o parlamento após pressão do monarca escolhido por Franco para assegurar o período de transição, Juan Carlos de Borbón y Borbón. Ainda que a ação tenha demonstrado a força militar do ultranacionalismo

espanhol, não interrompeu o processo de consolidação das autonomias que, na altura, já trabalhavam no processo de redação e viabilização dos Estatutos autonómicos, tendo a Catalunha aprovado, em referendo regional (1979), o documento fundador da autonomia, seguindo-se, em 1980, as primeiras eleições para o parlamento catalão pós-ditadura. Este processo de aprovação dos estatutos e da eleição dos órgãos legislativos e executivos autonómicos permitiu tornar palpável o nacionalismo catalão, dando a possibilidade de os defensores da identidade catalã serem envolvidos nas instâncias de poder autonómicas e de levar a cabo o projeto político defendido para a região. Numa análise aos processos autonómicos da Catalunha e do País Basco, que aprovou os seus estatutos também em 1979 e elegeu o seu parlamento em 1980, Balfour e Quiroga (2007) denotam que estes governos se serviram das instituições à sua disposição para consolidar as suas identidades como alternativa à espanhola, sendo tal visível nas suas políticas culturais, linguísticas e educacionais, onde o catalão e o basco se assumem como línguas principais em detrimento do castelhano.

Analisando a Constituição espanhola e o processo de construção dos Estatutos das Autonomias é possível verificar que a Constituição de 78 não diferenciava o território, prevendo apenas duas assimetrias: a primeira associada às comunidades com experiência autonómica anterior a 1978, numa referência pensada para agilizar os processos da Catalunha e do País Basco, que chegaram a ter estatutos autonómicos em vigor durante a vigência da Constituição de 1931, assim como o da Galiza, ainda que esta autonomia não tenha conseguido aprovar os estatutos antes da guerra civil; a segunda associada aos territórios do País Basco e de Navarra, que gozavam de direitos históricos e forais, sistemas fiscais e normas de direito privado próprios (Balfour e Quiroga, 2007: 112). Ora, estas assimetrias entre autonomias e o próprio Estado central levou a uma gestão deficiente nos acordos institucionais construídos em torno da Constituição espanhola, criando um clima de competição entre os vários organismos de gestão e administração e potenciando tensões no seio das instituições políticas nacionais, que conduziram inclusivamente a uma alteração ideológica dos conservadores, em particular no refundado partido de centro-direita *Partido Popular Español* (PP), que passa a utilizar, durante a década de 90, argumentos baseados numa narrativa confiante

entre as várias identidades nacionais espanholas (perspetiva associada ao nacionalismo extrovertido¹). Nos últimos anos do século XX, o PP aproximou-se dos partidos nacionalistas moderados do PNV e da *Convergència i Unió* (CiU), reformulando a visão ideológica de que Espanha era uma comunidade étnica eterna, recorrendo também a autores e pensadores catalães, de forma a criar uma ligação emocional com essa identidade nacional. Aliás, Aznar, presidente do governo espanhol entre 1996 e 2004, chega a destacar nos seus discursos a visão do político catalão Cambó, que interpretava a autonomia catalã como uma contribuição para a modernização e progresso do país, assumindo Espanha como uma nação compatível com a autonomia regional da Catalunha (Balfour e Quiroga, 2007). Esta perspetiva foi também útil para a alteração no discurso do PP perante a pluralidade cultural do país e das suas regiões. No entanto, após conquistar a maioria absoluta de 2000², o partido recorre a argumentos ligados ao nacionalismo cívico, considerando que as outras identidades nacionais resultam da diversidade individual, propondo a diluição das diferenças étnicas e nacionais e defendendo a adesão voluntária à nação corporizada pelo Estado espanhol. O discurso utilizado pelo partido de Aznar tinha como finalidade retirar legitimidade aos nacionalismos centrífugos, interferindo nos níveis de autonomia concedidos às comunidades e favorecendo o fortalecimento da nação espanhola ao mesmo tempo que se limitava a federalização de Espanha (Meyer Resende, 2011: 750; Astudillo e Garcia-Guereta, 2006).

Esta alteração de paradigma do PP perante as identidades nacionais centrífugas, no início do século XXI, será importante para a análise do tópico que se segue, uma vez que o primeiro recurso interposto ao documento resultante da revisão dos Estatutos da Catalunha de 2006 é assinado pelo partido chefiado, à época, por Mariano Rajoy,

¹ O nacionalismo extrovertido caracteriza-se pelo reconhecimento dos direitos das outras nações, alimentando uma relação positiva face à relação que estabelece com essas identidades. Pelo contrário, o nacionalismo introvertido entende que o conflito constante entre as nações é consequência dos aspetos particulares e exclusivos da história e cultura. Se o primeiro pressupõe abertura para a cooperação, o segundo declina essa possibilidade por considerar as outras identidades nacionais são inimigas, inviabilizando qualquer tipo de relação (Meyer Resende, 2011: 741-749)

² O PP, nas eleições gerais de 1996, teve necessidade de realizar um conjunto de acordos parlamentares com os partidos nacionalistas moderados PNV e CiU, de forma a conseguir contornar a ausência de uma maioria absoluta (Prieto, 2000).

também ele uma figura incontornável no debate em torno da autodeterminação da Catalunha e embaixador da defesa do nacionalismo espanhol frente ao nacionalismo catalão.

2.3. Catalunha: o conflito geopolítico espanhol do século XXI

É num país com uma democracia recente e uma grande pluralidade de nacionalidades que a identidade nacional catalã ganha especial relevância nos primeiros anos do século XXI. Com o esmorecer do nacionalismo basco radical, corporizado pela ação da ETA que, em março 2006, avança com um cessar-fogo permanente, ainda que interrompido em dezembro de 2006, são os acontecimentos catalães que, inevitavelmente, fazem manchete nas páginas de jornais, colocando a Catalunha no epicentro informativo em Espanha.

Com uma relação marcada por diversas tentativas de independência, especialmente durante os séculos XVII e XVIII, é a polémica em torno da revisão dos estatutos autonómicos catalães de 2006 que impulsiona o agudizar da relação entre os órgãos legislativos e executivos da Catalunha e os do Estado central, numa batalha que passou dos parlamentos e tribunais para as ruas, com a concretização de sucessivas e violentas manifestações pró e contra a independência da Catalunha. À confusão jurídica e política criada com o documento de 2006 (Marques, 2017), juntam-se ainda outros fatores que ajudam a compreender o conflito e onde se destacam a crise económica e a revolução gradual no sistema político bipartidário espanhol (Serrano, 2013). Também a perda de preponderância no quadro político espanhol no início do século potenciou o desgosto dos nacionalistas moderados catalães, uma vez, que resultado das eleições de 1996, Aznar avançou com a construção de acordos parlamentares com os partidos nacionalistas, um cenário contrariado após a maioria absoluta de 2000 (Meyer Resende, 2011).

2.3.1. Revisão dos Estatutos Autonómicos: argumento inicial para desencadeamento de reação catalã

Como resultado da Constituição de 1978, foram constituídas 17 autonomias que passaram a dispor de órgãos legislativos e executivos próprios, contando também com estatutos aprovados em sede dos parlamentos regionais, do parlamento central e referendados. Depois de ter sido uma das duas autonomias a gozar da aprovação rápida dos seus estatutos, a Catalunha realizou as primeiras eleições autonómicas em 1980, tendo saído vitoriosos os nacionalistas de centro-direita, liderados por Jordi Pujol. De sublinhar que desde o fim do franquismo, e até 2003, a Catalunha foi governada por nacionalistas deste espectro político, representado pela coligação CiU³, no entanto, e mesmo após ter vencido o ato eleitoral autonómico, ao conquistar o maior número de deputados, Artur Mas, líder da coligação de direita, não assumiu a governação da Generalitat como consequência da coligação que juntou o *Partit dels Socialistes de Catalunya* (PSC⁴), a *Iniciativa per Catalunya Verds–Esquerra Unida i Alternativa Catalunya* (ICV-EUia⁵) e a ERC⁶, numa solução de governo que ficou conhecida como "tripartit".

É durante a presidência da Generalitat de Pasqual Maragall i Mira (2004-2006), membro do PSC, que se desenrola o debate em torno da revisão dos estatutos autonómicos catalães, sendo este período coincidente com a governação nacional do socialista José Luís Zapatero (2004-2011). Efetivamente, o pacto de governação dos partidos de suporte ao governo autonómico de 2003 pressupunha a reforma dos estatutos, que seria aprovada, em 2005, sob forma de proposta de lei orgânica em sede de parlamento

³ A CiU foi uma federação de partidos nacionalistas moderados de direita na Catalunha, tendo integrado os partidos CDC (liberais de centro-direita) e a *Unió Democràtica de Catalunya* - UDC (democratas cristãos). Em 2015, a coligação terminou devido à divergência de posições perante a independência da Catalunha: o primeiro partido entende que a autonomia deve ser independente, ao passo que o segundo defende a construção de uma Espanha federal (Oms, 2015).

⁴ O PSC resulta da unificação de três partidos e movimentos políticos: o Partido Socialista da Catalunha-Reagrupamento, o Partido Socialista da Catalunha-Congresso e a Federação Catalã do PSOE, sendo afiliado do PSOE. O PSC assume-se como sendo social-democrata, defensor de um modelo federal para a Catalunha, mostrando-se favorável à autodeterminação da Catalunha (EFE Barcelona, 2012).

⁵ A ICV-EUia resulta coligação eleitoral de vários partidos de esquerda da Catalunha, liderada pelo Partido Socialista Unificado da Catalunha (partido com linha ideológica comunista). Este é um partido de ideologia socialista ecologista, entendendo Espanha como um Estado federal do qual deverá fazer parte a Catalunha (Nordsieck, n.d.).

⁶ A ERC começou por assumir-se como um partido federalista, defendendo atualmente a independência da República Catalã e dos Países Catalães, territórios de língua catalã. O partido identifica-se também com a social democracia (Esquerra Republicana de Catalunya, n.d.).

autonómico com 15 votos contra do PP e 120 votos a favor dos restantes partidos (PSC, CiU, ERC e ICV-EUiA). Seguiu-se depois a negociação com o parlamento espanhol, que impôs modificações para a viabilização dos mesmos, sendo mantida a referência à Catalunha como “nação”, ainda que apenas no preâmbulo do documento. As alterações contemplaram ainda a cedência de 50 por cento dos impostos ao governo regional através da criação de uma máquina fiscal própria para a comunidade autonómica. Zapatero recusou, todavia, a cedência da gestão dos portos e aeroportos à Generalitat e a criação de um círculo catalão para as eleições europeias (Marques, 2017). A solução encontrada por Maragall i Mira e Zapatero não colheu apoio da ERC, por considerar que a mesma reduz a autonomia da Catalunha quando comparada com a proposta aprovada inicialmente pelos órgãos regionais. Também o PP rejeitou a proposta estatutária por acreditar que é concedido um excesso de autonomia à Catalunha, bem como por entenderem que estes estatutos poriam em causa a igualdade entre os cidadãos espanhóis. (*Ibidem*, 2017). Seguiram-se ainda outras contestações do PP de Rajoy através da organização de comícios com o caso dos estatutos catalães a ser o tópico central, bem como da recolha de quatro milhões de assinaturas para levar ao parlamento espanhol a proposta de concretização de um referendo nacional ao documento catalão. A estas iniciativas, o PP acrescentou ainda o recurso ao Tribunal Constitucional para inviabilizar a aplicação do documento. O referendo a nível nacional acabou por ser recusado e os estatutos viabilizados no plenário do *Congreso de los Diputados*, a 30 de março de 2006, com votos a favor do PSOE, CiU, PNV, ICV, *Coalición Canaria y Nueva Canaria* (CC-NC) e *Bloque Nacionalista Gallego* (BNG), contra do PP, ERC e *Izquierda Unida de Navarra* (EA) e as abstenções dos partidos *Chunta Aragonesista* e *Nafarroa Bai*. A votação foi confirmada, a 10 de maio, no Senado com votos a favor do PSOE, CiU, PSC, ICV, PNV, CC, *Izquierda Unida* (IU) e BNG, votos contra do PP e as abstenções do ERC, *Partido Aragonés* (PAR) e EA (El País, 2010). Levada a referendo autonómico, a proposta foi aprovada com 73,9% dos votos favoráveis, ainda que os níveis de abstenção tivessem sido históricos (50,58% de abstenção), o que conduziu a leituras diferenciadas dos resultados. Pasqual Maragall i Mira defendeu que a vitória foi “rotunda e inapelável”, o CiU apontou, como consequência da baixa participação no

referendo, uma “crise institucional sem precedentes” e o PP considerou que os estatutos são uma ameaça à unidade de Espanha (del Riego, 2006). Os novos estatutos da comunidade autonómica catalã entraram em vigor a 9 de agosto daquele ano, depois de terem sido publicados a 20 de julho pela *Agencia Estatal Boletín Oficial del Estado* (BOE) e no *Diario Oficial de la Generalitat de Catalunya* (DOGC).

Com os estatutos publicados, mas ainda antes de entrarem em vigor, o PP de Mariano Rajoy apresentou um recurso de inconstitucionalidade por considerar que o documento é “uma Constituição paralela”. No documento, os deputados do congresso e do Senado denunciam 187 artigos. Deram ainda entrada no Tribunal Constitucional mais seis recursos apresentados por: Defensor del Pueblo⁷, cargo ocupado na altura pelo militante do PSOE Enrique Múgica, que contesta 112 artigos e quatro disposições adicionais; e de cinco governos autonómicos (Múrcia contra o artigo 117.º; La Rioja contra 12 artigos, sete disposições adicionais e uma final; Aragão contra o teor de uma disposição adicional; Valência contra oito artigos e quatro disposições transitórias; Ilhas Baleares por considerar que o documento contraria a disposição da Constituição sobre o Arquivo da Coroa de Aragão). Com o processo em análise no Tribunal Constitucional, em novembro de 2009, 12 jornais catalães avançaram com a publicação de um editorial conjunto pela defesa dos estatutos em vigor (El País, 2010). A resposta aos recursos de inconstitucionalidade chegou em junho de 2010 com o tribunal a anular 14 artigos, onde se destacam a recusa da assunção da língua catalã como preferencial, uma vez que “não deve conduzir a um desequilíbrio no regime de cooficialidade” (Tribunal Constitucional, 2010: 265), bem como reprova a intenção da Catalunha construir um sistema de justiça autónomo e reduz os poderes fiscais face a Madrid (*Ibidem*, 2010: 306 e 381). Sobre o preâmbulo e a apresentação da Catalunha como “nação”, um dos tópicos mais criticados pelo PP, o Tribunal Constitucional não mostra oposição à designação indicando, no entanto, que “carecem de eficácia jurídica interpretativa as referências no preâmbulo ao Estatuto da Catalunha a «Catalunha como nação» e «a realidade nacional da

⁷ O Defensor del Pueblo é o Alto Comissário das Cortes Gerais espanholas, sendo responsável por defender os direitos fundamentais e as liberdades públicas dos cidadãos, supervisionando a atividade das administrações públicas espanholas (Defensor del Pueblo, n.d.).

Catalunha»” (*Ibidem*, 2010: 394). A sentença do Tribunal Constitucional originou uma onda de contestação que teve na manifestação de 10 de julho de 2010 o seu auge ao reunir mais de 1,1 milhão de nacionalistas catalães com bandeiras independentistas em punho e gritos ligados ao lema da manifestação: “Somos uma nação, nós decidimos” (Marques, 2017). A esta manifestação seguiram-me muitas outras sempre com o objetivo de defender a autodeterminação da região, que passou, depois da “humilhante declaração de inconstitucionalidade” (Romão, 2017: 116), a ser ignorada pelo poder central e viu Rajoy, depois de vencer as eleições gerais de 2011, endurecer o discurso perante os desejos nacionalistas catalães (*Ibidem*, 2017: 116).

2.3.2. Revisão dos Estatutos Autonómicos: argumento inicial para desencadeamento de reação catalã

O resultado aos recursos sobre a inconstitucionalidade dos estatutos catalães foi conhecido a poucos meses das eleições autonómicas de 2010, tendo sido a CiU, liderada por Artur Mas, a grande vencedora do ato eleitoral, reconquistando a liderança da Catalunha depois de dois mandatos vencidos pela esquerda federalista catalã. Com Espanha mergulhada numa crise económica profunda, o governo central optou por um modelo de austeridade que afetou, inevitavelmente, a autonomia liderada pela CiU, que foi obrigada a avançar com um plano extenso de privatizações, cortes na despesa, afetando sobretudo áreas como a educação, saúde e apoios sociais, o que conduziu a um desgaste do governo autonómico e ao aumentar do descontentamento de nacionalistas catalães e espanhóis. Para Romão (2017) “parece agora evidente que a estratégia do nacionalismo de centro-direita para superar as dificuldades em que se encontrava passou pela transição da clivagem ideológica (que expunha o seu papel ativo nas medidas menos populares) para a clivagem identitária (que permitia fazer de Madrid e do enquadramento da Catalunha no Estado espanhol os únicos responsáveis pelas dificuldades que os catalães atravessavam)” (Romão, 2017: 117). Com o contributo de um quinto do PIB espanhol, o governo regional de Mas avançou com a proposta de um Pacto Fiscal, que permitiria que a Generalitat recebesse a totalidade dos impostos pagos na Catalunha, entregando a Madrid, como forma de patrocinar os serviços que o Estado prestava na região e em solidariedade com as restantes comunidades autonómicas, uma

parte da verba angariada. Ora, neste modelo, a Catalunha conseguiria uma total autonomia fiscal, todavia, o governo chefiado por Rajoy rejeitou liminarmente a proposta, levando a que Artur Mas, embalado pela mobilização da sociedade catalã para a manifestação do dia nacional da Catalunha (11 de setembro) de 2012, que juntou, de acordo com os dados da Delegação do Governo de Espanha na Catalunha, 600 mil manifestantes, e que para a Guarda Urbana de Barcelona cerca de 1 milhão e 500 mil pessoas, avançasse com a marcação de eleições autonómicas antecipadas, de forma a mostrar que os eleitores catalães apoiavam a proposta apresentada a Madrid (Piñol, 2012; Romão, 2017:117 e 118). Nas eleições de 2012, Mas voltou a sair vitorioso, ainda que tenha perdido a maioria absoluta conquistada em 2010, o que obrigou à assinatura de um acordo inédito com a ERC, união improvável do centro-direita com a esquerda catalã, mas com o objetivo de afirmar a Catalunha como um Estado independente (Marques, 2017). Do denominado “Pacto para a Liberdade”, assinado pelas duas forças políticas, saiu a vontade de concretizar um referendo sobre a independência, sendo este o primeiro passo formal no processo catalão (Marques, 2017; Romão, 2017: 119). A primeira tentativa de concretização de um referendo com o selo do governo autonómico foi programada para 2014, mas o parlamento espanhol e o Tribunal Constitucional travaram-no. Assim, o referendo dá lugar a um “processo participativo”, organizado pelos movimentos civis pró-independência (Santiago, 2014) e que se concretiza a 9 de novembro de 2014, mas com grandes níveis de abstenção e uma enorme vitória do “sim” à independência e construção de um novo Estado. Não obstante, a consulta pública de 2014 não foi a única que aconteceu no território com as organizações civis a serem protagonistas de uma anterior: a de 2009, que levou 700 mil catalães, de 167 municípios, a pronunciarem-se sobre a eventual independência da região (Lusa, 2009).

A consulta popular e os resultados obtidos em 2014 levaram Artur Mas a avançar com a antecipação do ato eleitoral autonómico de 2015, convertendo-o num teste às intenções referendárias sobre a independência da catalã. Com efeito, ainda que o objetivo fosse a escolha dos representantes catalães para o parlamento autonómico e consequente eleição do governo regional, o ato antevia o esgrimir de posições e

opiniões sobre o nacionalismo catalão e o desejo de independência. Artur Mas avançou como candidato pela recém criada coligação *Junts pel Sí (JxSí)*, resultado da união da *Convergència Democràtica de Catalunya* (CDC) com a ERC, os *Demòcrates de Catalunya* e o *Moviment d'Esquerres*, e que contava com o apoio da *Assemblea Nacional Catalana* e da *Òmnium Cultural*, associações criadas na sociedade civil com o objetivo de defender a independência da comunidade autonómica. Os resultados confirmaram a reeleição de Mas, ainda que não tenha sido com uma maioria absoluta. Contudo, o novo parlamento catalão contou com a eleição de dez deputados independentistas ligados à *Candidatura d'Unitat Popular* (CUP), um partido que se apresenta como socialista com o objetivo de substituir o modelo económico capitalista e que deseja que a Catalunha e os *Països Catalans*⁸ sejam independentes (Candidatura d'Unitat Popular, n.d.). Se Mas começa por ver a sua eleição posta em causa pela CUP, acaba por chegar a um acordo com a organização partidária no início de 2016, que tem como custo político a sua demissão em nome da luta pela independência. O lugar da principal figura independentista catalã é, assim, ocupado por Carles Puigdemont, também ele militante da força política do presidente demissionário: a CDC (VilaWeb, 2016). Puigdemont seguiu os passos de Mas e, durante o debate de uma moção de confiança em 2016, avançou com a intenção de celebrar um referendo sobre a autodeterminação catalã, independentemente da vontade do Estado espanhol. Esta radicalização discursiva da Catalunha leva a que o governo de Rajoy traga o processo para a ordem do dia, numa tentativa de desviar a atenção sobre os problemas internos do PP e que envolvem, entre outras coisas, denúncias de corrupção e financiamento indevido. Também a justiça, no início de 2017, condena Artur Mas, Joana Ortega (vice-presidente de Mas), Irene Rigau (*conseller*⁹ para a educação) e Francesc Homns (*conseller* da Presidência) por desobediência, na sequência da concretização da consulta popular de 2014 (Romão, 2017: 122 e 123).

⁸ Països Catalans é o termo que define as áreas de abrangência linguística, histórica e cultural catalãs. A terminologia é também utilizada para a classificação do projeto de nação que compreende os territórios que partilham traços identitários comuns com a Catalunha. O termo não é, todavia, comumente aceite, uma vez que é entendido como sinal de supremacia da Catalunha face às outras regiões como as Baleares e a Comunidade Valenciana (Enciclopèdia Cat, n.d.; Melchor & Branchadell, 2002, pp. 35–42).

⁹ Cargo comparável ao de ministra regional.

Depois da declaração de Puigdemont em 2016, a luta independentista ganhou novo fulgor em junho de 2017, com o presidente da Generalitat a anunciar a realização de um referendo pela autodeterminação catalã a 1 de outubro daquele ano. Este anúncio fez aumentar a tensão entre Barcelona e Madrid, levando à radicalização dos discursos de parte a parte e a um clima de crispação política e jurídica sem precedentes (Marques, 2017). O governo do JxSí recorre a subterfúgios para evitar Madrid, levando a lei do referendo a uma sessão do parlamento catalão, ainda que a mesma não constasse na ordem de trabalhos inicial, num ato condenado pelos deputados contra o referendo e que motivou críticas de deputados pró-referendo. O diploma incluído à última hora acabou por ser votado ao abrigo de um procedimento de urgência constante no regulamento do parlamento regional. Depois desta aprovação, o chefe de governo catalão avançou com a convocatória do referendo que Rajoy considerou ser um “ato intolerável de desobediência”. Este ato conduziu o processo para a inconstitucionalidade confirmada pelo Tribunal Constitucional, que exigiu a sua suspensão. Seguiu-se a aplicação de multas e detenções aos promotores do referendo, onde se incluíram colaboradores e altos quadros ligados à Generalitat. As autoridades espanholas apreenderam ainda milhões de boletins de voto e urnas, fecharam websites relacionados com o referendo, inviabilizaram o envio de convocatórias para o ato referendário, assumiram o controlo das contas do governo autonómico e enviaram milhares de polícias para as ruas da comunidade autónoma, passando os Mossos d’Esquadra a reportarem à Guardia Civil espanhola e a um coronel ligado a Madrid, numa tentativa de fazer cumprir as determinações judiciais. Ao todo, Madrid enviou, entre Cuerpo Nacional de Policía e Guardia Civil, cerca de 12 mil efetivos (Romão, 2017: 124; La Vanguardia, 2017). As ações levadas a cabo por Rajoy, o rosto da oposição à revisão estatutária de 2006, foram lidas por Barcelona como “uma ressonância da ditadura militar de Franco” (Marques, 2017) e conduziram à concretização de protestos pacíficos organizados pela *Assemblea Nacional Catalana* (ANC) e *Òmnium Cultural*, que cercaram as instalações que, nos últimos dias de setembro de 2017, foram alvo de buscas e detenções por parte do Cuerpo Nacional de Policía e da Guardia Civil. Estas manifestações estiveram na origem das detenções preventivas dos dirigentes das duas

associações civis: Jordi Sánchez (*Assemblea Nacional Catalana*) e Jordi Cuixart (*Òmnium Cultural*) (Romão, 2017: 125). Ato contínuo, o governo autonómico foi dando conta de que o referendo seria concretizado apesar de todas as tentativas de bloqueio de Madrid e a 1 de outubro centenas de locais de voto abriram para a consumação do referendo, tendo o governo de Rajoy apreendido urnas e boletins de voto através do recurso às forças policiais mobilizadas para aquele território. Como consequência desta ação e da tentativa de impedimento da votação, multiplicaram-se “os confrontos entre a polícia e milhares de cidadãos que levam a cabo ações de resistência pacífica para proteger os espaços onde decorria a votação” (Romão, 2017: 126). Ao todo, e ainda que os dados variem consoante a fonte, foram registados entre 431¹⁰ e 893¹¹ feridos (El País, 2017). Na análise ao referendo, 90,2%, dos 2 286 217 votantes, disseram que “sim” à independência e o “não” conquistou 7,8% dos votos (El Periódico, 2017).

Os dias que se seguiram ao ato referendário continuaram a ser pautados por violência nas ruas e pela tentativa de internacionalização do conflito. Puigdemont foi o rosto mais crítico a Madrid, enquanto tentava mostrar que estava disponível para negociar com Madrid, desde que as conversações contassem com mediação internacional. Do outro lado, Rajoy atirava a possibilidade de negociação para os canais institucionais que ligam o governo central às autonomias, desvalorizando a ação da Generalitat numa tentativa de recentrar a discussão onde o Estado espanhol é soberano, sendo a Catalunha uma região subalterna. Para Romão (2017), Puigdemont desperdiçou a oportunidade de, recorrendo aos episódios sucessivos de violência policial, retratados nas redes sociais e na comunicação social internacional, recuar estrategicamente e convocar eleições com o intuito de clarificar a posição dos catalães (Romão, 2017: 127). Ora, condicionado pelas exigências dos nacionalistas mais radicais, o chefe de governo autonómico avança com a declaração unilateral de independência durante a sessão plenária do parlamento catalão de 10 de outubro, no entanto, a independência catalã é suspensa de imediato pelo próprio Puigdemont, de forma a iniciar o processo de diálogo com Espanha. A esta

¹⁰ Dados do Ministério do Interior espanhol.

¹¹ Dados do Departamento de Saúde da Generalitat.

declaração seguiu-se uma tentativa não conseguida, por força dos radicais nacionalistas, de marcação de eleições antecipadas, tendo-se a 27 de outubro assistido à declaração unilateral de independência feita, quase em simultâneo, com o acionar do artigo 155.º da Constituição Espanhola no Senado espanhol. A ação concertada dos vários poderes do Estado permitiu que, no mesmo dia, Rajoy assumisse a presidência da Generalitat, demitindo todo o governo autonómico, dissolvendo o parlamento catalão e avançando com a marcação de eleições antecipadas para 21 de dezembro. Os departamentos regionais passaram a ser geridos diretamente pelos membros que compunham o governo de Rajoy, em particular pelos secretários de Estado, com a coordenação de todo o exercício a cargo da vice-presidente do governo: Soraya Sáenz de Santamaría (Romão, 2017: 129). Efetivamente, e de acordo com a Constituição espanhola, o Senado, ao abrigo do artigo 155.º, concede plenos poderes para que o governo garanta o cumprimento das obrigações constitucionais sempre que as autonomias ajam de forma que “atente gravemente contra o interesse geral de Espanha” (Constitución Española, 1978).

À intervenção do governo espanhol seguiram-se manifestações nas ruas da Catalunha e a tentativa de criar um governo no exílio, depois de Puigdemont e sete dos seus *consellers* abandonarem o território espanhol a 29 de outubro para fugir às acusações que, já naquela altura, pendiam sobre eles e de onde é possível destacar a imputação do crime de rebelião e sedição (Dias, 2017). Joaquim Forn (responsável pela pasta do Interior) e Dolors Bassa (com competências na área do trabalho) acabaram por regressar à Catalunha, enquanto os membros do governo no exílio autoimposto tentavam sensibilizar a comunidade internacional para a causa nacionalista catalã e, simultaneamente, evitar a detenção de todo o executivo. A ordem de prisão preventiva chegaria a 2 de novembro pela mão da juíza Carmen Lamela, da Audiência Nacional. Oriol Junqueras, Jordi Turull, Raül Romeva, Josep Rull, Meritxel Borràs, Carles Mondó e Dolors Bassas, antigos membros do governo de Puigdemont, acabaram detidos preventivamente e sem possibilidade de pagamento de fiança. Já Santi Vila, a única voz do governo autonómico que mostrou discordar da declaração unilateral de independência, acabou por ter a possibilidade de sair em liberdade mediante o

pagamento da fiança de 50 mil euros. Se em Espanha se acumulavam detidos associados ao processo catalão, na Bélgica, país que recebeu o mandado de detenção europeu de Lamela, Puigdemont, Antoni Comín, Meritxell Serret, Clara Ponsatí e Lluís Puig Gordi, eram apenas obrigados a apresentar-se sempre que a justiça os intimasse para tal. A estas detenções e aos mandados de detenção seguiram-se a contestação por parte de associações ligadas à justiça, que consideravam as acusações de sedição e rebelião infundadas (Associação Progressista de Procuradores) e que mostraram ter dúvidas quanto ao respeito pelos direitos dos arguidos (Associação Juízes pela Democracia). Também as manifestações populares tomaram conta das ruas da Catalunha com acusações de que a justiça espanhola tinha, à sua guarda, presos políticos (Romão, 2017: 130). Foi já em 2019 que o Supremo Tribunal espanhol condenou, até 13 anos de prisão, os líderes independentistas¹² pelos crimes de sedição e desvio de fundos públicos, deixando de parte a acusação de rebelião. Como consequência da condenação, todos os condenados ficaram impedidos de concorrer a qualquer cargo político durante o período correspondente às suas penas, o que colocou em causa a eleição de Oriol Junqueras para o Parlamento Europeu. Também Puigdemont esteve envolvido na acusação, todavia, acabou por não ser condenado, uma vez que Espanha não julga pessoas à revelia (ECO, 2019a). Ainda assim, o antigo presidente da Generalitat apresentou-se às autoridades belgas, uma vez que o mandado de detenção europeu havia sido reativado, tendo acabado por sair em liberdade. De sublinhar que, em 2018, o líder nacionalista catalão foi detido na Alemanha, mas libertado após pagamento de fiança (ECO, 2019b).

Mergulhada numa situação bastante complexa, a Catalunha enfrentou em 2017 um ato eleitoral particular e que contou, na lista de candidatos, com Carles Puigdemont, candidato do *Junts per Catalunya* (*Partit Demòcrata Europeu Català* - PDeCAT, *Consell*

¹² Oriol Junqueras foi o político condenado a uma maior pena, 13 anos de prisão. Romeva, Turull e Bassa foram condenados a 12 anos de prisão efetiva, sendo a ex-presidente do parlamento regional, Carme Forcadell, condenada a 11 anos e meio de prisão. Os *consellers* Joaquim Forn e Josep Rull acabaram por ter como pena 10 anos e meio de prisão, assim como Jordi Sánchez e Jordi Cuixart, ligados a dois movimentos civis pró-independência, que foram condenados a nove anos de prisão. Da lista de condenados, mas ao pagamento de multas, fazem parte nomes como Santiago Vila, Meritxell Borràs e Carles Mundó. (ECO, 2019a).

per la República Catalana - CNxR e independentes), e Oriol Junqueras, candidato da ERC. A eleição acabou por ser ganha pelo *Ciudadanos*, um partido de centro nascido na Catalunha e que, na altura, conquistava projeção e influência nacional, mas acabou por ser a coligação independentista que juntava JxCat, ERC e CUP a chegar ao poder, depois de conquistar a maioria absoluta de deputados. O lugar de presidente da autonomia viria a ser ocupado por Quim Torra, depois de Puigdemont indicar o nome do deputado autonómico para a condução dos destinos da Catalunha (Salvador, 2017). Puigdemont apresentou-se também às eleições europeias como candidato da coligação catalã, tendo o Conselho Eleitoral Central excluído o antigo presidente catalão, Antoni Comín e Clara Ponsatí, também exilados em Bruxelas, do processo eleitoral, no entanto, o Supremo Tribunal acabou por decidir que os tribunais de Madrid deveriam validar as candidaturas por não existirem motivos de inelegibilidade (Lusa, 2019). O político a viver no exílio acabou por conquistar um lugar como eurodeputado com mais de um milhão de votos, tal como Toni Comín, seu antigo *conseller*. Ambos tiveram, no entanto, percalços no processo para a sua tomada de posse, uma vez que as autoridades espanholas não contabilizaram o nome dos dois eurodeputados na relação dos eleitos, por não terem prestado juramento em sede de *Congreso de los Diputados* à Constituição espanhola, ainda que se tenham feito representar por advogados e enviado documentação comprovativa de que o juramento havia sido feito na Bélgica. No desenrolar deste processo, a junta eleitoral central acabou por recusar a validade da documentação, assumindo que os lugares dos dois eleitos estariam livres (Salvador, 2019). No entanto, já em janeiro de 2020, Puigdemont e Comín acabaram por assumir funções no Parlamento Europeu, na sequência da decisão do Supremo Tribunal de Justiça da União Europeia, que considerou que os dois eleitos gozavam de imunidade judicial desde que foram escolhidos pelos espanhóis, e, por conseguinte, estariam aptos a ocupar os seus lugares. Quem ainda não tomou posse como eurodeputado foi Oriol Junqueras, da ERC, que continua preso e inabilitado para assumir o cargo, numa decisão confirmada já em janeiro de 2020 pelo Supremo Tribunal espanhol (Gundal, 2020).

Outro dado importante a ter em linha de conta no atual cenário político catalão prende-se com o facto de Quim Torra, presidente da Generalitat desde 2018, ter sido inabilitado,

em setembro de 2020, por um ano e meio. A decisão do Supremo Tribunal tem por base o crime de desobediência à junta eleitoral central e a recusa à retirada dos laços amarelos, símbolo associado à independência catalã, dos prédios públicos da Generalitat, durante o período eleitoral de 2019. Deste modo, o político fica proibido de exercer cargos públicos, uma vez que o tribunal deu como provada uma "contundente, reiterada, contumaz e obstinada resistência" a acatar as ordens da junta eleitoral central, tendo Torra "repetidamente e teimosamente desobedecido às ordens para remover certos símbolos dos edifícios públicos dependentes da Generalitat durante o processo eleitoral para as eleições gerais convocadas para 28 de abril de 2019, quando o Conselho estimou que violavam a neutralidade exigida das administrações públicas nesses processos" (*Recurso Casacion núm.: 203/2020*, 2020: 117; La Vanguardia, 2020). Atualmente, os destinos da Catalunha estão entregues a Pere Aragonès i Garcia, depois de um processo eleitoral que colocou frente a frente partidos nacionalistas espanhóis e catalães.

De sublinhar ainda que, em junho de 2021, foi consumada a via de diálogo entre independentistas e o poder executivo espanhol depois de o governo espanhol ter aprovado, em Conselho de Ministros, o indulto a nove dos políticos catalães presos após a tentativa fracassada de secessão com o primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez a destacar que "a vingança não é um dos valores constitucionais; a concórdia e o acordo sim" (Calle, 2021). Já em setembro de 2021, Carles Puigdemont voltou a ser detido, desta vez na Sardenha (Itália), após uma deslocação que fazia enquanto eurodeputado, uma vez que, em julho desse mesmo ano, o Tribunal de Justiça da União Europeia lhe retirou a imunidade parlamentar (Rico, 2021).

2.4. Conflito geopolítico Catalunha - Madrid: posição dos media

Com a sociedade catalã cada vez mais dividida, os acontecimentos precipitaram-se nos últimos anos e a turística província de Barcelona transformou-se rapidamente no palco de grandes manifestações pró e contra a independência catalã, fazendo capa em jornais como o Ara, El Mundo, El País e La Vanguardia. O clima permanente de instabilidade levou a que várias forças políticas e plataformas civis aproveitassem o agudizar das

posições populares para fortalecer as suas bases de apoio, recorrendo frequentemente aos meios de comunicação (tradicionais e digitais) para veicularem as suas mensagens.

Levando em linha de conta a classificação do sistema mediático espanhol, já explicitado no I Capítulo, e defendido por Sampedro e Seoname (2008) e López Garcia (2011), assistimos efetivamente a uma “bipolarização antagonista”, que poderá ser aplicada à análise da relação entre os meios de comunicação e as posições divergentes em confronto no caso catalão, confirmando também a influência do poder político relatada por Hallin e Mancini (2004), que consideram o sistema mediático espanhol como sendo “pluralista polarizado”. Num estudo elaborado por Canet (2011) conclui-se que os meios de comunicação têm assumido preferência por uma das posições em debate no caso do processo catalão. O autor destaca que a posição dos meios de comunicação é percecionada através do discurso jornalístico produzido, com as perspetivas mediáticas favoráveis à visão independentista a enaltecerem a capacidade de mobilização e crescimento do número de independentistas e a valorizarem o crescimento dos movimentos civis a favor da independência. De acordo com o relatório, estes traços discursivos são encontrados com maior frequência em jornais como o Ara e o El Punt Aviu. Já a perspetiva mediática favorável ao nacionalismo centrípeto espanhol mostra reservas quanto à capacidade de mobilização independentista, desacreditando as consultas públicas organizadas pelos movimentos civis. Esta posição é encontrada em jornais como o El Mundo e o El País, que optam por um discurso favorável à posição do governo de Madrid, ainda que o El País apresente uma posição não tão clara a favor do unionismo. Na análise é ainda possível perceber que o El Periódico, oriundo também da Catalunha, distancia-se do discurso independentista e, apesar de manter uma posição neutral, aproxima-se do discurso anti independentista. Já o La Vanguardia assume uma posição ainda mais neutral, ainda que com traços de favorabilidade pró-independência catalã (Canet, 2011). Também no estudo *El pluralisme als espais d’opinió de la televisió de l’11 al 30 de setembre de 2017* é possível verificar que os meios de comunicação condicionaram as suas posições no momento de selecionar as fontes de informação e os porta-vozes ouvidos, reforçando o alerta deixado por Ribeiro (2006) sobre o facto da seleção de umas fontes em detrimento de outras condicionar o conteúdo noticioso. No

período analisado, os investigadores concluíram que foi a televisão autonómica TV3 que manteve uma maior pluralidade ao ouvir apoiantes nacionalistas espanhóis e catalães (CAC, 2017). Efetivamente, este estudo apresenta um primeiro esboço do que pretendemos explorar com este trabalho, ainda que o foco desta abordagem se tenha centrado apenas na pluralidade de vozes que acederam aos meios de comunicação durante um período limitado (11 a 30 de setembro de 2017). No caso da nossa investigação propomos uma reflexão mais alargada ao permitir verificar, não só a posição das fontes selecionadas face à questão catalã, como também a frequência com que as mesmas são utilizadas em dois períodos distintos da vida política (um trimestre de 2016 e outro de 2017). Pretendemos ainda identificar os protagonistas informativos e compreender o espaço que as fontes ocupam nos jornais em estudo, destrinchando a potencial relação entre as linhas editoriais dos jornais e a seleção de vozes.

3. As Fontes de Informação do processo independentista catalão

3.1. Objetivos do Estudo

A partir do estudo de caso das fontes de informação do discurso noticioso sobre o processo independentista catalão, publicado nos jornais Ara, El País, El Mundo e La Vanguardia, pretendeu-se identificar e avaliar a projeção pública das fontes de informação utilizadas em notícias e reportagens sobre o debate político catalão, em particular as temáticas associadas à questão catalã¹³. Quisemos, deste modo, avançar com a tipificação das fontes de informação utilizadas pelos diários, avaliando a presença, o destaque e a forma como os meios de comunicação recorrem aos graus de confidencialidade, definidos por Mencher (1991) e já explicitados no capítulo I.

Com esta investigação desejámos ainda conhecer a identidade das fontes de informação que assumem o estatuto de protagonistas no panorama político catalão, verificando, simultaneamente, se existe relação entre as linhas editoriais e as fontes de informação a que os jornalistas recorrem, bem como quais as de maior relevância, com que frequência são utilizadas, se existe relevância no sexo das fontes e quais os graus de confidencialidade que lhes estão associados. Também pretendíamos compreender que assuntos dominaram a discussão política em torno do conflito catalão, em que períodos e com que frequência recorre o jornalista a fontes de informação associadas a este debate político e como se comportam os meios de comunicação perante as temáticas associadas à autodeterminação da Catalunha.

3.2. Objetos de Estudo

De forma a responder aos objetivos definidos previamente para esta investigação, optamos por desenvolver o trabalho tendo em conta dois *corpus* de investigação, que estabelecem uma relação direta com os títulos selecionados para o estudo de caso.

¹³ A designação “questão catalã” é utilizada pela imprensa para classificar o debate em torno da autodeterminação e independência da Catalunha. O processo independentista pode ser também designado “procés”.

Efetivamente, os diários Ara, El País, El Mundo e La Vanguardia são os títulos em análise, dado que consideramos que são representativos das várias posturas da imprensa perante o conflito catalão, como Vincent Canet (2011) demonstrou no trabalho abordado no capítulo anterior. Ainda que com posições divergentes face ao independentismo, estes jornais têm em comum, à exceção do Ara, o facto de serem os jornais pagos com o maior número de leitores diários: o El País conta com 1 milhão e 22 mil leitores, El Mundo com 683 333 e o La Vanguardia com 553 666 leitores (Asociación para la Investigación de Medios de Comunicación, 2019). A seleção do Ara, que contava com 125 666 leitores diários, deve-se ao facto do jornal, com dez anos de existência, ter registado um crescimento exponencial, quer nas edições digitais, quer nas edições físicas (InfoLibre, 2019) e por ser um jornal totalmente escrito em catalão, ao contrário dos outros três em análise. Ainda que o El Periódico seja o segundo jornal mais lido na Catalunha, de acordo com o relatório publicado da Oficina de Justificación de la Difusión (OJD) em 2019, optou-se por excluí-lo do âmbito desta dissertação, uma vez que, o mesmo tem na sua génese, tal como o Ara, uma ideologia de esquerda, registando, atualmente, um decréscimo na sua implantação junto dos leitores (InfoLibre, 2019). De notar ainda que, no que respeita aos jornais de origem catalã selecionados, ambos são assumidamente nacionalistas catalães, ainda que com tendências políticas distintas, como veremos na concretização dos dois jornais.

Partindo do estudo a estes quatro títulos da imprensa diária espanhola, a investigação contou com a recolha de dois *corpus* de análise, contando com duas entrevistas exploratórias aos protagonistas da produção do discurso jornalístico (Ara e La Vanguardia) sobre o processo independentista catalão, ligados às redações dos jornais em análise; o estudo das notícias e reportagens associadas ao processo independentista catalão publicados em papel nas editoriais “Política”, “Nacional (ou Espanha)” e “Catalunha” dos diários Ara, El País, El Mundo e La Vanguardia, nos períodos temporais compreendidos entre setembro e novembro de 2016 (período sem registo de alterações associadas ao processo pela autodeterminação da Catalunha) e setembro e novembro de 2017 (período precedente e subsequente ao referendo levado a cabo pela autonomia catalã).

3.2.1. A imprensa espanhola: caracterização dos títulos em análise

Com centenas de títulos publicados diariamente, quer de âmbito nacional, quer local, a imprensa espanhola tem vindo a perder audiência nos últimos anos, de acordo com dados do Estudio General de los Media, produzido pela Asociación para la Investigación de Medios de Comunicación (2019). É neste contexto que, atendendo ao volume de leitores do El País, El Mundo e La Vanguardia optamos por analisar as fontes de informação associadas à questão catalã, acrescentando ainda o Ara, dado o crescimento registado nas suas plataformas digitais, mas também nas vendas físicas do jornal escrito apenas em catalão.

3.2.1.1. Ara

Publicado pela primeira vez a 28 de dezembro de 2010, o Ara é um dos títulos de imprensa mais recente em Espanha, ocupando o pódio dos mais lidos na Catalunha (terceira posição) e assumindo o estatuto do mais lido em catalão. Fundado por Carles Capdevilla, o jornal assume, no seu manifesto de fundação, que é pós-independentista, de esquerda, admitindo a Catalunha como uma unidade política, social e económica independente de uma Europa moderna e de um mundo global (Ara, 2017).

Com uma história recente no panorama dos títulos impressos em Espanha, o diário tem apostado na digitalização da informação, criando formatos digitais atrativos, que têm como consequência o aumento de leitores nestas plataformas. De acordo com dados da OJD, entre 2017 e 2018, o Ara foi o jornal catalão mais visitado na internet, ainda que grande parte dos seus conteúdos seja paga (Gutiérrez, 2018). A par do crescimento no online, o jornal tem relatado que a edição em papel, quer em Barcelona, quer em Madrid, tem crescido positivamente (Ara, 2017).

Relativamente à posição perante o discurso independentista catalão, o diário Ara assume uma posição amplamente favorável, fazendo corresponder a sua ação com o que está descrito no manifesto editorial. De acordo com o estudo elaborado por Canet (2011), o Ara é, a par dos jornais El Punt e l'Avui, o jornal que mais destaca elementos

positivos no movimento independentista, valorizando o crescimento desta opção ideológica (Canet, 2011: 15).

3.2.1.2. El Mundo

Criado em 1989, o El Mundo começa por ser publicado com o nome *El Mundo del Siglo XXI*, sendo este o resultado da destituição de Pedro J. Ramírez do cargo de diretor do jornal *Diario 16*. Ao diretor, juntaram-se vários jornalistas para a criação de um dos jornais nacionais de referência em Espanha. Aliás, o El Mundo é, de acordo com dados da Asociación para la Investigación de Medios de Comunicación, o segundo título generalista espanhol mais lido no país com cerca de 683 333 leitores diários (Asociación para la Investigación de Medios de Comunicación, 2019). Atualmente, o jornal, que começou por ser detido por 300 investidores independentes, é parte do grupo de comunicação espanhol Unidad Editorial, criado depois da fusão do Grupo Recoletos e Unedisa, em 2007, sendo o grupo controlado (96%) pelo maior grupo de comunicação italiano, o RCS Media Group (Unidad Editorial, n.d.).

Construído como um ato de rebeldia (Hernandéz, 2009), o El Mundo destronou o *Diario 16*, durante a década de 90, ocupando o segundo lugar dos mais lidos no país, registando também um crescimento exponencial, nos primeiros anos de publicação, quando comparado o volume de vendas com o do El País (*Ibidem*, 2009: 242). Para Barrera del Barrio (1995), o jornal assumiu uma linha gráfica distinta das existentes, optando por assumir a fórmula gráfica das revistas de fim-de-semana onde a cor, os títulos e os subtítulos de boa leitura e o design gráfico eram os protagonistas.

No editorial publicado na primeira edição, Ramírez (1989) apresenta o jornal como sendo um órgão independente e inconformista, assumindo a tónica da investigação jornalística, sobretudo no que respeita a escândalos de corrupção. Conhecido por fazer frente aos governos liderados por Felipe González (PSOE), como recorda Barrera del Barrio (1995), o jornal foi contestado, em alguns momentos, por não diversificar as suas fontes de informação, o que originou alguns erros e imprecisões. Hernandéz (2009) recorda que o facto de ter feito frente a González (PSOE) valeu ao jornal o rótulo de jornal de direita, numa oposição ao El País, conotado com a esquerda. Todavia, o estilo do jornal associa-se diretamente ao de um título de centro-esquerda, ainda que, ao

longo das décadas, tenha tido uma atitude de apoio a governos como o de Aznar (PP), conquistando leitores de direita e centro-direita (*Ibidem*, 2009: 243). O El Mundo é, atualmente, entendido como um jornal liberal progressista, crítico da esquerda e dos nacionalismos periféricos, sendo laico e de centro-direita (*Ibidem*, 2009: 243).

Sobre a questão política catalã, o El Mundo é, segundo o estudo elaborado por Canet (2011), um dos “meios de comunicação com um posicionamento negativo face ao independentismo” (Canet, 2011: 15). O posicionamento, de acordo com o mesmo trabalho, é revelado através do recurso à dúvida sobre a capacidade de mobilização independentista, que justifica como sendo resultado do cansaço dos catalães em relação à sua classe política, que despoletou a reforma do Estatuto Autonómico (*Ibidem*, 2011).

3.2.1.3. El País

Com mais de com 1 milhão e 22 mil leitores diários, o El País, que foi pensado ainda durante o governo de Franco, foi impresso pela primeira vez em plena Transição Espanhola, como consequência das dificuldades que ditador foi criando, de forma a anular o nascimento de um título liberal-europeísta e moderno. Efetivamente, só seis meses após a morte do general é que a primeira edição do jornal, pensado por José Ortega Spottorno, chegou às bancas espanholas. O jornal, publicado pela primeira vez a 4 de maio de 1976, foi desenvolvido para responder à necessidade progressista da sociedade espanhola, que procurava também a liberdade de expressão e um produto jornalístico de qualidade, libertando-se das amarras de qualquer organização partidária (Hernández, 2009: 227).

Beneficiando de uma sustentabilidade económica ímpar desde o seu nascimento, o El País era feito por jornalistas experientes e de qualidade que romperam com os esquemas editoriais dos jornais espanhóis da altura, muito agarrados aos modelos impressos durante o franquismo, conquistando a preferência de leitores tanto da direita liberal mais conservadora como da esquerda progressista. O jornal assumiu uma posição de rutura, sendo laico e com uma vocação ocidental muito grande, ainda que não se tenha coibido de criticar os poderes instalados em países ligados à NATO.

Ainda que no primeiro editorial do El País se tenha afirmado que os seus profissionais “não são de direita nem de esquerda ou melhor dito, e precisamente, são de direitas e

esquerdas” (El País, 1976), o jornal abriu caminho para a vitória eleitoral do PSOE em 1982, sendo a partir desse momento interpretado como “jornal do governo”, por ter assumido uma posição de defesa do governo liderado pelo partido de esquerda, atacando simultaneamente a oposição. A tendência de defesa dos interesses do PSOE chega a ser notória quando, no início da década de 90, o jornal não dá lastro aos casos de corrupção ligados aos socialistas, optando apenas por atacar o governo (Barreras del Barrio, :68 – Sin Mordaza). Ora, a chegada ao poder do PP de Aznar adensa ainda mais o posicionamento colado ao PSOE do El País, que passa a encarar o recém-criado El Mundo e o ABC como jornais do governo. Ainda sobre este jornal, importa destacar que Canel (1999) identifica no El País um perfil editorialista analítico, que aposta numa lógica de causa – efeito (Canel, 1999: 104-105). O jornal assume-se como de vocação democrata, europeísta e ideologicamente de centro-esquerda (Hernández, 2009: 227). No que respeita à posição do El País, no que concerne à favorabilidade discursiva em torno do independentismo catalão, é importante destacar que o jornal opta por não assumir uma posição vincada, ainda que optem por desvalorizar os feitos independentistas, mostrando uma posição crítica (Canet, 2011: 15).

3.2.1.4. La Vanguardia

Criado pelos irmãos Godó, o La Vanguardia nasceu a 1 de fevereiro de 1881 com a missão de defender o partido liberal de Práxedes Mateo Sagasta, que fazia oposição ao governo conservador de Cánovas del Castillo (La Vanguardia, 1881). É um dos jornais mais antigos de Espanha e o mais lido na Catalunha, tendo tido, em 2019, mais de 553 666 leitores diários (Asociación para la Investigación de Medios de Comunicación, 2019). O jornal é também redigido em dois idiomas, o que faz com que tenha duas edições diárias com os mesmos conteúdos, mas em idiomas diferentes: castelhano e catalão.

Assumindo a bandeira do liberalismo, o jornal manteve-se, durante seis anos, como órgão do partido constitucional, assumindo-se depois como um diário político independente, que se dedicava à análise de temas e informação geral (Hernández, 2009: 247).

Com uma história longa, o La Vanguardia sobreviveu aos momentos mais conturbados das sociedades espanhola e catalã, num fenómeno que é justificado por Nogué i Regàs e Barrera del Barrio (2006) como sendo consequência da mudança de orientação ideológica (o jornal passa a assumir-se como independente do poder político); do crescimento económico, consequência de um maior e mais influente número de leitores; do progressivo cansaço da sociedade com a política partidária; da sensibilidade do La Vanguardia perante o palpitante de Barcelona, que proporcionou uma grande sintonia com o público (Nogué i Regàs e Barrera del Barrio, 2006: 19).

Identificado como um diário burguês e com uma vocação liberal-conservadora, foi graças à leitura fiel da burguesia catalã que se manteve na primeira posição de vendas durante mais de um século, ainda que, como referiu Ramírez (1974), o La Vanguardia não poderá ser entendido como um jornal de expressão nacional, uma vez que a maioria das suas vendas acontece na Catalunha (Ramírez, 1974). Aliás, os fundadores do jornal entenderam sempre o jornal como algo pensado para a sociedade catalã, não tendo sido prioritário apostar no mercado nacional como um todo (Alfárez, 1986: 73).

A evolução da realidade sociopolítica espanhola e catalã levou a que o jornal, na década de 70, passasse a dar uma maior relevância às questões autonómicas, concedendo espaço à defesa dos interesses da burguesia catalã, tendo na linha editorial da “não ideologia”, na qualidade do produto publicado e na abordagem à informação internacional três alicerces que ainda se mantêm (Alfárez, 1986: 74). Já na década de 80, o jornal assume o postulado ideológico da CiU, mostrando uma posição conservadora a nível económico, mas aberto à cultura, de forma a captar a atenção do público que migrara para um novo jornal local: El Periódico de Catalunya. A década seguinte trouxe, até ao início do novo milénio, uma mudança ideológica com o La Vanguardia a mostrar uma grande proximidade ao socialismo, chegando a publicar conteúdos em tudo semelhantes aos do jornal El País. Atualmente, e ainda que próximo de uma realidade burguesa nacionalista catalã, o La Vanguardia tenta não ferir suscetibilidades, mantendo as formas e defendendo o pluralismo (Hernandéz, 2009: 253).

Já sobre a questão catalã, e com a aproximação às temáticas em torno da autonomia já na década de 70, o jornal, ainda que com uma posição discursiva neutral, apresenta traços de favorecimento aos argumentos independentistas catalães. Esta tendência foi verificada por Canet (2011) que na análise ao posicionamento dos meios de comunicação sobre a mobilização e crescimento do independentismo assinalou o facto do histórico jornal optar, dentro da neutralidade, por destacar elementos mais positivos associados ao independentismo catalão, reforçando o descontentamento económico da autonomia face ao poder central (Canet, 2011: 15).

3.2.2. Os entrevistados

3.2.2.1. David Miró Molés (Ara)

Natural da Catalunha, David Miró Molés é subdiretor do jornal ARA desde fevereiro de 2011, ainda que tenha integrado o projeto editorial catalão desde setembro de 2010. Antes de ingressar no jornal, passou pelo jornal Público e pela COMRàdio, tendo colaborado também como analista político com os meios Avui, El Periódico de Catalunya, El País, TV3, Catalunya Ràdio, TVE Catalunya e Ràdio 4. É licenciado em filologia catalã (Universitat de Barcelona) e em Jornalismo (Universitat Pompeu Fabra). Além da sua ligação ao Diari Ara.cat, David Miró Molés é docente de jornalismo político na Universitat Pompeu Fabra.

David Miró Molés é ainda autor do livro “Periodisme Samurai: Les Claus per ser un bom periodista polític”, apresentando um conjunto de ferramentas para que os jornalistas possam compreender o papel das fontes de informação na produção da notícia.

3.2.2.2. Jaume Valles Aroca (La Vanguardia)

Jaume Valles Aroca conta com mais de 20 anos de experiência na área do jornalismo, tendo trabalhado sempre no jornal La Vanguardia. O atual editor chefe de política do La Vanguardia passou grande parte da sua carreira ligado às secções (entretanto extintas) de local de Barcelona e da área metropolitana, tendo ingressado posteriormente na editoria de política, onde foi redator e redator chefe. Passou por

Madrid, onde trabalhou de perto com o Congreso de los Diputados, na altura do governo de Zapatero e da inauguração do novo estatuto de autonomia catalã.

3.3. Grandes Questões

Depois de caracterizado o objeto de estudo, importa clarificar as grandes questões associadas a esta investigação e às quais tentaremos dar resposta ao longo das próximas páginas. Assim, pretendemos conhecer:

- Quem são as fontes de informação que assumem o protagonismo no panorama político catalão?
- Que fontes têm maior relevância?
- Como é que os meios de comunicação se comportam perante as fontes de informação?
- Que assuntos dominam a discussão política em torno da questão catalã?
- Existe relevância no género das fontes?
- É possível estabelecer uma relação direta entre as linhas editoriais e as fontes de informação a que as redações recorrem?
- As fontes de informação são protegidas ou identificadas?
- Os meios de comunicação recorrem a fontes profissionais de informação? Com que frequência?
- Em que período recorre o jornalista com mais frequência às fontes de informação ligadas ao processo catalão?

3.4. Metodologia

Esta investigação pressupõe a concretização de entrevistas exploratórias semiestruturadas a David Miró Molés (Ara) e Jaume Valles Aroca (La Vanguardia), jornalistas que, em 2016 e 2017, acompanharam o debate político catalão. O recurso a um dos principais métodos qualitativos em Ciências Sociais – a entrevista - tem em conta que “o objetivo deste método permite que a investigação possa recolher e refletir sobretudo sobre aspetos enraizados, menos imediatos, dos hábitos dos sujeitos, grupos

ou comunidades em análise e, simultaneamente, possa sustentar, de modo fundamentado na observação, a respetiva inferência ou interpretação dos hábitos” (Espírito Santo, 2010: 25). Recorde-se ainda que Berger (2000) sublinha que esta é a melhor forma do investigador obter informação sobre o que é feito pelos entrevistados, assim como o que fazem, sendo que, na maioria das vezes, com “particular detalhe”. De carácter flexível, estas entrevistas permitiram a recolha de dados diversificados, sobretudo porque os entrevistados selecionados são, tal como destacam Quivy & Campenhoudt, “pessoas que, pela sua posição, ação ou responsabilidades, têm um bom conhecimento do problema em análise” (1992: 81). As entrevistas exploratórias concretizadas para esta investigação foram realizadas através da plataforma Zoom, com a gravação consentida para que depois se proceda à transcrição na íntegra das entrevistas em castelhano e em português (ver *Apêndices 8 e 9*).

A par destas entrevistas, a investigação contou ainda com a análise ao conteúdo noticioso sobre o debate político catalão, produzido e publicado nas secções de “Política”, “Nacional” (ou “Espanha”) e “Catalunha”, das edições impressas dos diários Ara, El Mundo, El País e La Vanguardia, entre setembro e novembro de 2016 e no mesmo período de 2017. Excluiu-se, deste modo, as publicações feitas em secções como desporto, cultura, internacional, sociedade ou lazer. A análise desenvolvida centrou-se em apenas dois géneros jornalísticos: a notícia e a reportagem, deixando de parte, por conseguinte, editoriais, crónicas, artigos de opinião ou entrevistas. Foram também analisadas apenas as *hard news*, que, por definição, são de maior complexidade, construídas com o recurso a uma linguagem factual, tendo-se excluído, desta forma, as *soft news*, que apresentam um registo mais ligeiro, com registo de parcialidade e associado, não raras as vezes, a *fait-divers* (Ribeiro, 2006: 87).

Optou-se, com o intuito de estudar as fontes de informação, por recorrer a uma grelha de avaliação que permitiu a tipificação de cada uma delas quanto ao seu grau de confidencialidade, recorrendo ao modelo teórico proposto por Mencher (1991), introduzindo também as taxonomias que Manuel Pinto (2000) destacou e que têm em linha de conta a natureza, a origem e o grau de envolvimento das fontes nos factos relatados (Pinto, 2000: 279). Acresceu ainda a categoria proposta por Felisbela Lopes

relativa ao estatuto, uma vez que esse dado pode tornar a fonte rentável do ponto de vista mediático ou “atirá-la para uma persistente espiral do silêncio” (Lopes, 2016: 185). Deste modo, a grelha de análise elaborada, disponibilizada no apêndice 1, comportou os seguintes campos: a) número da notícia (contador); b) identificação do jornal diário; c) data de publicação; d) mancha/dimensão do conteúdo jornalístico; e) página(s) onde o conteúdo foi publicado; f) chamada de capa; g) género jornalístico (notícia ou reportagem); h) fotolegenda (sim ou não); i) grau de confidencialidade das fontes de acordo com o modelo teórico de Mencher (1991); j) sexo da fonte; k) nome da fonte; l) origem da fonte; m) envolvimento nos factos; n) presença de fontes profissionais; o) estatuto/grupo; p) meio onde as fontes atuam; q) ligações partidárias; r) tamanho da declaração; s) posição da fonte face à independência; t) tema da peça; u) posição da declaração (na notícia) da fonte face à independência; v) autor da peça.

Na alínea a) recorre-se a um contador sequencial que permite a contabilização automática das notícias, repetindo-se, sempre que as peças jornalísticas tenham mais do que uma fonte, o mesmo número. Já na alínea b) considera-se a proveniência das peças jornalísticas analisadas (Ara, El Mundo, El País ou La Vanguardia). Para a alínea d) criou-se uma categorização de acordo com a mancha ocupada nas edições impressas dos jornais, tendo sido consideradas as categoriais: pequena, correspondente a um terço de página ou caixa; média, sempre que as peças jornalísticas ocupem meia página; três quartos de página, quando o trabalho jornalístico ocupar uma mancha maior do que meia página, mas menor do que uma página integral; grande, sempre que se ocupar uma ou mais páginas. No que concerne à alínea f) importa destacar que a tipificação tem por base a presença ou não da peça jornalística na capa dos diários. Já a categorização dos trabalhos como notícia ou reportagem encontra-se associada à alínea g) e a existência ou não de fotolegenda em h).

No que respeita à alínea i) optou-se por, partindo do modelo teórico de Mencher (1991), identificar-se o grau de confidencialidade das fontes de informação, identificando-se, portanto, as declarações das fontes como “*on the record*”; “*on the background*”; “*not for attribution*”; “*deep background*” e “*off the record*”. Foi ainda acrescentada, durante o processo de análise, uma outra possibilidade, “sem fonte”, que visa identificar os

conteúdos noticiosos que resultam da observação do redator/jornalista, sendo esta opção associada, em grande parte dos casos, a reportagens. A alínea k), de resposta aberta, permite a identificação plena da fonte, através da indicação do nome, sendo que, no caso dos trabalhos resultantes da observação do redator do conteúdo, optou-se por indicar “jornalista observador” e, caso as fontes de informação não fossem identificadas com nome próprio, avançou-se com a cópia traduzida da expressão associada à fonte (exemplo: “uma fonte do PP”). A origem da fonte (alínea l) parte do pressuposto da existência de fontes públicas, ligadas a organismos tutelados pelos órgãos de soberania espanhóis e/ou internacionais ou com ligações aos próprios órgãos de soberania (exemplo: deputados), sendo que, em caso de ausência de informação sobre a origem da fonte, optou-se pelo recurso à categoria “sem informação”.

Já a alínea m) refere-se ao envolvimento direto com o processo catalão, optando-se por considerar como “primária” toda e qualquer fonte com relevância para a questão catalã, sendo, por isso, utilizada a categoria em associação a: membros dos órgãos de soberania; membros de organizações partidárias com ligação direta a decisões sobre a Catalunha; manifestantes e/organizadores de eventos que tenham ligação direta com o processo independentista; empresários e/ou representantes de trabalhadores fixados na Catalunha; sendo uma “fonte secundária” toda a que não tenha interferência direta no processo catalão como: governantes estrangeiros; governantes de outras autonomias espanholas; jornalistas; empresários e/ou representantes de trabalhadores fixados fora da Catalunha.

No que respeita à presença de fontes profissionais (n) é importante explicitar que a mesma permite identificar os conteúdos que derivam do trabalho desenvolvido por profissionais de informação (relações públicas, assessores de imprensa, jornalistas, etc.). Para a alínea o) criou-se uma grelha que permitiu categorizar os “protagonistas” do discurso noticioso, constando nela os seguintes “atores”: 1) Membro do Governo Autónómico; 2) Porta-Voz Govern; 3) Deputado do Parlamento Autónómico; 4) Membro de Partido Autónómico; 5) Membro do Governo Espanhol; 6) Ministro; 7) Membro de Partido Nacional; 8) Deputado do Parlamento Nacional; 9) Rei; 10) Representante Real; 11) Governante de Província; 12) Assessor de Imprensa; 13) Membro de Movimento

Cidadão; 14) Membro de Associação Desportiva; 15) Cidadão individualizado; 16) Especialista; 17) Membro do Clero; 18) Empresário; 19) Força de Segurança; 20); Jornalista; 21) Membro Cultural; 22) Presidente do Parlamento Autónómico; 23) Documentação; 24) Alcalde; 25) Tribunal Superior de Justiça da Catalunha; 26) Tribunal Constitucional; 27) Juiz; 28) Porta-Voz Governo Espanha; 29) Porta-Voz Partido; 30) Ex-Governante Espanhol; 31) Ex-Governante Catalunha; 32) Ex-Governante Outros [Espanha]; 33) Eurodeputado; 34) Comissão Europeia; 35) Governante Estrangeiro; 36) Ex-Governante Estrangeiro; 37) Candidato Eleições Catalunha 2017; 38) Membro Destituído Governo da Catalunha; 39) Senador Espanhol; 40) Meios de Comunicação; 41) Supremo Tribunal; 42) Audiência Nacional; 43) Fiscalía/Ministério Público; 44) Sem informação.

Já a alínea p) permitiu avaliar em que contexto as fontes forneceram informação ao autor do trabalho jornalístico através da criação de uma grelha de tipificação com os seguintes itens: 1) Press Release e/ou Comunicado; 2) Entrevista direta e/ou exclusivo; 3) Conferência de imprensa; 4) Visita; 5) Manifestação; 6) Evento e/ou ação de campanha eleitoral; 7) Reunião; 8) Sessões Parlamento Nacional; 9) Sessões Parlamento Autónómico; 10) Sessão do Senado; 11) *Soundbite*/Encontro "informal" com jornalistas; 12) Redes Sociais; 13) Diploma legal; 14) Resolução e/ou Acórdão judicial; 15) Artigos de Opinião; 16) Peças Jornalísticas; 17) Editoriais; 18) Declaração Institucional; 19) Sem informação.

Tendo em conta a diversificação das fontes de informação de acordo com a sua ideologia política, a alínea q) serviu para identificar as ligações partidárias, sendo que a ausência de ligação identificada foi categorizada como “sem informação”.

Além da mancha gráfica ocupada pelos conteúdos jornalísticos, procedeu-se também à medição do tamanho das declarações reproduzidas, pelo que se consideraram declarações “pequenas” todas as que compreendiam até 100 caracteres sem espaço, declarações “médias” as que contam até 500 caracteres, as “grandes” com declarações cuja dimensão é superior a 500 caracteres. Foram ainda consideradas duas categorias: “sem declaração direta” e “sem informação”.

Considerou-se ainda na análise a avaliação da posição da fonte face à independência - alínea s - tendo em linha de conta as posições demonstradas ao longo dos anos pelos protagonistas identificados, bem como foi possível avaliar a posição da declaração da fonte nos conteúdos jornalísticos face à independência - alínea u. Já a alínea t) permitiu a identificação dos temas das peças jornalísticas, partindo de uma grelha que considerava: 1) Referendo Autonomico; 2) Eleições Gerais; 3) Eleições Autónomicas (extra Catalunha); 4) Independência Catalã; 5) Detenção Presos Políticos (pós-referendo); 6) Campanha Eleitoral; 7) Manifestações Setembro 2017; 8) Diferença entre questão Catalã e Basca; 9) Orçamento Catalunha; 10) Consulta Popular 9-N 2014 e complicações judiciais; 11) Sanções aos políticos por causa da Catalunha (setembro 2017); 12) Detenções CUP 2016; 13) Investidura Rajoy 2016; 14) Eleições Autónomicas Catalunha 2017; 15) Exílio Puigdemont; 16) Aplicação artigo 155; 17) Declaração Unilateral de Independência; 18) Manifestações Outubro 2017; 19) Violência Policial; 20) Doutrinação educacional; 21) Ilegalização de partidos independentistas; 22) Envolvimento russo na Catalunha; 23) Ameaças e Vandalismo; 24) Celebrações Hispanidade 2017; 25) La Diada 2017 (11 de setembro). Por fim, procedeu-se também ao levantamento do autor dos conteúdos noticiosos.

Será ainda importante explicitar os critérios utilizados para a classificação dos “atores”, destacando que foram considerados como “Membro do Governo Autonomico” todos os que têm relação direta com o órgão de soberania responsável pela gestão das autonomias espanholas, quer por via de nomeação, quer por via do exercício de atividade profissional (membros da estrutura do governo). No caso “Porta-Voz Govern” consideraram-se os dois rostos que, no período de análise, assumiram esta função de forma cumulativa com as funções no Governo Autonomico da Catalunha (Neus Munté e Jordi Turull). Em “Deputado do Parlamento Autonomico” consideraram-se todos os que exerceram funções durante os períodos em análise nos Parlamentos Autónomicos. Já em “Membro de Partido Autonomico” consideraram-se todos os militantes/simpatizantes declarados dos partidos autonómicos alvo de análise, sendo importante destacar o facto de que são considerados partidos autonómicos todos os que, pela sua relevância no quadro político espanhol, continuam diretamente

associados à Catalunha, ainda que possam ter representação nacional (exemplo: CUP e ERC).

Na categoria “Membro do Governo Nacional” consideraram-se todos os que têm relação direta com o órgão de soberania responsável pelo governo de Espanha, quer por via de nomeação, quer por via do exercício de atividade profissional (membros da estrutura do governo). Em simultâneo, foi ainda criada a categoria “Ministro”, que permitiu distinguir, em associação com a categoria anterior, a importância no quadro do Governo Nacional. Foi tipificado ainda o “Porta-Voz Governo Espanha”, ministro responsável por representar o governo. Tal como no caso dos partidos autonómicos, foi ainda considerada a categoria “Membro de Partido Nacional”, de forma a identificar todos os militantes/simpatizantes declarados de partidos de expressão nacional e com sede na capital espanhola. Em “Deputado do Parlamento Nacional” consideraram-se todos os que exerceram funções durante os períodos em análise no Parlamento espanhol. Também a categorização permitiu a inclusão da categoria “Porta-Voz Partido”, associada diretamente ao representante dos partidos, bem como “Senador Espanhol”, relativa a todos os senadores espanhóis.

A categoria “Rei” foi utilizada em exclusivo com o rei Felipe VI, sendo a categoria “Representante Real” atribuída aos restantes membros da Casa Real, em particular Letizia Ortiz, aos porta-vozes da Casa Real, aos conselheiros, adjuntos e assessores. Na categoria “Governante de Província” foram considerados os membros que desempenharam funções de governação nas províncias espanholas. Já em “Alcalde” foram considerados todos os presidentes de municípios espanhóis, ao passo que os membros que constituem os órgãos de soberania dos designados *ayuntamientos* foram categorizados em “Outra” como “Ayuntamiento” e o nome respetivo da localidade.

Já na categoria “Membro de Movimento Cidadão” consideraram-se todos os elementos constituintes de movimentos não políticos organizados por cidadãos, sendo também a categoria utilizada para a classificação da própria organização. Ao passo que “Cidadão Individualizado” serve para a classificação de cidadãos cuja relação direta com movimentos de cidadãos não é explicitada nos trabalhos jornalísticos. “Membro de Associação Desportiva” acomodou ao longo da análise as fontes provenientes do meio

desportista, quer por via de relação laboral, quer por envolvimento em estruturas e órgãos sociais. Já na categoria “Especialista” foram considerados todos os que, por via da sua atividade profissional ou conhecimento comprovado sobre os temas abordados, apresentaram e contextualizaram o processo independentista.

Na categoria “Membro do Clero” foram considerados todos os indivíduos responsáveis por assegurar a prática religiosa de qualquer credo. Em “Empresários” foram considerados todos os desempenham funções executivas ou com ligações ao setor empresarial. Já na categoria “Força de Segurança” optou-se por considerar todas as forças de segurança com papel ativo no estabelecimento da ordem, pelo que contempla Guardia Civil, Guardia Urbana, Mossos d’Esquadra, Exército espanhol, etc. Os profissionais de informação responsáveis pela criação e redação jornalística foram contemplados em “Jornalista”, já os elementos provenientes do mundo cultural, como escritores, atores, músicos, foram acomodados em “Membro Cultural”.

Dada a relevância do papel atribuído à gestão da atividade do Parlamento Autnómico no quadro do processo catalão optou-se por instituir a categoria “Presidente do Parlamento Autnómico”, não se tendo procedimento à mesma distinção no que respeita a Ana Pastor, presidente do Parlamento Nacional.

Criou-se ainda a categoria “Ex-Governante Espanhol”, que serviu para agrupar todas as fontes que, em dado momento, exerceram funções de governação em Espanha. Considerou-se ainda “Ex-Governante Outros (Espanha)” para todos os antigos governantes de órgãos de soberania que não se encaixem na tipificação de abrangência nacional. Já os antigos dirigentes da Catalunha foram caracterizados como “Ex-Governante Catalunha”.

Dadas as alterações políticas registadas em 2017 na Catalunha, procedeu-se à criação de duas categorias específicas, de forma a facilitar a leitura dos dados. Assim, criaram-se as categorias “Membro Destituído Governo da Catalunha”, relativa aos membros do governo autonómico catalão, destituído após a aplicação do artigo 155º; “Candidato Eleições Catalunha 2017”, que permitiu a identificação dos candidatos às eleições autonómicas convocadas aquando da suspensão da autonomia catalã.

De forma a responder à necessidade de classificar um conjunto de fontes internacionais, procedeu-se à criação de categorias como: “eurodeputado”, de forma a acomodar todos os que tiveram lugar em 2016 e 2016 no Parlamento Europeu; “Comissão Europeia”, utilizado para todos os representantes deste órgão; “Governante Estrangeiro”, que compreende desde governação direta a embaixadores; “Ex-Governante Estrangeiro”, relativo a antigos governantes fora de Espanha.

No caso dos órgãos de justiça, os mesmos foram tipificados em separado, tendo sido criadas as categorias “Tribunal Superior de Justiça da Catalunha”, “Tribunal Constitucional”, “Supremo Tribunal”, “Audiência Nacional” e “Fiscalia/Ministério Público”. Sempre que se justificou, além da associação direta do órgão judicial, foi feita a associação à categoria “Juiz”. Foi ainda criada a categoria “Documentação”, que permitiu identificar as fontes documentais consultadas pelos produtores dos conteúdos noticiosos.

Importa ainda reforçar que, tal como explicado no início deste capítulo, a seleção dos jornais teve em consideração a linha editorial dos mesmos, bem como a posição que ocupam no *ranking* de vendas nas suas áreas de influência (dois jornais de âmbito nacional e dois de âmbito iminentemente local), havendo lugar à opção por dois jornais representativos de uma ideologia de centro-esquerda/esquerda e dois jornais representativos de centro-direita/direita.

Com um *corpus* documental expectável de grande dimensão, a análise feita foi delimitada temporalmente, como explicado no tópico anterior, a dois trimestres: setembro a novembro de 2016 e setembro a novembro de 2017, sendo o primeiro coincidente com um período com pouca agitação política associada à questão catalã e o segundo coincidente com o referendo pela autodeterminação da Catalunha, o que permitiu estabelecer uma análise temporal comparativa entre os dois períodos.

3.5. Resultados

3.5.1. Análise quantitativa

Com dois *corpus* distintos, a análise que se segue irá centrar-se naquele que é o corpus de estudo com dimensão mais significativa, a quantitativa. No total, foram analisadas 40 315 páginas de notícias, tendo sido estudadas de forma exaustiva 5 744 peças noticiosas publicadas exclusivamente em secções de “Política”, “Catalunha” e “Nacional (Espanha)”, que equivaleram ao mapeamento de 13 973 fontes de informação. Ao longo das próximas páginas serão identificados e comparados os protagonistas ouvidos pelos meios de comunicação, as temáticas de maior predominância, o grau de confidencialidade, os meios onde atuam e a posição face ao processo independentista catalão.

Ao todo, e por título, foram analisadas 1 525 peças jornalísticas do diário Ara, 1 181 conteúdos noticiosos do El Mundo, 1332 do jornal El País e 1 706 textos publicados no jornal La Vanguardia, destacando-se o grande volume de conteúdos noticiosos publicados em 2017, em particular durante outubro, mês em que decorreu o referendo pela autodeterminação da Catalunha e a fuga de Carles Puigdemont. É aliás de se destacar o facto do mês de outubro ter uma produção noticiosa 22% superior quando comparada com o segundo mês com mais trabalhos sobre o processo (setembro de 2017 com 1 386), e de 74% quando comparada com o mês com menos notícias relacionadas. É de destacar ainda o facto de, em setembro de 2017, o El País ser o jornal com um maior volume de notícias sobre o processo catalão, posicionando-se à frente do diário La Vanguardia, jornal que assume o pódio da publicação de conteúdos sobre a temática em três dos seis meses em análise (*Tabela 1: Distribuição de notícias publicadas*).

	Ara	El Mundo	El País	La Vanguardia	Total
Setembro '16	188	58	43	166	455
Outubro '16	180	68	59	185	492
Novembro '16	153	87	45	115	400
Setembro '17	350	262	412	362	1 386
Outubro '17	445	395	448	506	1 794

Novembro '17	209	311	325	372	1 217
Total	1525	1 181	1332	1 706	5 744

Tabela 1: Distribuição de notícias publicadas

No que respeita às fontes de informação, o jornal catalão Ara é o que apresenta um maior número absoluto de fontes (4 200), seguido do La Vanguardia, que apresenta menos 30 fontes que o jornal independentista catalão (4 170). Já os jornais El País e El Mundo apresentam valores substancialmente mais baixos quando comparados com os dois títulos catalães. No caso do El País foram identificadas 2 836 fontes de informação e no El Mundo 2 767 (*Gráfico 1: Relação Páginas Analisadas, Notícias e Fontes mapeadas*).

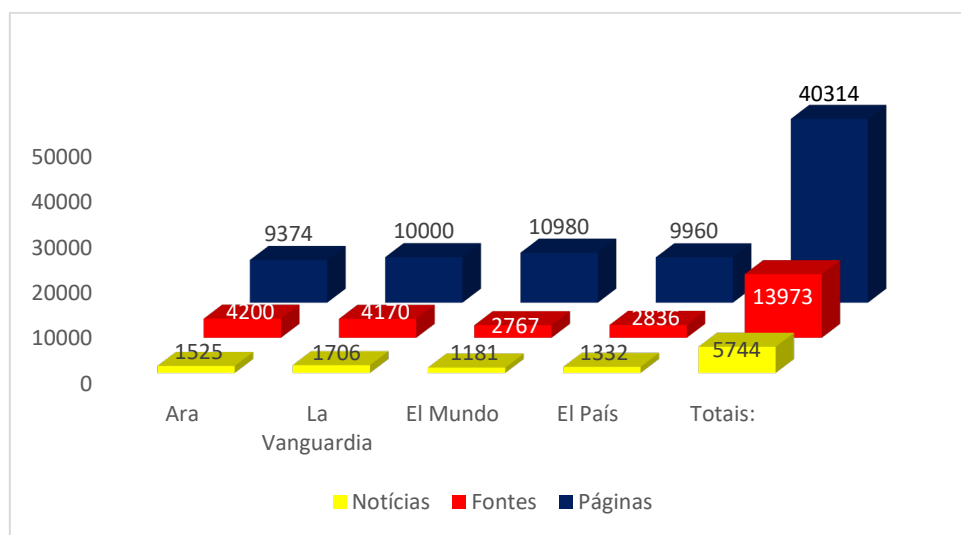


Gráfico 1: Relação Páginas Analisadas, Notícias e Fontes mapeadas

Percebe-se, deste modo, que, em média, o diário Ara recorre a 2,75 fontes por notícia, ao passo que o La Vanguardia tem uma média de 2,44 fontes. No caso do El Mundo a média cifra-se nos 2,34 e no El País nos 2,13.

	Ara	El Mundo	El País	La Vanguardia	Total

Setembro '16	494	166	86	349	1 095
Outubro '16	223	186	105	440	954
Novembro '16	351	222	85	223	881
Setembro '17	897	553	858	804	3 112
Outubro '17	1 427	1 010	1 068	1 470	4 975
Novembro '17	808	699	565	884	2 956
Total	4 200	2 836	2 767	4 170	13 973

Tabela 2: Distribuição das fontes de informação pelos meses de publicação

Assim, verifica-se que os jornais com sede na Catalunha são os maiores produtores de informação associada ao processo independentista catalão, sendo também os diários com o maior recurso às fontes de informação. No entanto, é importante sublinhar que estes trabalhos poderão ocupar uma mancha menor de texto quando comparadas com as peças publicadas nos outros jornais analisados.

Estabelece-se também desde já o quadro das fontes por género, destacando-se a existência de subcategorias genéricas para facilitar a leitura de dados de grupo (exemplo: partidos ou órgãos de soberania) (*Tabela 3: Distribuição das fontes de informação por género*).

	Ara	El Mundo	El País	La Vanguardia	Total
Feminino	810	490	483	642	2 425
Masculino	2 113	1 338	1 414	2 208	7 073
Grupo/Partido	385	283	279	485	1 432
Órgão de Soberania	94	135	125	167	521
Não identificado	798	521	534	669	2 522
Total	4200	2 767	2 836	4 170	13 973

Tabela 3: Distribuição das fontes de informação por género

Traçado o quadro geral sobre a recolha efetuada, importa agora analisar detalhadamente o recurso às fontes de informação por parte dos meios de comunicação, recorrendo à metodologia especificada no início deste capítulo.

3.5.1.1. Ara

Com 4 200 fontes de informação identificadas ao longo das 1 525 notícias analisadas, foi possível verificar que a produção de conteúdos noticiosos em 2017 registou um grande crescimento com a publicação de quase o dobro dos trabalhos (+ 92%).

No que concerne às temáticas que levaram à criação e publicação de conteúdos noticiosos para o Ara destacam-se as relacionadas diretamente com a independência catalã com 2741 fontes a falar sobre as mesmas, assim como 1906 fontes deram origem a produtos noticiosos associados ao referendo catalão (*Gráfico 2: Temáticas abordadas Ara*).

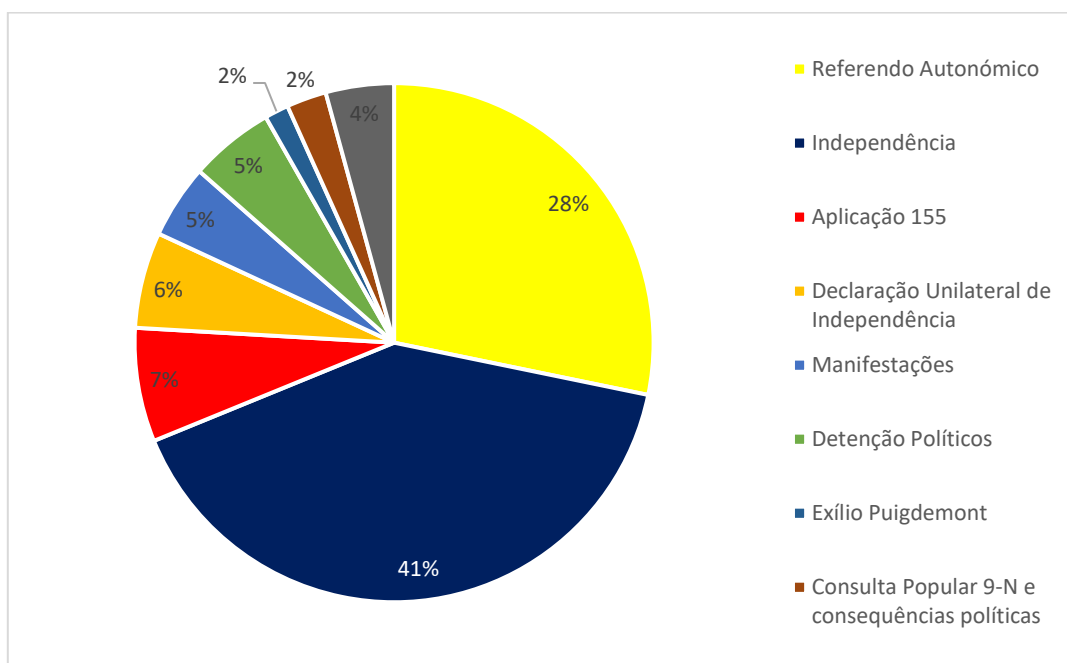


Gráfico 2: Temáticas abordadas Ara

Numa análise mais detalhada ao mapa das fontes identificadas, é possível verificar que Carles Puigdemont é a fonte mais citada ao longo dos trabalhos publicados (ver apêndice 2), num dado que realça o papel do antigo presidente da Generalitat catalã no processo pela independência. Carles Puigdemont corresponde a cerca de 4% (166) das fontes utilizadas pela equipa de redatores do Ara, sendo o segundo político mais mencionado Miquel Iceta, líder do partido PSC. Quando comparados os resultados dos dois políticos, é possível verificar que o líder do partido socialista autonómico, que durante os dois anos assumiu posições divergentes face ao PSOE, é fonte 83 vezes, o que equivale a metade de Puigdemont. Mariano Rajoy fecha o top três das fontes ao ser motor de 73 conteúdos, deixando para trás Xavier García Albiol, do PP, com 68 referências e Oriol Junqueras (ERC) a protagonizar como fonte de informação 64 peças. É também de sublinhar o facto de o sexo masculino ser o mais representado com 2113 fontes, que equivale a 50%. O sexo feminino é representado por 19,28% das fontes, ficando a categoria “Grupo” responsável por acomodar 9,16% das fontes e a “órgãos de soberania” cerca de 2,3% das fontes (*Gráfico 3: Top dos 20 protagonistas do discurso informativo Ara*).

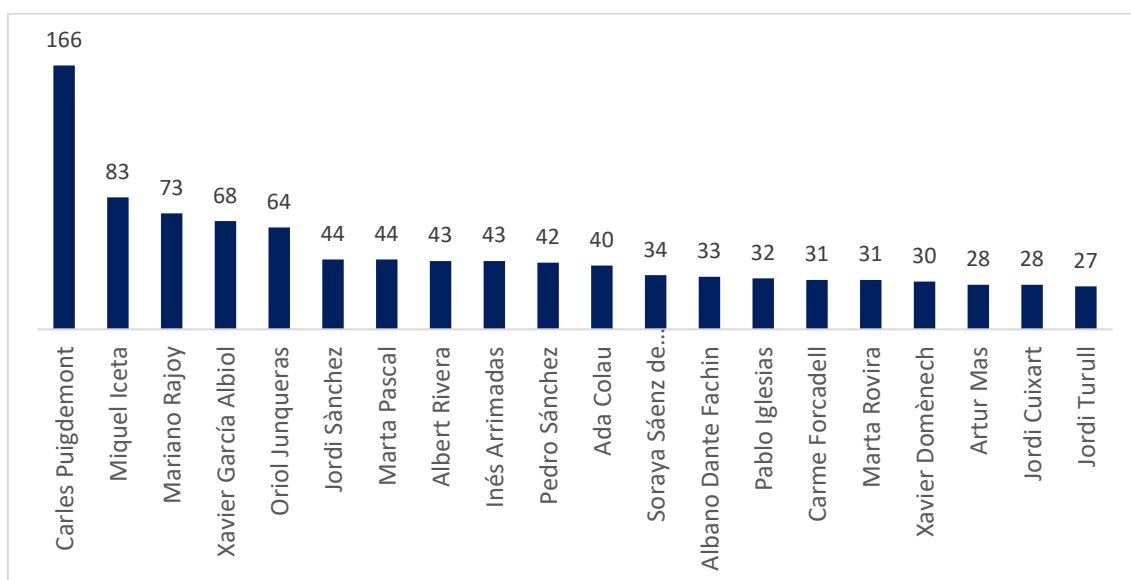


Gráfico 3: Top dos 20 protagonistas do discurso informativo Ara

No que respeita ao envolvimento das fontes de informação nos acontecimentos relatados, 74% das fontes assume um papel primário e 9,8% um papel secundário. Já 16,1% dos casos mapeados não apresenta qualquer informação. Importa ainda destacar a proveniência das fontes de informação, sendo que, no caso do Ara, as fontes públicas assumem especial relevância ao atingirem, em números absolutos, 2512, ao passo que as fontes privadas se cifram nos 1007, ficando 679 no campo “sem informação”.

Já numa análise ao estatuto/grupo a que pertencem as fontes de informação deste jornal, destaca-se o facto de a categoria mais repetida ser “Membro de Partido Autonómico”, que corresponde a 32,6% das fontes de informação, sendo 11,5% fontes tipificadas em exclusivo nesta categoria, seguida da categoria “Membro de Partido Nacional”, com 18,5%, dos quais 20,4% contam em exclusivo com esta referência. De notar que o Governo Autonómico da Catalunha representa 7,35% das fontes ouvidas pelos jornalistas, sendo que grande parte deles se encontra também tipificado como “Membro de Partido Autonómico”, representando o Governo Nacional, registaram-se 5,73% das fontes ouvidas, surgindo, deste modo, esta categoria atrás das fontes ligadas aos movimentos de cidadãos (6,3%). Do lote do grupo de fontes destaca-se ainda a relevância do “Cidadão Individualizado” no discurso jornalístico, com os jornalistas a ouvirem 226 vezes cidadãos sem ligação explícita a movimentos organizados. Esta presença resulta, em parte, de trabalhos ligados à cobertura de acontecimentos como manifestações e outros eventos. Ao todo, o discurso produzido pelo cidadão “comum”, em contexto de manifestação, equivaleu ao mapeamento de 130 fontes (*Gráfico 4: Top dos 20 dos grupos de fontes de informação Ara*).

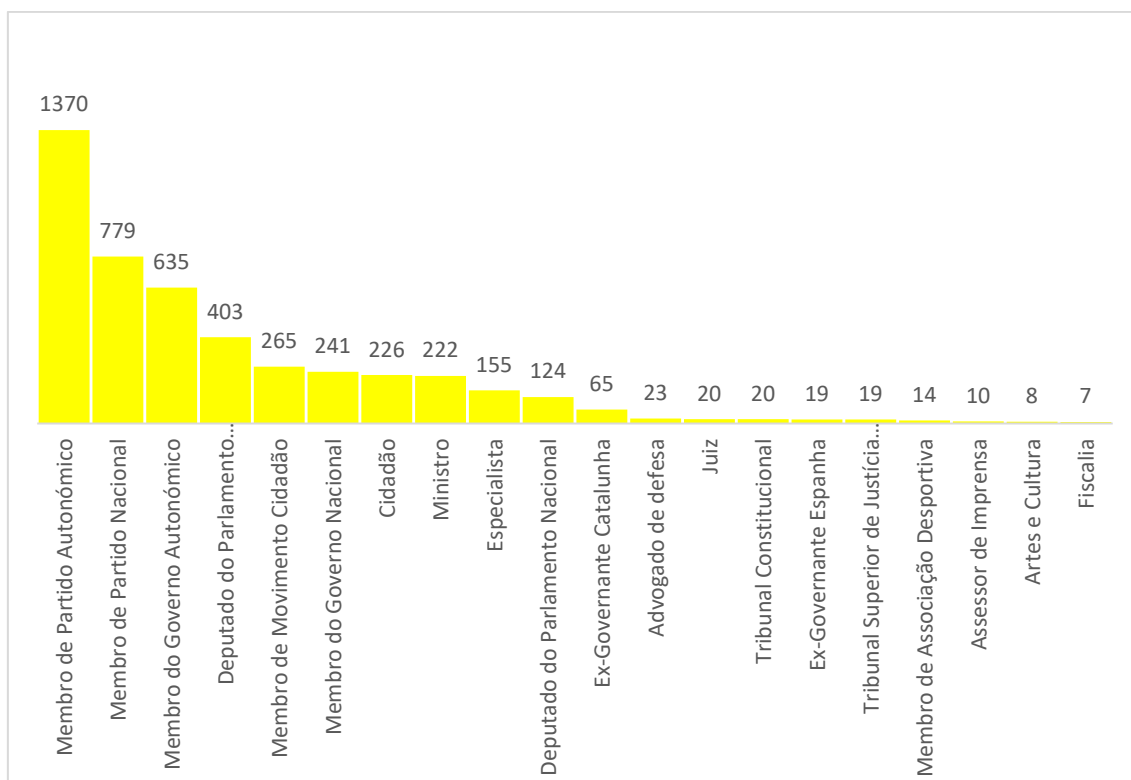


Gráfico 4: Top dos 20 dos grupos de fontes de informação Ara

Importa também identificar os partidos com maior influência na produção do discurso noticioso do Ara, ressaltando que em 1794 casos não foi possível apurar a ligação entre as fontes e a sua relação partidária. Deste modo, no caso do diário Ara destaca-se a assunção do PP como partido com mais conteúdos produzidos ao reunir, em termos absolutos, 432 fontes noticiosas. Já o PDECAT conta com 266 fontes provenientes da sua estrutura partidária. Há, no entanto, um dado de relevo a considerar, uma vez que este partido se coligou com outras forças políticas, dando origem a dois movimentos: o JxSí, que foi associado a 259 fontes de informação, e o JxCat, que conta com 17 relações estabelecidas. Além das referências a fontes PDECAT, é possível ainda analisar o volume de fontes associadas a partidos pró-processo independentista, reunindo, deste modo, 1037 fontes de partidos como os já mencionados: ERC, CUP, etc. (*Gráfico 5: Top dos 20 partidos com maior preponderância Ara*).

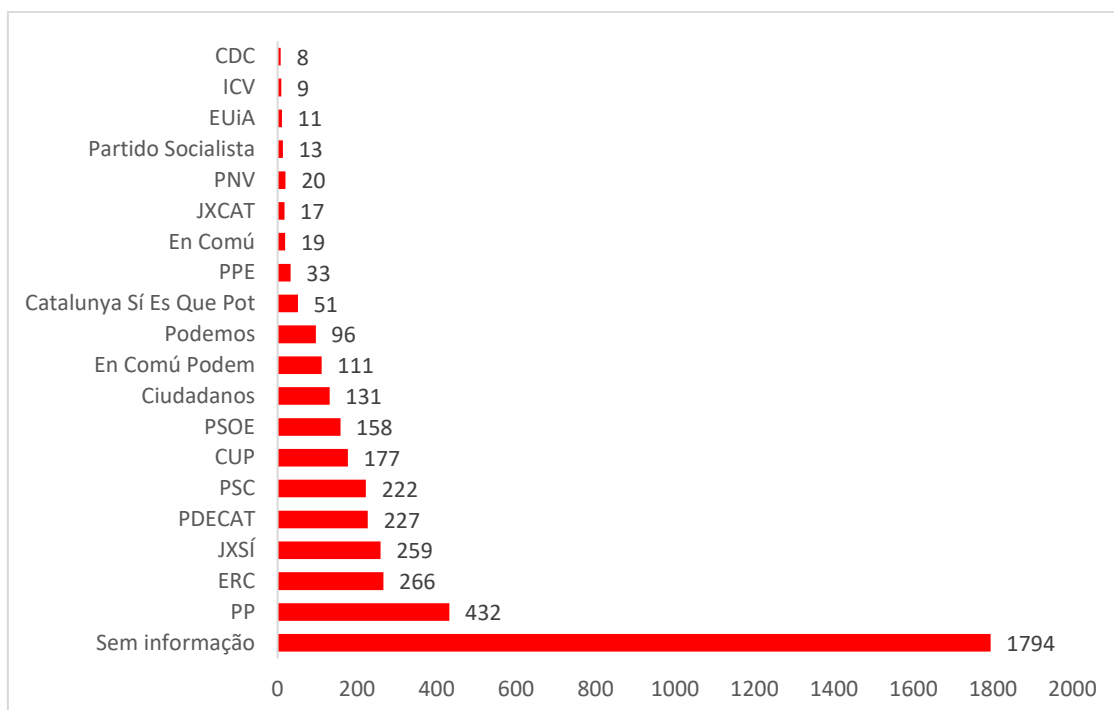


Gráfico 5: Top dos 20 partidos com maior preponderância Ara

É também essencial compreender a forma como as fontes de informação se posicionam face à independência e, neste caso, é possível verificar que o Ara deu primazia a fontes pró-independência com 38,7%. Já as fontes contra a independência são cerca de 1250, o que equivalem a 29,8%. Há ainda uma outra categoria a ter em linha de conta, a categoria “Indefinido”, que junta 483 fontes (*Tabela 4: Posicionamento das fontes de informação ouvidas pelo Ara*).

Pró-Independência	Contra a Independência	Indefinido	Sem informação
1 624	1 250	483	843

Tabela 4: Posicionamento das fontes de informação ouvidas pelo Ara

Também na análise exaustiva ao posicionamento demonstrado pelas fontes de informação nas suas declarações, é notória a ligação entre a posição demonstrada pelo que é dito e os valores assumidos pelas fontes perante a independência. Deste modo, verifica-se uma posição pró-independência assumida em 1144 fontes, com 175 a demonstrarem ser pró-referendo, ainda que possam não comungar de valores

independentistas. Também desta análise importa destacar a existência de posições de apelo ao diálogo, de condenação à violência policial, bem como pró e contra a aplicação do artigo 155 da Constituição espanhola e pró e contra a Declaração Unilateral da Independência da Catalunha.

Ora, dado o posicionamento editorial do Ara, um jornal independentista de esquerda, é notória a ligação entre a linha editorial e os valores partilhados pelas fontes de informação.

É ainda relevante perceber em que quadro atuam as fontes de informação nos conteúdos informativos publicados. Deste modo, pode adiantar-se que, no caso do Ara, 22,45% da informação é produzida com base em *soundbites* ou encontros informais com jornalistas, que congrega as conversas mantidas em momentos não formais com os jornalistas, seguido de entrevistas ou consultas formais às fontes (9,85%). Também as manifestações assumem um papel preponderante como cenário de atuação das fontes de informação com 8,73% das intervenções das fontes a acontecerem nestes espaços (Gráfico 6: Meios de atuação das fontes de informação Ara).

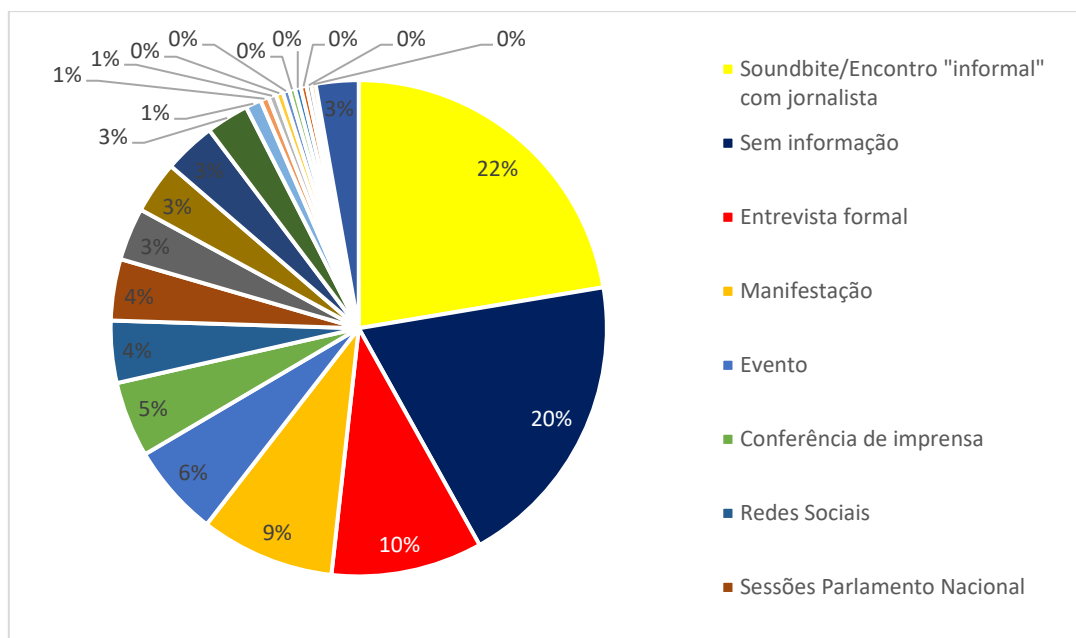


Gráfico 6: Meios de atuação das fontes de informação Ara

No que respeita aos graus de confidencialidade das fontes no jornal Ara, nota-se a predominância de conteúdos jornalísticos com fontes *on the record* (81%), seguindo-se

fontes *deep background* (11%) e *not for attribution* (4%). Importa ainda destacar o facto de, em 137 casos, se ter assumido a classificação “Sem Fonte” como sinónimo do trabalho de observação levado a cabo pelos jornalistas e redatores do Ara (Gráfico 7: Graus de Confidencialidade Ara).

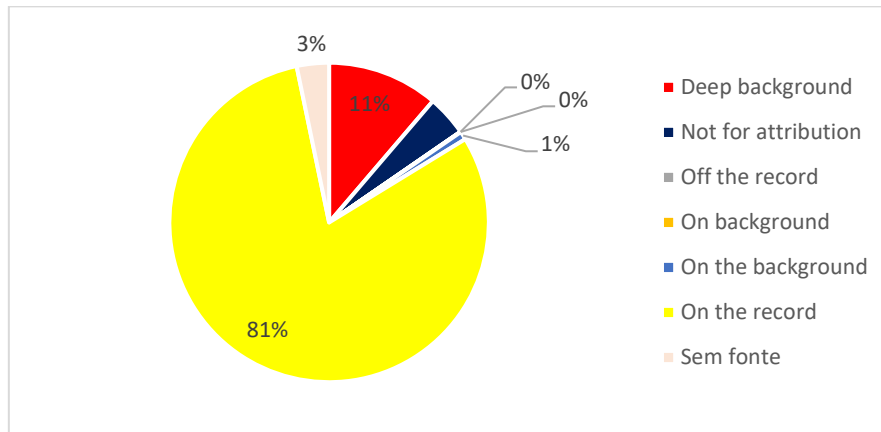


Gráfico 7: Graus de Confidencialidade Ara

Com a atenção voltada para a dimensão das declarações das fontes de informação do Ara é possível compreender que predominam as declarações de dimensão média (39%). Ao passo que as declarações de pequena dimensão representam 29% das fontes auscultadas (*Gráfico 8: Mancha ocupada pelas declarações das fontes Ara*).

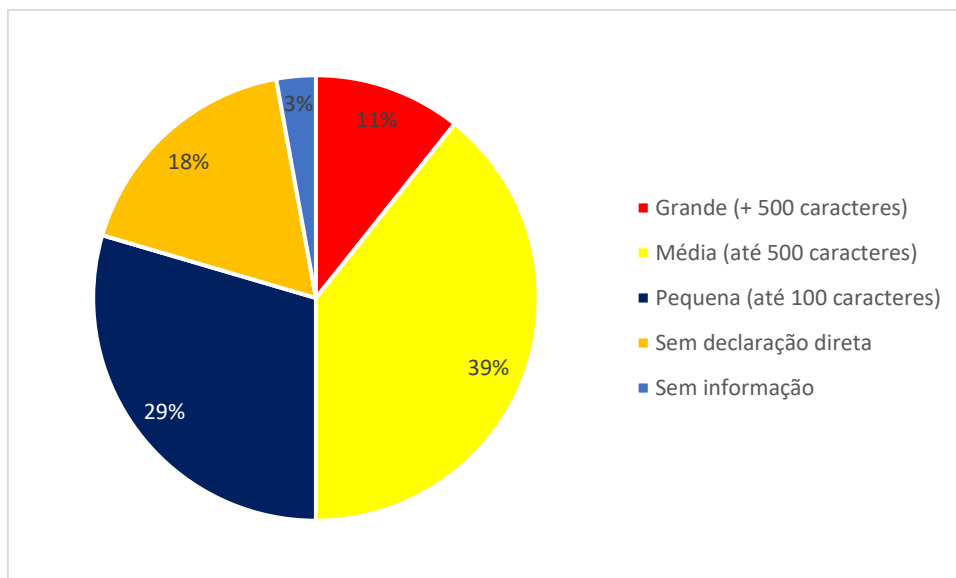


Gráfico 8: Mancha ocupada pelas declarações das fontes Ara

3.5.1.2. El Mundo

No caso do El Mundo foram mapeadas 2 767 fontes de informação, resultado da análise a 1 181 notícias, tendo-se verificado a mesma tendência que no Ara. O trimestre de 2017 foi o de maior produção de conteúdos noticiosos e as temáticas de referência estão relacionadas com a independência catalã, o referendo autonómico, a declaração unilateral de independência, manifestações, etc. (*Gráfico 9: Temáticas abordadas El Mundo*).

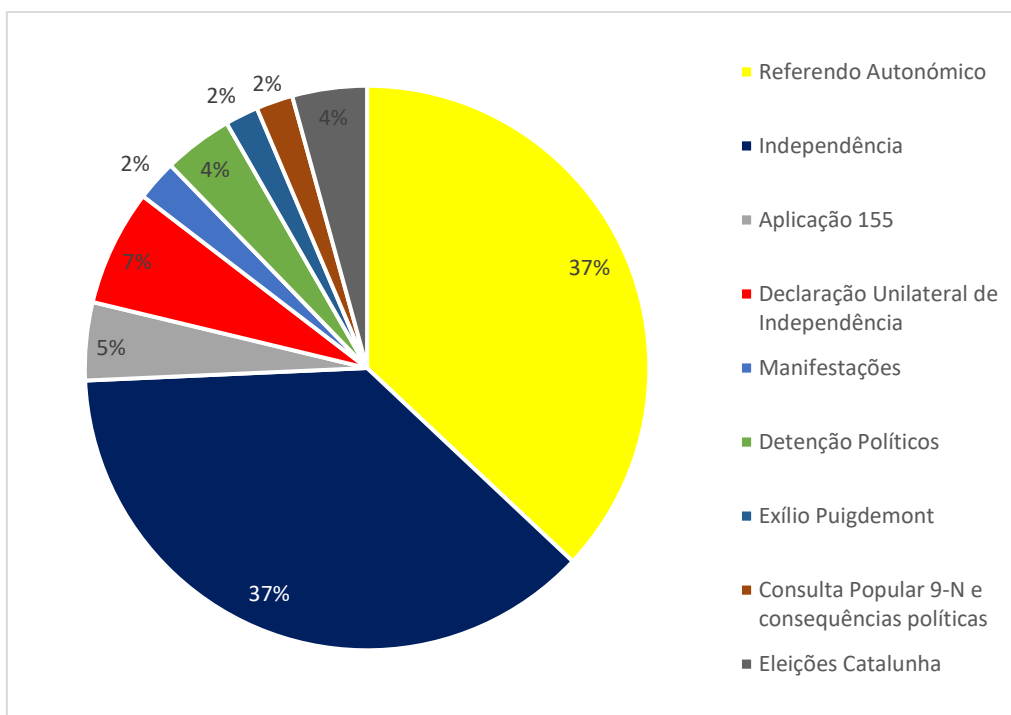


Gráfico 9: Temáticas abordadas El Mundo

Através do mapeamento das fontes de informação é possível verificar que Carles Puigdemont, tal como acontece no Ara, é a fonte com mais trabalhos jornalísticos associados correspondendo a cerca de 4% (91). Também o líder do PSC, Miquel Iceta, assume um papel preponderante ao ser a segunda fonte identificada para o El Mundo (1,7%). Mariano Rajoy, por sua vez, é também a terceira fonte de maior relevo ao contribuir como fonte 43 vezes. Da lista dos cinco primeiros protagonistas do discurso no El Mundo faz ainda parte Ada Colau, a responsável pelo município de Barcelona e líder da estrutura partidária local do partido de esquerda En Comú. Também Albert Rivera figura nestes primeiros cinco lugares, com o líder dos Ciudadanos a representar 1,33% do total de fontes do diário. Já no que respeita ao envolvimento das fontes de informação nos factos, denota-se que em 75% dos casos as fontes têm um envolvimento primário na ação noticiada, sendo que apenas 11,05% tem um papel secundário no relatado e 14,3% não apresenta qualquer dado quanto ao seu envolvimento (*Gráfico 10: Top dos 20 protagonistas do discurso informativo do El Mundo*).

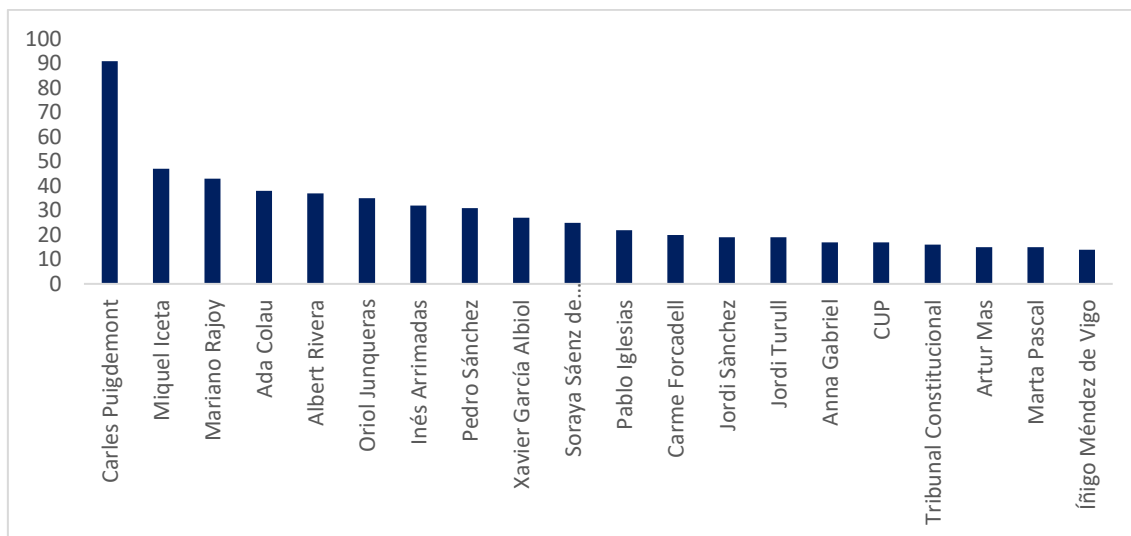


Gráfico 10: Top dos 20 protagonistas do discurso informativo do El Mundo

Destaca-se ainda a proveniência das fontes de informação, tendo em consideração as categorias apresentadas logo no início deste capítulo. Deste modo, no caso do El Mundo, as fontes públicas representam cerca de 64% das fontes de informação com as privadas a atingirem os 22%.

Por sua vez, numa análise ao estatuto/grupo associado às fontes de informação no El Mundo é de destacar o facto dos membros dos partidos autonómicos terem uma maior presença no discurso noticioso com o envolvimento de pessoas ligadas aos mesmos em 752 situações (27,1%). Segue-se, tal como acontecia no Ara, a categoria de “Membro de Partido Nacional” com 642 fontes associadas ao grupo. Também os deputados dos grupos parlamentares, quer autonómicos, quer nacionais, ganham relevo nesta análise ao serem associados 278 e 277 vezes, respetivamente, às fontes de informação tipificadas. Por sua vez, os membros dos governos autonómicos são associados a 7,44% das fontes (*Gráfico 11: Top dos 20 dos grupos de fontes de informação El Mundo*).

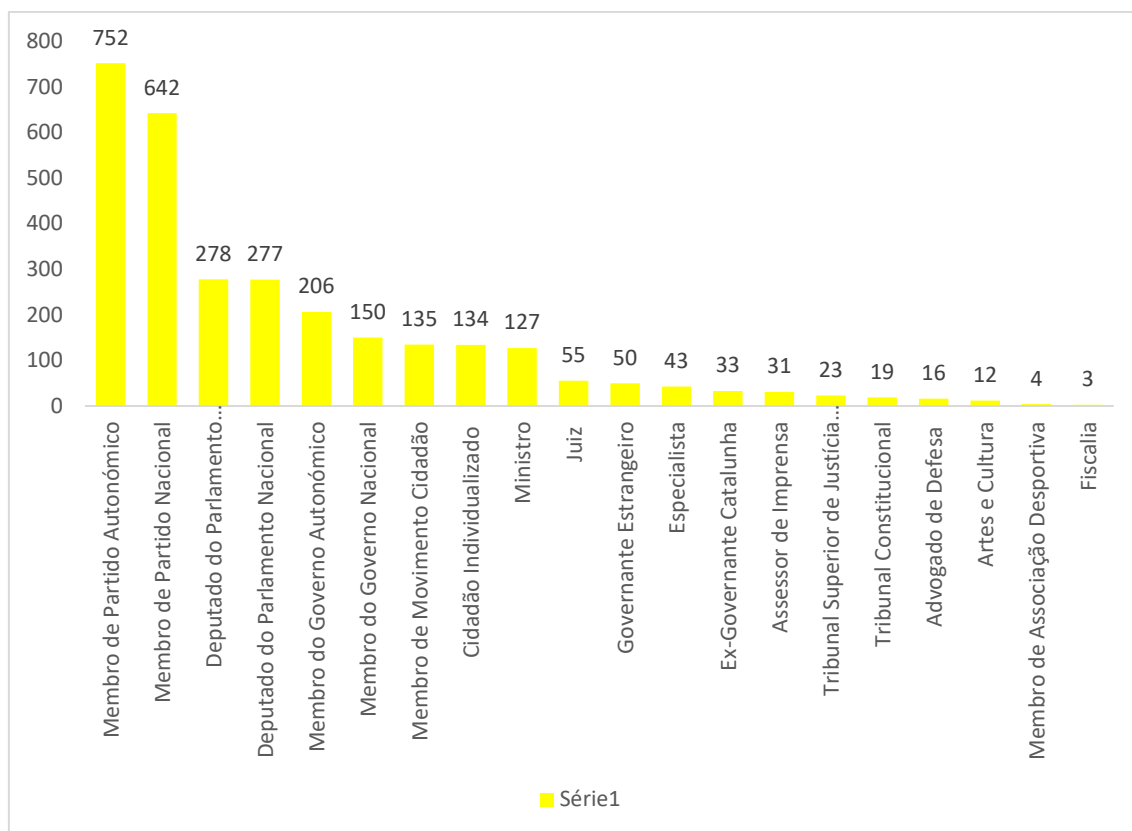


Gráfico 11: Top dos 20 dos grupos de fontes de informação El Mundo

Com um estudo voltado para a dinâmica das fontes selecionadas pelos meios de comunicação importa perceber qual a representatividade dos partidos nos conteúdos noticiosos produzidos pelo El Mundo. Na análise, foi possível identificar mais de 70 partidos de onde, entre outros, se destacam o PP, que conta com 11% de fontes ligadas à sua estrutura, e o PSOE, com 173 fontes identificadas como estando ligadas ao partido. Também o PSC se destaca na lista dos partidos com maior ligação às fontes ouvidas pelo diário espanhol, apresentando-se associado em 5,45% dos casos. De sublinhar, no entanto, que em 43,7% das fontes mapeadas não existia qualquer identificação direta com partidos. É ainda importante denotar que, numa análise aos primeiros cinco partidos com mais fontes, três são de âmbito nacional, um de âmbito autonómico, mas com ligações diretas ao PSOE (o PSC) e um outro autonómico que se assume como independentista (*Gráfico 12: Top dos 20 partidos com maior preponderância El Mundo*).

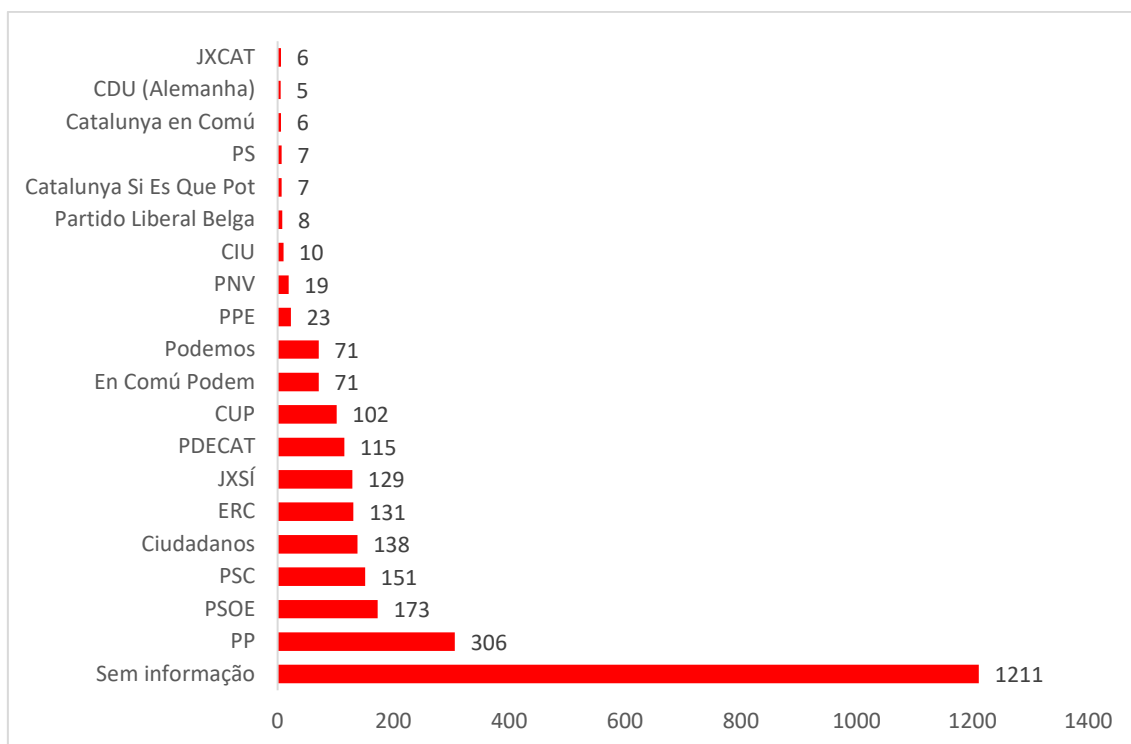


Gráfico 12: Top dos 20 partidos com maior preponderância El Mundo

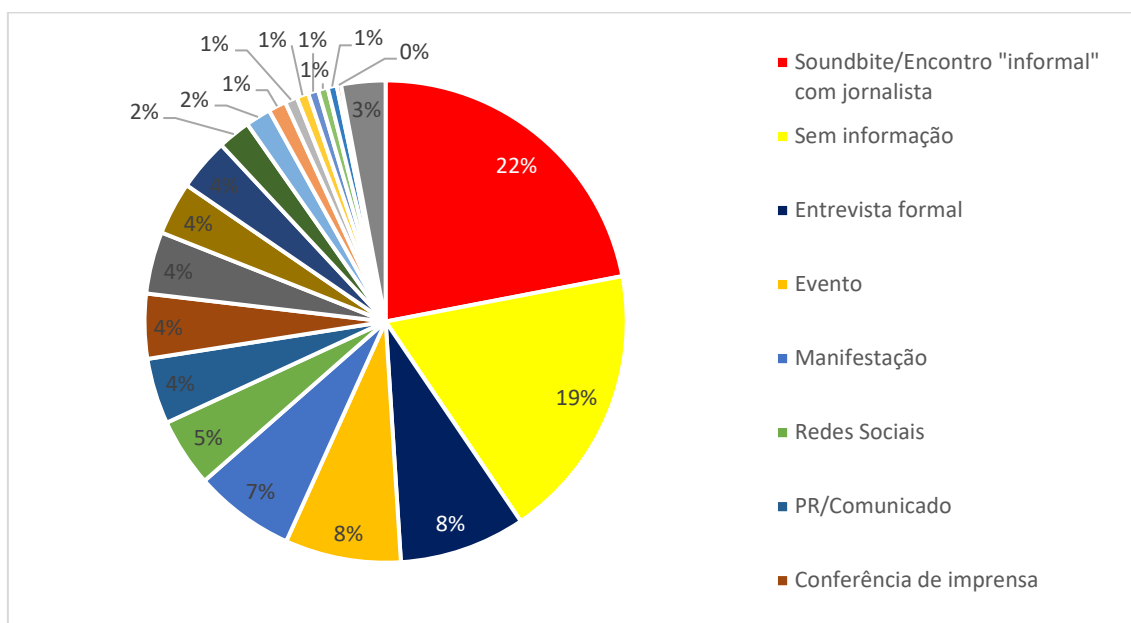
Já na análise à forma como as fontes de informação se posicionam face à independência é possível verificar que este jornal opta por dar mais espaço a fontes de informação contra a independência, apresentando-as 41,8% das situações alvo de escrutínio. Ao passo que, as fontes pró-independência representam 27,8% das fontes. Outro dado a ter em conta prende-se com a ausência de informação em 527 casos. Ora, perante os dados associados à posição das fontes é possível verificar que o El Mundo, alinhado com a sua postura editorial, opta por se afastar do discurso independentista (*Tabela 5: Posicionamento das fontes de informação ouvidas pelo El Mundo*).

Pró-Independência	Contra a Independência	Indefinido	Sem informação
763	1157	320	527

Tabela 5: Posicionamento das fontes de informação ouvidas pelo El Mundo

No que respeita ao posicionamento demonstrado pelas fontes de informação nas suas declarações é também visível a tendência para que o discurso assumira um carácter contra a independência, com 24,32% das fontes a demonstrarem-no através do seu discurso. Já a posição pró-independência é assumida por 19,08% das fontes. O discurso das fontes

foi ainda pautado por posições firmes de condenação à ação musculada da polícia (1%) e contra a concretização do referendo (2,2%). Registaram-se ainda valorizações classificadas como indefinidas (5,7%) e, com uma ampla maioria, “sem informação” (45,3%).



No que respeita aos graus de confidencialidade das fontes no El Mundo, nota-se a predominância de conteúdos jornalísticos com fontes *on the record* (81%), seguindo-se fontes *deep background* (11%) e *not for attribution* (4%). Importa ainda destacar o facto de, em 137 casos, se ter assumido a classificação “Sem Fonte” como sinónimo do trabalho de observação levado a cabo pelos jornalistas e redatores do El Mundo (*Gráfico 13: Graus de Confidencialidade El Mundo*).

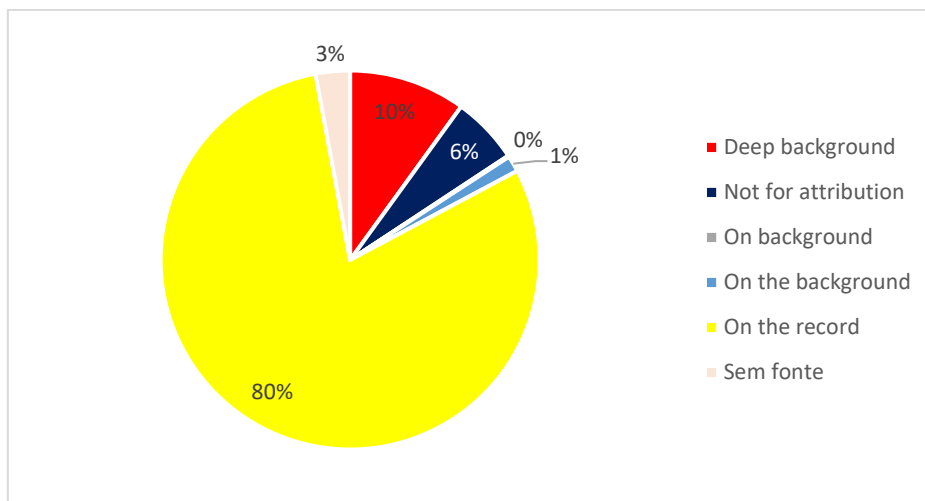


Gráfico 14: Graus de Confidencialidade El Mundo

Por fim, centrando as atenções na análise à mancha ocupada pelas declarações das fontes nota-se o domínio das declarações maiores do que 100 caracteres (65%) (*Gráfico 15: Mancha ocupada pelas declarações das fontes El Mundo*).

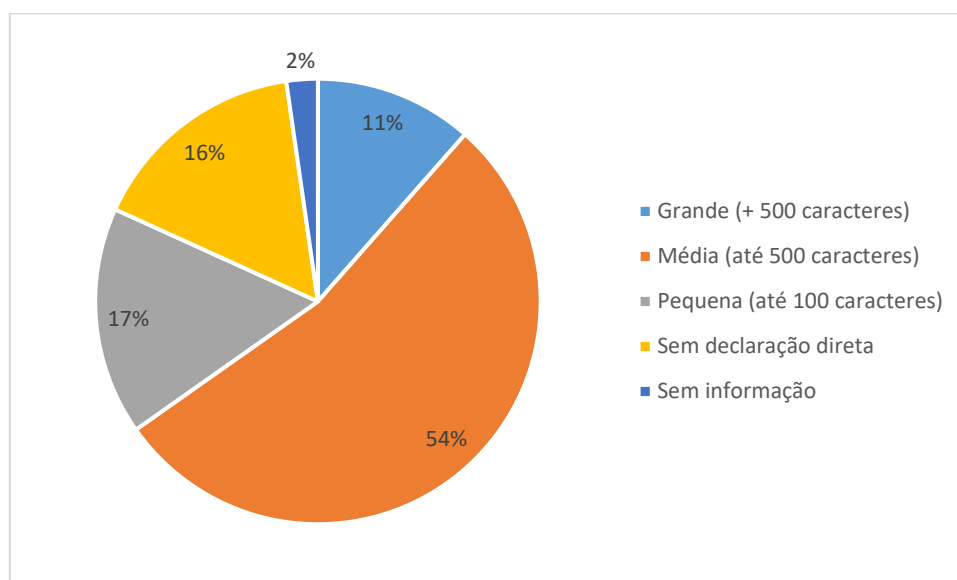


Gráfico 15: Mancha ocupada pelas declarações das fontes El Mundo

3.5.1.3. El País

Com 2 836 fontes de informação identificadas ao longo das 1 332 notícias analisadas, o El País reforçou a publicação de notícias relativas ao processo independentista catalão em 2017, como consequência do período de ebulição independentista, marcado pelo referendo pela autodeterminação e pela fuga de Carles Puigdemont para a Bélgica. Na análise às principais temáticas publicadas, é possível perceber que o Referendo Autonomico deu voz a 33% das fontes de informação analisadas e 39% a fontes que abordaram temáticas associadas à independência catalã (*Gráfico 16: Temáticas abordadas El País*).

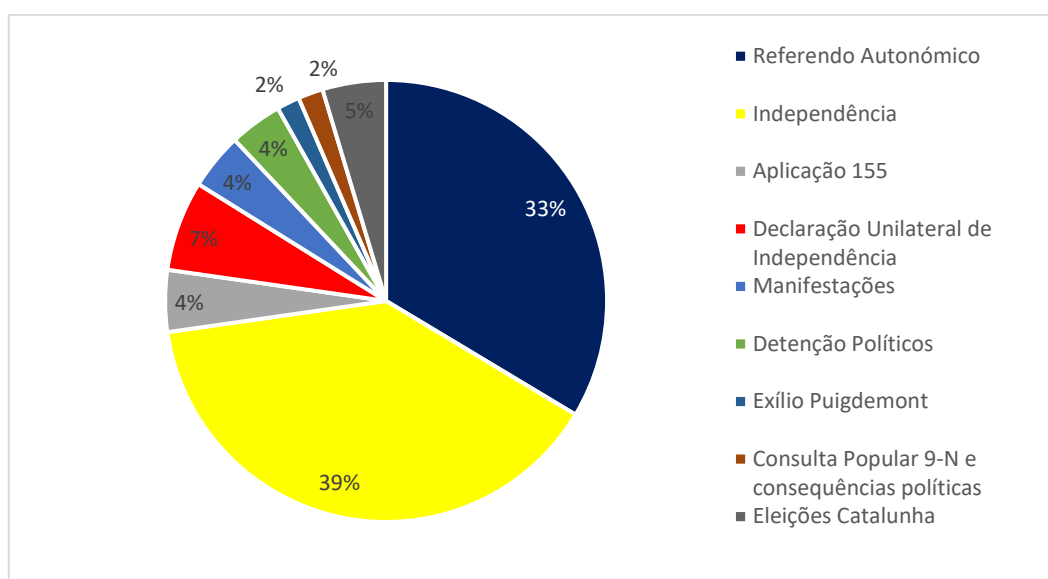


Gráfico 16: Temáticas abordadas El País

Também no El País, Carles Puigdemont assume a dianteira na lista das fontes de informação ouvidas pelos meios de comunicação atingindo a marca dos 4% com 100 notícias onde assume o protagonismo. Também o líder do PSC, Miquel Iceta, assume um papel preponderante ao ser a terceira fonte ouvida pelo jornal (2%). O na altura presidente do governo espanhol, Mariano Rajoy, volta a repetir o terceiro lugar no top das fontes de informação conhecidas, sendo fonte 44 vezes. O independentista Oriol Junqueras é o quarto protagonista identificado (37 vezes), fechando o lote dos principais protagonistas noticiosos. É também importante analisar o envolvimento das fontes com os factos, sendo que 67% dos protagonistas identificados têm um envolvimento primário e 17,8% tem um envolvimento secundário, não sendo possível identificar o

envolvimento das restantes fontes (*Gráfico 17: Top dos 20 protagonistas do discurso informativo do El País*).

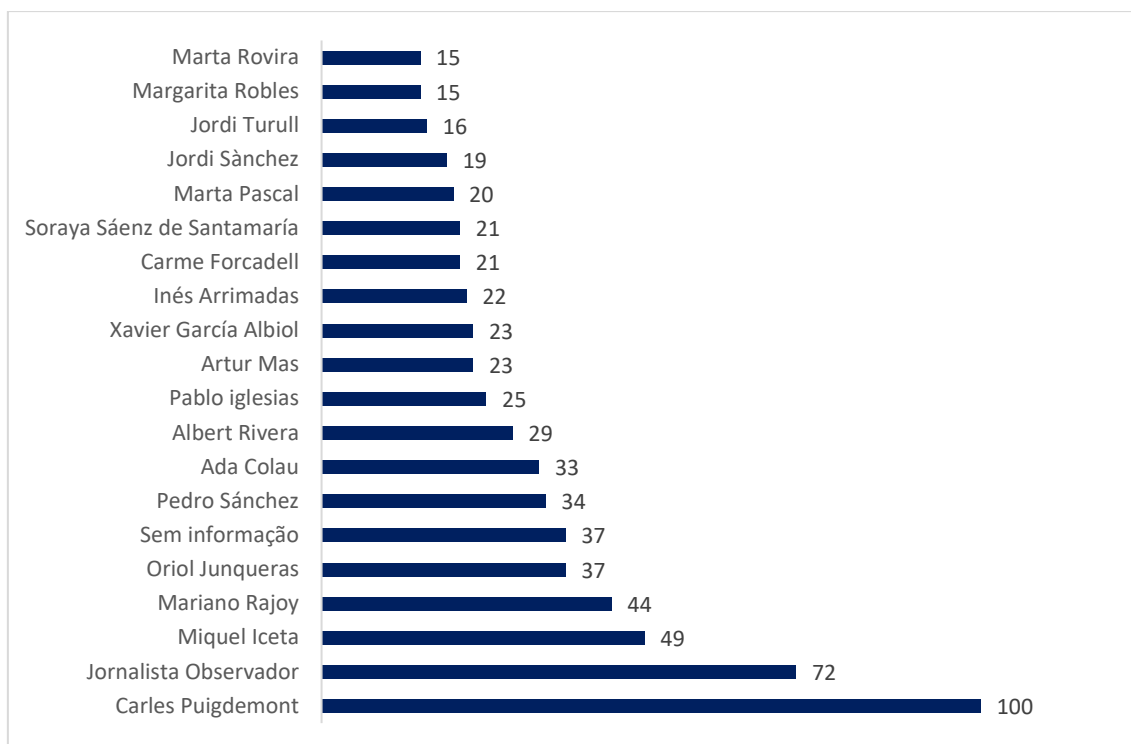


Gráfico 17: Top dos 20 protagonistas do discurso informativo do El País

Já na análise à origem das fontes, importa concluir que as fontes públicas assumem uma maior preponderância ao representar 59,4% das fontes de informação e as fontes privadas ao representar cerca de 26%. As restantes não permitem a identificação clara da sua origem.

Por sua vez, numa análise ao estatuto/grupo associado às fontes de informação no El País volta a destacar-se o facto dos membros dos partidos autonómicos terem uma maior presença com 664 fontes, equivalendo a 23%. Segue-se, tal como acontecia nos outros dois jornais, a categoria de “Membro de Partido Nacional” com 549 fontes associadas ao grupo. O protagonismo também é repartido com os deputados dos grupos parlamentares do Parlamento Autonómico (254 fontes) e do Parlamento Nacional (235 fontes). Já os membros dos governos autonómicos são associados a 7% das fontes (*Gráfico 18: Top dos 20 dos grupos de fontes de informação El País*).

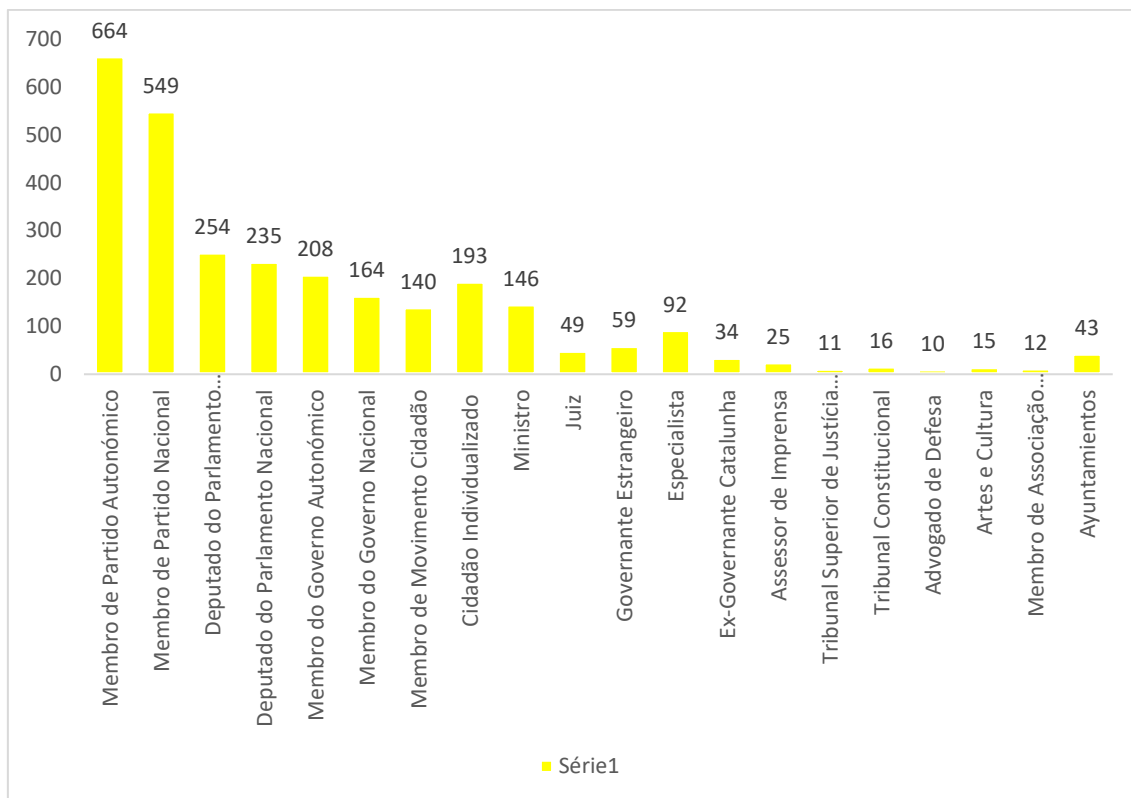


Gráfico 18: Top dos 20 dos grupos de fontes de informação El País

É também importante ter em linha de conta o quadro político das fontes de informação, abordando a representatividade partidária dos mesmos nas publicações em análise. Deste modo, verifica-se uma predominância de fontes identificadas com o PP, que conta com 10% das fontes, seguido do PDECAT, com 6% e 170 fontes. Já o PSOE e o ERC valem, cada um, 5% das fontes analisadas. É também de relevo destacar que, agrupando os primeiros vinte partidos com maior volume de fontes por partidos pró e contra a independência, 26% das mesmas estão ligadas a partidos contra a independência da Catalunha e 19% a partidos pró-independência (*Gráfico 19: Partidos com preponderância El País*).

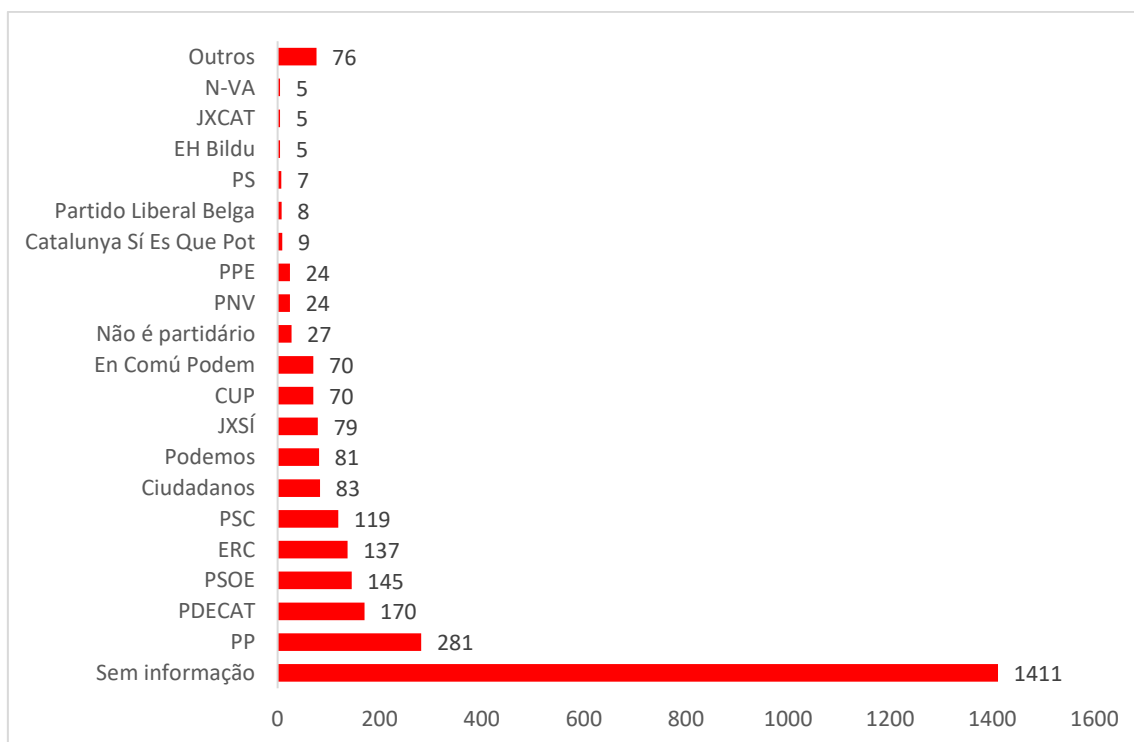


Gráfico 19: Partidos com preponderância El País

Tal como nos outros jornais, é importante analisar o posicionamento das fontes de informação face à independência catalã. Deste modo, também no El País as fontes de informação que assumem estar contra a independência surgem em maioria, equivalendo a 36,2%. Já as fontes pró-independência representam 28% dos casos analisados. Outro dado a ter em conta prende-se com a ausência de informação em 680 casos (*Tabela 6: Posicionamento das fontes de informação ouvidas pelo El País*).

Pró-Independência	Contra a Independência	Indefinido	Sem informação
794	1 028	334	680

Tabela 6: Posicionamento das fontes de informação ouvidas pelo El País

Já no que respeita à avaliação da posição das fontes de informação nas declarações prestadas ao El País destacam-se também as posições contra a independência com 31% e 25% a assumirem declarações pró-independência.

Deste modo, perante os dados apresentados, em particular no que respeita às posições das fontes perante a independência da Catalunha, é possível verificar que o El País,

jornal que assume uma postura vincada contra a independência, optou pelo recurso a fontes alinhadas com a sua posição.

Já no que respeita à forma através da qual a informação chega à redação importa destacar que em 24% das fontes o contacto decorre de *soundbite*/encontro informal com jornalistas e, em 10% das situações, o contacto é feito através de entrevista formal. Com as manifestações a servirem de palco para as fontes, tal como os eventos, em 6% dos casos (*Gráfico 20: Meios de atuação das fontes de informação El País*).

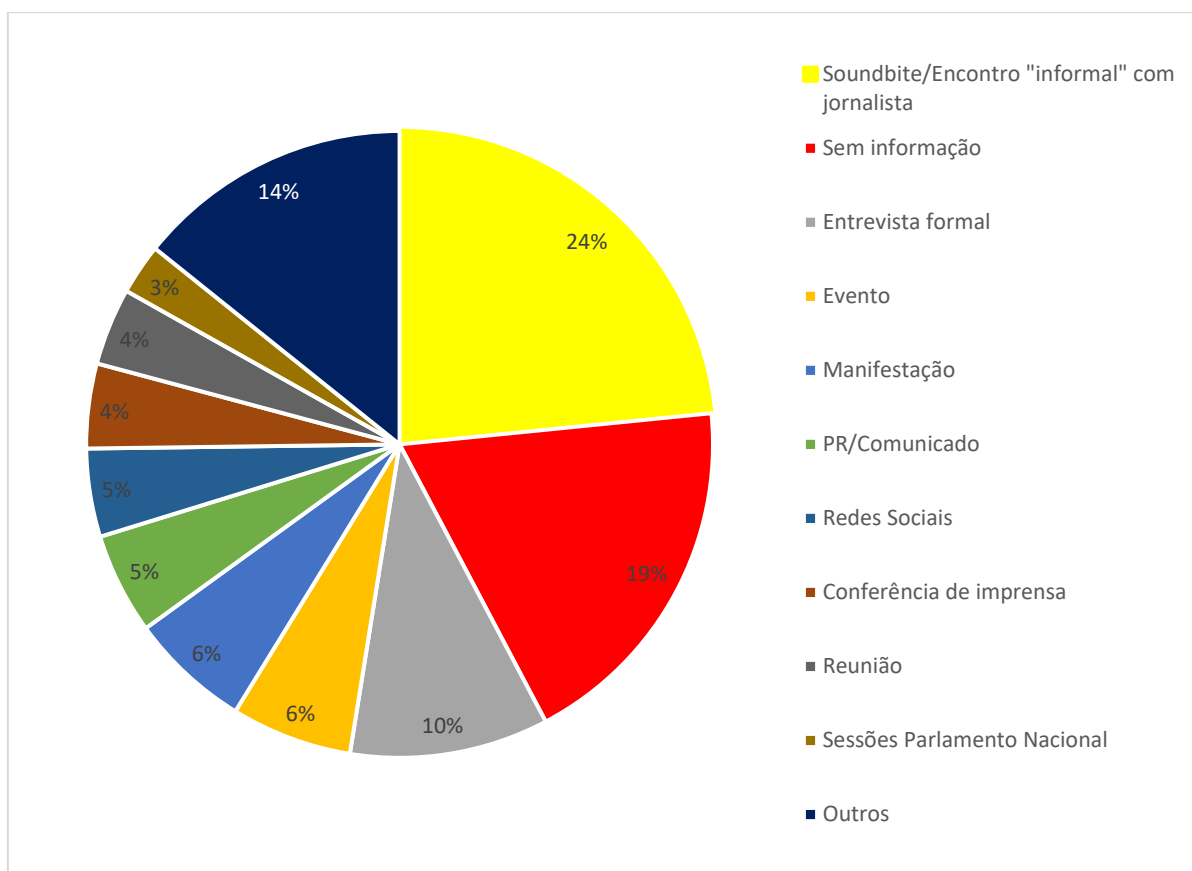


Gráfico 20: Meios de atuação das fontes de informação El País

Numa análise aos graus de confidencialidade das fontes no El País, nota-se a predominância de conteúdos jornalísticos com fontes *on the record* (79%), seguindo-se fontes *deep background* (9%). No caso da categoria *not for attribution* (7,4%), e a título de curiosidade, destacam-se as ligações à categoria de grupo “cidadão individualizado” e “forças de segurança”. Importa ainda sublinhar que, em 88 casos, se assumiu a

classificação “Sem Fonte” como sinónimo do trabalho de observação levado a cabo pelos jornalistas e redatores do Ara (*Gráfico 21: Graus de Confidencialidade El País*).

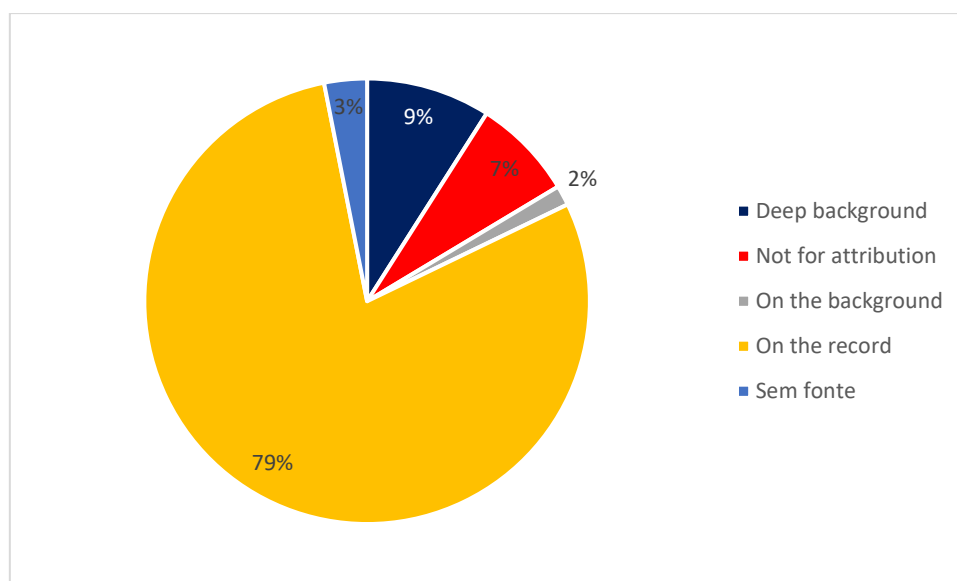


Gráfico 21: Graus de Confidencialidade El País

Já na análise à mancha ocupada pelas declarações das fontes, as declarações diretas com mais de 100 caracteres e menos 500 caracteres são as mais registadas, sendo, por isso, tipificadas como declarações de “média” dimensão (46% das fontes) (*Gráfico 22: Mancha ocupada pelas declarações das fontes El País*).

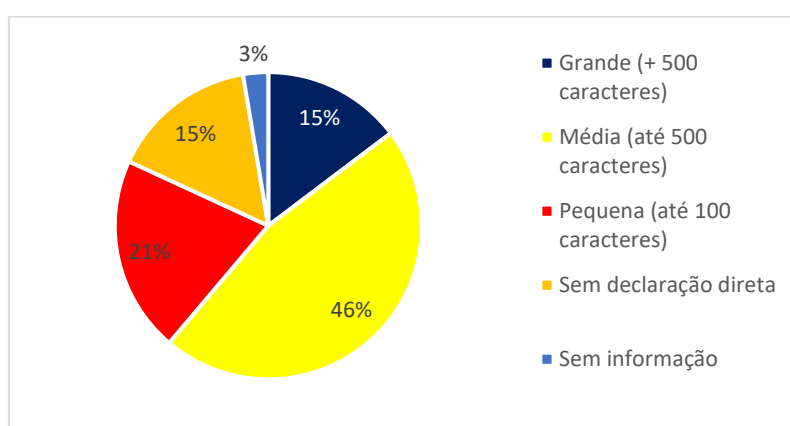


Gráfico 22: Mancha ocupada pelas declarações das fontes El País

3.5.1.4. La Vanguardia

Com 4 170 fontes de informação identificadas ao longo das 1 706 notícias analisadas, o mês de outubro de 2017 foi o que conduziu à publicação de mais conteúdos noticiosos sobre o processo independentista na Catalunha no La Vanguardia, como consequência da concretização do referendo a 1 de outubro. Deste modo, é importante perceber quais foram as principais temáticas publicadas durante os períodos em análise. A independência da Catalunha foi o tema que envolveu o recurso a um maior volume de fontes de informação, equivalendo a 37% da análise. Já o referendo da Catalunha monopolizou 25% das fontes e a aplicação do artigo 155º da Constituição espanhola originou 10% das interações analisadas (*Gráfico 23: Temáticas abordadas La Vanguardia*).

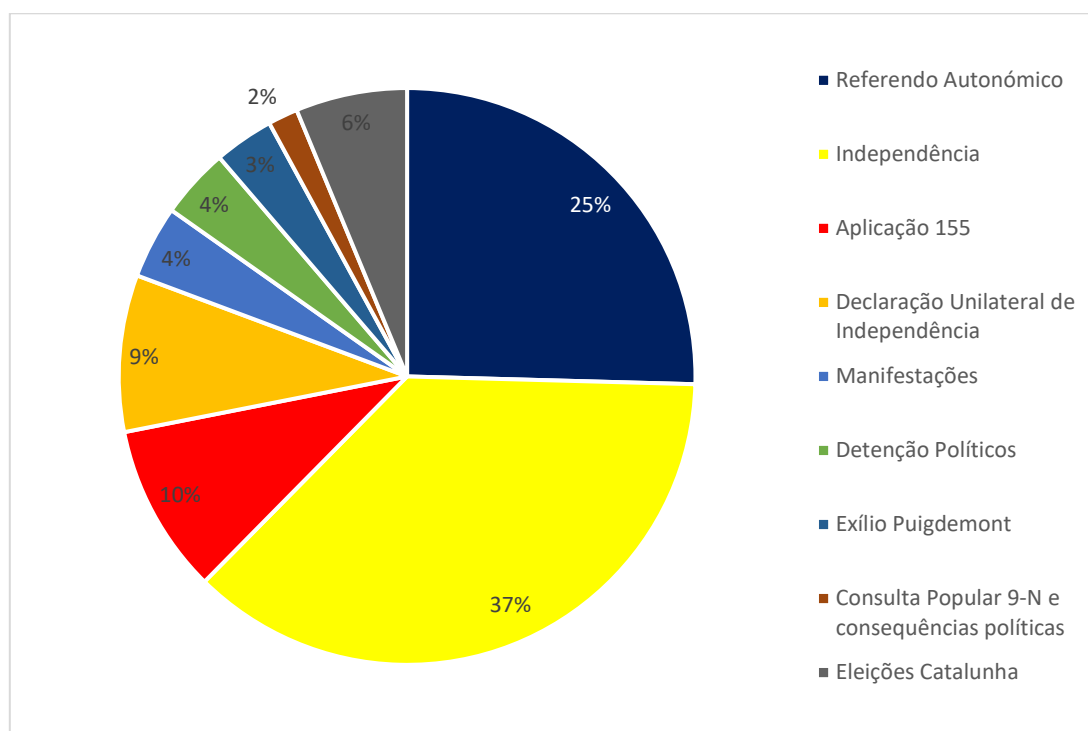


Gráfico 23: Temáticas abordadas La Vanguardia

Tal como nos outros três jornais, também Carles Puigdemont é o protagonista no La Vanguardia ao ser mapeado em 3,7% dos conteúdos noticiosos analisados. Já o líder do PSC, Miquel Iceta, é fonte em 2,1% das situações. Também Mariano Rajoy volta a repetir

o terceiro lugar no top das fontes de informação conhecidas, sendo fonte 79 vezes, o que equivale a 1,9%. O independentista Oriol Junqueras é o quarto protagonista com 1,74%. O lote dos cinco principais protagonistas é fechado por Pedro Sánchez com 65 referências, que equivaleram a 1,55% das fontes de informação (*Gráfico 19: Os protagonistas do discurso informativo La Vanguardia*). No que respeita ao envolvimento das fontes com os factos importa destacar que 72% dos protagonistas identificados têm um envolvimento primário e 16,7% tem um envolvimento secundário, não sendo possível identificar o envolvimento das fontes em 11,2% das fontes (*Gráfico 24: Top dos 20 protagonistas do discurso informativo do La Vanguardia*).

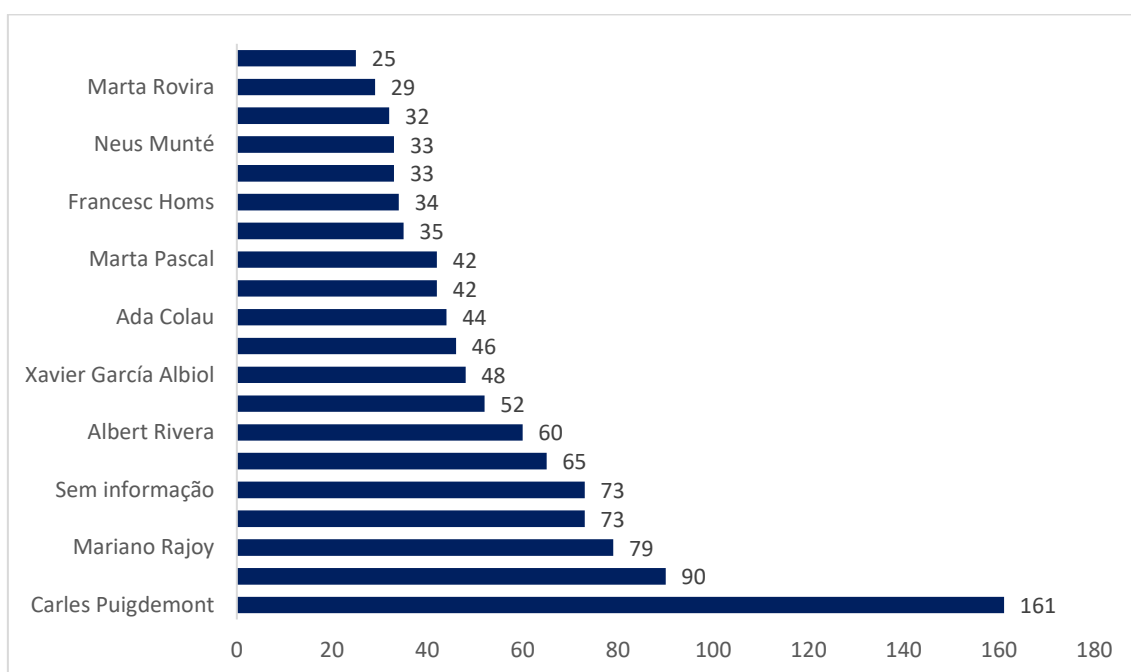


Gráfico 24: Top dos 20 protagonistas do discurso informativo do La Vanguardia

Sobre a origem das fontes deverá ser tido em conta que 74% são fontes públicas, equivalendo as fontes privadas a 14,4%, não sendo possível identificar a origem das fontes nas restantes.

Já na análise ao estatuto/grupo associado às fontes de informação no La Vanguardia volta a destacar-se o facto dos membros dos partidos autonómicos terem uma maior presença com 1 268 fontes, isto é, 27%. Em segundo lugar, a categoria de “Membro de Partido Nacional” reúne o mapeamento de 995 fontes (21%). Também os deputados dos Parlamento Autonómico da Catalunha e do Parlamento Nacional se destacam com 515

e 513 fontes, respetivamente. Já os membros dos governos autonómicos são associados a 7% das fontes e 5% das fontes são provenientes do Governo chefiado por Mariano Rajoy, dos quais 4% são ministros (*Gráfico 25: Top dos 20 dos grupos de fontes de informação La Vanguardia*).

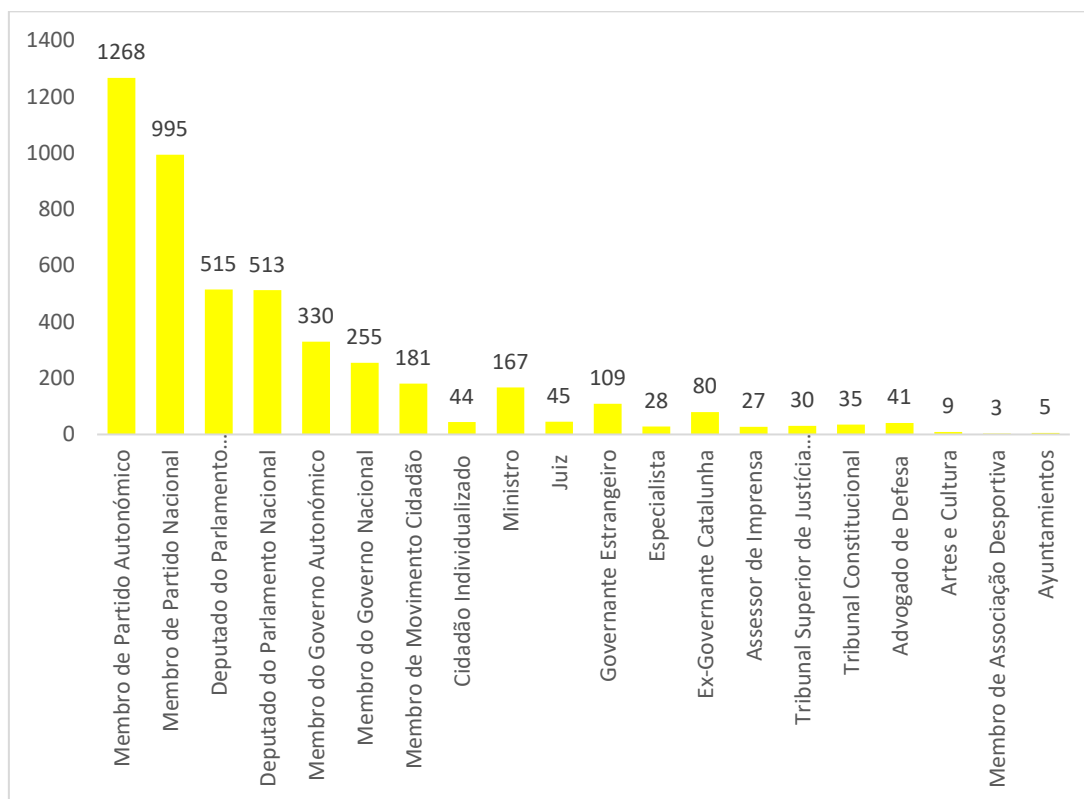


Gráfico 25: Top dos 20 dos grupos de fontes de informação La Vanguardia

Numa análise por partido, destaca-se a presença de 11% de fontes ligadas ao PP e 7% identificadas com o PSOE. Já o PDECAT, partido da coligação JXSÍ, figura na terceira posição com 6% das fontes, o mesmo percentual que o ERC, também ele partido da coligação constituída, e que a própria coligação JXSÍ, considerada na análise separadamente, uma vez que apresentava estrutura própria (*Gráfico 26: Partidos com preponderância La Vanguardia*).

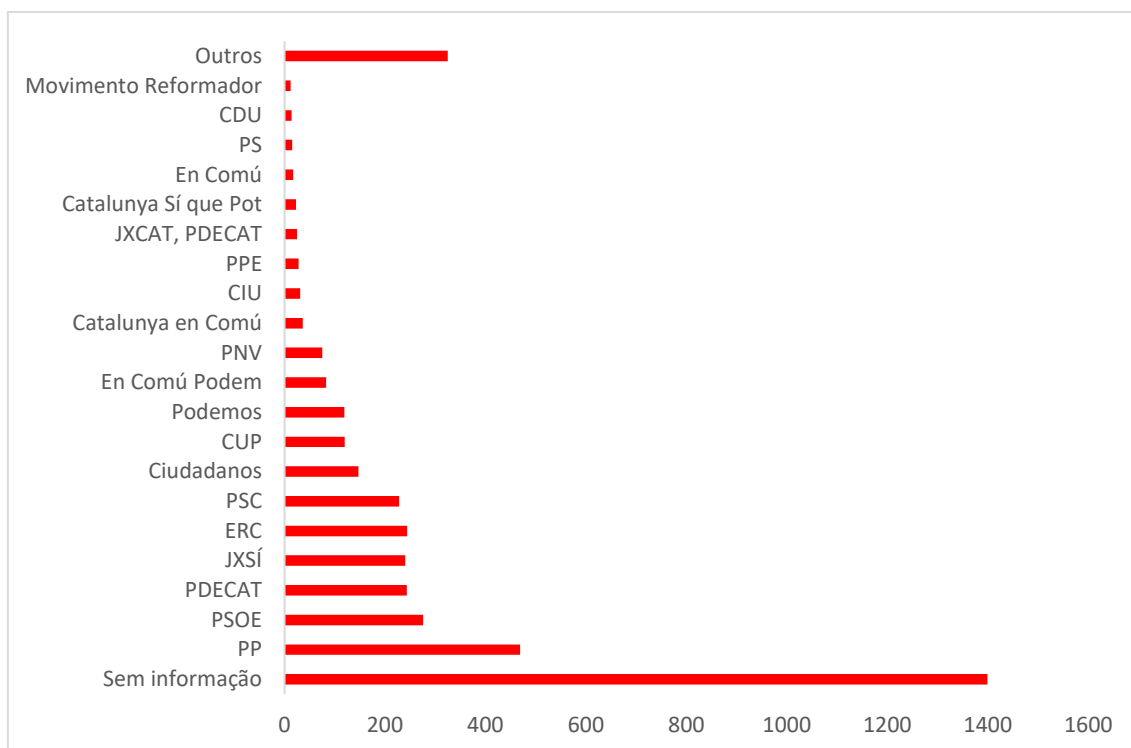


Gráfico 26: Partidos com preponderância La Vanguardia

No caso do La Vanguardia a diferença entre o recurso a fontes pró e contra a independência é bastante residual, sendo a diferença em valores absolutos de 32 fontes, com vantagem para fontes pró-independência. Efetivamente, as fontes com posições declaradas pró-independência equivalem a 35,7%, já as fontes contra a independência correspondem a 34,9%. Outro dado a ter em conta prende-se com a ausência de informação em 1 002 casos (*Tabela 7: Posicionamento das fontes de informação ouvidas pelo La Vanguardia*).

Pró-Independência	Contra a Independência	Indefinido	Sem informação
1 488	1 456	314	1 002

Tabela 7: Posicionamento das fontes de informação ouvidas pelo La Vanguardia

Numa análise à posição expressa pelas fontes nas suas declarações ao La Vanguardia encontram-se também valores bastante próximos entre os que defendem a independência da Catalunha (18,4%) e os que têm uma postura unionista (13,9%). Com estes dados sobre o posicionamento das fontes de informação ouvidas pelo La Vanguardia é possível compreender o fenómeno defendido por Jaume Valles Aroca que,

em entrevista para esta investigação, garantiu que o La Vanguardia procurava equilibrar as diferentes perspetivas em confronto.

Sobre o meio utilizado pelas fontes de informação para chegar à redação do jornal é possível destacar o contacto através de encontros informais com jornalistas/*soundbite* com 11% das fontes a serem enquadráveis nesta categoria, seguida do contacto em eventos (9%), redes sociais e conferências de imprensa com 7% cada uma das categorias (Gráfico 27: Meios de atuação das fontes de informação La Vanguardia).

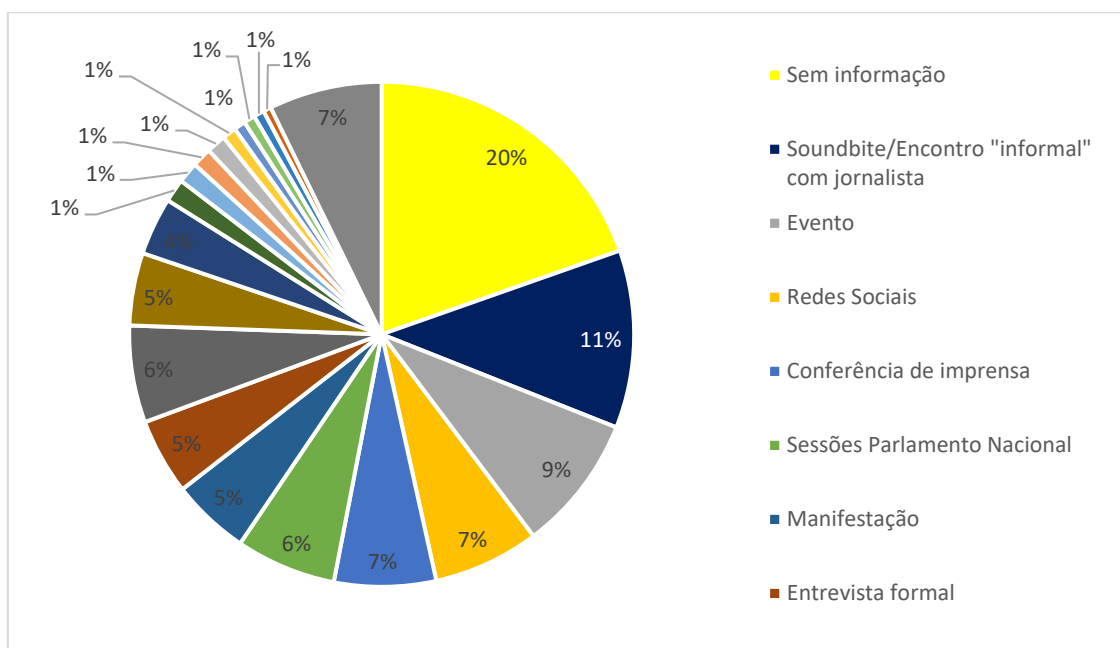


Gráfico 27: Meios de atuação das fontes de informação La Vanguardia

Já na análise aos graus de confidencialidade das fontes, nota-se a predominância de conteúdos jornalísticos com fontes *on the record* (84,3%), seguindo-se fontes *deep background* (7,8%) e *not for attribution* (4,5%). Ainda que rara e de difícil perceção, foram também identificadas, através do elevado nível de detalhe apresentado nos trabalhos jornalísticos, 73 fontes *on the background*. É relevante também destacar que, no La Vanguardia, a observação levada a cabo pelos jornalistas se traduziu em 64 peças “Sem fonte” (Gráfico 28: Graus de Confidencialidade La Vanguardia).

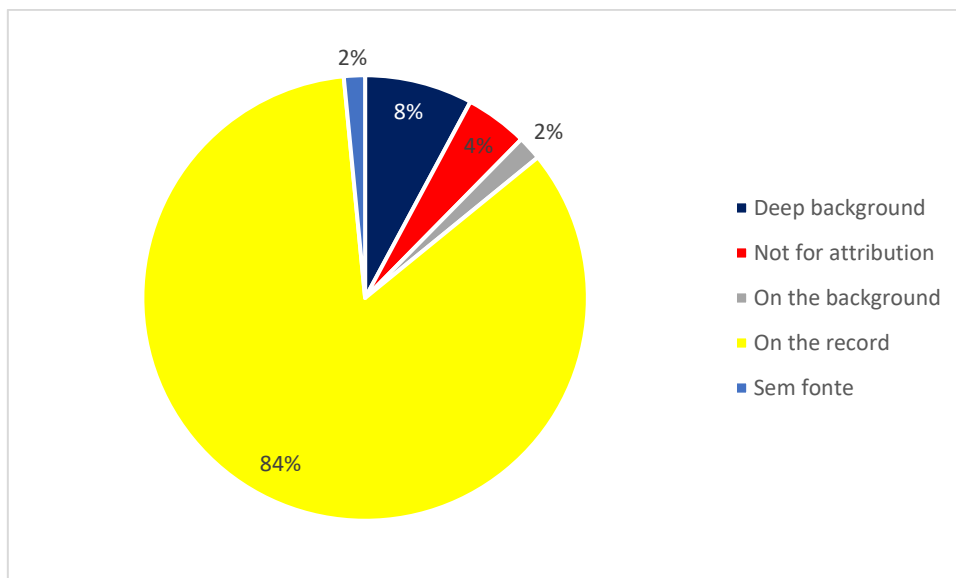


Gráfico 28: Graus de Confidencialidade La Vanguardia

No que respeita à mancha ocupada pelas declarações das fontes, no jornal La Vanguardia as declarações diretas ocupam entre 100 e 500 caracteres são as de maior relevo com 2 428 fontes (*Gráfico 29: Mancha ocupada pelas declarações das fontes La Vanguardia*).

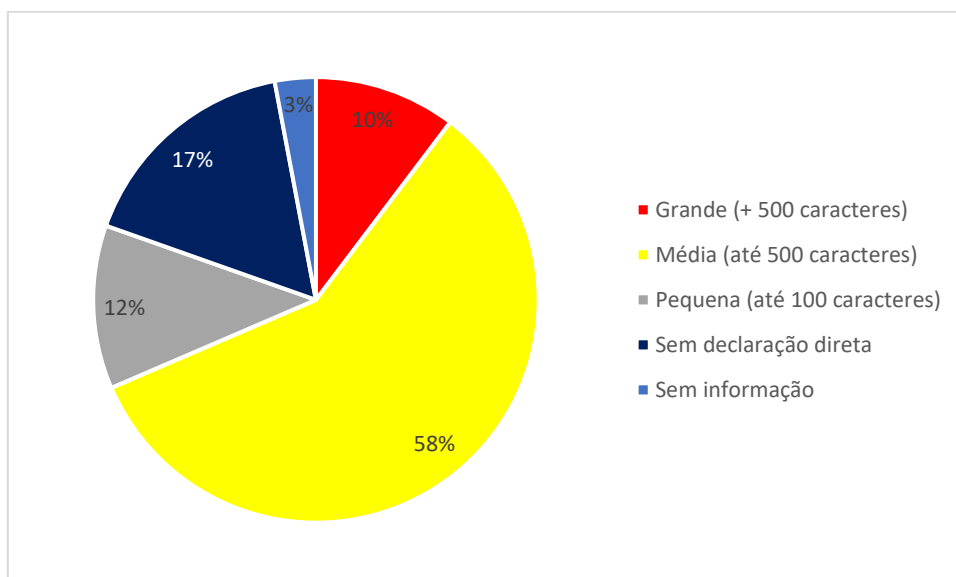


Gráfico 29: Mancha ocupada pelas declarações das fontes La Vanguardia

3.5.2. A perspetiva dos profissionais de comunicação de dois diários¹⁴

A concretização de entrevistas exploratórias semiestruturadas aos responsáveis dos diários Ara e La Vanguardia permitiram compreender o fenómeno mediático associado ao processo independentista catalão numa perspetiva a partir de Espanha, em particular da autonomia da Catalunha, sobretudo no que diz respeito ao posicionamento dos jornais perante os acontecimentos de 2016 e 2017.

Para Jaume Valles Aroca, editor do La Vanguardia, o principal desafio para a redação do jornal *“era evitar que os leitores se dividissem. Para impedir que leitores tomassem apenas uma parte da sociedade”*, reforçando que 2016 e 2017 *“foram anos-chave (numa Catalunha que estava a partir-se) e a missão fundamental era conseguir que todos nos continuassem a ler”*. O responsável acrescentou ainda em entrevista que existiam dois motivos para tentar manter o jornal à margem dos conflitos, a saber: *“uma razão puramente comercial, precisávamos deles (leitores) para continuar (porque vivemos disso), e isso não é uma razão menor; e a outra, porque o jornalismo deve ter vocação para não fazer parte, se não para ser um descritor fiel”*. Consciente do desafio que o processo catalão, ou conflito como prefere chamar, trouxe para os profissionais da sua redação, o editor é perentório ao afirmar que o jornal *“foi bem-sucedido”* ao perder apenas cinco mil assinantes e ao conseguir, nos estudos do Centro de Estudos de Opinião, verificar que o La Vanguardia é *“o jornal mais lido em todos os segmentos ideológicos da Catalunha. Ou seja: todas as pessoas que dizem ser apoiantes de um partido político, a primeira coisa que leem é escrita pelo La Vanguardia”* (ver apêndice 8).

David Miró Molés, diretor adjunto do Ara, defende também que o seu jornal conseguiu ultrapassar os desafios que os tempos vividos em 2017 trouxeram. Com uma linha editorial marcadamente de esquerda independentista, o também docente universitário destaca a influência das linhas editoriais na escrita jornalística, criticando o trabalho desenvolvido pelos diários de Madrid que, na sua opinião, *“não fizeram um esforço para*

¹⁴ As entrevistas encontram-se transcritas em anexo nos idiomas português e castelhano.

compreender (o que se passava na Catalunha)”. David Miró Molés destacou ainda que “o trabalho de um jornalista é compreender para poder explicar, porque se não se compreende o que está a acontecer não se pode explicar, quer se goste quer não”. Recorrendo ao exemplo do nazismo, e sublinhando que só se consegue explicar o fenómeno se se der a conhecer tudo o que está associado a ele, o profissional considerou que: “especialmente em 2017, os meios de comunicação social em Madrid deixaram de fazer jornalismo. Esta é apenas a minha opinião. A linha editorial estabelecida pelo governo espanhol era o que estabelecia todo o resto e tudo o que se desviasse disso era um problema, porque se não houver uma narrativa minimamente partilhada é difícil chegar a todas as comunidades”. “Sinto que fizemos este esforço mais daqui (Catalunha) do que dali (Madrid), provavelmente porque somos uma sociedade plural e nem todas as pessoas pensam o mesmo, mas o desafio para nós foi encontrar o equilíbrio e foi difícil porque estávamos todos imersos numa espécie de mistura emocional, onde os jornalistas tinham os seus próprios ambientes familiares a exercer pressão sobre eles e isto é muito forte”, acrescentou ainda.

Já Jaume Valles Aroca destacou que as redações dos quatro jornais têm diferenças editoriais grandes, que resultam, não só da posição editorial, mas também da estrutura onde os próprios meios de comunicação estão inseridos. *“O El Mundo e El País são dois jornais de Madrid: um é um jornal progressista, o outro é um jornal mais reativo e, talvez, com uma linha mais opinativa - não diria que é uma posição de direita, o El Mundo é um pouco mais difícil de definir do que El País na sua vocação. E na Catalunha, o Diari Ara é um jornal que nasceu com a vocação de representar uma parte e o La Vanguardia é um jornal que completou recentemente 140 anos e que promete representar o todo, mas que se pronuncia a partir de Barcelona e, ao pronunciar-se a partir de Barcelona, tem uma noção de Espanha diferente da do El Mundo e do El País”*. Considerando que a “casa de partida” dos vários diários perante o processo independentista catalão é bastante diferente entre todos, Aroca entende que foi evidente, a dado momento, que o El Mundo e o El País eram inequivocamente contra, o Ara parte do processo e, desde a sua perspetiva, no La Vanguardia optaram por suprimir a tensão ao procurar um meio termo que ajudasse a explicar o conflito e os dois lados do conflito.

Numa análise mais focalizada na relação estabelecida entre fontes de informação e jornalistas durante o processo, Jaume Valles Aroca destacou que, por convicção pessoal, assume sempre que as fontes precisam mais dos jornalistas e dos jornais do que os profissionais de informação precisam delas, uma vez que deve competir ao jornalista ir à procura da informação. *“Não me relaciono com a fonte de informação e este é um elemento que penso que, no caso em análise, é especialmente relevante. Porque estávamos num contexto de conflito e, portanto, tivemos de tentar ser particularmente escrupulosos nessas relações. No entanto, não esqueçamos - e isto é muito importante - que nessa interação existem fatores comerciais, fatores estratégicos da empresa e fatores de equidade necessários face ao conflito, portanto, sim, é verdade que houve momentos em que essa interação foi recíproca, mas insisto, o jornalista deve ser muito claro que a interação é, num certo sentido, unidirecional”*, sublinhou.

Já David Miró Molés reforçou que as fontes de informação, num processo que lhes é natural, pretendem sempre influenciar, sendo, por isso, importante o papel do jornalista como mediador da relação entre a fonte e o leitor, sendo importante o processo de verificação de fontes durante o desenvolvimento do trabalho jornalístico. *“As fontes querem condicionar sempre a mensagem. Esta é até o «A-B-C» do jornalismo político”*, acrescentou. Sobre as influências em concreto durante os meses mais atribulados de 2017, o diretor adjunto do jornal catalão confirma que houve *“muita pressão por parte das autoridades públicas e dos políticos para dar a sua versão dos acontecimentos”*, o que se traduziu um desafio maior para os jornalistas, que tiveram de fazer um trabalho exaustivo de verificação de informação. Admitindo que o estudo das fontes de informação deve ter em conta a existência de perspetivas dispares, David Miró Molés destacou que: *“como o Diari Ara, que é um jornal em catalão, e tem uma visão ‘catalã-cêntrica’ com uma linha editorial soberanista/progressiva, fomos pressionados mais pelo governo catalão do que pelo governo espanhol, porque o interesse do governo espanhol estava nos meios de comunicação espanhóis. As pressões são sempre mais fortes quando a sua linha editorial está mais alinhada com o governo, porque, como órgão de comunicação social, temos credibilidade junto do público pró-soberania, por isso, se questionássemos algo sobre a Generalitat, isso iria prejudicá-los”*.

Consciente de que a pressão não era apenas resultado das forças políticas em conflito, o responsável do Ara recordou que o jornal teve também muita pressão por parte do seu público e das ruas. *“Naquele momento de máxima polarização e emocionalidade política e mobilização, as pessoas não queriam saber a verdade, de ambos os lados. As pessoas queriam saber a sua verdade”*, disse. Com a obsessão de fazer bom jornalismo, Molés realçou que, na redação do Ara, segue-se a máxima *“quer o leitor goste ou não, não é um problema da redação”*, o problema ocorre se o leitor passa a procurar meios ou plataformas que lhe possam contar o que está alinhado com os seus valores, sem que haja espaço a confronto, algo que *“acontece em alturas de grande polarização”*.

Ora, perante as declarações dos dois responsáveis dos diários catalães, e sem a perspectiva de responsáveis dos diários El Mundo e El País, por ausência de resposta, é possível perceber que o ano de 2017 foi conturbado nas redações que, por via da influência do poder político, comercial e do próprio público, necessitaram de medir a forma como faziam jornalismo, procurando diversificar fontes de informação.

3.5.3. Resultados comparados

Após a análise pormenorizada dos resultados obtidos com a análise quantitativa e com as entrevistas importa estabelecer paralelismos na forma como os quatro meios de comunicação trabalharam o processo independentista catalão em 2016 e em 2017.

Desde logo, e com 13 973 fontes de informação mapeada, é possível verificar que os grandes protagonistas do noticiário associado ao processo independentista catalão são políticos, podendo estar distribuídos por categorias principais – comuns - como “Membro de Partido Autnómico” (29% das fontes), “Membros de Partido Nacional” (21,2% das fontes), sendo Carles Puigdemont a fonte mais repetida com 3,6%.

É possível também confirmar que os quatro jornais dão prioridade à informação fornecida por fontes primárias, logo relacionadas com o processo independentista (72% das fontes mapeadas), sendo a maioria fontes públicas.

No que respeita às temáticas abordadas nos dois períodos em análise, os quatro jornais são também consensuais, na medida em que as fontes de informação dos periódicos dão voz a temáticas como a independência da Catalunha (47%) e o referendo

autonómico, podendo no mesmo conteúdo ser lido mais do que um tema (Gráfico 30: *Temáticas Agrupadas*).

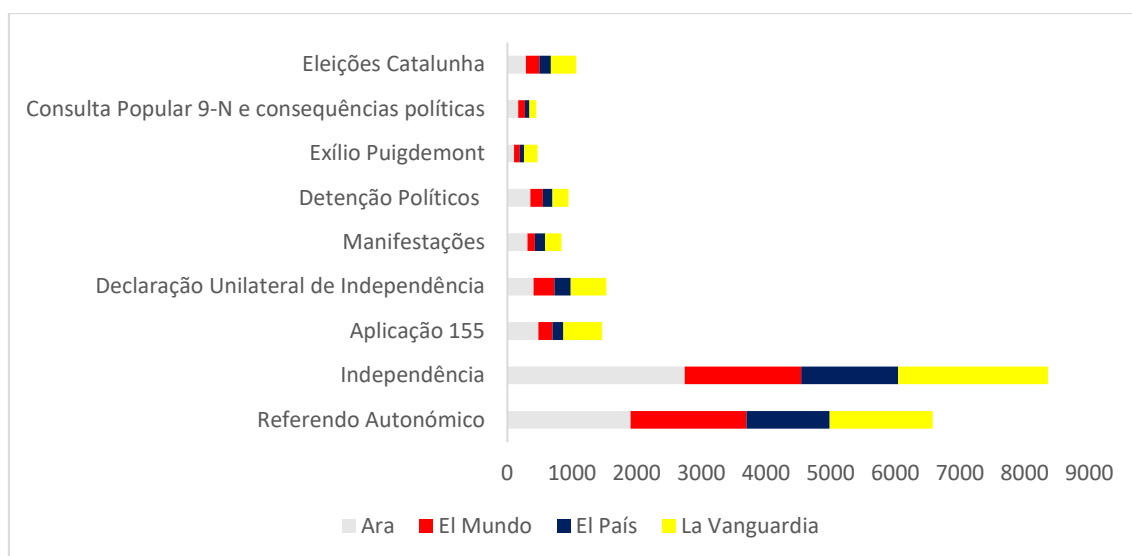


Gráfico 30: Temáticas agrupadas

Já à luz do posicionamento das fontes de informação face à independência da Catalunya é possível verificar que o Ara recorreu com maior frequência a fontes de informação pró-independência, ao passo que o El Mundo e o El País registam um valor maior de fontes de informação contra a independência. Por seu turno, o La Vanguardia apresentou apenas mais 32 fontes pró-independência.

Numa análise mais detalhada à divisão das fontes por partidos é possível perceber que o PP é o partido com maior volume de fontes de informação na globalidade (1 488), sendo também os partidos contra a independência os mais representativos no universo das fontes tipificadas em associação a partidos (3 825 fontes).

No que respeita aos graus de confidencialidade de Mencher (1991) é possível afirmar que, de forma global, os jornais analisados dão primazia a fontes convenientemente identificadas (81%), logo tipificadas como *on the record*. Os quatro jornais analisados apresentam, aliás, taxas de fontes de informação identificadas acima dos 80%, com o La Vanguardia a atingir 84% de fontes *on the record*.

Numa comparação direta entre a forma como as fontes falaram com as redações, destaca-se o facto de em todos os jornais o *soundbite*/encontro informal com jornalistas

reunir a preferência (Ara – 22%; El Mundo – 22%; El País – 24%; La Vanguardia – 11%). Já o segundo meio de contacto diverge no La Vanguardia que, ao invés de ser através de “entrevista formal”, acontece através da concretização de eventos (9%). Os outros três jornais têm como segundo meio de acesso às fontes de informação a “entrevista formal” (Ara – 10%; El Mundo – 8%; El País – 10%). Também o terceiro nível de acesso à informação proveniente das fontes é distinto entre jornais. No La Vanguardia, 7% das fontes de informação atuaram nas redes sociais, ao passo que no Ara as manifestações ganham relevo com 9%. No El Mundo e no El País são os eventos que se revelam a terceira forma de acesso à informação das fontes.

Importa ainda reter que, no que respeita à dimensão das declarações das fontes, 49,3% das fontes analisadas encontra-se tipificada como estando entre os 100 e os 500 caracteres.

Também no género se nota uma discrepância grande, não tanto entre jornais, uma vez que em todos as fontes masculinas estão em larga maioria, destacando-se o El Mundo como o jornal com maior equilíbrio de género (Ara – 50% das fontes são do sexo masculino e 10% do sexo feminino; El Mundo – 48,4% são do sexo masculino e 17,7% do sexo feminino; El País – 49,9% do sexo masculino e 17,3% do sexo feminino; La Vanguardia – 53% do sexo masculino e 15,4% do sexo feminino). Este fenómeno não é de todo estranho, ainda que durante o período em estudo mulheres como Inés Arrimadas (Ciudadanos), Anna Gabriel (CUP), Marta Pascal (PDECAT), Marta Rovira (ERC), Soraya Sáenz de Santamaría (PP) e Ada Colau (En Comú Podem) tenham tido um papel ativo, não conseguiram suplantar as fontes masculinas, sendo só Ada Colau o nome a figurar nos primeiros cinco lugares de fontes ouvidas pelos jornais, em concreto no El Mundo.

3.6. Limitações à concretização da investigação

O desenvolvimento deste trabalho enfrentou um amplo conjunto de dificuldades, tendo a sua concretização decorrido com alguns sobressaltos, característicos de desafios desta envergadura.

Além de ter, numa primeira fase, proposto um calendário bastante ambicioso e de difícil execução, uma vez que o desenvolvimento necessitou de ser compatibilizado com a atividade profissional, o excessivo volume de informação para análise dificultou o processo de construção da investigação. Ao todo, foram analisados dois anos de publicações de jornais, que se traduziram em cerca de 3 gigabites de informação e milhares de páginas. Ora, dadas as limitações impostas pela COVID-19, optou-se por fazer a recolha das edições em formato digital, evitando, deste modo, deslocações a Barcelona para a recolha de material para parte do corpus de investigação. No âmbito da análise documental, verificou-se ainda a dificuldade no acesso à edição completa do Diari Ara de 28 de setembro de 2017, uma vez que a versão digital disponibilizada conta apenas com oito páginas, ao contrário das 48 habituais. De notar também que, a 3 de outubro de 2017 e a 8 de novembro de 2017, o jornal catalão não publicou a sua habitual edição.

Outra grande dificuldade sentida ao longo da investigação, prendeu-se com a falta de resposta por parte dos potenciais entrevistados do El Mundo e do El País, pelo que só foram concretizadas entrevistas a elementos ligados ao Diari Ara e La Vanguardia.

Conclusões

Esta dissertação de mestrado teve como objetivos compreender a forma como os jornais em estudo se relacionavam com as fontes de informação e verificar se a linha editorial dos mesmos é condicionante no acesso às fontes de informação. Deste modo, e depois de uma análise minuciosa a 5 744 notícias, que se traduziram em 13 973 fontes de informação, considera-se que o objetivo foi cumprido. Todavia, no decorrer do estudo de campo detetaram-se outras oportunidades de investigação, pretendo-se retomar o tema num outro momento para analisar o discurso utilizado nos conteúdos noticiosos publicados, estabelecendo relações diretas e indiretas entre a utilização de expressões e as linhas editoriais dos quatro periódicos.

Depois da análise pormenorizada no capítulo anterior, é possível elencar a resposta às grandes questões desta investigação. Efetivamente, Carles Puigdemont é o grande protagonista do noticiário sobre o processo independentista catalão, seguindo-se Miquel Iceta, líder do PSC, e Mariano Rajoy, presidente do governo espanhol da altura. Ora, o recurso a estas fontes é justificado pela relevância que os protagonistas ganharam na discussão do processo independentista, assumindo Carles Puigdemont um papel preponderante como porta-voz do movimento independentista, e encontrando como principais antagonistas Miquel Iceta, o primeiro adversário à pretensão independentista como opositor local, e em Mariano Rajoy, o grande adversário do processo.

Na análise partidária, percebe-se, no entanto, que o partido de Carles Puigdemont perde relevância, sendo o PP o partido que predomina na lista que estabelece a relação entre fontes e partidos. Este fenómeno resulta, no nosso entendimento, do papel ativo do PP na luta contra o desejo independentista, bem como da posição de base assumida pelo próprio partido de direita na altura da discussão dos estatutos autonómicos, ainda em 2006. Se, no caso do PP, a intransigência perante o processo independentista foi desde logo assumida, no caso dos outros partidos, o mesmo não aconteceu. Ora, este processo levou a que o partido que, à data, era líder do governo, fosse dos mais consultados pelos meios de comunicação. Já no caso dos partidos independentistas, a dispersão de vozes partidárias conduziu à diluição de referências nesta análise. Numa outra perspetiva,

importa ainda considerar que são os partidos unionistas, particularmente nos jornais El Mundo e El País, que mais se destacam o que, à luz dos dados fornecidos por esta investigação, resulta das posições editoriais previamente definidas pelos jornais e que foram explicitadas ao longo deste trabalho.

Na verdade, e tal como indicado na introdução à presente investigação, é possível verificar também que a mediatização do processo independentista catalão recorreu a um largo conjunto de fontes ligadas a estruturas oficiais. Será também possível afirmar que a agenda mediática em torno do processo independentista catalão gira, essencialmente, em torno dos acontecimentos e de momentos de encontro proporcionados por elementos ligados às estruturas políticas, quer sejam nacional, quer internacional. Como contraponto à presença de fontes partidárias, temos o papel desenvolvido pelos jornalistas junto de especialistas das mais diversas áreas que, ao longo dos trabalhos produzidos, partilharam as suas opiniões sobre o processo independentista, contextualizando-o de acordo com os seus valores e posições. Ainda que de forma mais diminuta quando comparado com as fontes ligadas às máquinas partidárias, o papel dos especialistas revela-se essencial para que seja possível proceder à interpretação do fenómeno independentista.

Numa sociedade que se destaca pela mobilização em torno de temas chave como a independência, também o papel dos movimentos de cidadãos, alinhados com as várias posições, ganhou especial relevância, tal como destacou David Miró Molés ao afirmar que a sociedade civil assumiu o protagonismo no processo independentista. O responsável do Ara sublinhou ainda, em entrevista para esta investigação, que a grande preocupação da redação do jornal era dar voz aos cidadãos e aos movimentos provenientes da sociedade civil, sendo, inclusivamente, o Ara o jornal com um maior recurso a fontes provenientes a ANC e da Òmnium Cultural. Aliás, o subdiretor do jornal contou que o mesmo conta com redatores a trabalhar em exclusivo os movimentos oriundos da sociedade civil.

Outro dado importante a reter desta investigação prende-se com o facto dos jornais de âmbito mais nacional (El Mundo e El País) terem intensificado, de forma natural, a produção de informação sobre o processo independentista na altura, chegando em

setembro de 2017 o El País a ter mais trabalhos publicados sobre o tema do que qualquer outro jornal. Este fenómeno era, desde logo, o que esperávamos, não só pela complexidade da situação, mas também pelas posturas que foram sendo assumidas, em particular pelas forças políticas, e que conduziram à crispação de posições, levando milhares para as ruas e agudizando o discurso de ambas as partes.

É importante também cruzar o posicionamento das fontes de informação face à independência da Catalunha com as linhas editoriais dos quatro diários. Deste modo, destaca-se o facto do La Vanguardia ser o diário que apresenta uma maior equidade entre fontes pró e contra a independência, uma vez que a diferença entre as duas posições é de apenas 32 fontes com vantagem para a categoria “pró-independência”. Efetivamente, esta ‘aparente’ neutralidade corrobora os dados apresentados de Canet (2011), que apresentava o La Vanguardia como um jornal próximo de uma posição neutra, ainda que mais favorável ao processo independentista, bem como o que Jaume Valles Aroca afirmou em entrevista para esta investigação: “*no La Vanguardia suprimimos a tensão de procurar um meio-termo para explicar o conflito e os dois lados do conflito*”. No caso do Ara, um jornal que se assume como “catalano-cêntrico”, as fontes de informação a que recorreram com maior frequência foram “pró-independência”, mostrando um alinhamento direto com aquela que é a sua linha editorial, ao passo que o El Mundo tem a maior diferença no recurso a fontes dos dois lados do conflito, apresentando mais 394 fontes contra a independência, dado importante se se tiver em consideração que o El País, cuja visão conservadora à partida poderia indiciar o recurso mais frequente a fontes contra a independência, apresenta um diferencial de 234 fontes contra a independência face a fontes pró-independência.

Relativamente aos graus de confidencialidade de Mencher (1991) é possível afiançar que os jornais analisados dão primazia a fontes identificadas (81%), logo tipificadas como *on the record*, apresentando taxas de recurso a estas fontes acima dos 80%. Os quatro jornais analisados apresentam, aliás, taxas de fontes de informação identificadas acima dos 80%. Já as fontes *deep background* representam 9,5%, valor que desce para 5,2% se analise considerar fontes *not for attribution*. Estes dados são também reveladores da importância que os jornais atribuem ao recurso a fontes identificadas,

uma vez que a utilização das mesmas traz consigo uma maior validação da informação. Há, no entanto, um dado importante a reter, uma vez que em 9,5% dos casos assistiu-se ao fenómeno do recurso a fontes *deep background*, reflexo da necessidade de as fontes salvaguardarem a sua identidade, sobretudo no que respeita a temas associados às forças de segurança.

Já no que respeita à análise do género dominante nas fontes de informação dos quatro jornais é importante realçar a disparidade entre as fontes ouvidas do sexo masculino face ao sexo feminino. Esta tendência poderá ser justificada pelo facto da maioria dos políticos eleitos ser do sexo masculino, em particular no que respeita aos principais protagonistas do processo independentista. De notar que, da lista dos cinco políticos mais ouvidos, não figura o nome de nenhuma mulher, ainda que Inés Arrimadas (Ciudadanos), Anna Gabriel (CUP), Marta Pascal (PDECAT), Marta Rovira (ERC), Soraya Sáenz de Santamaría (PP) e Ada Colau (En Comú Podem) tenham uma postura ativa neste processo. Aliás, apenas Ada Colau consegue ser a quinta fonte de informação mais ouvida no El Mundo. Já no caso dos especialistas ouvidos pelos jornais, verifica-se a predominância de fontes do sexo masculino, seguindo a tendência das fontes de informação ligada a estruturas políticas, que poderá ser explicada por um eventual viés dos jornalistas, ao valorizar mais a opinião de especialistas do sexo masculino, ou pelo acesso limitado dos níveis de especialização a elementos do sexo feminino.

Importa também destacar que, no que respeita ao recurso de fontes de informação profissionais para o desenvolvimento do noticiário catalão, foram detetadas apenas 962 fontes de informação profissionais, das quais 65 são assessores de imprensa.

Por fim, a atenção centra-se nas temáticas abordadas pelas fontes de informação com a independência da Catalunha, o referendo pela autodeterminação, a declaração unilateral de independência e a aplicação do artigo 155 da Constituição espanhola a marcarem a agenda mediática nos dois trimestres em análise, mas com especial incidência em 2017. É importante notar que a aplicação do artigo 155, que revogou a autonomia da Catalunha, foi o que levou a uma maior discrepância no volume de conteúdos noticiosos publicados pelos jornais provenientes de Madrid e da Catalunha. Os jornais originários da autonomia foram os que mais peças noticiosas produziram

sobre a aplicação do artigo 155, o que poderá ser explicado pelo facto deste artigo retirar competências de governação à região, ou seja, o seu impacto no dia a dia da população da Catalunha é muito mais significativo do que no do restante país. Além destes quatro temas, as fontes de informação dedicaram também a sua atenção a tópicos como a fuga de Puigdemont para Bruxelas, a consulta popular de 9 de novembro de 2014 e as respetivas consequências políticas.

Referências Bibliográficas

- Aira Foix, T. (2011). Los periodistas políticos y los spin doctors como fuentes de información periodística: Una relación desequilibrada. *III Congreso Internacional Latina de Comunicación*. III Congreso Internacional Latina De Comunicación, Universidad de La Laguna.
- Aira Foix, T. (2012). La profesionalización y el periodismo político en España: la relación entre los periodistas y los spin doctors como fuentes de información. In A. C. Ripollés (Ed.), *Periodismo Político en España: concepciones, tensiones y elecciones* (pp. 85–100). CAL, Cuadernos Artesanos de Latina.
- Alfárez, A. (1986). *Cuarto Poder en España: la prensa desde la ley Fraga 1966*. Plaza & Janés.
- Anderson, B. (1983). *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism* (pp. 5–10). Verso.
- ARA. (2017). *Manifest fundacional*. Ara.cat.
https://www.ara.cat/manifest_fundacional.html
- Araújo, R., & Lopes, F. (2014). *Olhando o agenda-building nos textos de saúde: um estudo dos canais e fontes de informação*. 8º SOPCOM.
- Arendt, H., Kohn, J., Widmaier, C., Frantz-Widmaier, M., Taussig, S., & Nail, C. (2016). *Qu'est-ce que la politique?* Éditions Points, DI, Cop. (Original work published 1995)
- Asociación para la Investigación de Medios de Comunicación. (n.d.). *AIMC EGM*. Estudio General de Medios - Asociación Para La Investigación de Medios de Comunicación. Retrieved January 17, 2021, from

<https://reporting.aimc.es/index.html#/main/diarios>

Associació Ciutadania i Comunicació. (2018, January 13). *Observadors internacionals afirmen que TV3 es la televisió més plural d'Espanya* | ACICOM. Associació de Ciutadania i Comunicació. <https://www.acicom.org/observadors-internacionals-afirmen-que-tv3-es-la-televisio-mes-plural-despanya/>

Astudillo, J., & Garcia-Guereta, E. (2006). If it isn't broken, don't fix it: the Spanish Popular Party in power. *South European Politics and Society*, 11(3-4), 399–417.

Atton, C., & Wickenden, E. (2005).). Sourcing Routines and Representation in Alternative Journalism: A Case Study Approach. *Journalism Studies*, 6(3), 347–359.

AVUI.cat. (2008). *Decideixo decidir exigeix als polítics catalans un gest de sobirania davant el TC - 29 nov 2008*. El Punt Avui. <http://www.elpuntavui.cat/politica/article/17-politica/288487--decideixo-decidir-exigeix-als-politics-catalans-un-gest-de-sobirania-davant-el-tc-.html>

Balfour, S., & Quiroga, A. (2007). *España reinventada. Nación e identidad desde la Transición*. Ediciones Península.

Barrera del Barrio, C. (1995). *Sin mordaza: veinte años de prensa en democracia*. Temas de hoy.

Barrera del Barrio, C. (2009). Complicidad y complejidad de la prensa diaria en la transición a la democracia. In *Prensa y democracia. Los medios de comunicación en la Transición* (pp. 119–132). Biblioteca Nueva.

Bennett, W. L., & Entman, R. M. (2001). Mediated Politics: An Introduction. In W. L. Bennett & R. M. Entman (Eds.), *Mediated Politics: Communication in the future*

- of Democracy* (pp. 1–32). Cambridge University Press.
- Berger, A. Asa. (2000). *Media and communication research methods: An introduction to qualitative and quantitative approaches*. Sage Publications.
- Berlo, D. K. (1970). Dimensions for Evaluating the Acceptability Of Message Sources. *Public Opinion Quarterly*, 33(4), 563, 576.
- Berlo, D. K. (2003). *Processo da comunicação: Introdução à teoria e à prática*. 10ª Martins Fontes.
- Billing, M. (1995). *Banal Nationalism*. Sage Publications.
- Blumenthal, S. (1980). *The Permanent Campaign: Inside the world of elite political operatives*. Beacon.
- Blumler, J. G. (1992). News Media in Flux: An Analytical Afterword. *Journal of Communication*, 42, 100–107.
- Blumler, J. G., & Gurevitch, M. (2005). Rethinking the Study of Political Communication. In J. Curran & M. Gurevitch (Eds.), *Mass Media and Society* (pp. 104–121). Sage.
- Bohman, J. (2000). *Public Deliberation: Pluralism, Complexity and Democracy*. The MIT Press. (Original work published 1996)
- Boorstin, D. J. (1987). *The Image: A Guide to Pseudo-Events in America*. Atheneum.
- Borrat, H. (1989). Aportes de la periodística a la política comparada. *Periodística*, 1.
- Bourdieu, P. (1973). L'opinion Publique n'Existe Pas. In *Questions de Sociologie* (pp. 222–235).
- Broersma, M., & Graham, T. (2013). Twitter as a News Source. *Journalism Practice*, 7(4), 446–464. <https://doi.org/10.1080/17512786.2013.802481>

- Burgen, S. (2017, October 3). *Thousands protest and strike over Catalonia referendum violence*. The Guardian; The Guardian.
<https://www.theguardian.com/world/2017/oct/03/catalonia-holds-general-strike-protest-referendum-violence>
- Calle, Á. L. de la. (2021, June 13). *Espanha. Sánchez sob fogo por indulto a políticos catalães*. Jornal Expresso. <https://expresso.pt/internacional/2021-06-13-Espanha.-Sanchez-sob-fogo-por-indulto-a-politicos-catalaes-8bf9529c>
- Candidatura d'Unitat Popular. (n.d.). *Què és la CUP? | Candidatura d'Unitat Popular*. Cup.cat. Retrieved December 29, 2020, from <http://cup.cat/que-es-la-cup>
- Canel Crespo, M. J. (1999). El País, ABC y El Mundo: tres manchetas, tres enfoques de las noticias. *Revista ZER*, 6.
- Canel, M. J. (2006). *Comunicación Política. Una guía para su estudio y práctica*. Tecnos.
- Canel, M. J., Andrés, R., & Sánchez Aranda, J. J. (2000). *Periodistas al descubierto. Retrato de los profesionales de la información*. CIS.
- Canet, V. (2011). *El tractament informatiu de l'independentisme als mitjans de comunicació catalans i espanyols*. Media.Cat.
- Castelló, E. (2012). Conflictos Políticos y medios: marcos, narrativas y discursos. In *La mediatización del conflicto político* (pp. 9–38). Laertes.
- Castells, M. (2007). Communication, Power and Counter-power in the Network Society. *International Journal of Communication*, 1, 238–266.
- Castells, M. (2009). *Communication Power*. Oxford University Press.
- Chaparro, M. C. (2001). *Linguagem dos Conflitos*. Minerva Editora.
- Cheng, Y., & Chan, M. (2015). The Third Level of Agenda Setting in Contemporary

- China: Tracking Descriptions of Moral and National Education in Media Coverage and People's Minds. *International Journal of Communication*, 9, 1090–1107.
- Cohen, B. (1963). *The Press and Foreign Policy*. Princeton University Press.
- Connor, W. (1994). A Nation is a Nation, is a State, is an Ethnic Group, is a... In *Nationalism* (pp. 36–46). Oxford Readers.
- Córdoba Hernández, A. M. (2009). *La Línea Editorial de ABC, El País, El Mundo y La Vanguardia frente al conflicto Palestino-Israelí: 1993-2004* [PhD Tehsis].
<https://dadun.unav.edu/handle/10171/5124>
- Curran, J. (2005). *Medios de comunicación y poder en una sociedad democrática*. Editorial Hacer.
- Dader, J. L. (2012). Periodismo político y política del periodismo: imaginando un futuro digno y sostenible. In *La investigación en periodismo político en el entorno de los nuevos medios*. SEP.
- Dahlgren, P. (1995). *Television and the Public Sphere: Citizenship, Democracy and the Media*. Sage Publications.
- Defensor del Pueblo. (n.d.). *¿Qué es el Defensor? | Defensor del Pueblo*.
[Www.defensordelpueblo.es](http://www.defensordelpueblo.es). Retrieved December 29, 2020, from
<https://www.defensordelpueblo.es/el-defensor/que-es-el-defensor/>
- del Riego, C. (2006). Rajoy interpreta el resultado como un rechazo al proyecto personal de Zapatero. *La Vanguardia*, 28.
- Del-Frsno-García, M., & Manfredi-Sánchez, J. L. (2018). Política, hackers y redes partisanas. desinformación, utilidad nacional y libre elección en el proceso

- independentista catalán. *El Profesional de La Información*, 24(6). e1699-2407.
- Demo, P. (1995). *Metodologia científica em ciências Sociais*. Atlas.
- Deschepper, J. (1990). *Saber Comunicar com os Jornalistas da Imprensa, Rádio e Televisão*. Edições CETOP.
- Dias, J. de A. (2017, November 3). *A fuga de Carles Puigdemont, da declaração de independência ao hotel de três estrelas*. Observador.
<https://observador.pt/2017/11/03/a-fuga-de-carles-puigdemont-da-declaracao-de-independencia-ao-hotel-de-tres-estrelas/>
- Díez, A., & Rusiñol, P. (2003, November 18). Zapatero apoya la decisión de Maragall de negociar un Gobierno con ERC e ICV. *El País*.
https://elpais.com/diario/2003/11/19/catalunya/1069207647_850215.html
- Druckman, J. N., & Parkin, M. (2005). The impact of media bias: How editorial slant affects voters. *Journal of Politics*, 67, 1030–1049.
- ECO. (2019a, October 14). *Catalunha: Dirigentes independentistas condenados por sedição e peculato a prisão até 13 anos*. ECO.
<https://eco.sapo.pt/2019/10/14/catalunha-dirigentes-independentistas-condenados-por-sedicao-e-peculato-a-prisao-ate-13-anos/>
- ECO. (2019b, October 18). *Puigdemont entregou-se às autoridades em Bruxelas mas saiu em liberdade e sem fiança*. ECO.
<https://eco.sapo.pt/2019/10/18/puigdemont-entrega-se-a-autoridades-em-bruxelas/>
- EFE Barcelona. (2012, October 28). *El PSC incorpora a su programa el derecho de autodeterminación*. *Heraldo.es*.

https://www.heraldo.es/noticias/nacional/2012/10/28/el_psc_incorpora_programa_derecho_autodeterminacion_209789_305.html

El País. (2017, October 3). ¿Cuántos heridos hubo en realidad el 1-O? *El País*.

https://elpais.com/elpais/2017/10/02/hechos/1506963876_226068.html

El Periódico. (2017, October 6). *Los resultados del referéndum en Catalunya: por municipios, comarcas y provincias*. Elperiodico.

<https://www.elperiodico.com/es/politica/20171006/resultados-referendum-cataluna-2017-6319340>

El pluralisme als espais d'opinió de la televisió de l'11 al 30 de setembre de 2017.

(2017). Consell De l'Audiovisual De Catalunya.

Enciclopèdia Cat. (n.d.). *els Països Catalans* / *enciclopèdia.cat*. Enciclopèdia.cat.

Retrieved January 3, 2021, from <https://www.enciclopedia.cat/ec-gec-0048266.xml>

Entman, R. M. (1993). Framing: Toward Clarification of Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51–58.

Entman, R. M. (2004). *Projections of Power: Framing News, Public Opinion, and US Foreign Policy*. University of Chicago Press.

Entman, R. M. (2007). Framing Bias: Media in the Distribution of Power. *Journal of Communication*, 57, 163–173.

Ericson, R. V., Baranek, P. M., & B. L. Chan, J. (1989). *Negotiating Control - a Study of News Sources*. University of Toronto Press.

Ericson, R. V., Baranek, P. M., & Chan, J. B. L. (1987). *Visualizing Deviance - a Study of News Organization*. Open University Press.

- Ericson, R. V., Doyle, A., & Barry, D. (2003). *Insurance as Governance*. University Toronto Press.
- Espírito Santo, P. (2010). *Introdução à Metodologia das Ciências Sociais: génese, fundamentos e problemas*. Sílabo.
- Esquerra Republicana de Catalunya. (n.d.). *Què som*. [Www.esquerra.cat](http://www.esquerra.cat). Retrieved December 28, 2020, from <https://www.esquerra.cat/ca/que-som>
- Esteban de Vega, M. (2006). El nacionalismo español, 1878-1936. In *Los nacionalismos en la España contemporánea. Ideologías, movimientos y símbolos* (pp. 73–86). Centro de Ediciones de la Diputación de Málaga.
- Expresso, J. (2020, April 5). *Covid-19. Acusado de “amordaçar” a imprensa, Governo espanhol obrigado a aceitar perguntas por videoconferência*. *Jornal Expresso*. <https://expresso.pt/coronavirus/2020-04-05-Covid-19.-Acusado-de-amordacar-a-imprensa-Governo-espanhol-obrigado-a-aceitar-perguntas-por-videoconferencia>
- Fox, J., & Miller-Idriss, C. (2008). Everyday Nationhood. *Ethnicities*, 8(4), 536–563.
- Fusi, J. P. (2000a). *España. La evolución de la identidad nacional*. Espasa Calpe.
- Fusi, J. P. (2000b). La reaparición de la conflictividad en la España de los sesenta. In *España bajo el franquismo* (pp. 160–169). Editorial Crítica.
- Gambra, J. M. (1990). La Metáfora en Aristóteles. *Anuario Filosófico*, 23, 51–68.
- Gans, H. J. (1979). *Deciding What's News : A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. Northwestern University Press.
- García Galindo, J. A. (2009). Periodismo y periodistas en la transición política española. In *Prensa y democracia. Los medios de comunicación en la Transición* (pp. 87–

- 100). Biblioteca Nueva.
- Gellner, E. (2006). *Nations and Nationalism*. Cornell University Press.
- Gisbert, J. (2006). Piqué destaca el “fracaso político” de los impulsores del nuevo Estatut. *La Vanguardia*, 25.
- Gross, K., & D’Ambrosio, L. (2004). Framing Emotional Response. *Political Psychology*, 25(1), 1–29.
- Guilham, B. (2000). *Case Study Research Methods* (1ª ed.). Continuum.
- Guillen, A., & Rodríguez-Díaz, R. (2017). Frames y agendas durante el proceso soberanista catalán (2013-2015). *Sur Le Journalisme, about Journalism, Sobre Jornalismo [En Ligne]*, 6(2), 140–157. <http://surlejournalisme.org/rev>
- Gundal, C. (2020, January 9). *El Supremo rechaza suspender el acuerdo de la JEC que inhabilitó a Junqueras*. La Vanguardia.
<https://www.lavanguardia.com/politica/20200109/472792488154/tribunal-supremo-rechaza-oriol-junqueras-suspender-medida-cautelar-inhabilitacion.html>
- Guo, L., Vu, H., & McCombs, M. (2012). An Expanded Perspective on Agenda-Setting Effects. Exploring the third level of agenda setting. *Revista de Comunicación*, 11, 51–68.
- Gutiérrez. (2018, July 3). *El ARA cierra su mejor curso*. Ara En Castellano.
https://es.ara.cat/media/ara-cierra-mejor-curso_1_2739996.html
- Hall, S., Critcher, C., Jefferson, T., Clarke, J., & Roberts, B. (1978). *Policing the crisis: mugging, the state, and the law and order*. The Macmillan Press Ltd.
- Hallin, D., & Mancini, P. (2004). *Comparing Media Systems: Three Models of Media and*

Politics. Cambridge University Press.

Hanitzsch, T. (2011). Populist disseminators, detached watchdogs, critical change agents and opportunist facilitators: Professional milieus, the journalistic field and autonomy in 18 countries. *International Communication Gazette*, 73(6), 477–494. <https://doi.org/10.1177/1748048511412279>

Hastings, A. (1997). *The Construction of Nationhood: Ethnicity, Religion and Nationalism*. Cambridge University Press.

Hess, S. (1984). *The Government/Press Connection: Press Officers and Their Offices*. The Brookings Institution.

Hobsbawm, E. (1996). *A era dos extremos*. Editorial Presença.

Hohlfeldt, A. (1997). Os estudos sobre a hipótese de agendamento. *Revista FAMECOS*, 7, 42–52.

Ibañez, Á. (2016). Patrones culturales del periodismo de fuentes: La gestión de la comunicación sobre emergencias en la administración pública en España. La Crisis del Ébola y el Terremoto de Lorca. *Anuario Electrónico de Estudios En Comunicación Social "Disertaciones,"* 9(1), 103–124.
<https://doi.org/dx.doi.org/10.12804/disertaciones.09.01.2016.06>

Innerarity, D. (2019). *Política para perplejos*. Galaxia Gutenberg, S. L.

Iyengar, S., & Hahn, K. S. (2009). Red Media, Blue Media: Evidence of Ideological Selectivity in Media Use. *Journal of Communication*, 59(1), 19–39.

Iyengar, S., & Simon, A. (1993). News Coverage of the Gulf crisis and public opinion - A study of agenda-setting, priming and framing. *Communication Research*, 20, 365–383.

- Jenkins, H. (2006). *Convergence Culture*. New York University Press.
- Kahn, K. F., & Kenney, P. J. (2002). The slant of the news: How editorials endorsements influence campaign coverage and citizens' views of candidates. *American Political Science Review*, 96, 381–394.
- Kaldor, M. (2004). Nationalism and Globalisation. *Nations and Nationalism*, 10(1/2), 161–177.
- Kim, S. H., Scheufele, D. A., & Shanahan, J. (2002). Think about it this way: attribute agenda-setting function of the press and the public's evaluation of a local issue. *Journalism & Mass Media Communication Quarterly*, 79(1), 7–25.
- Kiousis, S., Wu, X., & Seltzer, T. (2006). First-and Second-Level Agenda-Building and Agenda-Setting effects: Exploring the linkages among Candidate News Releases, Media Coverage, and Public Opinion During the 2002 Florida Gubernatorial Elections. *Journal of Public Relations Research*, 18(3), 265–285.
- La Marea. (2015, September 7). *Quién es quién en la prensa catalana*. Lamarea.com.
<https://www.lamarea.com/2015/09/07/quien-es-quien-en-la-prensa-catalana/>
- La Vanguardia. (1881). Nota de la redacción. *La Vanguardia*, 1.
- La Vanguardia. (2020, September 28). *Documento: Lea la sentencia del Supremo que inhabilita a Quim Torra*. La Vanguardia.
<https://www.lavanguardia.com/politica/20200928/483727979639/documento-sentencia-quim-torra.html>
- La Vanguardia (redação). (2017, September 21). *Hacienda ya bloquea todas las cuentas de la Generalitat*. La Vanguardia.
<https://www.lavanguardia.com/politica/20170921/431444637088/hacienda->

bloquea-cuentas-generalitat.html

Lang, A. (2000). The Limited Capacity Model of Mediated Message Processing. *Journal of Communication*, 50(1), 46–71.

Lippmann, W. (1960). *Public Opinion*. The MacMillan Company. (Original work published 1922)

Lopes, F. (2016). Uma Proposta de um modelo taxonómico para a classificação de fontes de informação. *Observatorio (OBS*) Journal*, 10(4), 180–191.

López García, G. (2016). Lideranças “novas” versus “antigas”: a campanha das eleições gerais espanholas de 2015 no Twitter. *Comunicação E Sociedade*, 29(3), 149–168.

López García, G. (2006). Comunicación en red y mutaciones de la esfera pública. *Zer*, 11(20), 231–249.

López García, G. (2011). *Política binaria y spam electoral. Elecciones Generales 2008: nuevas herramientas, viejas actitudes*. Tirant lo blanc.

Lopez Garcia, G., Cano Oron, L., & Argiles Martinez, L. (2016). Circulação de mensagens e definição de agenda no Twitter: o caso das eleições regionais de 2015 na Comunidade Valenciana. *Tripés*, 39, 163–183.

López-Olano, C., & Fenoll, V. (2019). Posverdad, o la narración del procés catalán desde el exterior: BBC, DW y RT. *El Profesional de La Información*, 28(3). e280318.

Luhmann, N. (1992). *A improbabilidade da Comunicação*. Vega.

Lusa. (2009, December 13). *Espanha: Catalães encaram consulta independentista como “revolta popular pacífica.”* Jornal Expresso.

<https://expresso.pt/feeds/lusa/lusaactualidade/espanha-catalaes-encaram->

[consulta-independentista-como-revolta-popular-pacifica=f552795](#)

Lusa, A. (2019, May 6). *Espanha. Supremo diz que Puigdemont se pode candidatar às europeias*. Observador. <https://observador.pt/2019/05/06/espanha-supremo-diz-que-puigdemont-se-pode-candidatar-as-europeias/>

Lusa, A. (2020, October 2). *Catalunha: presidente do parlamento regional prevê eleições antecipadas em 14 de fevereiro*. Observador. <https://observador.pt/2020/10/02/catalunha-presidente-do-parlamento-regional-preve-eleicoes-antecipadas-em-14-de-fevereiro/>

Marinho, S. (2000). O Valor da Confiança nas Relações Entre Jornalistas e Fontes de Informação. *Comunicação E Sociedade 2, Cadernos Do Noroeste, Série Comunicação*, 14(1-2), 351–356.

Marques, C. (2017, September 25). *1640-2017. Guerras, estatutos, crise. Como a Catalunha chegou até aqui*. RTP. https://www.rtp.pt/noticias/mundo/1640-2017-guerras-estatutos-crise-como-a-catalunha-chegou-ate-aqui_es1028949

Recurso Casacion núm.: 203/2020, (Supremo Tribunal September 28, 2020).

Martínez-Nicolas, M., & et. (2012). *Periodismo político en España: concepciones, tensiones y elecciones*. Sociedad Latina de Comunicación Social – edición no venal – La Laguna.

Mateus, S. (2008). A Estrela (De)Cadente: uma breve história da opinião pública. *Estudos Em Comunicação*, 4, 59–80.

Mazzoleni, G. (2010). *La Comunicación Política*. Alianza.

McCombs, M. (2004). *Setting the Agenda*. Cambridge Polity.

McCombs, M., & Evatt, D. (1995). Los temas y los aspectos: explorando una nueva

- dimensión de la agenda setting. *Comunicación Y Sociedad*, 1, 7–32.
- McCombs, M., & Shaw, D. (n.d.). The Agenda Setting Function of Mass Media. *Public Opinion Quarterly*, 36(2), 176–187.
- McNair, B. (2007). *An Introduction to Political Communication*. Routledge.
- McNair, B. (2009). Journalism and Democracy. In *The Routledge companion to news and journalism*. Routledge.
- Mcquail, D. (2003). *Teoria da Comunicação de Massas*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Melchor, V. de, & Branchadell, A. (2002). *El Catalán: una lengua de Europa para compartir* (pp. 35–42). Universitat Autònoma de Barcelona: Servei de Publicacions.
- Mencher, M. (1991). *News Reporting and Writing* (5ª ed.). Wm. C. Brown Publishers.
- Meyer Resende, M. (2011). Transformando a nação: os nacionalismos dos partidos de centro-direita em Espanha. *Análise Social*, XLVI(201), 741–764.
- Miall, H., Ramsbotham, O., & Woodhouse, T. (1999). *Contemporary Conflict Resolution: The prevention, management and transformation of deadly conflicts*. Polity Press.
- Miller, D. (2000). *Citizenship and National Identity*. Polity Press.
- Mio, J. (1997). Metaphor and Politics. *Metaphor and Symbol*, 12(2), 113–133.
- Miranda, J. (1994). *Manual de Direito Constitucional – Tomo III*. Coimbra Editora.
- Molotch, H., & Lester, M. (1993). As Notícias como Procedimento Intencional: Acerca do Uso Estratégico de Acontecimentos de Rotina, Acidentes e Escândalos. In *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”* (pp. 42, 51). Edições N. Traquina.
- Moragas-Fernández, C. M., & Gómez, A. C. (2017). La mediatización del proceso

- independentista de Catalunya: el rol de la metáfora en tratamiento informativo de El Mundo, El País y La Vanguardia. *Revista DÍGITOS*, 3(2), 11–35.
- Moutinho, A. V., & Sousa, J. P. (2002). Assessoria de Imprensa na Europa. In J. Duarte (Ed.), *A Assessoria De Imprensa E O Relacionamento Com a Mídia* (pp. 69–80). Atlas Editora.
- Mucchielli, A. (2002). *El arte de influir: Análises de las técnicas de manipulación*. Ediciones Cátedra.
- Muñoz-Alonso, A., & Rospir, J. I. (1995). *Comunicación Política*. Editorial Universitat.
- Muro, D., & Quiroga, A. (2006). Spanish nationalism. *Ethnicities*, 5(1), 9–26.
- Neveu, E. (2005). *Sociologia do Jornalismo*. Porto Editora.
- Nisbet, M. C. (2008). Agenda Building. In *International Encyclopedia of Communication*. Blackwell Publishing.
- Noelle-Neumann, E. (1974). The Spiral of Silence: A theory of Public Opinion. *Journal of Communication*, 24(2), 43–51. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1974.tb00367.x>
- Nogué i Regàs, A., & Barrera del Barrio, C. (2006). *La Vanguardia, del franquismo a la democracia*. Fragua.
- Nordsieck, W. (n.d.). *Parties and Elections in Europe*. www.parties-and-elections.eu. Retrieved December 28, 2020, from <http://www.parties-and-elections.eu/catalonia.html>
- Núñez Seixas, X. (1995). Os nacionalismos na Espanha contemporânea: uma perspectiva histórica e algumas hipóteses para o presente. *Análise Social*, XXX(131-132), 489–526.

Núñez Seixas, X. (1999). *Los nacionalismos en la España contemporánea (siglos XIX y XX)*. Edicions Hipòtesis.

OJDinteractiva. (2021, January 1). *Evolución Audiencia ARA.CAT*. OJDinteractiva.

<https://www.ojdinteractiva.es/medios-digitales/ara-evolucion-audiencia/totales/anual/1936/trafico-global/#>

Oms, J. (2015, June 18). *CiU se desintegra: “El proyecto político de la federación se ha acabado.”* ELMUNDO.

<https://www.elmundo.es/cataluna/2015/06/18/55829b7a22601d1a5c8b457f.html>

Ordaz, L. V. (2016). El sesgo mediocéntrico del framing en España: una revisión crítica de la aplicación de la teoría del encuadre en los estudios de comunicación. *ZER-Revista de Estudios de Comunicación*, 21(41).

PAÍS, D. E. (2010, June 28). Estatuto de Cataluña: siete recursos y cuatro recusaciones. *El País*.

https://elpais.com/elpais/2010/06/22/actualidad/1277194637_850215.html

Palacios Bañuelos, L. (2005). *La España plural*. Editorial Universitat.

Peñarrubia, I. (1993). De pagesos a espanyols? La resistencia mallorquina a la nacionalització espanyola. *El Contemporani*, 1, 12–16.

Pérez Garzón, J. S. (2007). España: de nacionalismo de estado a esencia cultural. In *Nacionalismo español. Esencias, memoria e instituciones* (pp. 19–73). Los Libros de la Catarata.

Piñol, À. (2012, September 11). El independentismo catalán logra una histórica exhibición de fuerza. *El País*.

https://elpais.com/ccaa/2012/09/11/catalunya/1347375808_419590.html

- Pinto, M. (2000). Fontes Jornalísticas: Contributos para o Mapeamento do Campo. *Comunicação E Sociedade 2, Cadernos Do Noroeste, Série Comunicação, 14*(1-2), 277–294.
- Pinto, R. J. (1997). *The Evolution of Structure of Political Journalism in four quality Newspapers (1970-1995)*. University of Sussex, ph.d. 284.
- Preston, P. (2006). *Franco. "Caudillo de España."* De Bolsillo.
- Price, V., Tewksbury, D., & Powers, E. (1997). Switching trains of thought: the impact of news frames on readers' cognitive responses. *Communication Research, 24*, 481–506.
- Prieto, J. (2000, March 13). Aznar consigue una histórica mayoría absoluta. *El País*.
https://elpais.com/diario/2000/03/13/espana/952902014_850215.html
- Quivy, R., & Campenhoudt. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva.
- Ramírez, P. J. (1974). La Vanguardia española, el diario catalán más poderoso. *La Actualidad Económica*.
- Reardon, KathleenK. (1991). *La persuasión en la comunicación: Teoría y contexto*. Ediciones Paídos.
- Rekalde, A., & Pereira, R. (2003). *O novo jornalismo fardado : El País e o nacionalismo basco*. Campo Das Letras.
- Renan, E. (n.d.). "Qu' est-ce qu' une nation? (Conférence faite en Sorbonne, le 11 mars 1882). In *Discours et Conférences 6ª ed.* (pp. 277–310). Calmann-Lévy.
- Ribeiro, V. (2006). *Fontes Sofisticadas de Informação* [MSc Thesis, FormalPress].

<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13047/2/FontesSofisticadasdeInformao000069327.pdf>

Ribeiro, V. (2013). *O spin doctoring em Portugal: Estudo sobre as fontes profissionais de informação que operam na Assembleia da República* [PhD Thesis].

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/34431>

Ribeiro, V. (2016). *Assessores de Imprensa e Jornalistas*. Edições Afrontamento.

Ribeiro, V. (2018). *Os Bastidores do Poder* (2nd ed.). Edições Almedina.

Rico, C. (2021, September 23). *Ex-presidente do governo da Catalunha Carles Puigdemont detido em Itália*. Observador.

<https://observador.pt/2021/09/23/ex-presidente-do-governo-da-catalunha-carles-puigdemont-detido-em-italia/>

Ripollés, A. C. (2008). Modelos de relación entre periodistas y políticos: La perspectiva de la negociación constante. *Estudios Sobre El Mensaje Periodístico*, 14, 111–128.

Ripollés, A. C. (2009). El control político de la información periodística. *RLCS, Revista Latina de Comunicación Social*, 64. <https://doi.org/10.4185/RLCS-64-2009-828-354-366>

Ripollés, A. C. (2012). El periodismo político en España: algunas características definidoras. In A. C. Ripollés (Ed.), *Periodismo Político en España: concepciones, tensiones y elecciones* (pp. 21–48). CAL, Cuadernos Artesanos de Latina.

Ripollés, A. C., & Rabadán, P. L. (2012). La evolución del uso de las fuentes informativas en el periodismo español. *Periodismo Y Fuentes de Información Política En*

Espanha: Relações Y Dinâmicas Comunicativas.

Robles Egea, A. (2003). Introdução. La sangre de las naciones: identidades y violencia política. In *La sangre de las naciones: identidades y violencia política* (pp. 7–23).

Editorial Universidad de Granada.

Rodrigues, A. D. (1993). O Acontecimento. In N. Traquina (Ed.), *Jornalismo: Questões, Teorias E “Estórias”* (pp. 27–34). Vega.

Rodríguez, R. (2004). *Teoría de la agenda-setting. Aplicación a la enseñanza universitaria*. Observatório Europeu de Tendências Sociais.

Rojecki, A. (1999). *Silencing the opposition: anti-nuclear movements and the media in the Cold War*. University of Illinois Press.

Romão, F. V. (2012). *Nacionalismos centrípetos e centrífugos e conflitualidade: o caso espanhol* [PhD Thesis]. <https://eg.uc.pt/handle/10316/23206>

Romão, F. V. (2013). *O Percurso Das Identidades Nacionais Espanhola, Basca E Catalã E Dos Respetivos Nacionalismos*. Centro De Estudos Sociais: Laboratório Associado – Universidade De Coimbra.

Romão, F. V. (2014). Espanha: nacionalismo(s) e economia. *Janus Anuário 2014*, 50–51.

Romão, F. V. (2017). *Espanha e Catalunha: Choque entre Nacionalismos*. BookBuilders.

RTP. (2005, September 5). *Reforma estatutária Catalunha inconstitucional*. Reforma Estatutária Catalunha Inconstitucional.

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/reforma-estatutaria-catalunha-inconstitucional_n114934

Salvador, S. (2017, December 22). *Vitória do Ciudadanos não trava maioria independentista - DN*. Diário de Notícias. <https://www.dn.pt/mundo/vitoria-do->

ciudadanos-nao-trava-maioria-independentista-9003795.html

Salvador, S. (2019, June 17). *Puigdemont falta a ato no Congresso espanhol, mas envia*

advogado - DN. Diário de Notícias. <https://www.dn.pt/mundo/puigdemont->

[falta-a-ato-no-congresso-espanhol-mas-envia-advogado--11017430.html](https://www.dn.pt/mundo/puigdemont-falta-a-ato-no-congresso-espanhol-mas-envia-advogado--11017430.html)

Sampedro, V. (2000). *Opinión pública y democracia deliberativa. Medios, sondeos y*

urnas. Itsmo.

Sampedro, V., & Seoane, F. (2008). The 2008 Spanish general elections: „Antagonistic

Bipolarization“ geared by presidential debates, partisanship, and media

interests. *International Journal of Press/Politics*, 13(3), 336–344.

<https://doi.org/10.1177/1940161208319293>

Santiago, D. (2014, November 6). *Consulta popular sobre independência da Catalunha*

pode avançar se organizada por cidadãos. Jornal de Negócios.

<https://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/supremo-tribunal->

[espanhol-recusa-pedido-contrasuspensao-da-consulta-popular](https://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/supremo-tribunal-espanhol-recusa-pedido-contrasuspensao-da-consulta-popular)

Santos, R. (1997). *A negociação entre jornalistas e fontes*. Minerva Editora.

Santos, R. (2003). *Jornalistas e Fontes de Informação*. Minerva Editora.

Santos, R. (2005, September). *INDÚSTRIAS CULTURAIS*. Indústrias Culturais.

<http://industrias-culturais.blogspot.com/2005/09/fontes-de-informao-ii->

[continuao-da.html](http://industrias-culturais.blogspot.com/2005/09/fontes-de-informao-ii-continuao-da.html)

Saperas Lapiedra, E. (2012). Periodismo Político e Internet. El impacto de la innovación

tecnológica en las rutinas periodísticas en los medios de comunicación de

referencia en España. In A. C. Ripollés (Ed.), *Periodismo Político en España:*

concepciones, tensiones y elecciones (pp. 69–84). CAL, Cuadernos Artesanos de

Latina.

Sauvy, A. (1977). *L'Opinion Public: Vol. Collection Que Sais-Je?* Presses Universitaires de France.

Schlesinger, P. (1993). Os Jornalistas e a Máquina do Tempo. In N. Traquina (Ed.), *Jornalismo: Questões, Teorias E "Estórias"* (pp. 177–190). Vega.

Serrano, I. (2013). Just a Matter of Identity? Support for Independence in Catalonia. *Regional and Federal Studies*, 23(5), 523, 545.

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13597566.2013.775945>

Seymour, M. (2000). On Redefining the Nation. In *Nationalism and Ethnic Conflict*. (pp. 25–55). Open Court.

Sigal, L. V. (1973). *Reporters and Officials - the Organisation and Politics of Newsmaking*. D.C. Heath and Company.

Soteras, J. (2019, January 30). *Los 10 principales periódicos españoles bajaron en 2018 sus ventas en el quiosco*. InfoLibre.es.

https://www.infolibre.es/noticias/medios/2019/01/30/ninguno_los_principales_periodicos_espanoles vende quiosco mas 000 ejemplares mes 91317 10 27.html

Stroud, N. (2011). *Niche news: The politics of news choice*. Oxford University Press.

Stroud, N. J. (2010). Polarization and Partisan Selective Exposure. *Journal of Communication: International Communication Association*, 60, 556–576.

Suárez-Zuloaga, I. (2007). *Vascos contra vascos*. Editorial Planeta.

Sundar, S. S., & Nass, C. (2001). Conceptualizing Sources in Online News. *Journal of Communication*, 51, 52–72.

- Tamir, Y. (1993). *Liberal Nationalism*. Princeton University Press.
- Tocqueville, A. De. (1981). *De la Démocratie en Amérique* (Vol. 2). Garnier Flammarion.
(Original work published 1840)
- Tönnies, F. (2013). *Critique de l'opinion publique* (Coleção "Bibliothèque de philosophie"). Gallimard. (Original work published 1922)
- Traquina, N. (1993). As Notícias. In N. Traquina (Ed.), *Jornalismo: Questões, Teorias E "Estórias"* (pp. 167–176). Vega.
- Tribunal Constitucional. (2010). Pleno. Sentencia 31/2010, de 28 de junio de 2010.
Recurso de inconstitucionalidad 8045-2006. Interpuesto por noventa y nueve Diputados del Grupo Parlamentario Popular del Congreso en relación con diversos preceptos de la Ley Orgánica 6/2006, de 19 de julio, de reforma del Estatuto de Autonomía de Cataluña. Función y contenido constitucional del Estatuto de Autonomía: Estatuto de Autonomía y sistema de fuentes; bloque de constitucionalidad, valor interpretativo del Estatuto de Autonomía; fundamento de la autonomía; derechos fundamentales y derechos estatutarios; sistema institucional autonómico, organización territorial y gobierno local; Poder Judicial; delimitación del contenido funcional y material de las competencias; relaciones de la Generalitat de Cataluña con el Estado y la Unión Europea; acción exterior; financiación autonómica y l.... *Boletín Oficial Del Estado*, 172. https://boe.es/diario_boe/txt.php?id=BOE-A-2010-11409
- Tuchman, G. (1978a). *Making News: A Study in the Construction of Reality*. The Free Press.
- Tuchman, G. (1978b). News Net. *Social Research*, 45, 253–276.

- Tuchman, G. (1997). Making News by Doing Work. In D. Berkowitz (Ed.), *Social Meanings of News: A Text-Reader*. Sage.
- Túñez, L. M. (2012). Los periódicos en las redes sociales: audiencias, contenido, interactividad y estrategias comerciales. *En Estudios Del Mensaje Periodístico*, 18(1), 221–239. https://doi.org/10.5209/rev_ESMP.2012.v18.n1.39367
- Unidad Editorial. (n.d.). *Unidad Editorial líder en el sector de la comunicación global*.
Www.unidadeditorial.com. Retrieved January 30, 2021, from
<http://www.unidadeditorial.com/corporativo.aspx?id=corporativa>
- Van Dalen, A. (2012). The people behind the political headlines: A comparison of political journalists in Denmark, Germany, the United Kingdom and Spain. *International Communication Gazette*, 74(5), 464–483.
<https://doi.org/10.1177/1748048512445154>
- VilaWeb. (2016, January 9). *Junts pel Sí i la CUP tanquen un acord per a dur endavant la legislatura*. VilaWeb. <https://www.vilaweb.cat/noticies/junts-pel-si-i-la-cup-tanquen-un-acord-per-a-tirar-endavant-la-legislatura/>
- von Nordheim, G., Boczek, K., & Koppers, L. (2018). Sourcing the Sources: An analysis of the use of Twitter and Facebook as a journalistic source over 10 years in The New York Times, The Guardian, and Süddeutsche Zeitung. *Digital Journalism*, 6(7), 807–828. <https://doi.org/2310.1080/21670811.2018.1490658>
- Yanes Mesa, R. (2007). La Comunicación política y los nuevos medios de comunicación personalizada. *Ámbitos*, 16, 355–365.
<https://doi.org/10.12795/Ambitos.2007.i16.20>

FIM

Apêndices

Apêndice 1: Grelha de Análise

Variáveis	Valores Associados
Contador – nº da notícia	
Identificação do diário	Ara El Mundo El País La Vanguardia
Dia da Publicação	
Mancha/Dimensão do conteúdo e página	Pequena (caixa ou menos de um terço de página) Média (meia página) Grande (uma página ou mais) ¾ de página
Página	
Chamada de Capa	Sim Não
Género Jornalístico	Notícia Reportagem
Fotolegenda	Sim Não
Grau de Confidencialidade	On the record On the background Not for attribution Deep background Off the record Sem Fonte
Sexo	Masculino Feminino Não Identificado Grupo

	Órgão de Soberania
Nome da Fonte	
Origem da fonte	Fonte Pública Fonte Privada Sem informação
Envolvimento com os factos	Fonte Primária Fonte Secundária Sem informação
Fonte Profissional	Sim Não
Estatuto/grupo a que pertence	Membro do Governo Autonomico Porta-Voz Govern Deputado do Parlamento Autonomico Membro de Partido Autonomico Membro do Governo espanhol Ministro Membro de Partido Nacional Deputado do Parlamento Nacional Rei Representante real Governante de Província Assessor de Imprensa Membro de Movimento Cidadão Membro de Associação Desportiva Cidadão individualizado Especialista Membro do Clero Empresário Força de Segurança Jornalista

	Membro Cultural Presidente do Parlamento Autonómico Documentação Alcalde Tribunal Superior de Justícia de Catalunya Tribunal Constitucional Juiz Porta-Voz Governo Espanha Porta-Voz Partido Ex-Governante Espanhol Ex-Governante Catalunha Ex-Governante Outros [Espanha] Sem informação Eurodeputado Comissão Europeia Governante Estrangeiro Ex-Governante Estrangeiro Candidato Eleições Catalunha 2017 Membro Destituído Governo da Catalunha Senador Espanhol Meios de Comunicação Tribunal Supremo Audiência Nacional Fiscalia (Ministério Público)
Meio onde as fontes atuam	PR/Comunicado Entrevista formal Conferência de imprensa Visita Manifestação

	Evento Reunião Sessões Parlamento Nacional Sessões Parlamento Autonomico Ações de Campanha Nacional Ações de Campanha Autonómica Sessão do Senado <i>Soundbite</i>/Encontro "informal" com jornalista Redes Sociais Diploma legal Resolução Acórdão Sem informação Artigos de Opinião Peças Jornalísticas Editoriais Declaração Institucional
Partido	PSOE ERC PP Podemos CIU CNXR CUP IU JXCAT JXSÍ PCE PDECAT PSC

	UDC Ciudadanos En Comú Podem Catalunya Sí Es Que Pot ICV Sem informação
Tamanho da declaração da fonte	Pequena (até 100 caracteres) Média (até 500 caracteres) Grande (500 ou mais caracteres) Sem declaração direta Sem informação
Posição da fonte face à independência	Pró-Independência Neutra Contra a independência Indefinida Sem informação
Tema da peça	Referendo Autonómico Eleições Gerais Eleições Autonómicas Independência Catalã Detenção Presos Políticos (pós-referendo) Campanha eleitoral Manifestações Setembro 2017 Caso Catalão vs Basco Orçamento Catalunha Consulta Popular 9-N 2014 e complicações judiciais Sanções aos políticos por causa da Catalunha (setembro 2017) Detenções CUP 2016 Investidura Rajoy 2016

	Eleições Autônomicas Catalunha 2017 Exílio Puigdemont Aplicação artigo 155 Declaração Unilateral de Independência Manifestações Outubro 2017 Violência Policial Doutrinação educacional Ilegalização de partidos independentistas Envolvimento russo na Catalunha Ameaças e Vandalismo Celebrações Hispanidade 2017 La Diada 2017 (11 de setembro)
Posição da declaração da fonte no conteúdo noticioso face à independência	Pró-Independência Neutro Contra a Independência Indefinida Contra o referendo Pró-Referendo Contra ação musculada da polícia A favor ação musculada da polícia Apelo ao diálogo Sem informação Contra a DUI Contra a aplicação do artigo 155
Autor da peça	

Apêndice 2: Orientações base para análise dos conteúdos jornalísticos

O presente documento sintetiza a abordagem ao posicionamento dos partidos perante a independência da Catalunha, tendo por base a informação recolhida sobre os partidos.

- Partidos -

A classificação dos partidos associados às notícias parte da relação entre a implementação dos mesmos na Catalunha e o seu local de origem.

Assim:

PDECAT » Partido Autonomíco

ERC » Partido Autonomíco

CUP » Partido Autonomíco

Ciudadanos » Partido Nacional

Sempre que falarmos do Partido Socialista na Catalunha, deveremos assumir que o mesmo é partido autonomíco, sendo representado pela sigla PSC. Ainda que faça parte do grupo do PSOE, o PSC goza de uma grande autonomia, o que origina momentos de tensão entre as partes.

Devemos ter em atenção também que as coligações JXSÍ e JXCAT estão “presas no tempo”. Assim:

- Até ao final de outubro de 2017, sempre que mencionarmos – em contexto regional – PDECAT, deveremos associar JXSÍ (no Parlamento Nacional/Congresso os deputados são apenas do PDECAT).
- Apenas em notícias a partir de 11 de novembro de 2017 deverá ser associada a designação PDECAT (em contexto regional) à JXCAT
- CDC é a designação anterior para o PDECAT
- CiU é a designação anterior para a coligação JXSÍ

Apêndice 3: Quadro síntese de alinhamento político

Partido	Posicionamento
<i>Partidos Parlamento Autonómico</i>	
ERC	Pró-Independência
PDECAT	Pró-Independência
Candidatura Unitária Popular	Pró-independência
PP	Contra a Independência
PSC	Contra a Independência, mas a favor de um regime federal
Catalunya sí que És Pot	Contra a Independência
Ciudadanos	Contra a Independência
CUP	Pró-Independência
En Comú	Indefinido
<i>Partidos Parlamento Nacional</i>	
PP	Contra a Independência
PSOE	Contra a Independência
Podemos	Contra a Independência, mas a favor do referendo pela autodeterminação
Ciudadanos	Contra a Independência
EH Bildu (País Basco)	Pró-Independência
PNB	Pró-Independência
Coalición Canária	Contra a Independência, mas a favor do referendo pela autodeterminação
ERC	Pró-Independência

Libertat i Democràcia	Pró-Independência
PDECAT	Pró-Independência
<i>Partidos Europeus</i>	
PPE	Contra a independência, mas disponível para aceitar um referendo acordado
Aliança Progressista dos Socialistas e Democratas	Defende que, em caso de independência, deverá ficar fora da EU
Reformistas e Conservadores Europeus	Indefinida
Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Nórdica Verde	Apoia a realização de um referendo
Verdes/Aliança Livre Europeia	Favoráveis à independência catalã

Apêndice 4: Quadros síntese jornal Ara

Identificação das fontes de informação

Carles Puigdemont	166
Sem fonte (jornalista observador)	111
Miquel Iceta	83
Mariano Rajoy	73
Xavier García Albiol	68
Oriol Junqueras	64
Jordi Sànchez	44
Marta Pascal	44
Albert Rivera	43
Inés Arrimadas	43
Pedro Sánchez	42
Ada Colau	40
Sem informação	37
Soraya Sáenz de Santamaría	34
Albano Dante Fachin	33
Pablo Iglesias	32
Carme Forcadell	31
Marta Rovira	31
Xavier Domènech	30
Artur Mas	28
Jordi Cuixart	28
Jordi Turull	27
Neus Munté	26
Anna Gabriel	25
Francesc Homs	24
Segundo soube o Ara	24
Sem fonte	24
Íñigo Méndez de Vigo	20
Agustí Alcobarro	19
CUP	17
Enric Millo	17
Joan Tardà	17
Juan Ignacio Zoido	17
Pablo Casado	17
Fontes consultadas	16
Gabriel Rufián	16
Jean Claude Juncker	16
Fontes CUP	15
Fontes do Governo	15
Fontes Moncloa	15
Joan Coscubiela	15
Manifestantes	15
Mireia Boya	15
Elisenda Alamany	14

Lluís Rabell	14
Marcel Mauri	14
Neus Lloveras	14
Sergi Sabrià	14
ANC	13
Guardia Urbana	13
Joan Josep Nuet	13
La Vanguardia	13
Núria Parlon	13
Tribunal Constitucional	13
Antonio Hernando	12
Carlos Carrizosa	12
Cristóbal Montoro	12
Fontes do Govern	12
Fontes Governamentais	12
Le Monde	12
Alfonso Dastis	11
Benet Salellas	11
Rafael Catalá	11
Raül Romeva	11
The Guardian	11
Tribunal Superior de Justícia de Catalunya	11
El País	10
Eva Granados	10
Fontes JXSÍ	10
José Manuel Maza	10
Margarita Robles	10
Carles Campuzano	9
EFE	9
El Periódico	9
Fontes Soberanistas	9
PDECAT	9
Charles Michel	8
Clara Ponsatí	8
Dolors Bassa	8
Fernando de Páramo	8
Fontes Consultadas pelo ARA	8
Fontes Jurídicas	8
Fontes PDECAT	8
Fontes Socialistas	8
Joaquim Forn	8
José Manuel García-Margallo	8
María Dolores de Cospedal	8
Carles Mundó	7
David Bonvehí	7
Documento a que o Ara teve acesso	7
Fontes ERC	7
Govern	7
Irene Montero	7
Joan Queralt	7

Margaritis Schinas	7
Meritxell Batet	7
Montse Venturós	7
Óscar Puente	7
Quim Arrufat	7
Rafael Hernando	7
Toni Comín	7
Diversas fontes	6
Dolors Sabater	6
Eulàlia Reguant	6
Felipe VI	6
Fontes do Governo Espanhol	6
Governo Espanhol	6
Guardia Civil	6
Íñigo Errejón	6
Josep Borrell	6
Lluís Corominas	6
Mario Jiménez	6
Marta Madrenas	6
Nicola Sturgeon	6
PSC	6
Santi Vila	6
The New York Times	6
Um manifestante	6
Aitor Esteban	5
Albert Botran	5
Alejandro Fernández	5
Alfred Bosch	5
Antonio Tajani	5
Diversas fontes consultadas	5
Donald Tusk	5
El Mundo	5
Financial Times	5
Fontes Conhecedoras do processo	5
Fontes do PP	5
Fontes Judiciais	5
Fontes Parlamentares	5
Fontes Populares	5
Jaume Asens	5
Jorge Fernández Díaz	5
Ministério do Interior	5
Núria Marín	5
Pablo Echenique	5
PSOE	5
Santi Villa	5
Susana Díaz	5
Xavier Arbós	5
ABC	4
ACN	4
Albert Royo	4

Àlex Ramos	4
Andoni Ortuzar	4
Andreu Van den Eynde	4
Angela Merkel	4
Anna	4
Assumpta Escarp	4
BBC	4
BOE	4
Carles Riera	4
Carolina Bescansa	4
Emmanuel Macron	4
Ernest Urtasun	4
Europa Press	4
Fontes	4
Fontes do departamento da economia	4
Fontes PP	4
Fontes Próximas	4
Gabriela Serra	4
Gerardo Pisarello	4
Iñigo Urkullu	4
Jaume Collboni	4
Javier Lambán	4
Jordi Ballart	4
José Luis Ábalos	4
José Montilla	4
Josep Lluís Cleries	4
Josep Rull	4
La Razón	4
Luis de Guindos	4
Marcel Mateu	4
Marta Ribas	4
Mercè Barceló	4
New York Times	4
Núria Gisbert	4
Outras fontes	4
Pere Aragonès	4
PIMEC	4
Salvador Illa	4
Santi Vidal	4
Um dirigente	4
Ximo Puig	4
Albano Dante Fanchin	3
Alberto Garzón	3
Amadeu Altafaj	3
Anaïs Franquesa	3
Camil Ros	3
Carmen Calvo	3
Carmen Lamela	3
CCOO	3
CNN	3

Corriere della Sera	3
Daan Everts	3
Dolors Montserrat	3
Enric Milo	3
Ferran Requejo	3
Fontes ANC	3
Fontes Ciudadanos	3
Fontes da defesa	3
Fontes da formação	3
Fontes do Executivo	3
Fontes do Ministério da Hisenda	3
Fontes do partido	3
Fontes Hisenda	3
Fontes republicanas	3
Frankfurter Allgemeine	3
Frans Timmermans	3
Gemma Calvet	3
Gianni Pittella	3
Íñigo Urkullu	3
Institut Opinòmetre	3
Isabel	3
Javier Fernández	3
Joan Coma	3
Joan Giner	3
Joan Rosell	3
Jordi Pina	3
Jordi Xuclà	3
José Domingo	3
José Manuel Villegas	3
Jose Téllez	3
José Téllez	3
Josep Costa	3
Josep Fontana	3
La Repubblica	3
Laura	3
Libération	3
Lluís Salvadó	3
Mariano Gomà	3
Miguel Capuz	3
Miquel Buch	3
Mirella Cortès	3
Mossos d'Esquadra	3
Nació Digital	3
Núria Marin	3
Odón Elorza	3
Paul Bekaert	3
Pere Portabella	3
Pilar Rahola	3
PP	3
Rafael Català	3

Ramon Espadaler	3
Santi Rodriguez	3
Sindicatura de Comptes	3
Washington Post	3
Xavier Melero	3
Ahmed Galai	2
Albert Carreras	2
Albert Rivera	2
Alberto Fernández Díaz	2
Alberto Núñez Feijóo	2
Àlex Rigola	2
Alfonso Alonso	2
Alguns manifestantes	2
Alguns trabalhadores	2
Alícia Sánchez-Camacho	2
Andrea Levy	2
Àngel Ros	2
Anna Simó	2
Anonymous	2
Antoni Castellà	2
Antonio Baños	2
Ara	2
Arran	2
Ayuntamiento de Sant Boi de Llobregat	2
Ayuntamiento de Barcelona	2
Borja De Riquer	2
Cadena Ser	2
Carles	2
Carlos Lesmes	2
Carta a que o Ara teve acesso	2
CECOT	2
Centre de Estudis d'Opinió	2
Cercle d'Economia	2
Ciudadanos	2
Consuelo Madrigal	2
David Pérez	2
Defesa de Francesc Homs	2
Dirigentes Soberanistas	2
Dmitri Peskov	2
Doc a que o Ara teve acesso	2
Donald Trump	2
Emiliano García-Page	2
Enric	2
ERC	2
Especialistas Consultados	2
Esperanza García	2
Esteban González Pons	2
Esther Vivas	2
Eugènia Gay	2
Farhan Haq	2

FC Barcelona	2
Felip	2
Fernando Martínez-Maillo	2
Ferran Mascarell	2
Fiscalia	2
Foment del Treball	2
Fontes CSQP	2
Fontes da Direção	2
Fontes da Maioria Soberanista	2
Fontes da Moncloa	2
Fontes Diplomáticas	2
Fontes do Ministério	2
Fontes do PSOE	2
Fontes dos comuns	2
Fontes europeias	2
Fontes Municipais	2
Fontes Ouvidas pelo ARA	2
Fontes Parlamentárias	2
Fontes PSC	2
Francesc Sànchez	2
Francina Armengol	2
Francina Martí	2
Gerardo Pisarello	2
Grupo de Manifestantes	2
Guillem López Casanovas	2
Guy Verhofstad	2
Heather Nauert	2
Iñaki Gabilondo	2
Íñigo Mendéz de Vigo	2
Jaume Alonso-Cuevillas	2
Jaume Ciurana	2
Jaume López	2
Javier Maroto	2
Joan	2
Joan Baldoví	2
Joan Esculies	2
Joan Rodríguez Teruel	2
Joaquim Gay de Montellà	2
Jordi	2
Jordi Palou-Loverdos	2
Jordi Solé	2
José Antonio Martín Pallín	2
José Manuel Barreiro	2
José María Aznar	2
Josep Antoni Duran i Lleida	2
Josep Lluís Martí	2
Josep Lluís Trapero	2
Josep Mayoral	2
Josep Miñambres	2
La Repubblica	2

Lluís Llach	2
Lluís Pastor	2
Luis Guindos	2
Manel	2
Manel López	2
Marco Appoel	2
María de los Llanos de Luna	2
Maria Zakhàrova	2
Mariano Rajoy	2
Marina Subirats	2
Mario Vargas Llosa	2
Maties Serracant	2
Mercè Conesa	2
Meritxell	2
Meritxell Borràs	2
Meritxell Serret	2
Miguel Ángel Rodríguez	2
Miquel	2
Miquel Ángel Gimeno	2
Miquel Buch	2
Miquel Lupiáñez	2
Miquel Puig	2
Mireia	2
Miro Cerar	2
Montserrat Candini	2
Montserrat Guibernau	2
Muitos Manifestantes	2
Núria Llorach	2
Núria Parlom	2
Òmnium Cultural	2
Oriol Baradad	2
Oriol Lladó	2
Pablo Llarena	2
Pablo Simón	2
Patxi López	2
Pau Molins	2
Pilar Castillejo	2
Podemos	2
Rafael Arenas	2
Rafael Ribó	2
Ramón Villares	2
Relatório a que o Ara teve acesso	2
Roger Montañola	2
Roger Torrent	2
Ruth Moreta	2
Santi Rodríguez	2
Sara Vilà	2
Segundo fontes CUP	2
Segundo fontes Fiscalia	2
Segundo pôde saber o Ara	2

Sergi Blázquez	2
Sergi Miquel	2
Sigmar Gabriel	2
Societat Civil Catalana	2
Soube o ARA	2
Susana Segovia	2
Teresa Pitarch	2
Teresa Rodríguez	2
The Times	2
Theresa May	2
Thiago Alcántara	2
Toni Cantó	2
Tribunal	2
Um conselheiro do Govern	2
Um dirigente PDECAT	2
Um dirigente PSc	2
Um dirigente que apoia Parlon	2
Um dos porta-vozes dos independentistas	2
Um membro da direção	2
Um membro da direção	2
Um polícia	2
Uma fonte consultada	2
Uxue Barkos	2
Vladimir Putin	2
Vladis Dombrovskis	2
Welt	2
Xavier Marín	2
Xavier Sabaté	2
Xavier Trias	2
Xavier Vinyals	2
1000 advogados, professores e catedráticos	1
24 prémios nobel	1
3 mil professores	1
4 deputados britânicos	1
47 Eurodeputados	1
5 deputados estónios	1
5 mil personalidades	1
5 sindicatos da polícia	1
9 partidos	1
960 personalidades	1
A mulher da vítima que morreu com um ataque cardíaco nas urnas	1
A nota a que o Ara teve acesso	1
A que o Ara teve acesso	1
Abálos	1
Abertis	1
Adolfo Suárez	1
Adriana Lastra	1
Agência de Protecció de Dades Espanyola	1
Agência Espanhola da Proteção de Dados	1
Agència Tributària Catalana	1

Agnè Busquets	1
Agnès Rotge	1
Agustín Micha	1
Aiman Zoubir	1
Aina Delgado	1
Alba Vergés	1
Alba Vergès	1
Albert	1
Albert Batalla	1
Albert Jaime	1
Albert Nuez	1
Albert Pons	1
Albert Recio	1
Alberto Hernández	1
Alberto Villagrasa	1
Alcaldes CUP	1
Aleix Olivé	1
Aleix Sarri	1
Alex Adán	1
Alex Salmond	1
Àlex Solà	1
Alfons Medina	1
Alfred	1
Alfred de Zayas	1
Alfredo Pastor	1
Alfredo Pérez Rubalcaba	1
Alguns dirigents	1
Alguns Dirigentes Ciudadanos	1
Alguns Dirigentes PP	1
Alguns dos assistents	1
Alguns Manifestants	1
Alguns meios de comunicação	1
Alícia Romero	1
Al-Jazeera	1
Al-Jazira	1
Álvaro Odriozola	1
AMI e ACM	1
Amnistia Internacional	1
Amparo	1
Ana Beltrán	1
Ana Gomes	1
Ana Pastor	1
Ana Stanic	1
Anaïs	1
ANC e Òmnium	1
ANC, Òmnium Cultural e AMI	1
Ander Gil	1
Andoni Iturbe	1
Andrea Riccardi	1
Andrej Hunko	1

Andreu Corominas	1
Andreu Mas-Colell	1
Andreu Mayayo	1
Andreu Van den Eynd	1
Àngel Cortés	1
Ángel de la Fuente	1
Angel Ros	1
Àngel Simon	1
Àngeles Maestro	1
Ángeles Martínez	1
Àngeles Martínez	1
Anna Balletbó	1
Anna Caballé	1
Anna Erra	1
Anna Forn	1
Anna García-Altés	1
Anna Parés	1
Anna Sallés	1
Anna Sancho	1
Anne Hidalgo	1
Annika Breidhardt	1
Antón Losada	1
Antoni	1
Antoni Abad	1
Antoni Bassa	1
Antoni Castells	1
Antoni Comín	1
Antoni Fernández Teixidó	1
Antoni Sala	1
Antonieta Jarné	1
Antonio	1
Antonio Andrés	1
Antonio Esteban	1
Antonio González	1
Antonio Montiel	1
Antonio Pradas	1
Ara confirmou que	1
Ara.cat	1
Arantxa Escudero	1
Arcadi Espada	1
Ariadna	1
Ariadna Ramos	1
Arkaitz Terron	1
Arnaldo Otegi	1
Arnau González	1
Artur Mas	1
Asier Delgado	1
Associació Advocats Europeus Demòcrates	1
Associació de Municipis per la Independència	1
Asociación Española de Guardias Civiles	1

Associated Press	1
Astrid Barrio	1
Audiência Nacional	1
Audiência Provincial de Madrid	1
Autarcas PSC	1
Ayuntamiento de Mont-roig del Camp	1
Ayuntamiento de Pineda de Mar	1
Ayuntamientos	1
Baltasar Garzón	1
Barbara Loyer	1
Barbara Tuchman	1
Bart Laeremans	1
Belén Murillo	1
Benoît Hamon	1
Benoît Pellistrandi	1
Berlusconi	1
Bernat Picornell	1
Bild	1
Blanca	1
Blanca Caracolé	1
Blanes	1
Boi Ruiz	1
Bolsa de Madrid	1
Borja Semper	1
Bruna Calero, Sara Pueyo e Anna Riera	1
C. Álvarez de Toledo	1
Câmara dos Comuns UK	1
Cambra de Comerç de Espanya	1
Car	1
Carles Coll	1
Carles Escolà	1
Carles Mesegué	1
Carles Pellicer	1
Carles Puigdemont, Oriol Junqueras e Ada Colau	1
Carles Sastre	1
Carlos Jiménez Villarejo	1
Carlos Sánchez Almeida	1
Carlos Sánchez Mato	1
Carmen	1
Carmen Andrés	1
Carolina Punset	1
CCMA	1
CCO e UGT	1
ccoo e ugt	1
Celrà Salvador Beramendi	1
Cels Barsal	1
Cem Ozdemir	1
Centre d'Estudis d'Opinió	1
Centre de Seguretat de la Informació de Catalunya	1
Centre d'Estudis d'Opinió	1

Centre d'Investigacions Sociològiques	1
Centro de Estudios Sociologicos	1
CEO	1
César Luena	1
Christophe Marchand	1
Cinco Sindicatos da Polícia	1
CIS	1
Ciudadanos	1
Clara Ponsati	1
Clàudia Pérez	1
Clemente Polo	1
Collectivo Profesional de Policia Municipal de Madrid	1
Collegi d'Advocats de Barcelona	1
Collegi de Periodistes	1
Collegi de Periodistes de Catalunya	1
Comissió Independent per al Diàleg, la Mediació i la Conciliació, liderada pel Col·legi d'Advocats de Barcelona	1
Comité de Defensa pel Referèndum de Vilanova i la Geltrú	1
Comité Empresa SEAT	1
Como o Ara pode saber	1
Concepción Dancausa	1
Concha	1
Concha Lucas	1
Conhecedores da negociação	1
Conselho de Redação TV3	1
Consell per a la Transició Nacional	1
Consell Assessor per a la Transició Nacional la Generalitat	1
Conselleria d'Economia	1
Conxita Planas	1
Conxita Sánchez	1
Coordenação BComú	1
Corporació Catalana de Mitjans Audiovisuals (CCMA)	1
Cristian	1
Cristina Andreu	1
Cristina Galofre	1
Cristina Narbona	1
Damià Calvet	1
Dani Cornellà	1
Daniel Donaire	1
Dante Pérez	1
David Cid	1
David Compayon	1
David Fernàndez	1
David Font	1
David Penalva	1
David Pujol	1
David Ros	1
David Solsona	1
Defesa Carme Forcadell	1
Defesa de Irene Rigau	1

Delfi Nierga	1
Denis Bosquet	1
Deputados do Podemos	1
desde a proximidade de Iceta no PSC	1
Deu escoles i instituts impulsors del programa Escola Nova 21	1
Diana Riba	1
Diego López Garrido	1
Dieter	1
Diferentes fontes consultadas	1
Dimitri Medvédev	1
Dimitrij Rupel	1
Dimitris Papadimoulis	1
diputats al Congrés Josep Vendrell i Jaume Moya i la senadora Sara Vilà, així com dirigents històrics com Jaume Bosch i Ricard Gomà.	1
Direção Podem Lleida	1
Diretor	1
Diretora	1
Dirigentes PDECAT	1
Disse um manifestante	1
Diversas fontes da direção	1
Diversas fontes do tribunal	1
Diversas fontes explicam	1
Diversos dirigentes	1
Diversos dirigentes bascos	1
Diversos Dirigentes PDECAT	1
Diversos funcionários	1
Diversos habitantes	1
Diversos Meios Andaluços	1
Diversos Membros da Executiva	1
Dolores de Cospedal	1
Dolores García	1
Dolors de Nou Barris	1
Dolors Llobet	1
Dolors Lucas	1
Dolors Vives	1
Domènec Espadale	1
Domènec Mir	1
Donato Gama	1
Eduard Pujol	1
Eduard Rovira	1
Eduard Vallory	1
Eduardo Calvo	1
Eduardo Cano	1
Eduardo Madina	1
Eduardo Mandina	1
EH Bildu	1
El Nacional	1
Elàlia Reguant	1
Eldiario.es	1
Elena Valenciano	1

Eli Borreda	1
Elio di Rupo	1
Elisabet Andrés	1
Elisabeth Abad	1
Elisabeth Ruiz	1
Elise Gazengel	1
Elisenda	1
Elisenda Paluzie	1
Eliseu Esterlich	1
Ella Llastser	1
Eloi	1
Elsa Artadi	1
Emilio	1
Emily Thornberry	1
Emma Soler	1
Emmanuel Nahshon	1
En Comú Podem	1
En Comú Podemo	1
En Peu de Pau	1
Enoch Albertí	1
Enric Juliana	1
Enric Prats	1
Enric Sitjà	1
Enric Ucelay	1
Enrique	1
Enrique Leiva	1
Equipa Soraya Sáenz de Santamaría	1
Ernest Maragall	1
Escoles Obertes	1
Espanya i Catalans, Empresaris de Catalunya e Societat Civil	1
Espanyol de Barcelona	1
Esperança	1
Esperança Esteve	1
Esteban Gesa	1
Esther Capella	1
Esther Giménez-Salinas	1
Esther Matutes	1
Esther Poblet	1
EUA	1
Eudald Calvo	1
Eugeni Rodríguez	1
Eugènia Espanya	1
EUiA	1
Eulàlia Reguante	1
Eulogio Dávalos	1
Eva Blancafort	1
Eva Piquer	1
Explicam desde a UAB	1
Explicam desde o Ayuntamiento de Badalona	1
Explicaram alguns companheiros do Soweto	1

FAES	1
Família Ripoll Roca	1
Fátima Báñez	1
Faustino	1
Federació d'Associacions d'Editores de Premsa	1
Federació de Pares i Mares de Catalunya	1
Federica Mogherini	1
Felip Simon	1
Felipe González	1
Fèlix Alonso	1
Fernández	1
Fernando Martínez-Mailo	1
Fernando Ocón	1
Fernando Pindado	1
Ferran	1
Ferran Bel	1
Ferran Falcó	1
Ferran Galimany	1
Ferran Pedret	1
Ferran Soler	1
Ferran Tarradellas	1
Ferriol Moya	1
Fiscalia	1
Floreal	1
Fonte conhecedora	1
Fonte Conhecedora	1
Fonte consultada	1
Fonte da direção CCMA	1
Fonte do governo catalão	1
Fonte do Ministério da Hisenda	1
Fonte próxima do Miquel Iceta	1
Fonte PSOE	1
Fontes à volta de Núria Parlon	1
Fontes à volta de Susana Díaz	1
Fontes AC	1
Fontes ALDE	1
Fontes Anticapitalistas	1
Fontes ao Ara	1
Fontes Ara	1
Fontes ARA da CCMA	1
Fontes Ayuntamiento	1
Fontes Catalunya en Comú	1
Fontes CCMA	1
Fontes Ciudadanos	1
Fontes com acesso aos documentos	1
Fontes Comuns	1
Fontes Conhecedoras	1
Fontes conhecedoras	1
Fontes Conselleria de Salut	1
Fontes consultadas ARA	1

Fontes consultadas de todos os partidos	1
Fontes consultadas do grupo parlamentar	1
Fontes consultadas em Buenos Aires	1
Fontes Consultadass	1
Fontes cupaires	1
Fontes cupeiras	1
Fontes da AMI	1
Fontes da asseguradora	1
Fontes da candidatura	1
Fontes da candidatura de Iceta	1
Fontes da Coligação de Esquerda	1
Fontes da Comissão	1
Fontes da Conselleria	1
fontes da conselleria	1
Fontes da CUP	1
Fontes da Diputaci3n	1
Fontes da dire33o do PDECAT	1
Fontes da Economia	1
Fontes da EFE	1
Fontes da empresa Bon Preu	1
Fontes da ERC	1
Fontes da Fiscalia de Lleida	1
Fontes da Generalitat	1
Fontes da Gestora PSOE	1
Fontes da Investiga33o	1
Fontes da Mesa	1
Fontes da oposi33o	1
Fontes da Presid3ncia	1
Fontes das entidades	1
Fontes das entidades consultadas	1
Fontes de diversas for3as pol3ticas	1
Fontes de Endesa	1
Fontes de Podemos	1
Fontes de todos os atores independentes	1
Fontes d'Economia	1
Fontes Departamento Economia	1
Fontes do ARA	1
Fontes do Ayuntamiento	1
Fontes do Ciudadanos	1
Fontes do departamento	1
Fontes do departamento das finan3as	1
Fontes do departamento de ensino Generalitat	1
Fontes do departamento de Montoro	1
Fontes do departamento Interior	1
Fontes do ERC	1
Fontes do executivo catal3o	1
Fontes do grupo	1
Fontes do grupo parlamentar	1
Fontes do Interior	1
Fontes do Minist3rio Hisenda	1

Fontes do Palau	1
Fontes do PDECAT	1
Fontes do Poble Lliure	1
Fontes do PP Catalunya	1
Fontes do processo soberanista	1
Fontes do PSC	1
Fontes do Senado	1
Fontes do setor da energia	1
Fontes dos Grupos Soberanistas	1
Fontes dos Mossos	1
Fontes dos partidos	1
Fontes En Còmu	1
Fontes En Comú Podem	1
Fontes fidedignas	1
Fontes Fiscais	1
Fontes Fiscalia General	1
Fontes Generalitat	1
Fontes Hisienda	1
Fontes ICV	1
Fontes jesuítas	1
Fontes Judicias	1
Fontes Jurídicas	1
Fontes JXCAT	1
Fontes Locais	1
Fontes NATO	1
Fontes Òmnium	1
Fontes ouvidas	1
Fontes Podemos	1
Fontes policiais	1
Fontes portuárias	1
Fontes presentes na reunião	1
Fontes presentes no evento	1
Fontes presentes no interrogatório	1
Fontes próximas Carme Forcadell	1
Fontes Próximas da Fiscalía	1
Fontes próximas da negociação	1
Fontes próximas de Albano Dante Fachin	1
Fontes Próximas de Albiol	1
Fontes próximas de Carles Puigdemont	1
Fontes próximas de Iceta	1
Fontes Próximas de Millo	1
Fontes próximas de Puigdemont	1
Fontes próximas de Santi Vidal	1
Fontes próximas de Xavier Domènech	1
Fontes próximas do delegado	1
Fontes próximas do governo	1
Fontes próximas do Presidente	1
Fontes próximas ERC	1
Fontes Próximas Miquel Iceta	1
Fontes PSOE	1

Fontes que viverão a votação	1
Fontes relacionadas com o processo	1
Fontes Societat Civil Catalana	1
Fontes Tribunal Constitucional	1
Fontes TSJC	1
Fox News	1
France-Presse	1
Francesc Castañer	1
Francesc Esteve	1
Francesc Fàbregas	1
Francesc Forn	1
Francesc Miralles	1
Francesc Núñez	1
Francesc Solà	1
Francesc Torralba	1
Francesc Xavier Alegre	1
Francisca Major	1
Francisco Ocón	1
Francisco Pérez de los Cobos	1
Frank Walter Steinmeier	1
Fundació Badalona Capaç	1
Fundació en Defensa de la Nació Espanyola	1
Ganira Paixaieva	1
Geert Bourgeois	1
Gerard Esteva	1
Gerard Segú	1
Germà Gordó	1
Germans Sàbat	1
Gianni Pittella	1
Gilles Dejemeppe	1
Goldman Sachs	1
Gonzalo Boye	1
Gonzalo Gortázar	1
Gravação a que o Ara teve acesso	1
Gravações a que teve acesso o Ara	1
Gregorio Cámara	1
Grup de Periodistes RRRamon Barnils	1
Grup Koiné	1
Grupo de Lideres Mundiais	1
Grupo de pessoas incluindo Berkeley Judith Butler	1
Grupo JXSÍ	1
Grupo Manifestantes	1
Guadalupe Jover	1
Guardian	1
Guillermo Fernández	1
Guy Hedgecoe	1
Hans Knop	1
Hèctor López	1
Helen Louise McEntee	1
Helena	1

Helga Stevens	1
Hendrik Daems	1
Hortènsia Grau	1
Hristo Stóitxkov	1
Human Rights Watch	1
Iannis Varufakis	1
ICV	1
Ieuan	1
Ignacio Prendes	1
Ignacio Sánchez-Cuenca	1
Ignasi Ribas	1
Ignasi Sabater	1
Iñaki	1
Indugraf	1
INE	1
Informação a que o Ara teve acesso	1
Iñigo de la Serna	1
Íñigo de la Serna	1
Íñigo Méndez	1
Institut de Ciències Polítiques i Socials	1
Instituto Nacional de Estadística	1
INTERNATIONAL LIMITED OBSERVATION MISSION	1
Intersindical CSC	1
Interviú	1
Ione Belarra	1
Irene	1
Irene Rigau	1
Isa	1
Isabel Bonig	1
Isabel Codina	1
Isabel Mora	1
Isabel Rodríguez	1
Isabel Sánchez	1
Ismael Peña	1
Ismael Peña López	1
Itxaso Atutxa	1
Ivan Serrano	1
Ivica Dacic	1
Ivo Vajgl	1
Izaskun Bilbao	1
J. A. Bermúdez de Castro	1
J. M . Tresserras	1
J. M. Sánchez Gordillo	1
J. M. Tresserras	1
Jacobo Dopico	1
Jacqueline	1
James Mattis	1
Jan Jambon	1
Jasone Agirre	1
Jaume Alonso Cuevillas	1

Jaume Amat	1
Jaume Claramunt	1
Jaume Cuirana	1
Jaume Guardiola	1
Jaume Peral	1
Jaume Puig-Junoy	1
Jaume Trilla	1
Javi López	1
Javier Arenas	1
Javier Pacheco	1
Jean Guy Talamoni	1
Jean Luc Mélenchon	1
Jean Marc Segarra	1
Jéssica Albiach	1
Jesús Valle	1
Jhoanna	1
Jimmy Burns Marañón	1
Joan Callau	1
Joan Elías	1
Joan Galiano	1
Joan Garcia	1
Joan Ignasi Elena	1
Joan Lucas	1
Joan Majó	1
Joan Manuel Tresserras	1
Joan Quer	1
Joan Ramon Casals	1
Joan Vilella	1
Joana Ortega	1
Joaquim Coll	1
Joaquim Fernàndez	1
Jofre Montoto	1
Jonathan	1
Jordi Argelaguet	1
Jordi Ballesteros	1
Jordi Bosch	1
Jordi Camí	1
Jordi Cañas	1
Jordi Jané	1
Jordi Martí	1
Jordi Masats	1
Jordi Monrós	1
Jordi Muñoz	1
Jordi Muñoz	1
Jordi Noguera	1
Jordi Orobitg	1
Jordi Palou	1
Jordi Puigneró	1
Jordi Pujol	1
Jordi Rabassa	1

Jordi Roca	1
Jordi Terrades	1
Jordi Vera	1
Jordi Vives	1
Jorge Sanz	1
Jorge Soler	1
José Luis Ábalos	1
José Alberto Martín Toledano	1
José António	1
José Antonio Montero	1
José Antonio Puigserver	1
José García	1
José Ignacio Prendes	1
José Julián Gregorio	1
Jose Lluís Carod-Rovira	1
José Luis Ayllón	1
José Luis Blanco	1
José Luis Zapatero	1
José M. Mena	1
José Maria Aznar	1
José María Barrientos	1
José Maria Piqué	1
José Nicolás Castellano	1
José Tellez	1
José Villegas	1
Joseba Egibar	1
Josefina	1
Josel Lluís Bonet	1
Josep	1
Josep Antoni	1
Josep Antonio Duran i Lleida	1
Josep Bou	1
Josep Cruanyes	1
Josep Estradé	1
Josep Garganté	1
Josep Ginesta	1
Josep Jover	1
Josep Lluís Bonet	1
Josep Manel Busqueta	1
Josep Manuel	1
Josep Maria Deop	1
Josep Maria Diéguez	1
Josep Maria José	1
Josep Maria Mainat	1
Josep Oliu	1
Josep Pagès	1
Josep Vilaplana	1
Joseph Stiglitz	1
Juan	1
Juan Carlos Campo	1

Juan Carlos Girauta	1
Juan Carlos Jerez	1
Juan Carlos Padín	1
Juan Carlos Rodríguez Ibarra	1
Juan Carlos Zapata	1
Juan Cornejo	1
Juan Jesús Guerra	1
Juan Luis Larrea	1
Juanje	1
Judith	1
Júlia Agulló	1
Julià de Jòdar	1
Julià de Jodar	1
Julià de Jòdar	1
Juliana	1
Julio Ariza	1
Julio López	1
Junta Electoral Central	1
Jüri Ratas	1
JXCAT	1
JXSÍ	1
JXSÍ, CSQP e CUP	1
Jyrki Katainen	1
Karl Heinz Lambertz	1
Klaus Werner	1
Klause-Dieter Frankenberger	1
Koke	1
Koro López	1
Kristof Calvo	1
l'Associació Patriòtica Catalunya 1640	1
La República	1
La Stampa	1
Laia Muntàs	1
Laia Ortiz	1
Laia Sabater	1
Laia Serra	1
Laia Torres	1
Lansana Babji	1
Laura Camargo	1
Laura Campos	1
Laura Martínez	1
Le Figaro	1
Le Nouvel Observateurs	1
Le Soir	1
Linus Puchal	1
Litus	1
Liz Castro	1
Llista Unitària	1
Lliures	1
Lloll Beltran	1

Lluc Salellas	1
Lluís	1
Lluís Comas	1
Lluís Corominas, Marta Rovira i Roger Torrent,	1
Lluís Guinó	1
Lluís Orriols	1
Lluís Rabell	1
Lluny	1
Lola	1
Lopetegui	1
Lorenzo Consoli	1
Lorenzo Olarte	1
Luca	1
Lucía Medina	1
Luis Martínez	1
Luisa Belchior	1
Lurdes	1
Madrenas	1
Madrileños por el Derecho a Decidir	1
Madrilenys pel Dret a decidir	1
Magda Casamitjana	1
Maite	1
Majó	1
MalPaso	1
Manel Escobet	1
Manel Llaràs	1
Manfred Weber	1
Manolo Tomàs	1
Manuel Delgado	1
Manuel Valls	1
Manuela Carmena	1
Manuela de Madre	1
Marc	1
Marc Lamuà	1
Marc Salles	1
Marc Solsona	1
Marc Xifra	1
Marcel Mateus	1
Marcela Homs	1
Marcio Germán Romeva	1
Marcos Senna	1
Margalida Capellà	1
Margarita Torra	1
Margaritis Schimas	1
Marí Carmen	1
Maria Dolores de Cospedal	1
Maria Dolores de Cospedall	1
Maria Dolors Cospedal	1
Maria Eugènia Gay	1
María José Bernal	1

María José Hierro	1
María José Lecha	1
Maria Rosa	1
Maria Teresa	1
Maria Victòria Caralla	1
Maria Zakharova	1
Mariana Albiol	1
Maribel Moreno	1
Marina Vinardell	1
Mario Draghi	1
Mariona Casadevall	1
Marta	1
Marta Escudero	1
Marta Ferrusola	1
Marta Guerrero	1
Marta Madrigal	1
Marta Rosique	1
Marta Torrecillas	1
Marta Vilalta	1
Martí Carreras	1
Martí Segrera	1
Martina	1
MasColell	1
Mathias Reynard	1
Matías Alonso	1
Matías Carnero	1
Matt Carthy	1
Maximino Colado	1
Membro da cúpula do PP	1
Mercè Amich	1
Mercè Guilera	1
Mercè Homs	1
Mercè Perea	1
Meritxell Lluís	1
Meritxell Martorell	1
Meritxell Ruiz	1
Merlina del Giudice	1
Mia	1
Michael Stothard	1
Michèle Hirsch	1
Migue Capuz	1
Miguel Ángel Aguilar	1
Miguel Ángel Heredia	1
Miguel Torres	1
Mikko Kärnä	1
Milena Zinni e Eli Green	1
Millo Kärnä	1
Mina Andreeva	1
Ministério do Fomento	1
Ministério Hacienda e Administración Pública	1

Ministério Público	1
Miquel Caminal	1
Miquel Capuz	1
Miquel Iceta	1
Miquel Joan	1
Miquel Sala	1
Miquel Sellarès	1
Miquel Urbán	1
Miquel Valls	1
Mireia Balaguer	1
Mireia Vehí	1
Miren Zabaleta	1
Míriam Ferrándiz	1
Miriam Tey	1
Mohamed	1
Moisés	1
Moisés Cortés	1
Mónica	1
Mònica Garcia	1
Mónica Roig	1
Mònica Sabata	1
Montserrat Cortina	1
Montserrat Torres	1
Montse	1
Montse Candini	1
Montse Daban	1
Montse Llussà	1
Montserrat Tura	1
Mouhamed Diop	1
Movistar	1
Nacho Castella	1
Narcís Fajula	1
Nas filas do PP	1
Nascut	1
Natália	1
Natàlia Esteve	1
Natàlia Mas	1
Natàlia Sánchez	1
Nature	1
Neus	1
Neus Català	1
Nicola Sturgeon	1
Nigel Farage	1
Nil Solange	1
Nils Muiznieks	1
Nota interna a que o Ara teve acesso	1
Nova Convergència	1
Numerosas fontes consultadas	1
Núria Bosch	1
Núria Gibert	1

Núria Gispert	1
Núria Gómez	1
Núria Parlom, Jordi Ballart (alcalde de Terrassa), Josep Mayoral (Granollers) i Ignasi Giménez (Castellar del Vallès)	1
Núria Parlon, Jordi Ballart (alcalde de Terrassa), Josep Mayoral (Granollers) i Ignasi Giménez (Castellar del Vallès).	1
Núria Picas	1
o Ara teve acesso	1
Obama	1
Observadores Internacionais	1
Olga Arderiu	1
Òmnium	1
ONU	1
Organizadores protesto	1
Orio Junqueras	1
Oriol Ansón	1
Oriol Bartomeus	1
Oriol Garcia	1
Oriol Molins	1
Os barões do PSOE	1
Os nacionalistas bascos	1
Os organizadores da manifestação	1
Os Socialistas	1
Óscar Guardingo	1
Outro dirigente do Palau	1
Outro elemento	1
Outro membro	1
Outro polícia	1
Owen Jones	1
Pablo Gutiérrez	1
Paco	1
Paco Frutos	1
Paola Lo Cascio	1
Parlamento Catalão	1
Parlem?	1
Parlon, Jordi Ballart (alcalde de Terrassa), Josep Mayoral (Granollers) i Ignasi Giménez (Castellar del Vallès).	1
Pau	1
Pau Canaleta	1
Paula	1
Paula Vallejo	1
Pavlo Klimkin	1
PDECAT, ERC e CUP	1
Pedro Sanz	1
Pep Guardiola	1
Pep Vila	1
Pepe Álvarez	1
Pepe Álvarez	1
Pere Aragonés	1
Pere Aragones	1
Pere Cuéllar	1

Pere Lluís Huguet	1
Pere Morist	1
Pere Navarro	1
Pere Pubill	1
Pere Pugès	1
Pere Soler	1
Pere Vivancos	1
Pere-Joan Cardona	1
Pérez de los Cobos	1
Pessoas que conhecem Alfonso Dastis	1
Petra de Sutter	1
Philippe Lamberts	1
Pilar	1
Pili	1
PIMECC	1
Pío García-Escudero	1
Plataforma per la Llengua	1
Pol Morillas	1
Pol Vigó	1
Polícia	1
Político	1
Políticos envolvidos no processo 9-N	1
Polítólogos e Sociólogos consultados pelo Ara	1
Porta voz polícia	1
Processo a que o Ara teve acesso	1
Proprietário de um estabelecimento	1
PSOE Andaluzia	1
Quim	1
Quim Masferrer	1
Quim Torra	1
Rafa Nadal	1
Rafael	1
Rafael Simancas	1
Ramon Cossío	1
Ramon Escobar	1
Ramón Espinar	1
Ramon Piqué	1
Ramon Sola	1
Raphael Minder	1
Raul Romeva	1
recurso do executivo a que o ARA teve acesso	1
Ricard Torné	1
Robert Manrique	1
Robert Sabater	1
Roberto Bermúdez de Castro	1
Roger	1
Roger Loppacher	1
Roger Martínez	1
Roger Rovira	1
Romeo Tejada	1

Romero de Tejada	1
Rosa	1
Rosa Andreu	1
Rosa Lluch	1
Rosa Paz	1
Rosa Vidal	1
Rosa Vidal Planella	1
Roser	1
Roser Maresma	1
Roser Mercadé	1
Roser Montañola	1
Roser Valero	1
RTS	1
Rubén Cela	1
Rui Tavares	1
Salvador Cardús	1
Salvador Garcia	1
Sandra Garcia	1
Sandrina Antunes	1
Sandrine Morel	1
Santi Bellver	1
Santi Vigas	1
Santiago Abascal	1
Sara Miralles	1
Savador Cardús	1
Saxo Bank	1
Se fonte (jornalista observador)	1
Sean Francis	1
Secretaria Universitats i Recerca de la Generalitat	1
Segre	1
Segundo explicaram	1
Segundo explicaram algumas fontes	1
Segundo fontes Arran	1
Segundo fontes conhecedoras do processo	1
Segundo fontes da Generalitat	1
Segundo fontes da polícia	1
Segundo fontes do departamento do Ministério	1
Segundo fontes Edavant	1
Segundo pode saber o Ara	1
Sem fonte	1
sem fonte (jornalista observador	1
Sem fonte (jornalista)	1
Sem referências	1
Sergi Albarran	1
Sergi Bonet	1
Sergi Camps	1
Sergi Garcia	1
Sérgio	1
Sergio Divina	1
Sergio Espín	1

Sergio Lopez	1
Serguei Lavrov	1
Servei Català de Trànsit	1
Servidors	1
Shada Islam	1
Shane	1
Sí al País Català	1
Sífrid Ramos	1
Sílvia	1
Sílvia Badia	1
Sílvia Casola	1
Simon Jenkins	1
Sindicat de Periodistes de Catalunya	1
Sindicatos	1
Sinn Féin Mark Carthy	1
Ska Keller	1
Societat Civil Catalana (SCC)	1
Soledad Gallego-Díaz	1
Somatemps	1
Sònia Andolz	1
Sònia Sala	1
Soraia Sáenz Santamaría	1
Suddeutsche Zeitung	1
Sunday Telegraph	1
Susana Díaz	1
Susanna Barreda	1
Susanna Cladellas	1
Susanna Griso	1
Susanna Segovia	1
Tània Verge	1
Teresa	1
Teresa Bifet	1
Teresa Jordà	1
Teve acesso o Ara	1
The Economist	1
The Elders	1
The Independent	1
The Wall Street Journal	1
The Washington Post	1
Theo Francken	1
Thomas	1
Times	1
Tomàs Gilabert	1
Toñi	1
Toni Anguera	1
Toni Commin	1
Toni Postius	1
Tribunal Constitucional	1
Tribunal da Catalunha	1
Tribunal Superior de Justícia de Catalunya	1

Tribunal Superior de Justícia Catalunya	1
Tribunal Superior Justícia de Catalunya	1
Tribunal Supremo	1
TSJC	1
TV3	1
Txel Bonet	1
Txell Bonet	1
Txus Medina	1
UGT	1
Um alcalde	1
Um alto membro do executivo	1
Um bombeiro	1
Um càrrec local	1
Um casal	1
Um colaborador do Presidente	1
Um deles	1
Um deputado CSQP	1
Um deputado PDECAT	1
Um deputado Socialista	1
Um dirigente consultado	1
Um dirigente consultado PDECAT	1
Um dirigente CUP	1
Um dirigente da confiança de Albiol	1
Um dirigente de Castella e León	1
Um dirigente do col·legi	1
Um dirigente do partido	1
Um dirigente ERC	1
Um dirigente JXSÍ	1
Um dirigente local	1
Um dirigente PP	1
Um dirigente Soberanista	1
Um dirigente socialista	1
Um dos alcaldes	1
Um dos dirigents Demòcrates de Catalunya	1
Um dos dirigents do processo	1
Um dos membros do CatComú	1
Um dos membros do Podemos	1
Um dos polícias	1
Um estudante	1
Um fonte das entidades	1
Um grupo de dirigents	1
Um Guarda Civil	1
Um guia turístico	1
Um homem de Jersey Verde	1
Um importante empresário	1
Um jornalista	1
Um jovem	1
Um meio de comunicação de madrid	1
Um membro da ANC	1
Um membro da direção do PP	1

Um membro da equipa de Carles Puigdemont	1
Um membro do governo	1
Um outro càrrec	1
Um outro membro	1
Um parlamentar	1
Um político do PP	1
Um porta voz	1
Um porta voz da Comissão Europeia	1
Um porta voz da companhia	1
Um porta voz da Generalitat	1
Um porta-voz	1
Um regidor PDECAT	1
Um regidor PP	1
Um responsável da manifestação	1
um socialista	1
Um trabalhador de Tera	1
Um trabalhador do porto	1
Um trabalhador que prefere o anonimato	1
Uma advogada	1
Uma centena de agentes	1
Uma das integrantes	1
Uma das pessoas investigadas	1
Uma deputada	1
Uma esteticista	1
Uma família de Torrelles	1
Uma fonte consultada JXSí	1
Uma fonte da sala das máquinas do Procés	1
Uma fonte da TV3	1
Uma fonte do ERC	1
Uma fonte do Governo	1
Uma fonte judicial	1
Uma jovem	1
Uma outra fonte	1
Uma 'padrina'	1
Uma vizinha	1
Uma vizinha de 70 anos	1
Uns manifestantes	1
Uns vizinhos	1
Urgell Navinés	1
Urkullu	1
USTEC	1
Valdis Dombrovskis	1
Vanessa	1
Vão dizendo	1
Vão explicar	1
Várias fontes	1
Vários Militantes CUP	1
Veü del partit	1
Vicenç	1
Vicent Sanchis	1

Vicky	1
Viviane Reding	1
Vodafone	1
Vuit secretaris generals de les federacions sanchistes de les Balears, el País Basc, la Rioja, Castella i Lleó, Múrcia, Ceuta, Navarra i Madrid	1
Walther Bernecker	1
Xabier Bettel	1
Xavier Bettel	1
Xavier Díez	1
Xavier Domenèch	1
Xavier Vera	1
Xevi Generó	1
Yannick Ramis	1
Yayo Herrero	1
Yolanda Hernández	1
Zaida Cantera	1

Mancha ocupada pelas declarações

Grande (+ 500 caracteres)	450
Média (até 500 caracteres)	1650
Pequena (até 100 caracteres)	1241
Sem declaração direta	739
Sem informação	120

Distribuição de fontes de informação por partidos

Sem informação	1794
PP	432
ERC	266
JXSÍ	259
PDECAT	227
PSC	222
CUP	177
PSOE	158
Ciudadanos	131
En Comú Podem	111
Podemos	96
Catalunya Sí Es Que Pot	51
PPE	33
En Comú	19
JXCAT	17
PNV	20
Partido Socialista	13
EUiA	11
ICV	9

CDC	8
CDU	6
Partido Nacional Escocês	6
Lliures	5
Partido Liberal Belga	5
Frente Popular da Rússia	5
EH Bildu	4
Som Alternativa	4
ALDE	3
CiU	3
Partido Conservador	3
Partido Democrata	3
Partido Republicano	3
UDC	3
Unió	3
Catalunya en Comú	2
Crida per Sabadell	2
Democrata	2
ERC, CUP, PDECAT	2
ERC, JXSÍ	2
Esquerra Unida	2
Evento	2
IU	2
Nova Aliança Flamenca	2
Partido do Trabalho	2
Partido Flamenco	2
PC Rússia	2
Podemos, En Comú Podem	2
PS francês	2
PSC e ICV	2
Republicano	2
Vários	2
Arran	1
BNG	1
CDU Alemanha	1
Coalition of Left, of Movements and Ecology	1
Compromís	1
Conservadores e Reformistas	1
Ciudadanos	1
CUP, JXSÍ, Catalunya Sí que Pot	1
Demòcrates Lliures	1
Els Verds	1
Els Verds/ALE	1
ERC, JXSÍ, PDECAT, En Comú Podem	1
ERC, PDECAT, JXSÍ	1
Esquerda Unitària	1
EUPV	1
Ex-ERC	1
França Insubmisa	1
Geroa Bai	1

Iniciativa	1
Joventud i Igualtat	1
Mais Madrid	1
MES	1
Movimento Reformador	1
New Era Party	1
Nova Convergència	1
NV-A	1
Partido Belga	1
Partido de Centro	1
Partido de Centro Estónio	1
Partido Israelita	1
Partido liberal	1
Partido Liberal Flamenco	1
Partido Nacional da Escócia	1
Partido Reformador Belga	1
Partido Trabalhista	1
PC	1
PCC	1
PCE	1
Plataforma Cívica	1
Podem	1
PS Belga	1
PS Europa	1
PS Europeu	1
PS Grego	1
PS Suíço	1
PSOE, PP	1
Sem partido	1
SMC	1
UdG	1
UKIP	1
Unió Democràtica de Catalunya	1
Units	1
Units per Avançar	1
Verds	1
Verds/Aliança Lliure Europa	1
VOX	1

Posição das declarações das fontes de informação

Sem informação	1735
Pró-Independência	1125
Contra a Independência	677
Indefinida	210
Pró-referendo	135
Contra o referendo	58
Contra ação musculada da polícia	34
Apelo ao diálogo	23
Contra a Independência, Contra o referendo	21

Pró-Referendo, Contra ação musculada da polícia	17
Pró-Independência, Contra a aplicação do artigo 155	12
Pró-Independência, Pró-Referendo	11
Contra a DUI	10
Indefinido	10
Pró-Independência, Contra ação musculada da polícia	9
Contra a Independência, Pró-Referendo	6
Pró-Independência, Apelo ao diálogo	6
Contra a aplicação do artigo 155	5
Contra a Independência, Contra o referendo, Contra ação musculada da polícia	5
Contra ação musculada da polícia, Apelo ao diálogo	5
Pró-Referendo	5
Pró-referendo, apelo ao diálogo	5
Contra a Independência, Apelo ao diálogo	4
Contra a Independência, Contra a aplicação do artigo 155	4
Contra a Independência, Contra ação musculada da polícia	4
Pró-DUI	4
Pró-Referendo, Contra a DUI	4
Contra a DUI, Contra a aplicação do artigo 155	3
Contra a Independência, Contra a DUI	3
Contra a Independência, Pró-Referendo, Contra a aplicação do artigo 155	3
Contra ação policial musculada	3
Pró-Independência, Pró DUI	3
Contra a Independência, A favor ação musculada da polícia	2
Contra a Independência, Contra ação musculada da polícia, Apelo ao diálogo	2
Contra a Independência, Contra o referendo, A favor ação musculada da polícia	2
Contra DUI	2
Contra o referendo, A favor ação musculada da polícia	2
Contra o referendo, contra atitude dos Mossos	2
Indefinido, Contra a aplicação do artigo 155	2
Pró-Independência, Contra a DUI	2
Pró-Independência, Sem informação	2
Pró-referendo, Contra a aplicação artigo 155	2
Apelo ao diálogo, Contra a aplicação do artigo 155	1
Contra a aplicação artigo 155	1
Contra a DUI, Contra a aplicação artigo 155	1
Contra a Independência, A favor artigo 155	1
Contra a Independência, Apelo ao diálogo, Contra a aplicação do artigo 155	1
Contra a Independência, Contra a DUI, Contra a aplicação do artigo 155	1
Contra a Independência, Contra aplicação artigo 155	1
Contra a Independência, Pró-Referendo, Apelo ao diálogo, Contra a aplicação do artigo 155	1
Contra ação musculada da polícia, Pró-Referendo	1
Contra o referebdi	1
Contra TC	1
Indefinida, Apelo ao diálogo	1
Indefinida, Contra a aplicação do artigo 155	1
Indefinida, Contra a DUI	1
Indefinida, Contra detenções políticas	1
Modelo federal	1
Neutro	1

Pró-Federalismo	1
Pró-Independência, Apelo ao diálogo, Contra a aplicação do artigo 155	1
Pró-Independência, Apelo ao diálogo, Contra a aplicação do artigo 155, Contra a DUI	1
Pró-referendo	1

Meio de atuação

Soundbite/Encontro "informal" com jornalista	939
Sem informação	821
Entrevista formal	414
Manifestação	367
Evento	253
Conferência de imprensa	207
Redes Sociais	170
Sessões Parlamento Nacional	168
Sessões Parlamento Autónimo	144
Peças Jornalísticas	144
PR/Comunicado	142
Reunião	117
Carta	43
Relatório	23
Declaração Institucional	21
Resolução	20
Sessões Senado	18
Ações de Campanha Autónoma	16
Auto	16
Visita	16
Manifesto	13
Sondagem	12
Outros	117
Artigo de Opinião	21
Sessões Parlamento Europeu	17
Website	9
Diploma legal	8
Editoriais	7
Livro	7
Documento	5
Editorial	3
Referendo	3
Sessão do Senado	3
Sessões do Parlamento Autónimo	3
Sondagens	3
Sentença	3
Acórdão	2
Programa Eleitoral	2
Proposta	2
Texto	2
Sessões Parlamento Nacional	1
Agenda	1
Audiência	2

áudio	1
Barómetro	1
BOE	1
Decreto	1
Dissertação	1
Email	1
Escrito/Carta	1
Mensagem Institucional	1
Moção	1
Projeto de lei	1
Proposta ao Parlamento	1
Recurso Judicial	1

Apêndice 5: Quadros síntese jornal El Mundo

Identificação das fontes de informação

Carles Puigdemont	91
Sem fonte (jornalista observador)	75
Miquel Iceta	47
Mariano Rajoy	43
Ada Colau	38
Sem informação	38
Albert Rivera	37
Oriol Junqueras	35
Inés Arrimadas	32
Pedro Sánchez	31
Xavier García Albiol	27
Soraya Sáenz de Santamaría	25
Pablo Iglesias	22
Carme Forcadell	20
Jordi Sànchez	19
Jordi Turull	19
Anna Gabriel	17
CUP	17
Tribunal Constitucional	16
Artur Mas	15
Marta Pascal	15
Fontes Socialistas	14
Íñigo Méndez de Vigo	14
Juan Ignacio Zoido	14
Jordi Cuixart	13
Sigma Dos	13
ANC	12
Carmen Lamela	12
José Manuel Maza	12
Albano Dante Fachin	11
Fontes judiciais	11
Govern	11
Margarita Robles	11
Marta Rovira	11
Neus Munté	11
Francesc Homs	10
Jaume Collboni	10
Sergi Sabrià	10
Tribunal Superior de Justícia de Catalunya	10
Xavier Domènech	10
Alberto Fernández	9
Carolina Bescansa	9
Documento a que o El Mundo teve acesso	9
EFE	9
Europa Press	9
Fontes consultadas	9

Sem fonte	9
Societat Civil Catalana	9
Carlos Carrizosa	8
Cristóbal Montoro	8
Fontes do PP	8
Gabriel Rufián	8
Jean Claude Juncker	8
Josep Borrell	8
Rafael Hernando	8
Susana Díaz	8
Tribunal Supremo	8
Agustí Alcoberro	7
Àngel Ros	7
Charles Michel	7
Donald Tusk	7
Fontes	7
Fontes PDECAT	7
Guardia Urbana	7
Josep Rull	7
Ministério do Interior	7
Mireia Boya	7
Raül Romeva	7
Aitor Esteban	6
Carles Riera	6
Dolors Sabater	6
Emmanuel Macron	6
Enric Milo	6
Felipe VI	6
Fernando Martínez-Maillo	6
Fontes do Governo	6
Fontes Populares	6
Fontes PSC	6
Irene Montero	6
José Domingo	6
Manifestantes	6
Mario Jiménez	6
Pablo Casado	6
Santi Vila	6
Ximo Puig	6
Adriana Lastra	5
Andoni Ortuzar	5
ERC	5
Eulàlia Reguant	5
Fontes Policiais	5
Fontes PP	5
Jaume Asens	5
Joan Tardà	5
José Luis Ábalos	5
Jose Téllez	5
María Dolores de Cospedal	5

Montse Venturós	5
Núria Marín	5
Paul Bekaert	5
PP	5
Alfred Bosch	4
Antonio Tajani	4
Ara	4
Audiencia Nacional	4
Benet Salellas	4
Carlos Lesmes	4
Documento a que o El Mundo teve acesso	4
Elisenda Alamany	4
Fiscalia	4
Fontes do Interior	4
Gerardo Pisarello	4
Guardia Civil	4
Javier Fernández	4
Jesús María Barrientos	4
Joan Coscubiela	4
Josep Piqué	4
Juan Carlos Girauta	4
Marcel Mauri	4
Mariano Gomà	4
Núria Parlon	4
Outra mãe	4
Pablo Echenique	4
Quim Arrufat	4
Uma mãe	4
Xavier Pericay	4
Alberto Núñez Feijóo	3
Álex Pastor	3
Alfredo Pérez Rubalcaba	3
Ana Pastor	3
Andrea Levy	3
Ángeles Ribes	3
Antonio Hernando	3
Camil Ros	3
Carina Mejias	3
Carmen Calvo	3
Ciudadanos	3
Dolors Montserrat	3
El País	3
Emiliano García-Page	3
Enric Millo	3
Fontes conhecedoras	3
Fontes da Investigação	3
Fontes do Ministério	3
Fontes do Ministério Público	3
Fontes do Partido	3
Fontes ERC	3

Fontes Governamentals	3
Fontes Moncloa	3
Fontes Parlamentares	3
Fontes Podemos	3
Fontes pr3ximas	3
Fontes PSOE	3
Francina Amengol	3
Governo	3
Idoia Mendia	3
Javier Pacheco	3
Joana Ortega	3
Jordi	3
Jos3 Manuel Villegas	3
Jos3 Montilla	3
Josep Gargant3	3
Julian Assange	3
Le Monde	3
Llu3 Salvad3	3
Luis de Guindos	3
Maria Rovira	3
Marta Madrenas	3
Mossos d'Esquadra	3
Naci3 Digital	3
Neus Lloveras	3
Oriol Llad3	3
Pablo Llarena	3
PDECAT	3
PSC	3
Rafael Catal3	3
Rafael Catal3	3
Ramon Tremosa	3
Rosa	3
Salvador Illa	3
Um agente	3
Um porta-voz	3
Um professor	3
Vicent Sanchis	3
À volta de S3nchez	2
Albert Batalla	2
Alberto Fern3ndez D3az	2
Alberto Garz3n	2
Alberto Hern3ndez Moreno	2
Alejandro Fern3ndez	2
Àlex Ramos	2
Alfonso Dastis	2
Alfonso Guerra	2
Alicia Romero	2
AMES	2
Amnistia Internacional	2
Andreu Van en Eynde	2

Ángel Hurtado	2
Angel Ros	2
Angela Merkel	2
Antoni Castellà	2
Audiência Nacional	2
Banco Sabadell	2
Bartolomé Barba	2
BOE	2
Carles Mundó	2
César Luena	2
Círculo de Economia de Catalunya	2
Clara Ponsatí	2
Consuelo Madrigal	2
Correspondentes Europeus	2
Corriere della Sera	2
Daan Evarts	2
Documento a que teve acesso	2
Dolors López	2
Elsa Artadi	2
En Comú Podem	2
Félix Ovejero	2
Félix Sanz Roldán	2
Fernando de Páramo	2
Fernando Savater	2
Ferran Pedret	2
Financial Times	2
Fontes CUP	2
Fontes do departamento	2
Fontes do Executivo	2
Fontes do grupo PP	2
Fontes Fiscais	2
Fontes Generalitat	2
Fontes Hacienda	2
Fontes Ministério do Interior	2
Fontes Penitenciária	2
Geert Wilders	2
Generalitat	2
Gianni Pittella	2
Governo Espanhol	2
Grupo Municipal PP Badalona	2
Ignacio Prendes	2
Iñigo Urkullu	2
Isabel Fernández	2
Isabel Fernández Alonso	2
Javier Santacruz	2
Joan Josep Nuet	2
Joaquim Forn	2
Joaquim Gay de Montellà	2
Jordi Ballart	2
Jordi Hereu	2

Jordi Sánchez	2
Jordi Xuclà	2
José Luis Bonet	2
José María Aznar	2
Josep Cuní	2
Josep Lluís Cleries	2
Juan Cornejo	2
Junta Eleitoral	2
La Vanguardia	2
Laia Estrada	2
Le Figaro	2
Lluís Corominas	2
Lluís Puig	2
Lluís Rabell	2
Luz Martínez Seijo	2
Manuel Escudero	2
María	2
Marina	2
Marta Martín	2
Miguel Garcia	2
Miguel Gutiérrez	2
Ministério Público	2
Miquel Buch	2
Miquel Valls	2
Mònica Terribas	2
Montserrat Comas	2
Muitos Manifestantes	2
New York Times	2
Nigel Farage	2
Núria Gibert	2
Núria Gisbert	2
O El Mundo teve acesso	2
Óscar Puente	2
Pep Guardiola	2
Pere Aragonès	2
Podemos	2
Polícia Nacional	2
PSOE	2
PSOE	2
Ramon Espadaler	2
Raul Romeva	2
Ricardo Blázquez	2
Roberto Bermúdez de Castro	2
Sandra Moneo	2
Soube o El Mundo	2
Teresa Freixes	2
The Guardian	2
Theo Francken	2
Tribunal de Contas	2
Tribunal Superior de Justicia de Catalunya	2

Um manifestante	2
Um ministro	2
Washington Post	2
Xavier Bettel	2
Xavier Gabriel	2
Xavier Trias	2
100 advogados do Colégio de la Abogacía de Barcelona	1
1300 médicos	1
17 Professores Universitários de Direito Processual	1
1º Ministro República Checa	1
200 Professores	1
4 ações de juízes	1
4 manifestantes	1
80 ex alcaldes e concejales PSC e ICV	1
A mulher de um guarda	1
A Porta Voz PP	1
Abdelwahab Houzi	1
Advogado de defesa Puigdemont	1
Advogados de Mas	1
Agencia Española de Protección de Datos	1
AGÊNCIA TRIBUTÁRIA	1
Agentes da Polícia	1
agentes socioeconómicos del Baix Llobregat	1
AIReF	1
Aitor Estebal	1
Albano Dante Fachín	1
Alber Rivera	1
Albert Boadella	1
Albert Botran	1
Albert Martínez	1
Albert Peeters	1
Albert Royo	1
Alberto	1
Alberto Fernández	1
Alberto Martín-Toledano	1
Alberto Moya	1
Alberto Rodriguez	1
Alcaldes PSC	1
Alde	1
Alejo Vidal-Quadras	1
Àlex Mañas	1
Alfons García	1
Alfonso Alonso	1
Alfonso Merino	1
Alfredo Castelló	1
Alfredo Vega	1
Alguém do ERC	1
Alguns dirigentes	1
Alguns dirigentes consultados	1
Alguns dirigentes JXSí	1

Alguns jovens	1
Alguns observadores internacionais	1
Alguns PDECAT	1
Alguns Presidents Regionais	1
Alguns vizinhos	1
Aliança Mar Blava	1
Alicia Sánchez Camacho	1
Álvaro Nadal	1
Amancio López	1
Ana Maria	1
Analistas consultados	1
Ancor Serrano	1
Ander Gil	1
Ánder Gil	1
André Guide	1
Andreia Levy	1
Andrés Palomo del Arco	1
Andrés Perelló	1
Andreu Mayayo	1
Ángel Ros	1
Angelino Alfano	1
Anna Gabriel	1
Anna Balletbò	1
Anna Caballé Martorell	1
Antoni	1
Antoni Bassa	1
Antoni Bayona	1
Antoni Fernández Teixidó	1
Antoni Rafanell	1
Antoni Subirà	1
Antoni Tajani	1
Antonio Baños	1
António Costa	1
Antonio Pradas	1
Antonio Quesada	1
Antonio Ramírez	1
Antonio Trevín	1
Arbúcies	1
Ariel	1
Arnaldo Otegi	1
Arnaldo Otegui	1
Arran	1
Arran	1
Arturo	1
Asamblea de Estudiantes de la Escuela Técnica Superior de Ingeniería Industrial de Barcelona	1
Asociación de Fiscales	1
Asociación de Medios de Información	1
Asociación Juezas y Jueces para la Democracia	1
Asociación Profesional de la Magistratur	1
Asociación Profesional de la Magistratura	1

Asociación Profesional de la Magistratura, Jueces para la Democracia, Francisco de Vitoria y Foro Judicial Independiente	1
Asociación Professional Independiente de Fiscales	1
Asociación Unificada de Guardias Civiles	1
Asociación Unificada de Guardias Civils	1
Asseguram fontes	1
Asseguram Òmnium e ANC	1
Associació Catalana de Municipis	1
Asociación de Municipis per la Independencia	1
Asociación Profesional de Magistraturua	1
Assumpta Escarp	1
Assumpta Ripoll	1
Assunción	1
Atilana Guerrero	1
Autoridade Independente de Responsabilidade Fiscal	1
Axa	1
Ayuntamiento de Badalona	1
Ayuntamiento de Barcelona	1
Ayuntamiento de Reus	1
Ayuntamiento de Sabadell	1
Ayuntamiento Sant Andreu de Llvaneres	1
Barack Obama	1
BBC	1
Begoña Villacís	1
Bieito Rubido	1
Bild Zeitung	1
Boris Johnson	1
Brice Lafontaine	1
Burniol	1
Caixa Bank	1
Câmara de Comércio Britânica	1
Carina Mejías	1
Carles Campuzano	1
Carles López	1
Carles Pellicer	1
Carles Prieto	1
Carlos Gómez López de Medina	1
Carlos Jiménez Villarejo	1
Carlos Salvador	1
Carme Figueras	1
Carme Focadell	1
Carmen	1
Carmen Andrés	1
Carmen Crespo	1
Carmen Martínez Castro	1
Carmona Peñalver	1
Carnen Lamela	1
Carolina Punset	1
Carta a que o El Mundo teve acesso	1
Carta de Jordi Pujol a que teve acesso	1
Casimiro Gracia	1

CASSO CONHECIDO DO eL mUNDO	1
Catalana Occidental	1
Catalunya Ràdio	1
Catalunya Sí es Que Pot	1
CCOO	1
CDC	1
CECOT	1
Celia	1
Centre de Estudis d'Opinió	1
Centre d'Estudis d'Opinió	1
Centro de Encuestas S.	1
CEOE	1
Cepyme	1
Cercle d'Economia	1
César	1
CGT	1
Christophe Marchand	1
CIS	1
Clara Serra	1
CNN	1
Codorníu	1
Colegio de Ingenieros de Caminos Canales y Puertos	1
Colégio de Registradores	1
Colégio De Registradores Mercantiles de España	1
Comitè de Defensa de la República Nord Oriental	1
Comités de Defensa del Referéndum	1
Como soube o El Mundo	1
Companheiros na Sala Penal	1
Consejaria de Educación	1
Conselheiros PSC	1
Consell de l'Audiovisual de Catalunya	1
Consistorio	1
Coral Latorre	1
Crida per la Democràcia (ANC e Òmnium)	1
Cristina Cifuentes	1
Cristina Narbona	1
Críticos de Albert Rivera	1
Cuerpo Nacional de Policía	1
CUP de Barcelona	1
Dafne	1
Damià Calvet	1
Daniel Lacalle	1
Daniel Rubio	1
Daniel Sirera	1
Daniel Tusk	1
David	1
David Bassa	1
David Cameron	1
David Fernández	1
De Morgen	1

Defesa de Oriol Junqueras	1
Defesas de Rull e Turull	1
Dei Zeit	1
Dejemeppe	1
Delegação do Governo Espanhol	1
Delegação do Governo na Catalunha	1
Departament d'Ensenyament	1
Departament d'Interior	1
Deputados próximos de Sánchez	1
Der Spiegel	1
Desde a direção do PSC	1
Desde a equipa de Puigdemont	1
Destacam no PP	1
Dezenas de independentistas	1
Diari Ara	1
Diari Oficial Generalitat	1
Diego Velazquez	1
Dirigentes da Formação	1
Dirigentes do partido herdeiro	1
Dirigentes ERC	1
Dirigentes PSOE	1
Diz um dos dirigentes do Ciudadanos	1
diziam em público e privado desde o PDECAT	1
Documento a que o El Mundo teve acesso	1
Dolores	1
Dolors Bassa	1
Donald Trump	1
Dono de uma loja	1
Doris	1
Ediles PSC	1
Editora Planeta	1
Editores de Livros	1
Eduardo Mendonza	1
Eduardo Reyes	1
El Jueves	1
Elena	1
Elio Di Rupo	1
Elisa	1
Eloi Badia	1
Elvira Roca	1
Empar Moliner	1
Endavant	1
Endavant Osan	1
Endavant-Osan	1
Enrique Calvet	1
Enrique Fernández de Moya	1
Ernest Urtasun	1
Escoles Obertes	1
Espanyol de Barcelona	1
Especialistas	1

Espejo Saavedra	1
Este jornal teve acesso	1
Esteban González Pons	1
Ester Capella	1
Ester Casado	1
Esteve	1
Eulalia	1
Eurodeputados Podemos	1
Eva Granados	1
Eva Parera	1
Expansión	1
Explicam desde Hacienda	1
Explicam na Hicienda	1
Extremenhos representados no Pacto Social	1
F. de Carreras	1
Familiares dos presos	1
Federación de Asociaciones de Madres y Padres de Alumnos de Cataluña	1
Federación de Asociaciones de Padres y Madres de Alumnos	1
Federación Española de Asociaciones de Empresas de Organización Profesional de Congresos	1
Feike Hacquebord	1
Felix Bornstein	1
Fèlix Larrosa	1
Fernando Blasco	1
Fernando Carderera	1
Fernando Martínez-Maíllo	1
Fernando Ramírez Trejo	1
Ferran Barri	1
Ferran Brunet	1
Ferran Sáez	1
Ferrán Tarradellas	1
Ferran Toutain	1
Filho de Carbonell	1
Fiscal General del Estado	1
Fiscalía	1
Fiscalia	1
Fiscalia	1
Fiscalia de la Audiencia Nacional	1
Fiscalía General	1
Fiscalia General	1
Fiscalía General del Estado	1
Florita	1
Fomento del Trabajo	1
Fonte (jornalista observador)	1
Fontes	1
Fontes a que teve acesso	1
Fontes Autorizadas	1
Fontes ayuntamiento	1
Fontes Ciudadanos	1
Fontes Conhecedoras das conversas	1
Fontes conhecedoras do proceso	1

Fontes Consultadas PSOE	1
Fontes Críticas	1
Fontes da área publicitária	1
Fontes da cadeira de hotéis	1
Fontes da CDC	1
Fontes da defesa dos ex-dirigentes	1
Fontes da direção	1
Fontes da direção Ciudadanos	1
Fontes da Direção do PP	1
Fontes da direção do PSOE	1
Fontes da direção do PSOE-Andaluzia	1
Fontes da direção PP	1
Fontes da direção PSOC	1
Fontes da direção PSOE	1
Fontes da empresa	1
Fontes da entidade	1
Fontes da federação PSOE Andaluzia	1
Fontes da Gestora	1
Fontes da Hisenda	1
Fontes da Moncloa	1
Fontes da negociação	1
Fontes da UE	1
Fontes da Vice Presidência	1
Fontes de ambas as partes	1
Fontes de Ferraz - Críticos	1
Fontes de Ferraz - Partidárias de Pedro Sánchez	1
Fontes de três das federações	1
Fontes de várias federações	1
Fontes distintas	1
Fontes do Alde	1
Fontes do Ciudadanos	1
Fontes do El Mundo	1
Fontes do JXSÍ	1
Fontes do Ministério do Interior	1
Fontes do novo coletivo	1
Fontes do PDECAT	1
Fontes do PNV	1
Fontes do PP no congresso	1
Fontes do processo	1
Fontes do Território	1
Fontes do Tribunal	1
Fontes do Tribunal Constitucional	1
Fontes do Tribunal de Contas	1
Fontes do Tribunal Superior de Justícia de Catalunya	1
Fontes dos sindicatos	1
Fontes Educativas	1
Fontes Fiscalia	1
Fontes Guardia Civil	1
Fontes Internas	1
Fontes junto da ministra	1

Fontes jurídicas	1
Fontes Jurídicas	1
Fontes Jurídicas	1
Fontes JXSí	1
Fontes ligadas ao 1-O	1
Fontes locais	1
Fontes Mossos d'Esquadra	1
Fontes oficiais da embaixada Dinamarquesa	1
Fontes ouvidas	1
Fontes PNV	1
Fontes Podemos várias localidades	1
Fontes presentes	1
Fontes presentes na reunião	1
Fontes próximas de Ferraz	1
Fontes próximas de Rajoy	1
Fontes próximas do caso	1
Fontes próximas do processo	1
Fontes próximas dos dirigentes	1
Fontes próximas dos dirigentes PSOE	1
Fontes próximas PSE	1
Fontes próximas socialistas	1
Fontes que apoiam Sánchez	1
Fontes socialistas catalãs	1
Fontes UGT	1
Fracisco Martínez	1
Fran Reina	1
Francesc Boronat	1
Francesc de Carregas	1
Francesc de Carreras	1
Francesc Fabregas	1
Francesc Fàbregas	1
Francesc Pujols	1
Francesc Serés	1
Francisco Carmona	1
Francisco Frutos	1
Francisco Lama	1
Francisco López	1
Francisco Rosell	1
Francisco Sosa Wagner	1
Francisco Frutos	1
Frankfurter Allgemeine	1
Frans Timmermans	1
Freixenet	1
Gabriela Serra	1
Gas Natural	1
Gentiloni	1
Gerard Piqué	1
Gerard Pisarello	1
Gerardo Bugallo	1
Germà Bel	1

Gestha	1
Gestora PSOE	1
Gloria Elizo	1
González Pons	1
Gonzalo Plata	1
Gorka	1
Govern e Parlament	1
Governo Belga	1
Gregorio Cámara	1
Gregorio Morán	1
Gremio de Heleros Catalanes	1
Grifols e Idilia Foods	1
Grupo de espectadores	1
Grupo de Manifestantes	1
Guillermo	1
Guillermo Fernández Vara	1
Guy Hedgcoe	1
Guy Verhofstad	1
Guy Verhofstadt	1
GVC	1
Heather Nauert	1
Hector López	1
Heinz-Christian Strache	1
Helena Boadas	1
Helene Zuber	1
Het Laatste Nieuws	1
ICV-EUIA	1
Idilia Foods	1
Ignacio Vidal-Folch	1
Igor Unanue	1
Ildefonso Salillas	1
Iñaki Errejón	1
Iñaki Urkullu	1
Íñigo de la Serna	1
Íñigo Mendez de Vigo	1
Íñigo Urkullu	1
Instituto de Estatística da Catalunha	1
Intersindical CSC	1
Isabel	1
Isabel Coixet	1
Isabel Rodríguez	1
Isidor Alberich	1
Iván Espinosa de los Monteros	1
Iván Redondo	1
Jack Montgomery	1
Jaime Mayor Oreja	1
Jake Wallis Simons	1
James Mattis	1
Jan Jambon	1
Janice Atkinson	1

Jaume Alonso-Cuevillas	1
Jaume Guardiola	1
Jaume Ribes	1
Javi	1
Javier	1
Javier Barrycoa	1
Javier Faus	1
Javier Fernández	1
Javier Huete	1
Javier Mulleras	1
Javier Nart	1
Javier Pagés	1
Javier Sandomingo	1
Jean Claude Junckers	1
Jean-Marc Meilleur	1
Jeremy Corbyn	1
Jesús Barrientos	1
Jesús Cimarro	1
Jesús Sanz	1
Joan Cañada	1
Joan Curbert i Soler	1
Joan Francesc Piqué	1
Joan Gómez	1
Joan José Nuet	1
Joan Manel Prat	1
Joan Mena	1
Joan Mora	1
Joan Ramon Casals	1
Joan Vilella	1
Joana María Mas	1
Joaquim Coll	1
Joaquín	1
Jorde Fernández Díaz	1
Jordi Cantallops	1
Jordi Clos	1
Jordi Cornet	1
Jordi Corominas	1
Jordi Cuminal	1
Jordi Domingo	1
Jordi Jané	1
Jordi Jover	1
Jordi Martí	1
Jordi Muñoz	1
Jordi Pinyol	1
Jordi Pujol	1
Jordi Terrades	1
Jordi Turrul	1
Jorge Campos	1
Jorge de Esteban	1
Jorge Español	1

Jorge Fernández Díaz	1
José A. Bermúdez	1
José Antonio	1
José Antonio Álvarez	1
José Antonio Bermúdez de Castro	1
José Antonio Calleja	1
José Antonio Méndez	1
José Antonio Rodríguez	1
José Creuheras	1
José Enrique Fernández de Moya	1
José García Margallo	1
José González Rivas	1
José Ignacio López Susín	1
José Ignacio Zoido	1
José Luis Martínez-Almeida	1
José Luis Osório	1
José Manuel Barreiro	1
José Manuel García-Margallo	1
José María Barrientos	1
José María Clavero	1
José María Espejo	1
José María Espejo-Saavedra	1
José María Lasalle	1
José María Lorenzo	1
José Nadal Lahoz	1
José Ramón García	1
José Ricardo de Prada	1
José Silva	1
José Téllez	1
Joseba Egibar	1
Josep	1
Josep Antoni Duran Lleida	1
Josep Bou	1
Josep Lluís Carod-Rovira	1
Josep Lluís Salvadó	1
Josep Lluís Traperó	1
Josep Maria Cervelló	1
Josep Maria Jové	1
Josep Maria Terricabras	1
Josep Maria Vázquez	1
Josep Oliver	1
Josep Tutusaus	1
Josep Vallcorba	1
Josep Vendrell	1
Joseph Daul	1
Josué Sallent	1
Juan	1
Juan	1
Juan Antonio González	1
Juan García Sentandreu	1

Juan José Omella	1
Juan Marín	1
Juan Marsé	1
Juan Milián	1
Juan Pedro Yllanes	1
Juan Rosell	1
Juan Rossel	1
Juan Soto Ivars	1
Juan Velayos	1
Juan, un padre del colegio	1
Julián	1
Julio de Diego López	1
Juristas de Llibertats	1
Jusapol	1
Jusapol, AUGC e Unión Oficiales	1
Juventude CUP	1
Juzgado Contencioso Administrativo número 14 de Barcelona	1
Juzgado de Instrucción 7 Barcelona	1
Juzgado de Instrucción	1
Juzgado de Instrucción número 4 Badalona	1
Juzgado de Primera Instancia	1
Kepa	1
Klaus Ioannidis	1
La Caixa	1
La República	1
Laia Ortiz	1
Laura Campos	1
Laura Casado	1
Laura Rivado	1
Le Soir	1
Lei Geral Penitenciária	1
Letícia	1
Libération	1
Libértion	1
Lisandro	1
Lluís Campmany	1
Lluís Cominas	1
Lluís Gómez	1
Lluís Junyent	1
Lluís Llach	1
Lluís Pasqual	1
Lluís Sans	1
Lluís Torrent	1
Lorena Ruiz-Huerta	1
Lourdes Ciuró	1
Luca de Meo	1
Luis Alegre	1
Luis Bonet	1
Luís Gascón	1
Luis Rodriguez	1

Maddalen Iriarte	1
mãe de uma aluna	1
Magistrados do TSJC	1
Magistratura (APM), Asociación Judicial Francisco de Vitoria (AJFV), Juezas y Jueces para la Democracia (JJD), Foro Judicial Independiente (FJI), Asociación de Fiscales (AF), Unión Progresista de Fiscales (UPF) y Asociación Profesional e Independiente de Fiscales (APIF)	1
Maite Pagazaurtundúa	1
Malcolm Otero Barral	1
Manel Garcia Biel	1
Maneuel Chaves Nogales	1
Manfred Weber	1
Manuel	1
Manuel Cruz	1
Manuel Machena	1
Manuel Mata	1
Manuel Miró	1
Mar Ampurdanès	1
Marc	1
Marc Bertomeu	1
Marcial Marín	1
Margarita Robleas	1
Margarita Robles	1
Margaritis Schunas	1
Mari	1
Mari Luz Martínez	1
María	1
María Dolores Dancausa	1
María José García Cuevas	1
María Miranda	1
Maria Ortega	1
María San Gil	1
Maria Senserrich	1
María Teresa Uller	1
Maria Zájárova	1
Marian Beitialarrangoitia	1
Marina Garcès	1
Mario Draghi	1
Mário Vargas Llosa	1
Màrius	1
Mark Rutte	1
Marta	1
Marta Álvarez	1
Marta Moreta	1
Marta Ribas	1
Martín	1
Martin Lidegaard	1
Martín Roberts	1
Martin Schulz	1
Martín Villa	1
Martiño Noriega	1
Mathieu de Taillac	1

Maties Serracant	1
Matilla	1
Matteo Salvini	1
Matthew Bennett	1
Mayte Pérez	1
Meios de Comunicação Catalunha	1
Mercè	1
Mercé Vilarrubias	1
Mercé Vilarrubias	1
Meritxel Masó	1
Meritxell	1
Meritxell Batet	1
Meritxell Trasfi	1
Mesa do Congresso	1
Mesa Parlamento Catalão	1
Miguel Aguilar	1
Miguel Ángel Carbalho	1
Miguel Ángel Carballo	1
Miguel Durán	1
Miguel García	1
Miguel Urbán	1
Milhares de manifestantes	1
Ministério Andorrano dos Assuntos Exteriores	1
Ministério da Economia	1
Ministério da Hacienda	1
Ministério de Interior	1
Ministério Francês dos Assuntos Exteriores	1
Ministério Hacienda	1
Ministros fazendo finca-pé	1
Miquel Àngel Cullerés	1
Miquel Roca	1
Miriam Noguerras	1
Miriam Tey	1
Miro Cerar	1
Mohamed El Ghaidouni	1
Montse	1
Montse Mínguez	1
Montserrat Ballarín	1
Montserrat Parra	1
Montserrat Roig	1
Morrisey	1
Moscat	1
Muitos têm dúvidas	1
Mulher do reformado	1
Muncal	1
Muñoz Molina	1
Nacho Corredor	1
Natan Espinosa	1
Nati	1
Nicolás Maduro	1

Nicolás Viso	1
Nicole	1
Noelia Vera	1
Numerosos Alcaldes	1
Núria de Gispert	1
Núria Pujol	1
O El Mundo teve acesso a estes briefings	1
O porta voz de um sindicato	1
OCDE	1
Oficina del President	1
Olga Ballester	1
Olga Novoa	1
Olga Tomàs	1
Olivia Light	1
Organización de Estibadores Portuarios de Barcelona	1
Oriol	1
Oriol Altisench	1
Oriol Junqueras, Carles Puigdemont, Carme Forcadell, Ada Colau	1
Óscar Escuder	1
Òscar Ordeig	1
Outro agente	1
Outro chefe	1
Outro manifestante	1
Outro membro da Arro	1
Outro militar	1
Outros dirigentes	1
Outros homólogos de Fachin	1
Ouve-se no supremo	1
P. pede o anonimato	1
Pabloo Llarena	1
Paco Sierra	1
Pais do colégio	1
Palomo Spain	1
Parlament Balear	1
Parlamento Autonómico Catalunha	1
Parlamento Europeu	1
Partidos Independentistas	1
Patxi López	1
Paul Sinning	1
Paula	1
Pavlo Klimkin	1
PDECAT e PSC	1
Pedro	1
Pedro Insúa	1
Pedro Sánncchez	1
Pedro Sanz	1
Pere Navarro	1
Pere Soler	1
Pilar Rahola	1
PIMEC	1

Pio García Escudero	1
Plaforma Hablamos?	1
Plataforma Antifascista	1
Plataforma per la Llengua	1
Plataforma Valenciana	1
Porta-Voz Merkel	1
Porta-voz Seat	1
Porta-Vozes Rajoy	1
PP	1
PP de Badalona	1
PP e Ciudadanos	1
PSC Badalona	1
PSC Barcelona	1
PSC Maresme	1
Pujol JR	1
Quem trabalhou com Puigdemont	1
Quim Torra	1
Racó Catalá	1
Rafa Guerrero	1
Rafael	1
Rafael Català	1
Rafael Hernandez	1
Rafael Peris	1
Rafael Ribó	1
Rafael Simarcas	1
Ramírez Sunyer	1
Ramón de Veciana	1
Ramón Espinar	1
Ramon Font	1
Ramon Masachs	1
Ramón Rodríguez	1
Raquel Sánchez	1
Raúl Lobato	1
Rebeca	1
Red Floridablanca	1
Relatório a que o El Mundo teve acesso	1
Relatório a que tivemos acesso	1
Relatório do Centro de Coordinación de los Mossos d'Esquadra a que o El Mundo teve acesso	1
Repórteres sem fronteiras	1
Requerimento a que o El Mundo teve acesso	1
Reuters	1
Reuven Rivlin	1
Rian Heath	1
Riay Tatary	1
Ricardo	1
Ricardo Cortés	1
Rita Maestre	1
Rocío Monasterio	1
Rodrigo Andrade	1
Rodrigo García	1

Róger	1
Roger Español	1
Rosa Vidal Planella	1
Rosana Lledó	1
Rúben Martínez	1
Ruper Comparón	1
Salva	1
Salvador Sunyer	1
Sandra Ombuena	1
Santi	1
Santiago Pedraz	1
Santiago Vidal	1
Sara Mestres	1
Sarah Morris	1
Sasha Polakow-Suransky	1
Saül Gordillo	1
SCC, Llibertats y Abogados Catalanes por la Constitución	1
Se repete nos últimos dias na direção	1
Segundo asseguram ao El Mundo. Fontes conhecedoras do processo judicial	1
Segundo fontes	1
Segundo fontes da Google	1
Segundo fontes jurídicas	1
Segundo fontes próximas	1
Segundo soube este jornal	1
Sem informação (jornalista observador)	1
Sergi Abizanda	1
Sergi d'Assis	1
Sergi Miquel	1
Serguéi Naryshkin	1
Serviços Jurídicos Ayuntamiento	1
Silvia Paneque	1
Sindicato de Polícias da Catalunha	1
Sindicato de Professores de Eseñanza de Secundaria	1
Ska Keller	1
Sociedad General de Aigües de Barcelona	1
Soraya Rodríguez	1
Steffen Seibert	1
Susana Beltrán	1
Susana Diaz	1
Susana Sumelzo	1
T.	1
Tanit	1
Teresa Freixas	1
Teresa Rodríguez	1
Testemunhos da operação	1
Testemunhos de vários inquilinos	1
Texto a que o El Mundo teve acesso	1
The New York Times	1
The Times	1
The Wall Street Journal	1

The Washington Post	1
Thomas Markert	1
Timoner	1
Tomás Gilabert	1
Tomás Rague	1
Tomás Vera	1
Toni Albà	1
Toni Comín	1
Toní Comin	1
Toni Postius	1
Toni Soler	1
Trend Micro	1
Tribunal	1
Tribunal Superior de Justícia Catalunya	1
Tribunal Superior de Justícia de Barcelona	1
Tribunal Superior de Justícia de Catalu�a	1
TSJC	1
TV3	1
UGT	1
Um docente da comunidade de Val�ncia	1
Um alto dirigente da Polícia	1
Um alto dirigente PSOE	1
Um aluno	1
Um camarero	1
Um cargo do PDECAT	1
Um cinquent�o	1
Um consejal ERC	1
Um deputado JXS�	1
Um destacado membro do governo	1
Um diretor	1
Um dirigente	1
Um dirigente PP	1
Um dirigente PSOE	1
Um dos chefes	1
Um dos dirigentes	1
Um dos dirigentes PSE	1
Um dos presentes	1
Um grupo de adolescentes	1
Um grupo de crianças	1
Um grupo de jovens	1
Um grupo de parlamentares	1
Um hoteleiro	1
Um jornalista francês	1
Um jornalista ingl�s	1
Um jovem	1
Um jovem de 20 anos	1
Um médico	1
Um membro da administração catal�	1
Um membro da c�pula	1
Um membro de Benemérita	1

Um membro do gabinete de Rajoy	1
Um membro do governo	1
Um militar	1
Um mosso d'esquadra	1
Um pai	1
Um polícia	1
Um porta voz sindical	1
Um porta-voz AENA	1
Um porta-voz autorizado	1
Um porta-voz da fiscalia belga	1
Um porta-voz de May	1
Um professor de economia	1
Um reformado	1
Um socialista	1
Um socialista desde a direção	1
Um trabalhador	1
Um vizinho	1
Uma alta fonte europeia	1
Uma criança de 13 anos	1
Uma das mães	1
Uma das organizadoras	1
Uma família	1
Uma fonte do govern	1
Uma jovem	1
Uma mulher	1
Uma mulher de 65 anos	1
Uma porta voz da escola	1
Uma porta voz do departamento de Treball	1
Uma portavoz da delegação	1
Uma porta-voz Ministério Assuntos Exteriores	1
Uma professora da comunidade de Madrid	1
Uma rapariga	1
Uma vizinha	1
Unió Obrera Balear	1
Unió Sindical de Treballadors de l'Ensenyament de Catalunya	1
Unión Progresista de Fiscales	1
Uns agentes	1
Uns asistentes	1
Uns dirigentes PDECAT	1
Uns Manifestantes	1
Uns pais	1
Utiliza nome fictício - Manuel	1
Vários Barões PSOE	1
Vários Deputados	1
Vários elementos das forças	1
Vários especialistas ouvidos	1
Vários parlamentares	1
Vários regidores	1
Vicens Forner	1
Vicent Partal	1

Vicenta Tasa	1
Vicente Serrano	1
Víctor Gómez Pin	1
Victor Grifols	1
Virginia Marín	1
Wolfgang Schäuble	1
Xavier Arbós	1
Xavier Muro	1
Xavier Rodamilans	1
Xavier Sardà	1
Xavier Vendrell	1
Xevi Generó	1
Yannis Koutsumitis	1
Yolanda Díaz	1
Zita Hernández	1

Mancha ocupada pelas declarações

Grande (+ 500 caracteres)	318
Média (até 500 caracteres)	1487
Pequena (até 100 caracteres)	458
Sem declaração direta	441
Sem informação	63

Distribuição de fontes de informação por partidos

Sem informação	1211
PP	306
PSOE	173
PSC	151
Ciudadanos	138
ERC	131
JXSÍ	129
PDECAT	115
CUP	102
En Comú Podem	71
Podemos	71
PPE	23
PNB	19
CIU	10
Partido Liberal Belga	8
Catalunya Si Es Que Pot	7
PS	7
Catalunya en Comú	6
CDU (Alemanha)	5
JXCAT	6
Partido Democrata	5
EH Bildu	4
ICV–EUiA	4

Partido Conservador	4
Partido Republicano	3
Ukip	3
ALDE	3
N-VA	2
PCC	2
Podemos, En Comú Podem	2
UDC	2
Units per Avançar	2
UPyD	2
Vox	2
CDC	1
Crida Sabadell	1
CSV	1
Demòcrates de Catalunya	1
En Marea	1
Forza Itália	1
Guanyem Badalona en Comú	1
Independente	1
IU	1
JXCAR	1
JXSÍ, ERC	1
Leave EU	1
Lega Nord	1
Liberal Democratic Congress	1
Lliures	1
Mouvement Réformateur	1
NVA	1
Os Verdes	1
Partido Aragonês	1
Partido Comunista Venezuela	1
Partido da Crimeia	1
Partido para a Liberdade	1
Partido Trabalhista	1
PDECAT, PSC	1
PP e Ciudadanos	1
PS (europa)	1
PS Belga	1
PS Francês	1
PSUC	1
PVV	1
Rússia Unida	1
Social Liberal Party	1
Som Alternativa	1
Unió	1
Unitat Catalana	1
UPD	1

Posição das declarações das fontes de informação

A favor da ação da polícia	1
Apelo ao diálogo	7
Apelo ao diálogo, Sem informação	1
Contra a ação musculada da polícia	2
Contra a aplicação artigo 1555	1
Contra a detenção dos presos políticos	3
Contra a Independência	627
Contra a Independência, Apelo ao diálogo	5
Contra a Independência, Contra a aplicação do artigo 155	4
Contra a Independência, Contra ação musculada da polícia	9
Contra a Independência, Contra ação musculada da polícia, Apelo ao diálogo	1
Contra a Independência, Contra ação musculada polícia	1
Contra a Independência, Contra o referendo	19
Contra a Independência, Pró-Referendo	7
Contra a Independência, Pró-Referendo, Contra ação musculada da polícia	1
Contra ação musculada da polícia	12
Contra aplicação artigo 155	2
Contra detenção Políticos	3
Contra o referendo	42
Indefinida	159
Indefinida, Apelo ao diálogo	2
Indefinida, Contra a DUI	10
Indefinida, Contra ação musculada da polícia	1
Pró-Independência	508
Pró-Independência, Apelo ao diálogo	4
Pró-Independência, Contra publicidade ao referendo	1
Pró-Independência, Pró-Referendo	15
Pró-Referendo	62
Pró-Referendo, Contra a aplicação do artigo 155	1
Sem informação	1256

Meio de atuação

Soundbite/Encontro "informal" com jornalista	608
Sem informação	513
Entrevista formal	234
Evento	215
Manifestação	187
Redes Sociais	127
PR/Comunicado	122
Conferência de imprensa	120
Sessões Parlamento Nacional	115
Sessões Parlamento Autônomo	98
Reunião	97
Peças Jornalísticas	61
Auto	47
Carta	33
Resolução	23
Declaração Institucional	22
Relatório	19

Sondagem	18
Acórdão	17
Documento	8
Outros	82
Visita	7
Website	7
Artigo de Opinião	12
recurso	6
Sessões Parlamento Europeu	6
Editorial	4
Livro	4
Manifesto	4
Sessão do Senado	4
Ayuntamiento	7
Agenda	2
Ata	2
Debate	2
Sentença	2
Sessões Senado	2
Alegações	1
Cartoons	1
Denúncia	1
Diploma legal	1
Documento Oficial de la Generalitat Catalunya	1
Editoriais	1
Emails	1
Greve	1
Manifesto	1
Programa de entretenimento	1
Sentença	1

Apêndice 6: Quadros síntese jornal El País

Identificação das fontes de informação

Outros	2181
Carles Puigdemont	100
Jornalista Observador	72
Miquel Iceta	49
Mariano Rajoy	44
Oriol Junqueras	37
Sem informação	37
Pedro Sánchez	34
Ada Colau	33
Albert Rivera	29
Pablo iglesias	25
Artur Mas	23
Xavier García Albiol	23
Inés Arrimadas	22
Carme Forcadell	21
Soraya Sáenz de Santamaría	21
Marta Pascal	20
Jordi Sànchez	19
Jordi Turull	16
Margarita Robles	15
Marta Rovira	15
Anna Gabriel	14
Íñigo Méndez de Vigo	14
Metroscopia	14
Carmen Lamela	13
Jean Claude Juncker	13
José Manuel Maza	13
Juan Ignacio Zoido	13
Tribunal Constitucional	13
Fontes consultadas	11
Fontes do Governo	11
ANC	10
Fontes governamentais	10
Jordi Cuixart	10
Sergi Sabrià	10
CUP	9
Documento a que o El Mundo teve acesso	9
Fontes judiciais	9
Fontes Policiais	9
Guardia Urbana	9
Sem fonte	9
Xavier Domènech	9
Cristóbal Montoro	8

Donald Tusk	8
Europa Press	8
Fontes	8
Fontes PDECAT	8
Francesc Homs	8
Iñigo Urkullu	8
Irene Montero	8
José María Aznar	8
manifestantes	8
Neus Munté	8
Alfonso Dastis	7
Charles Michel	7
Fontes pròximas	7
Jaume Collboni	7
José Luis Ábalos	7
Ministério do Interior	7
Mireia Boya	7
Neus Lloveras	7
Núria Parlon	7
Santi Vila	7
sem fonte - jornalista observador	7
Sigma Dos	7
Societat Civil Catalana	7
Adriana Lastra	6
Enric Milo	6
Felipe VI	6
Govern	6
Joaquim Forn	6
Pablo Echenique	6
Pablo Llarena	6
Agustí Alcobarro	5
Albano Dante Fachín	5
Carlos Carrizosa	5
Carlos Lesmes	5
Carolina Bescansa	5
Emmanuel Macron	5
Enric Millo	5
Gerardo Pisarello	5
Governo Espanhol	5
Joan Coscubiela	5
Julian Assange	5
Núria Marín	5
Pablo Casado	5
Pedro Sanchez	5
Podemos	5
Rafael Catalá	5
Salvador Illa	5
Tribunal Superior de Justícia de Catalunya	5
Ximo Puig	5
Albano Dante Fachin	4

Alberto Fernández	4
Antonio Tajani	4
Audiencia Nacional	4
Carles Campuzano	4
Carles Riera	4
Clara Ponsati	4
Dolors Sabater	4
Fontes do Interior	4
Fontes do Ministério	4
Fontes Populares	4
Fontes PSOE	4
Fontes socialistas	4
Joan Josep Nuet	4
Joan Tardà	4
José Montilla	4
Josep Borrell	4
Josep Rull	4
Le Monde	4
Luis de Guindos	4
Marcel Mauri	4
Núria Gisbert	4
Outra mãe	4
PDECAT	4
PSC	4
Ramón Jáuregui	4
Toni Soler	4
Um dirigente	4
Uma Mãe	4
Aitor Esteban	3
Alejandro Fernández	3
Alfonso Alonso	3
Andoni Ortuzar	3
Andrea Levy	3
Arran	3
Benet Salellas	3
Carmen	3
Centro de Investigaciones Sociológicas	3
Dolors Bassa	3
Dolors Montserrat	3
Elisenda Alamany	3
Fernando de Páramo	3
Fiscalia	3
Fontes diplomáticas	3
Fontes do executivo	3
Fontes ERC	3
Fontes Moncloa	3
Fontes Parlamentares	3
Fontes Podemos	3
Fontes PP	3
Gabriel Rufián	3

Generalitat	3
Guardia Civil	3
Guillermo Fernández Vara	3
Idoia Mendi	3
Íñigo Errejón	3
Joan Coma	3
Jordi Turrull	3
José Domingo	3
José Manuel Villegas	3
Junta Electoral	3
Mariano Gomà	3
nao identificado	3
Oriol Soler	3
Óscar Puente	3
Pere Aragonès	3
Polícia Nacional	3
Quim Arrufat	3
Rafael Hernando	3
Soraya Saenz de Santamaria	3
Susana Díaz	3
Teresa Freixes	3
Tribunal Supremo	3
Um agente	3
Um homem	3
Um porta-voz	3
Vicent Sanchis	3
Xavier Domenech	3
Xavier Novell	3
Agencia Espanola de Proteccion de Datos	2
Ahmed Galai	2
Alan D. Solomont	2
Albert Boadella	2
Alberto Fernández Díaz	2
Alberto Garzón	2
Alex Moga	2
Àlex Ramos	2
Alfredo Pérez Rubalcaba	2
Ana	2
Àngel Ros	2
Antoni Bayona	2
Antonio Rivera	2
Ara	2
Arnaldo Otegi	2
Assumpta Escarp	2
Ayuntamiento Barcelona	2
Bartolomé Barba	2
Beatriz Domínguez-Gil	2
Brice Lafontaine	2
Bruno Halle	2
Camil Ros	2

Carlos Barrera	2
Carmen Calvo	2
Centre d'Estudis d'Opinió de la Generalitat	2
Christophe Marchand	2
Círculo de Economía de Cataluña	2
Ciudadanos	2
Corriere della Sera	2
Cristina Narbona	2
Daan Everts	2
David	2
David Espinós	2
Dolores de Cospedal	2
Efe	2
EH Bildu	2
El Confidencial	2
Elio di Rupo	2
Enric Vila	2
ERC	2
Ernest Urtasun	2
FC Barcelona	2
Felipe Gonzalez	2
Fermín Vázquez	2
Fernando Martinez-Maillo	2
Ferran Pedret	2
Financial Times	2
Fiscalia Belga	2
Fontes ciudadanos	2
Fontes conhecedoras	2
Fontes da direção PSOE	2
Fontes da Generalitat	2
Fontes da investigação	2
Fontes da negociação	2
Fontes do PSC	2
Fontes Generalitat	2
Fontes JXSÍ	2
Fontes Ministeriais	2
Fontes municipais	2
Fontes PSC	2
Francina Armengol	2
Francisco Frutos	2
Francisco Justes	2
Frans Timmermans	2
Geert Bourgeois	2
Inigo Mendez de Vigo	2
Íñigo Urkullu	2
Jaume Asens	2
Javier Fernández	2
Javier Lasaca	2
Javier Maroto	2
Javier Pacheco	2

Javier Solana	2
Joan Giner	2
Jordi Ballart	2
Jordi Comellas	2
Jordi Cuminal	2
Jordi Sevilla	2
José Antonio Bernúdez	2
Josep	2
Josep Lluís Trapero	2
Josep Miquel Milagros	2
Julie Fernández	2
Kike Sarasola	2
La Vanguardia	2
Le Figaro	2
Lluís Corominas	2
Manel Pulido	2
Manfred Weber	2
Manuel Valls	2
Maria	2
Maria Dolores de Cospedal	2
Maria Verges	2
Marta Cruz	2
Marta Madrenas	2
Milena Busquets	2
Miquel Aguilar	2
Miquel Valls	2
Mira Milosevich	2
Moisés Naim	2
Montse Venturós	2
Mossos d'Esquadra	2
Muitos manifestantes	2
nao identificado - fuentes del ejecutivo	2
nao identificado - fuentes policiales	2
nao identificado - fuentes sindicales	2
nao identificado - um jovem	2
New York Times	2
Nicolás Maduro	2
Nigel Farage	2
Núria de Gispert	2
Oriol Lladó	2
Paul Bekaert	2
Pep Guardiola	2
Pere Soler	2
PNB	2
PSOE	2
Rafael Ribó	2
Raimon Obiols	2
Ramón Espinar	2
Ramón Font	2
Ramon Tremosa	2

Raül Romeva	2
Rodrigo Cortés	2
Rosa	2
Salvador	2
Sandra Moneo	2
Sem fonte jornalista observador	2
Sem informação (jornalista observador)	2
Soube o El Mundo	2
Steffen Seibert	2
The Guardian	2
Theo Francken	2
Tribunal de Contas	2
Um polícia	2
Uma Magistrada	2
Uns pais	2
Washington Post	2
Xavier Amor	2
Xavier Domenèch	2
Xavier Gabriel	2
Mar	1
100 advogados do Colégio de la Abogacía de Barcelona	1
1000 artistas	1
1300 médicos	1
17 Professores Universitários de Direito Processual	1
1º Ministro República Checa	1
4 manifestantes	1
5 sindicatos policiais	1
à volta de Sánchez	1
Abogacia del Estado	1
Abogado del Estado	1
Abril Sánchez	1
Acción Educativa	1
Advogados de Mas	1
Agência Espanhola de Proteção de Dados	1
Agências de rating	1
Agentes da Polícia	1
Agus Hernan	1
Aitor Estebal	1
Albert	1
Albert Astorino	1
Albert Batalla	1
Albert Batet	1
Albert Martínez	1
Albert Peeters	1
Albert Peters	1
Alberto	1
Alberto Lopez Basaguren	1
Alberto Núñez Feijoo	1
Alberto Núñez Feijóo	1
Alejandro Rodríguez	1

Alejandro Vega	1
Alejo Vidal-Quadras	1
Alex Castillo	1
Alex Martinez	1
Alex Rigola	1
Alexander Chichin	1
Alfonso Guerra	1
Alfred Bosch	1
Alguns colaboradores	1
Alguns companheiros	1
Alguns deputados	1
Alguns dirigentes JXSí	1
Alguns dirigentes PSOE	1
Alguns observadores internacionais	1
Alguns vizinhos	1
Alianza para Asegurar la Democracia	1
Almudena Semur	1
Aloit	1
alta fuente europea	1
Altas fontes da Generalitat	1
Altmaier	1
Altos cargos do ministério	1
Álvaro García	1
Álvaro Gil Robles	1
Álvaro Jaén	1
Amadeu Altafaj	1
Amancio López	1
AMAS	1
Amnistia Internacional	1
AMPA	1
AMPA Escola Catalunya	1
Ana Gabriel	1
Ana Hinojosa	1
Ana Isabel Alós	1
Ana Maria	1
Ana Pastor	1
Anabel Lara	1
Anais H	1
Anba Gabriel	1
Ancor Serrano	1
Ander Gurrutxaga	1
Andrea	1
Andreia Levy	1
Andrés Gil	1
Andrés Iniesta	1
Andreu Francisco	1
Andreu Mas-Colell	1
Andreu Mayayo	1
Andreu van den Eynde	1
Ángel de la Fuente	1

Ángel Gabilondo	1
Angel Ros	1
Ángel Ros	1
Ángel Valencia	1
Angela Merkel	1
Ángeles Ribes	1
Angelino Alfano	1
Agencia Española de Protección de Datos	1
Anna Caballé Martorell	1
Anna Maria Espelt	1
Anna Puigdemont	1
Anna Simó	1
Anne Weyembergh	1
Antoni	1
Antoni Bassa	1
Antoni Castejón	1
Antoni Gutiérrez-Rubi	1
Antoni Tajani	1
Antonia	1
Antonia Vidal	1
António Costa	1
Antonio Duran-Sindreu	1
Antonio González Terol	1
Antonio Gonzalo	1
Antonio Machado	1
Antonio Quesada	1
Arbúcies	1
Ariel	1
Arnaldo Otegui	1
Arnau Mata	1
Arturo Ribagorda	1
Asier Antona	1
Asociación Catalana de Municipios	1
Asociación de Fiscales y Asociación Profesional Independiente de Fiscales	1
Asociación Magistrados Europeos por la Democracia y Libertad	1
Asociación Profesional de la Magistratura	1
Asociación Profesional de la Magistratura, Jueces para la Democracia, Francisco de Vitoria e Foro Judicial Independiente	1
Asociación Unificada de Guardias Civiles	1
Asseguram Òmnium e ANC	1
Assumpta Ripoll	1
Atilana Guerrero	1
Atneu Barcelonés	1
Audiense	1
Aurora Madaula	1
Auto a que o El País teve acesso	1
Autoridad Catalana de Protección de datos	1
Autoridade Independente de Responsabilidade Fiscal	1
Axa	1
Ayuntamiento de Badalona	1
Ayuntamiento de Reus	1

Ayuntamiento Sant Andreu de Llavaneres	1
Baltasar Garzón	1
Banco de España	1
Banco Sabadell	1
Bart de Wever	1
BBC	1
BCE	1
Beatriz Becerra	1
Begoña Villacís	1
Belén Murillo	1
Benoit Hellings	1
Bernat Castro	1
Bernat Dedéu	1
Bieito Rubido	1
Bild Zeitung	1
BOE	1
Borja Sémper	1
Caixa Bank	1
Camil Ross	1
Carina Mejias	1
Carina Mejías	1
Carles Mulet	1
Carles Mundó	1
Carles Pellicer	1
Carles Puiigdemont	1
Carles Villalante	1
Carlos Jiménez Villarejo	1
Carlos Salvador	1
Carlos Vilallante	1
Carlos Villalante	1
Carme Espigol	1
Carme Figueras	1
Carmen Martínez Castro	1
Carmen Perona	1
Carmona Peñalver	1
Carta de Jordi Pujol a que teve acesso	1
carta não confirmada de Junqueras ao BCE	1
Catalana Occidental	1
Catalunya en Comú	1
Catalunya Sí que Pot	1
CCMA	1
CD Mon	1
Cecot	1
Celia	1
Celso Rodríguez Padron	1
Celso Rodríguez Padrón	1
Centro Ciptológico Nacional	1
Centro de Estudos de Opinion de la Generalitat	1
CEOE	1
Cepyme	1

Chrystia Freeland	1
Ciaran Martin	1
Cinto Busquet	1
CIS	1
CiU	1
Clara Ponsatí	1
CNN	1
Codorníu	1
Colégio De Registradores Mercantiles de España	1
Colégio Periodistas de Catalunya	1
Comissão Europeia	1
Comite CUP sant vicenç de montalt	1
comite de empresa de Seat	1
Conferencia Episcopal	1
Conferencia Episcopal Española	1
Consejo de Administración de Ciudad Escolar Pignatelli	1
Consejo de la Abogacía Catalana	1
Consejo General de las Camaras de Cataluña	1
Consejo General del Poder Judicial	1
Conselho administração Oryzon	1
Consell de l'Audiovisual de Catalunya	1
Consuelo Madrigal	1
convocantes de la huelga estudiantil	1
Coral Latorre	1
Correos	1
Crida per la Democràcia (ANC e Òmnium)	1
Cristianos por la Independencia	1
Cristina Cifuentes	1
Cristina Losada	1
Cristóbal Martell	1
Cuerpo Nacional de Policía	1
cupula de los Mossos	1
Daan Evarts	1
Daminán	1
Dani Cornellà	1
Daniel Kutner	1
Daniel Sirera	1
Dante Pérez	1
David Bassa	1
David Bote	1
David Fernández	1
David Kight	1
David Miquel	1
David Ponts	1
David Rodriguez	1
De Morgen	1
Dei Zeit	1
Departament d'Ensenyament	1
Departament d'Interior	1
Departamento de Finanzas Generalitat	1

Departamento de Salud	1
deputados CUP	1
Der Spiegel	1
Desde ERC explicaram	1
Dezenas de independentistas	1
Diari Ara	1
Diari La República	1
Diari Oficial de Generalitat	1
Diari Oficial de la Generalitat de Catalunya	1
Diari Oficial Generalitat	1
Diego Perez de los Cobos	1
direção PSOE	1
Dirigentes da Formação	1
dirigentes del PP y del gobierno	1
Dirigentes do partido herdeiro	1
Dizem na direção Ciudadanos	1
Dizem no PDECAT	1
Dmitry Peskov	1
Documento que o EL País teve acesso	1
Documento a que o jornal teve acesso	1
Documentos a que o El País teve acesso	1
Doli Izquierdo	1
Dolores	1
Dolors López	1
Dolors Monserrat	1
Donald Trump	1
Donara Barojan	1
Dono de uma loja	1
Dontes do setor	1
Drugde Report	1
Editora Planeta	1
Eduardo Mendoza	1
Eduardo Moga	1
Eduardo Santos	1
Eduardo Vigala	1
el director del instituto mediterrania	1
El Jueves	1
El País	1
Elena	1
Elisa	1
Elisabet	1
Eliseu Climent	1
Eliyahu Ben-Dahan	1
Elkarrekin Podemos	1
Eloi Badia	1
Elsa Artadi	1
Elsa Garcia de Blas	1
Emili Piera	1
Emiliano García-Page	1
Emilio Ontiveros	1

Emilliano García-Page	1
Emmanuel Nahshon	1
Empar Moliner	1
En Comú	1
En Comú Podem	1
En Comú Podemo	1
Endavant Osan	1
Enric	1
Enric Murillo	1
Enrique Fernández de Moya	1
Eric Bedard	1
Esperanza Aguirre	1
Esperanza García	1
Ester Casado	1
Estudo a que o El Mundo teve acesso	1
ETA	1
Eudald Calvo	1
Eulalia	1
Eulàlia Reguant	1
Eurointelligence	1
Eva Granados	1
Eva Parera	1
F. de Carreras	1
FaPaC (fed ass pais cataluna)	1
Federación de Asociaciones de Vecinos y Vecinas	1
Federacion de Asociaciones de PERiodistas de España	1
Federación Española de Asociaciones de Empresas de Organización Profesional de Congresos	1
Federica Mogherini	1
Felipe Lopez-Galvez	1
Felix Bornstein	1
Félix Ovejero	1
Fernando Blasco	1
Fernando Carderera	1
Fernando López Miras	1
Fernando Martínez Maillo	1
Fernando Martínez-Maillo	1
Fernando Martínez-Maillo	1
Fernando Ramírez Trejo	1
Ferran Bel	1
Ferran Brunet	1
Ficheiro a que o El País teve acesso	1
Fiscalía	1
Florita	1
Fomento del Trabajo	1
Fonte a direção	1
Fonte do Barcelona en Comú	1
Fonte europeia	1
Fontes	1
Fontes socialistas	1
Fontes à sua volta	1

Fontes assistentes	1
Fontes Autorizadas	1
Fontes CC OO	1
Fontes CCMA	1
Fontes CEE	1
Fontes com décadas de serviço	1
Fontes comuns	1
Fontes conhecedoras do processo	1
Fontes Críticas	1
Fontes CUP	1
Fontes da Banca	1
Fontes da defesa	1
Fontes da Defesa de Carme Forcadell	1
Fontes da direção	1
Fontes da direção Ciudadanos	1
Fontes da direção do Ciudadanos	1
Fontes da direção do Podemos	1
Fontes da direção do PSOE	1
Fontes da entidade	1
Fontes da equipa de Oriol Junqueras	1
Fontes da Fiscalía	1
Fontes da Fiscalía	1
Fontes da formação	1
Fontes da Hisenda	1
Fontes da Liga Profissional	1
Fontes da polícia	1
Fontes da Presidencia Generalitat	1
Fontes de ambos os lados	1
Fontes de partidos constitucionalistas	1
Fontes destacam	1
Fontes Direção PSOE	1
Fontes distintas	1
Fontes do Constitucional	1
Fontes do departamento Juan Ignacio Zoido	1
Fontes do Executivo Municipal	1
Fontes do Govern	1
Fontes do Governo Municipal	1
Fontes do instituto armado	1
Fontes do Ministério do Interior	1
Fontes do Ministério Público	1
Fontes do Parlamento Europeu	1
Fontes do Partido	1
Fontes do Podemos	1
Fontes do PP	1
Fontes do Setor	1
Fontes do setor educativo	1
Fontes do Tribunal de Contas	1
Fontes do Vaticano	1
Fontes dos partidos constitucionalistas	1
Fontes dos sindicatos	1

Fontes equipa Ciudadanos	1
Fontes fiscais	1
Fontes Fiscalia	1
Fontes Generalitat València	1
Fontes Guardia Civil	1
Fontes informantes	1
Fontes junto da ministra	1
Fontes jurídicas	1
Fontes Jurídicas	1
Fontes ligadas ao 1-O	1
Fontes Ministério do Interior	1
Fontes Oficiais	1
Fontes ouvidas	1
Fontes penitenciárias	1
Fontes Podemos várias localidades	1
Fontes presentes	1
Fontes próximas da empresa	1
Fontes próximas de García-Escudero	1
Fontes próximas do processo	1
Fontes Salud	1
Fontes Tribunal Superior de Justicia de Catalunya	1
Fontes Tribunal Supremo	1
Fran Infante	1
Fran Reina	1
Francesc de Carregas	1
Francesc de Carreras	1
Francesc Horta	1
Francesc Marc Àlvaro	1
Francesc Serés	1
Francisco Carmona	1
Francisco de la Torre	1
Francisco Gonzalez	1
Francisco Jové	1
Francisco Lama	1
Francisco Rodriguez	1
Francisco Rosell	1
Francisco Sanchez	1
Francisco Frutos	1
Frankfurter Allgemeine	1
Frederic Bastien	1
Frederico Santi	1
Freixenet	1
Fundación Denaes	1
Fundación puntCat	1
Gabriel Elorriaga	1
Gabriela Serra	1
Gas Natural	1
Gerard Esteva	1
Gerard Piqué	1
Gerard Pisarello	1

Gerardo Bugallo	1
Germà Bel	1
Gianni Pitella	1
Gianni Pittella	1
Giles Dejemeppe	1
Gimar Mostoriona	1
Girona FC	1
Gloria Elizo	1
Gloria Jurado	1
Gobierno catalan	1
Godia	1
González Pons	1
Gonzalo Plata	1
Gorka	1
Governo Catalão	1
Governo da Alemanha	1
Governo da Bélgica	1
Governo da Eslovenia	1
Governo da Finalandia	1
Governo da Holanda	1
Governo da Lituania	1
Governo de França	1
Governo do Reino Unido	1
Governo Francês	1
Gregorio Cámara	1
Gregorio Monreal	1
Gremio de Heleros Catalanes	1
Grifols e Idilia Foods	1
Grupo de 250 personalidades	1
grupo de bombeiros	1
Grupo de especialistas	1
Grupo de Eurodeputados	1
grupo de juizes	1
Guillermo Fernández	1
Guillermo Fernandez Vara	1
Guy Verhofstadt	1
GVC	1
Heather Nauert	1
Helena Boadas	1
Herman van Rompuy	1
Het Laatste Nieuws	1
Hilari Ragner	1
Hugo Chinelli	1
Idilia Foods	1
Idoia Sagastizábal	1
IES Bisbe Sivilla de Calella (escola)	1
Iglesia	1
Ignacio González Vega	1
Ignacio Osborne	1
Ines Arrimadas	1

Íñigo de la Serna	1
Inigo Errejon	1
Inigo Urkullu	1
Interior	1
Iratxe García	1
Irma	1
Isabel Bonig	1
Isabel Coixet	1
Isabel Fernández	1
ISabel Sanchez	1
Isabel Serra	1
Ismael Pena-Lopez	1
Ismael Peña-López	1
Itxaso Atutxa	1
Iván Espinosa de los Monteros	1
Jack Jedwab	1
Jacobo Dopico	1
Jaime Carnicero	1
Jaime de los Santos	1
Jaime Malet	1
Jaime Mayor Oreja	1
Jake Wallis Simons	1
Jam Jambon	1
Jan Jambon	1
Janis Sarts	1
Jarod Chinga	1
Jaue Guardiola	1
Jaume	1
Jaume Alonso-Cuevillas	1
Jaume Casals	1
Jaume Ciurana	1
Jaume Clotet	1
Jaume Guardiola	1
Jaume Navarra	1
Javi	1
Javier	1
Javier Arenas	1
Javier García Roca	1
Javier Huete	1
Javier Lambám	1
Javier Melero	1
Javier Pagés	1
Javier Santacruz	1
Jeremy Corbyn	1
Jeroen	1
Jesus A Cañas	1
Jesús Eguigeren	1
Jesús María Barrientos	1
Jesús Sanz	1
Joan	1

Joan B Culla	1
Joan Carles Gallego	1
Joan Curbert i Soler	1
Joan Font	1
Joan Francesc Marco	1
Joan Herrera	1
Joan Manel Prat	1
Joan Maria Sentís	1
Joan Mena	1
Joan Mora	1
Joan Rigol	1
Joan Tarda	1
Joan-Lluís Lluís	1
Joanne Walker	1
Joaquim Gay de Montellà	1
Joaquín Giménez	1
Jon Urreizti	1
Jordi	1
Jordi Arcc	1
Jordi Argelaguet	1
Jordi Camí	1
Jordi Cardoner	1
Jordi Cases	1
Jordi Ciurana	1
Jordi Cornet	1
Jordi Gil	1
Jordi Hereu	1
Jordi Jané	1
Jordi Orobitg	1
Jordi Penas	1
Jordi Pujol	1
Jordi Ruigvert	1
Jordi Xuclà	1
José	1
José Antonio	1
José Antonio Álvarez	1
José Antonio Bermúdez de Castro	1
José Antonio García Molina	1
José Antonio Méndez	1
José Antonio Monago	1
José Antonio Perea	1
José Bono	1
José Creuheras	1
José García Molina	1
José Ignacio Cenicerros	1
Jose Luis Abalos	1
Jose Luis Piñar	1
José Luis Zapatero	1
José Manuel Barreiro	1
José Manuel Calvo	1

José Manuel García-Margallo	1
José Manuel Romay Beccaría	1
Jose Manuel Villegas	1
José Pablo Ferrándiz	1
José Ramón García	1
José Silva	1
José Téllez	1
José Vilella	1
Joseba Arregi Arambu	1
Joseba Egibar	1
Josep Antoni Duran Lleida	1
Josep Antoni Durán Lleida	1
Josep Cuni	1
Josep Cuní	1
Josep Fèlix Ballesteró	1
Josep Fèlix Ballesteros	1
Josep González	1
Josep Grima	1
Josep Lluís Cleries	1
Josep López de Lerma	1
Josep María	1
Josep Maria Bartomeu	1
Josep Maria Matamala	1
Josep Maria Soler	1
Josep Maria Terricabras	1
Josep Moque Milagros	1
Josep Oliver	1
Josep Piqué	1
Josep Puxeu	1
Josep Tutusaus	1
Josep Vallcorba	1
Josep Vives	1
Joseph Daul	1
Josu Erkoreka	1
Juan Carlos Girauta	1
Juan Carlos Rodríguez Ibarra	1
Juan Jose Lopez Burniol	1
Juan José López Burniol	1
Juan Manuel Eguagaray	1
Juan Milián	1
Juan Roig	1
Juan Rosell	1
Juanjo Alvarez	1
Juez Carmen Lamela	1
juíza do Tribunal Superior de Justicia de Cataluña	1
Juli Fernández	1
Julián	1
Juventude CUP	1
JUXSÍ e CUP	1
Juzgado de Instrucción 7 Barcelona	1

Klaus Iohanni	1
Kris Peeters	1
La Caixa	1
La Repubblica	1
Laura	1
Laura Rivado	1
Laurent Gauze	1
Lei del Referendum	1
Lenin Moreno	1
Ley 26/2010	1
Libération	1
Libértion	1
Litus	1
Lluís (não quer dar apelido)	1
Lluís Anaya	1
Lluís Campmany	1
Lluís Corominas	1
Lluís Montabes	1
Lluís Montabes García	1
Lluís Salvadó	1
Lluís Torrent	1
Lorién Jiménez	1
Lourdes	1
Luis Alegre	1
Luis Bonet	1
Luis Espuny	1
Luis Rodríguez Vega	1
Luis Rosés	1
Luís Serrano	1
Luz Martínez Seijo	1
Madi	1
mãe de uma aluna	1
Magistrada	1
Magistratura (APM), Asociación Judicial Francisco de Vitoria (AJFV), Juezas y Jueces para la Democracia (JJD), Foro Judicial Independiente (FJI), Asociación de Fiscales (AF), Unión Progresista de Fiscales (UPF) y Asociación Profesional e Independiente de Fiscales (APIF)	1
Mahmud Abbas	1
Mais de 230 professores	1
mais de 400 professores de direito internacional	1
Manel Medina	1
Manel Vidal	1
Manuel	1
Manuel Alba	1
Manuel Andrino	1
Manuel Chaves	1
Manuel Mandianes	1
Manuel Miró	1
Manuel Pujadas	1
Marc	1
Marc Castells	1
Marc El Khaledi Sánchez	1

Marc Solsona	1
Marcel Mauri	1
Margallo	1
Mari	1
Maria	1
María Dolores Dancausa	1
María Dolores de Cospedal	1
María Jesús Izquierdo	1
María José Dávila	1
María José García Cuevas	1
María Luz Martínez Seijo	1
Maria Pitarch	1
María Rosario Cantón	1
Maria Rovira	1
Maria Rovira, Maria José Lecha	1
María San Gil	1
María Teresa Uller	1
Máriam Martínez Bascuñán	1
Mariano Goma	1
Mariano Rajoy	1
Marina	1
Marine Le Pen	1
Mario Draghi	1
Mario Jiménez	1
Mario Romeo	1
Mário Vargas Llosa	1
Màrius	1
Markus Ederer	1
Marta de Moja	1
Marta Martín	1
Marta Pascaç	1
Marta Ribas	1
Marta Torrecillas	1
Martín	1
Martin Schulz	1
Matern von Marschall	1
Matias Sacarrant	1
Matthew Bennett	1
Matthias Bieri	1
Maurici	1
Meios de Comunicação Catalunha	1
Mercè	1
Mercè Barceló	1
Mercè Vilarrubias	1
Mercedes Armas	1
Mercedes Paredes	1
Meritxell Borràs	1
Meritxell Ruiz	1
Meritxell Trasfi	1
Messaï	1

Miguel Aguilar	1
Miguel Arias Cañete	1
Miguel Durán	1
Miguel Herrero de Miñón	1
Ministério da Hacienda	1
Ministerio de Educacion	1
Ministerio de Educación	1
Ministério de Educación	1
Ministério de Exteriores	1
Ministerio de Fomento	1
Ministério Exterior Equador	1
Ministério Hacienda	1
Ministerio Interior	1
Miquel Àngel Mayo	1
Miquel Buch	1
Mireia	1
Mireia Peinado	1
Mireia Trias	1
Miriam Tey	1
Miro Cerar	1
Mònica Terribas	1
Montilla	1
Montse	1
Montserrat	1
Montserrat Fornells	1
Montserrat Roig	1
Montserrat Tura	1
Morrisey	1
Muitos	1
Mulher do reformado	1
Muncal	1
Muñoz Molina	1
não identificado	1
nao identificado - abogados y consultoras	1
nao identificado - alcalde de la comarca del Bagues	1
nao identificado - alcalde del emporda	1
nao identificado - alcalde en la comarca del Moianes	1
nao identificado - alto cargo de una consultora	1
nao identificado - companero de partido de un alcalde	1
nao identificado - diplomatico	1
nao identificado - dirigente da ANC	1
nao identificado - duena de una tienda	1
nao identificado - dueño del bar	1
nao identificado - fiscal da Audiencia Nacional	1
nao identificado - fontes de Moncloa	1
nao identificado - fontes do gabinete presidencial	1
nao identificado - fontes governamentais	1
nao identificado - fontes ministerio fazenda	1
nao identificado - fuentes cercanas de la coordinacion	1
nao identificado - fuentes de Fiscalia	1

nao identificado - fuentes de la Autoridad Catalana de Proteccion de Datos	1
nao identificado - fuentes de la Casa del Rey	1
nao identificado - fuentes de la comisaría	1
nao identificado - fuentes de la guardia civil	1
nao identificado - fuentes de la patronal fomento del trabajo	1
nao identificado - fuentes de mediapro	1
nao identificado - fuentes de Salud	1
nao identificado - fuentes del instituto armado	1
nao identificado - fuentes del ministerio publico	1
nao identificado - fuentes empresariales	1
não identificado - 'fuentes judiciales'	1
nao identificado - fuentes juridicas	1
nao identificado - fuentes proximas al govern	1
nao identificado - investigador da guarda civil	1
nao identificado - los comunes	1
nao identificado - mando de la guardia civil	1
nao identificado - mandos policiales	1
nao identificado - otro empresario	1
nao identificado - participante nos preparativos do referendo	1
nao identificado - porta voz de Junqueras	1
nao identificado - porta voz FC Barcelona	1
nao identificado - portavoz ministerio educação	1
nao identificado - trabajador de banca en andorra	1
nao identificado - um advogado	1
nao identificado - um diplomata	1
nao identificado - um fiscal de barcelona	1
nao identificado - um homem	1
nao identificado - um juiz	1
não identificado - um juiz	1
nao identificado - um juiz de instrução	1
nao identificado - um magistrado	1
nao identificado - uma juíza	1
não identificado - uma juíza	1
nao identificado - uma magistrada	1
nao identificado - un alclade de la costa de girona	1
nao identificado - un antidisturbios	1
nao identificado - un embajador	1
nao identificado - un hombre	1
nao identificado - un investigador del instituto armado	1
nao identificado - un mando del Cuerpo Nacional de Policia	1
nao identificado - una portavoz de educacion en cataluña	1
nao identificado - una señora	1
nao identificado . fuentes policiales de cataluña	1
Nati	1
Nazaret	1
NewsWhip	1
Nicola Sturgeon	1
Nicolás García Rivas	1
No governo central	1
numero dos del interior'	1

Nuria	1
Nuria Capdevilla	1
Núria Casserras	1
Nuria de Gispert	1
Núria Gibert	1
Núria Llorach	1
O porta voz de um sindicato	1
OCDE	1
Oleguer Salvadó	1
Olga Novoa	1
Olivia Light	1
Olivier Amiel	1
Organizações e formações políticas	1
Oriol	1
Oriol Altisench	1
Outras fontes	1
Outro agente	1
Outro manifestante	1
Outro membro da Arro	1
Outro militar	1
Outros dirigentes	1
P. pede o anonimato	1
Pablo Fernández	1
Pablo Hernandez de Cos	1
Paco Camarasa	1
Paco Gómez	1
Parlamento Autonomico Catalunha	1
Patricia Ortega Dolz	1
patronales CEOE y Cepyme	1
Patxi Lopez	1
Paul Preston	1
Paul Sinning	1
Pauline Ades-Mevel	1
Pavlo Klimkin	1
Pedro	1
Pedro del Pozo	1
Pedro Gorospe	1
Pedro Martinez	1
Pedro Riera	1
Pedro Sanz	1
Pedro Saura	1
Pepe Álvarez	1
Pere Camprubí	1
Pere de los Cobos	1
Pere Martí	1
Pere Mas	1
Pere Puges	1
Pio García Escudero	1
Plataforma Antifascista	1
Político	1

Porta-voz Candidatura JXCAT	1
Porta-voz Seat	1
Porta-Vozes Rajoy	1
PP	1
PP, Manos Limpias, Dois sindicatos e outras entidades	1
Primavera Sound	1
Público	1
Puerto de Barcelona	1
Pujol JR	1
Quai D'Orsay	1
Quem trabalhou com Puigdemont	1
Quim Albiac	1
Quim Torra	1
Rafa Guerrero	1
Rafael	1
Rafael Bejarano	1
Rafael Hernandez	1
Rafael Tormo	1
Ramon Espadaler	1
Ramon Font	1
Ramon Llumà	1
Ramon Masachs	1
Ramón Rodríguez	1
Ramona Barrufet	1
Raúl Lobato	1
Raul Romeva	1
Raúl Sánchez	1
reconhecem oficiosamente	1
Reitores Universidades	1
Relatório a que o El Mundo teve acesso	1
Relatório a que tivemos acesso	1
Reporteros sin fronteras	1
Resolução a que o El País teve acesso	1
Responsáveis por esta teoria	1
Reuters	1
Reuven Rivlin	1
Rey	1
Ricardo	1
Ricardo Blázquez	1
Roberto Blanco	1
Roberto Blanco	1
Rocio Martínez-Sampere	1
Rocío Monasterio	1
Rodrigo García	1
Roger Torrent	1
Rosa Vidal Planella	1
Rosario García Hortas	1
Ruper Comparón	1
Rusend Vives	1
Ruth Moreta	1

Salva	1
Salvador Clara	1
Samuel Parra	1
Santi	1
Santiago Vidal	1
Saül Gordillo	1
Segundo fontes do Interior	1
Segundo fontes policiais	1
Segundo uns agentes	1
Sem informação	1
Sergi	1
Sergi Abizanda	1
Sergi d'Assis	1
Sergi Pamies	1
Sergi Pàmies	1
Sergio López	1
Serguéi Lavrov	1
Serguéi Narushkin	1
Silvia Paneque	1
Simonián	1
Sindicato de Estudiantes	1
Sindicato de Estudiantes de los Países Catalanes	1
Sindicato de los Mossos d'Esquadra SPC	1
Sindicato de Mandos de los Mossos d'Esquadra	1
Sindicato de Profesores de Enseñanza de Secundaria	1
Sindicato Jornalistas da Catalunha	1
Ska Keller	1
Sociedad General de Aigües de Barcelona	1
Soube o El País	1
Standard & Poor's	1
Susana Diaz	1
T.	1
Tanit	1
Teresa Giménez	1
Teresa Rodriguez	1
The Atlantic Council	1
The New York Times	1
The Times	1
The Wall Street Journal	1
Theresa May	1
Timoner	1
Tomás Vera	1
Toni Albà	1
Toni Comin	1
Toni Comín	1
Toni Ortega	1
Tribunal Constitucional	1
Tribunal de Cuentas	1
Tribunal Superior de Justicia de Barcelona	1
Tribunal Superior de Justicia de Cataluña	1

Tribunal Superior de Justicia de Catalunya	1
Trini	1
TV3	1
UGT y CC OO	1
Um alto dirigente	1
Um alto dirigente PSOE	1
Um alto funcionário	1
Um amigo comum	1
Um anciano	1
Um camarero	1
Um cargo do PDECAT	1
Um cinquentão	1
Um consejal ERC	1
Um conselheiro do govern	1
Um conserje	1
Um correspondente	1
Um deputado	1
Um deputado da oposição	1
Um destacado membro do governo	1
Um dirigente ERC	1
Um dirigente socialista	1
Um dos assinantes	1
Um estudante	1
Um fiscal	1
Um funcionário	1
Um grupo de adolescentes	1
Um grupo de crianças	1
Um grupo de jovens	1
Um grupo de parlamentares	1
Um jornalista francês	1
Um jornalista inglês	1
Um juiz de Zaragoza	1
Um juiz em Barcelona	1
Um médico	1
Um membro de Benemérita	1
Um membro do gabinete de Rajoy	1
Um membro do governo	1
Um militar	1
Um pai	1
Um político	1
Um porta voz	1
Um porta voz da ANC	1
Um porta voz da Corporación Catalana de Medios Audiovisuales	1
Um porta voz da junta eleitoral	1
Um porta voz do departamento de educação	1
Um porta voz EUA	1
Um porta voz sindical	1
Um porta-voz de May	1
Um porta-voz do govern	1
Um porta-voz oficial do Tribunal Superior de Justícia de Catalunya	1

Um porta-voz policial	1
Um professor de economia	1
Um reformado	1
Um trabalhador	1
Uma alta fonte europeia	1
Uma criança de 13 anos	1
Uma das mães	1
Uma deputada	1
Uma dezena de Catedráticos	1
Uma família	1
Uma internauta	1
Uma jovem	1
Uma mulher de 60 anos	1
Uma mulher de 65 anos	1
Uma porta-voz Comissão Europeia	1
Uma professora	1
Uma rapariga	1
Unai Sordo	1
Unió Sindical de Treballadores de l'Ensenyament de Catalunya	1
Universidad de Girona	1
Uns agentes	1
Uns militantes	1
Utiliza nome fictício - Manuel	1
Valentín Anadón	1
Várias fontes policiais	1
varios de sus colegas	1
Vários Deputados	1
Vários elementos das forças	1
Vendrell	1
Verónica	1
Victor Bostinaru	1
Victor Díaz-Cardiel	1
Victor Escudero	1
Victor Grifols	1
Virginia Marín	1
Vladimir Putin	1
Vladimir Zhirinovski	1
Voro López	1
Vzglyad	1
Walter Mossinger	1
Wikileaks	1
Wolfgang Schäuble	1
Xavier Arbos	1
Xavier Arbós	1
Xavier Bettel	1
Xavier Muro	1
Xavier Polo	1
Xavier Saludes	1
Xavier Sardà	1
Xavier Vilamala	1

Xesca	1
Xosé Manuel Beiras	1
Yolanda Valdeolivares	1
Yri Korchagin	1
Yusty	1

Mancha ocupada pelas declarações

Grande (+ 500 caracteres)	417
Média (até 500 caracteres)	1318
Pequena (até 100 caracteres)	587
Sem declaração direta	439
Sem informação	75

Distribuição de fontes de informação por partidos

Sem informação	1411
PP	281
PDECAT	170
PSOE	145
ERC	137
PSC	119
Ciudadanos	83
Podemos	81
JXSÍ	79
CUP	70
En Comú Podem	70
Não é partidário	27
PNB	24
PPE	24
Catalunya Sí Es Que Pot	9
Partido Liberal Belga	8
PS	7
EH Bildu	5
JXCAT	5
N-VA	5
Outros	76
CDU	4
Partido Comunista Russo	4
PS Belga	4
CIU	3
ICV	3
Partido Conservador	3
Som Alternativa	3
Convergencia Democratica Aranesa	2
Democrátes	3
IU	2
Partido Comunista Venezuela	2
PCC	2

PCE	2
PS França	2
PS Francês	2
Vox	2
Anova	1
Catalunya en Comú	1
CD&V	1
Convergencia democratica de catalunya	1
CUP, JXSÍ	1
Elkarrekin Podemos	1
ERC, JXCAT	1
ESEI	1
EUiA	1
Farage	1
Forza Itália	1
Junt per San Vicenç	1
JXSÍ, ERC	1
La Falange	1
Movimento Reformador	1
Os Verdes	1
Partido Democrata	1
Partido Democrático	1
Partido do Trabalho	1
Partido Ecologista Belga	1
Partido Liberal Democrático de Rússia	1
Partido Nacional da Escócia	1
Partido Republicano	1
Partido Trabalhista	1
PNV	1
Positions within Romania	1
Rassemblement National	1
Republicanos	1
UDC	1
UDP	1
Unió	1
Unitat Catalana	1
Units per Avançar	1

Posição das declarações das fontes de informação

A favor ação musculada da polícia	5
Apelo ao diálogo	24
Apelo ao diálogo, Contra a aplicação do artigo 155	1
Contra a aplicação artigo 155	1
Contra a aplicação do artigo 155	2
Contra a DUI	7
Contra a DUI, Contra a aplicação do artigo 155	1
contra a gestão da situação pelo PP	4
Contra a Independência	851

Contra a Independência, A favor da aplicação do artigo 155	1
Contra a Independência, Apelo ao diálogo	5
Contra a Independência, Contra a aplicação do artigo 155	4
Contra a Independência, Contra a DUI	1
Contra a Independência, Contra ação musculada polícia	1
Contra a Independência, Contra o referendo	21
Contra a Independência, Contra o referendo, a favor da aplicação do artigo 155, contra a gestão da situação pelo PP	1
Contra a Independência, Contra o referendo, apelo à união	1
Contra a Independência, Contra o referendo, Apelo ao diálogo	1
Contra a Independência, Contra o referendo, Apelo ao diálogo, A favor da aplicação do artigo 155	1
Contra a Independência, Contra o referendo, Contra ação musculada da polícia	1
Contra a Independência, Pró-Referendo	8
Contra a Independência, Pró-Referendo, Contra ação musculada da polícia	1
Contra ação musculada da polícia	46
Contra ação musculada da polícia, Apelo ao diálogo	6
Contra ação musculada da polícia, Apelo ao diálogo, contra gestão da situação pelo PP	1
Contra ação musculada da polícia, Apelo ao diálogo, contra pressão a jornalistas	1
Contra ação musculada da polícia, contra a gestão da situação pelo PP	1
Contra ação musculada da polícia, contra gestao da situação pelo PP	1
Contra ação musculada da polícia, contra gestão da situação pelo PP	2
contra as manifestações	2
contra gestão da situação pelo PP	3
contra manifestações	3
Contra o referendo	48
Contra o referendo, A favor ação musculada da polícia	8
Contra o referendo, Apelo ao diálogo	1
Contra o referendo, Contra ação musculada da polícia	1
Contra o referendo, Contra ação musculada da polícia, Contra a DUI	1
Contra o referendo, Pró-Referendo	5
contra pressões a jornalistas	1
contra pressões aos diretores de escolas	2
Indefinida	228
Indefinida, Apelo ao diálogo	3
Indefinida, Contra a DUI	10

Indefinida, Contra ação musculada da polícia	1
Indefinida, Contra ação musculada da polícia, Apelo ao diálogo	1
Indefinida, contra os catalães	1
Indefinida, Pró-Referendo	1
Indefinida, Revisão Constitucional	1
Neutro	5
Pró-Independência	688
Pró-Independência	1
Pró-Independência, a favor da DUI	1
Pró-Independência, Apelo ao diálogo	4
Pró-Independência, Contra a DUI, a favor da intervenção da UE	1
Pró-Independência, contra a imprensa	1
Pró-Independência, Contra ação musculada da polícia	6
Pró-Independência, Contra ação musculada da polícia, Apelo ao diálogo	1
Pró-Independência, Pró-Referendo	19
Pró-Independência, Pró-Referendo, Contra ação musculada da polícia	1
Pró-Referendo	107
Pró-Referendo, apelo à manifestação	1
Pró-Referendo, Apelo ao diálogo	3
Pró-Referendo, Contra a aplicação do artigo 155	1
Pró-Referendo, Contra a DUI	2
Pró-Referendo, Contra ação musculada da polícia	5
Pró-Referendo, Contra ação musculada da polícia, Apelo ao diálogo	1
Pró-Referendo, pró-manifestações	2
Sem informação	663

Meio de atuação

Soundbite/Encontro "informal" com jornalista	664
Sem informação	535
Entrevista formal	291
Evento	177
Manifestação	177
PR/Comunicado	148
Redes Sociais	129
Conferência de imprensa	124
Reunião	113
Sessões Parlamento Nacional	74
Outros	404
Sessões Parlamento Autonomico	69
Peças Jornalísticas	55
Declaração Institucional	39
Auto	33
Carta	30

Sondagem	27
Vox Pop	20
Acórdão	18
Artigos de Opinião	13
Visita	12
Relatório	11
Resolução	10
Sessão do Senado	9
Documento	7
Manifesto	6
Sessões Parlamento Europeu	6
Editorial	5
Artigo de Opinião	4
Peças Jornalísticas	4
Documentação	3
Estudo	3
Agenda	2
Diploma legal	2
Panfleto	2
Ações de Campanha Autonomica	1
Cartoons	1
Debate	1
Decreto	1
Editoriais	1
Email	1
Estudo de Opinião	1
Livro	1
Nota às Polícias	1
Nota Interna	1
Programa de entretenimento	1
Programa TV	1
sem fonte jornalista observador	1
Sessão de julgamento	1
Sessão Parlamento Europeu	1
Sessões Senado	1
Texto	1
Website	1

Apêndice 7: Quadros síntese jornal La Vanguardia

Identificação das fontes de informação

Carles Puigdemont	161
Miquel Iceta	90
Mariano Rajoy	79
Oriol Junqueras	73
Sem informação	73
Pedro Sánchez	65
Albert Rivera	60
Xavier Domènech	52
Xavier García Albiol	48
Pablo Iglesias	46
Ada Colau	44
Inés Arrimadas	42
Marta Pascal	42
Jordi Turull	35
Francesc Homs	34
Artur Mas	33
Neus Munté	33
Tribunal Constitucional	32
Marta Rovira	29
Soraya Sáenz de Santamaría	25
Aitor Esteban	24
Carme Forcadell	24
Não identificado	22
CUP	20
Sergi Sabrià	20
Anna Gabriel	19
Íñigo Méndez de Vigo	19
Joan Tardà	19
Sem fonte (jornalista observador)	19
Juan Ignacio Zoido	17
Soraya Sáenz Santamaría	17
ANC	16
Enric Millo	16
Jordi Sànchez	16
Manifestantes	16
Benet Salellas	15
Iñigo Urkullu	14
Joan Coscubiela	14
Jordi Cuixart	14
Mireia Boya	14
Agustí Alcoverro	13
Alfonso Dastis	13
Charles Michel	13
Margarita Robles	13
Gabriel Rufián	12
Guardia Urbana	12

Tribunal Superior de Justícia de Catalunya	12
Carles Campuzano	11
Donald Tusk	11
Fontes do Governo	11
Núria Parlon	11
PSC	11
Rafael Català	11
Cristóbal Montoro	10
Elisenda Alamany	10
ERC	10
Governo	10
Javier Fernández	10
Jordi Sánchez	10
José Manuel Maza	10
Josep Rull	10
Ministério do Interior	10
Pablo Casado	10
Rafael Hernando	10
Santi Vila	10
Tribunal Supremo	10
Adriana Lastra	9
PDECAT	9
Ximo Puig	9
Andoni Ortuzar	8
Àngel Ros	8
Antonio Tajani	8
Carmen Lamela	8
Fontes Consultadas	8
Fontes do Partido	8
Fontes Governamentais	8
Irene Montero	8
José Montilla	8
Le Monde	8
Marcel Mauri	8
Núria Marín	8
Rafael Catalá	8
Carles Riera	7
Carlos Carrizosa	7
Emmanuel Macron	7
Eulàlia Reguant	7
Fernando de Páramo	7
Govern	7
Guardia Civil	7
Íñigo Errejón	7
Jordi Xuclà	7
Lluís Corominas	7
Lluís Rabell	7
Pablo Echenique	7
Raül Romeva	7
Susana Díaz	7

Alberto Garzón	6
Boletín oficial del Estado	6
Documento a que o La Vanguardia teve acesso	6
Eva Granados	6
Financial Times	6
Fiscalía General del Estado	6
Fontes do Govern	6
Frans Timmermans	6
GAD3	6
Guillermo Fernández Vara	6
José María Aznar	6
Neus Lloveras	6
Óscar Puente	6
PP	6
Salvador Illa	6
Sem fonte - Jornalista Observador	6
Tribunal de Contas	6
Albano-Dante Fachin	5
Albano-Dante Fachin	5
Alfonso Alonso	5
Alguns dirigentes	5
Ana Pastor	5
Associació de Municipis per la Independència	5
Centro de Investigaciones Sociológicas	5
Clara Ponsatí	5
Enric Milo	5
Felipe VI	5
Fernando Martínez-Maillo	5
Ferran Bel	5
Ferran Pedret	5
Fontes Policiais	5
Generalitat	5
Governo Espanhol	5
Idoia Mendia	5
Jaume Collboni	5
Joan Josep Nuet	5
José Manuel García-Margallo	5
Joseba Egibar	5
Maria Dolores de Cospedal	5
Mario Jiménez	5
Mercedes Armas	5
Montserrat Candini	5
Òmnium Cultural	5
Podemos	5
Ramon Espadaler	5
Steffen Seibert	5
Alberto Núñez Feijóo	4
Andreu van den Eynde	4
Antonio Hernando	4
Boletín Oficial del Estado	4

Camil Ros	4
Carlos Lesmes	4
Ciudadanos	4
Dolors Montserrat	4
Elio Di Rupo	4
Emiliano García-Page	4
Esteban González Pons	4
Fontes conhecedoras do processo	4
Fontes do PP	4
Javier Lambán	4
Javier Maroto	4
Javier Pacheco	4
Jean-Claude Juncker	4
Jean-Claude Junckers	4
Juan Carlos Girauta	4
La Stampa	4
Núria Gisbert	4
Paul Bekaert	4
PSOE	4
Roger Torrent	4
Sigmar Gabriel	4
The Washington Post	4
Xavier Garcia Albiol	4
Albano Dante-Fachin	3
Albert Botran	3
Alfonso Guerra	3
Alicia Romero	3
Ander Gil	3
Antoni Comín	3
Arnaldo Otegi	3
Assumpta Escarp	3
Audiencia Nacional	3
Boris Johnson	3
Col.legi d'Advocats	3
Corriere della Sera	3
David Bonheví	3
David Bonvehí	3
David Cid	3
Dolors Bassa	3
Ernest Maragall	3
Europa Press	3
FC Barcelona	3
Fiscalía	3
Fiscalia General	3
Fontes	3
Fontes Comunitárias	3
Fontes CUP	3
Fontes do Ministério do Interior	3
Fontes ERC	3
Fontes Judiciais	3

Fontes Jurídicas	3
Fontes Municipais	3
Fontes Parlamentares	3
Fontes PP	3
Fontes socialistas	3
Gestora PSOE	3
Gianni Pittella	3
Governo Canadá	3
Guy Verhofstadt	3
Jan Jambon	3
Jaume Alonso-Cuevillas	3
Joan Coma	3
Joan Manuel Serrat	3
Joaquim Forn	3
José Enrique Serrano	3
José Manuel Villegas	3
José Maza	3
José Téllez	3
Josep Borrell	3
Josep Lluís Cleries	3
La Vanguardia	3
Le Figaro	3
Lliures	3
Lourdes Ciuró	3
Luis de Guindos	3
Manfred Weber	3
Manuel Valls	3
María Dolores de Cospedal	3
Marta Ribas	3
Miquel Buch	3
Miro Cerar	3
Muitos Manifestantes	3
Nicolás Maduro	3
Nues Munté	3
Oriol Molins	3
Outro dirigente	3
Paolo Gentiloni	3
Polícia Nacional	3
Quim Arrufat	3
Ricardo Blázquez	3
Santi Villa	3
Societat Civil Catalana	3
The Guardian	3
The New York Times	3
The Wall Street Journal	3
Um deputado	3
Abades de Montserrat e Poblet, Abadesas de Sant Benet de Montserrat	2
Agência EFE	2
Albano Dante Fachin	2
Albano Dante Fachín	2

Albert Batalla	2
Alexander Winterstein	2
Algumas fontes	2
Alguns Manifestantes	2
Alicia Sánchez-Camacho	2
Amadeu Altafaj	2
Ana Oramas	2
Andoni Ortuza	2
Angela Merkle	2
Angelino Alfano	2
Antoni Tajani	2
Antonio Pradas	2
Arran	2
Assemblea Nacional Catalana	2
Audiência Nacional	2
Ayuntamiento de Figueres	2
Beatriz Becerra	2
Benoît Hamon	2
Bloco independentista no parlamento catalão	2
Boletines Estadísticos e informação oficial administração pública	2
Carles Mundó	2
Carlos Lemes	2
Carlos Puigdemont	2
Carmen Calvo	2
CC.OO	2
Centre d'Estudis d'Opinió	2
CEO	2
Clemente Polo	2
Col.legi d'Advocats de Barcelona	2
Comitès de Defensa de la República	2
Consejo General del Poder Judicial	2
Consell de l'Advocacia Catalana	2
Cristina Cifuentes	2
David Bote	2
Dizem à volta de Puigdemont	2
Dolores de Cospedal	2
Elsa Artadi	2
Endavant	2
Ernest Urtasun	2
EUiA	2
Felipe González	2
Fiona Hyslop	2
Fiscalia	2
Fiscalía del Estado	2
Fiscalia General del Estado	2
Fontes da Diplomacia Europeia	2
Fontes da direção	2
Fontes da formação	2
Fontes da Generalitat	2
Fontes da Guardia Civil	2

Fontes de Moncloa	2
Fontes do Governo de Espanha	2
Fontes do Podemos	2
Fontes do PSC	2
Fontes Governantais	2
Fontes PDECAT	2
Fontes populares	2
Fontes PSC	2
Fontes PSOE	2
Francina Armengol	2
Francisco Pérez de los Cobos	2
Gabriela Serra	2
Gerardo Pisarello	2
Govern	2
Govern Catalunya	2
Heather Nauert	2
ICV	2
Iehendakari Urkullu	2
Iñaki Méndez de Vigo	2
Íñigo Urkullu	2
Intersindical-CSC	2
Isabel Sánchez	2
Itxaso Atutxa	2
Jaume Alonso Cuevillas	2
Jaume Asens	2
Jean Luc Mélenchon	2
Jesús María Barrientos	2
Joan Baldoví	2
Joana Ortega	2
Jokin Bildarraitx	2
Jordi Ballart	2
Jordi Cuminal	2
Jordi Pina	2
Jorge Toledo	2
José Francisco Valls Gombau	2
José Luis Abalos	2
José Luis Ábalos	2
José Luis Zapatero	2
José Manuel Villega	2
Josep Antoni Duran Lleida	2
Josep Lluís Traperó	2
Josep Maria Soler	2
Josep Maria Terricabras	2
Josu Erkoreka	2
Juan Carlos Monedero	2
Juan Cornejo	2
Juan José Omella	2
Junta Electoral	2
JxCat	2
Jyrki Katainen	2

Lluís Llach	2
Lluís Salvadó	2
Luis Conde	2
Mairano Rajoy	2
Manuela Carmena	2
Marc Castells	2
Marian Beitialarrangoitia	2
Mario Vargas Llosa	2
Marta Madrenas	2
Maties Serracant	2
Mercè Conesa	2
Meritxell Batet	2
Mesa del Parlament	2
Mikel Legarda	2
Ministério da educação	2
Miquel Icetas	2
Miriam Tey	2
Montse Venturós	2
Mossos d'Esquadra	2
Nathalie Loiseau	2
Nicola Sturgeon	2
Noelia Vera	2
Núria Gibert	2
Núria Gispert	2
Nuria Marín	2
Núria Picas	2
Òmnium	2
Oriol Lladó	2
Óscar Guardingo	2
Papa Francisco	2
Patxi López	2
Pimec	2
PNV	2
PP Catalunya	2
Rafael Simancas	2
Ramón Espinar	2
Ramon Tremosa	2
Raúl Montilla	2
Rex Tillerson	2
Santi Rodríguez	2
Segundo soube o La Vanguardia	2
Sem info	2
Sem informação - jornalista observador	2
Senado	2
Sergi Travé	2
Ska Keller	2
Soraya Rodríguez	2
Süddeutsche Zeitung	2
The Times	2
Theo Francken	2

Theresa May	2
Toni Comín	2
Tribunal Superior de Justícia Catalunya	2
Tribunal Superior de Justicia de Catalunya	2
UGT	2
Um conselheiro	2
Um deputado socialista	2
Um dirigente PSC	2
Um dos dirigentes	2
Um jovem	2
Unión Federal de Policía	2
Uns manifestantes	2
USTEC-STEs	2
Valdis Dombrovskis	2
Várias fontes	2
Várias Fontes consultadas	2
Vecinos'	2
Vicent Sanchis	2
Vladímir Putin	2
Xavier Bettel	2
Xavier Domenèch	2
Xavier Domènech	2
Xavier Trias	2
Xevi Generó	2
Yolanda Díaz	2
"círculos próximos"	1
"desde o Ministério recordam que"	1
"Gover Legítimo da Catalunha	1
"reconhecem desde a iniciativa"	1
"Un mando de la policía"	1
1300 médicos	1
30 filósofos	1
4 Associações Profissionais de Juízes e Magistrados: La Asociación Profesional de la Magistratura (APM), Jueces para la Democracia (JpD), Foro Judicial Independiente (FJI) y la Francisco de Vitoria	1
400 sacerdotes catalães	1
5 sindicatos da Polícia	1
60 instituições científicas e universitárias	1
8 associações Guarda Civil	1
8 líderes territoriais: Idoia Mendia, la balear Francina Armengol, la madrileña Sara Hernández, el riojano César Luen, el castellanoleonés Luis Tudanca, la navarra María Chivite, el murciano Rafael González Tovar y el ceutí Manuel Hernández	1
A alguns	1
A mulher de um homem	1
À volta de Trapero	1
ABC	1
Abogacía del Estado	1
Acesso a comunicado interno	1
Adán Tomàs	1

Adolfo Pérez Esquivel	1
Adrià Alemany	1
Adrian	1
Advogado de defesa Sánchez	1
Advogados Artur Mas	1
Advogados de defesa	1
Advogados do Parlamento	1
Advogados Forn	1
Advogados Oriol	1
Afirmam fontes da Societat Civil Catalana	1
Afirmam no executivo	1
Agência Espanhola de Proteção de Dados	1
Agencia Española de Protección de Datos	1
Agenda Casa Real	1
Agnès Romatet-Espagne	1
Ahmed Galai	1
Ahora	1
Aina	1
Aitor Estaban	1
Al Jazeera	1
Albert Batet	1
Albert Royo	1
Alberto Ballarín	1
Alberto Dante-Fachin	1
Alberto Fernández	1
Alcaldes PSC	1
Aleix Sarri	1
Aleix Sarri Camargo	1
Alejandro Fernández	1
Àlex Pastor	1
Àlex Ramos	1
Alex Salmond	1
Alexander de Croo	1
Alexéi Pushkov	1
Alfonso Guerra, José Rodríguez, Juan Carlos Rodríguez Ibarra, Joaquín Leguina, Juan José Laborda i Javier Rojo	1
Alfred Bosch	1
Alfredo Pérez Rubalcaba	1
Àlger Ros	1
Alguém	1
Alguém das bases	1
Algumas das formações na oposição	1
Algumas fontes	1
Algumas fontes ligadas aos meios de comunicação	1
Algumas páginas web com servidor fora de Espanha	1
Algumas testemunhas	1
Alguns Alunos da IES El Palau de Sant Andreu	1
Alguns catalães	1
Alguns deputados	1
Alguns dirigentes	1
Alguns dirigentes PSEO	1

Alguns dos fieis a Sánchez	1
Alguns dos manifestantes	1
Alguns ex-deputados	1
Alguns Historiadores	1
Alguns internautas	1
Alguns Jovens Manifestantes	1
Alguns meios de comunicação	1
Alguns militantes	1
Alguns Militantes do PDECAT	1
Alguns Pais	1
Alguns políticos	1
Alguns porta vozes sindicalistas	1
Alguns pragmáticos	1
Alguns Sindicatos	1
Alguns socialistas andaluzes	1
Alguns voluntários	1
Alicia Romeo	1
Alícia Romero	1
Alonso Cuevillas	1
Alta Fonte Europeia	1
Altas Instâncias do PSOE	1
Altas Instâncias PSOE	1
Alto dirigente PSC	1
Aluns Pais	1
Amadeu Alatafaj	1
Amadeu Ros	1
Amics i amigues d'Iceta	1
Amnistia Internacional	1
Amnistía Internacional	1
Amnistía Internacional Espanha	1
Ana Alós	1
Ana Beltrán	1
Ana Ormas	1
Analistas europeus	1
ANC	1
Andori Ortuza	1
Andrea Levy	1
Andrea Riccardi	1
Andrea Schaechter	1
Andrés Gil	1
Andreu Mas-Colell	1
Andreu Van Den Eyende	1
Andrus Ansip	1
Anna Cabeza	1
Anna Erra	1
Anna Gabriel	1
Anna Simó	1
Annika Breidthardt	1
Antoni Ortuza	1
Antoni Postius	1

Antoni Villas	1
Antonio Cañizares	1
António Costa	1
Antonio Espinosa	1
Antonio Fernàndez Teixidó	1
Antonio Fernández Teixidó	1
Antonio López Istúriz	1
Antonio Navarro	1
Apointes Sánchez	1
ARD	1
ARD (televisão alemã)	1
Argumentam na direção do PSOE	1
Arlando Otegi	1
Armand Puig	1
Arran (organização juvenil)	1
As defesas	1
As defesas dos detidos	1
Asambleas Exteriores del Benelux	1
Associació de Municipis per Independència	1
Asociación de Fiscales	1
Asociación Valenciana de Empresarios	1
Asociaciones de Fiscales: Asociación Profesional e Independiente de Fiscales, Asociación de Fiscales e Unión Progresista de Fiscales	1
Asseguram desde su entorno	1
Asseguram fontes NATO	1
Asamblea Nacional Andaluza	1
Assessores Jurídicos	1
Assessoria	1
Assessoria Generalitat Valencia	1
Assinalam à volta de Susana Díaz	1
assinalam desde EUiA	1
Assinalam desde o En Comu	1
Associação La Comuna	1
Associació Catalana de Municipis	1
Associació De Mestres Rosa Sensat	1
Associació de Municipis per la Independencia	1
Associações de Juízes: Asociación Profesional de la Magistratura, Jueces por la Democracia, Foro Judicial Independiente y Francisco de Vitoria	1
Associações Profissionais Fiscalia	1
Assumpa Escarp	1
Astrid Barrio	1
Ata de Reunião	1
Audencia Nacional	1
Audreu Van den Eynde	1
Auke Zijlstra	1
Autor Esteban	1
Autoritat Catalana de Protecció de Dades	1
Aviel Cahn	1
Ayuntamiento de Reus	1
Ayuntamiento Tarrós	1
ayuntamientos de Girona, Sant Julià de Ramis y Aiguaviva	1

Bancada Ciudadanos Parlamento Catalão	1
Bancada JxSí	1
Barbara Loyer	1
Bart de Wever	1
Bart Somers	1
Bases ANC	1
BBC	1
Begoña Villacís	1
Bernat Picornell	1
Boletín Oficial del Estado (BOE)	1
Bomberos por la Independencia de la ANC	1
Breda Romano	1
Bridget L. Coggins	1
Bruno Copieters	1
Buru Batzar	1
Cadena Ser	1
Cales Villalante	1
Carles Barrera	1
Carles Duarte	1
Carles Hernández	1
Carles Lesmes	1
Carles McCragh	1
Carles Palau	1
Carles Puigdemont	1
Carles Puigdemont	1
Carles Puigdemont e os 4 conselheiros	1
Carles Ramió	1
Carlos Barreras	1
Carlos Campuzano	1
Carlos Granados	1
Carlos Jiménez	1
Carlos Losada	1
Carlos Puigdemont	1
Carlos Villalante	1
Carme Forcall	1
Carmen Chacón	1
Carmen Forcadell	1
Carmen González Enríquez	1
Carolina Bescansa	1
Carolina Punset	1
Carta Enviada pelo PSC	1
Casa Real	1
Catalunya en Comú	1
Catalunya Sí que es Pot	1
CatComú-Podem	1
Cecot	1
CEO - Sondagens	1
Cercle D'Economia	1
Charles Grant	1
Charlie Hebdo	1

Christoph Schmidt	1
Christophe Castaner	1
Cidadãos	1
Cinco sindicatos policiais	1
CIS	1
Col.legi de l'Advocacia	1
Col.legi de Politòlegs i Sociòlegs de Catalunya	1
Colegio de la Abogacía de Barcelona	1
Colegio Oficial de Trabajo Social de Catalunya	1
Comentavam os manifestantes	1
Comentou um dos presentes	1
Comisión Delegada del Gobierno para Asuntos Económicos	1
Comissão Europeia	1
Comité de Regiões	1
Comité de Trabalhadores ACN	1
Comités de Defensa del Referendum	1
Companheiro de mesa	1
Conferência Episcopal Espanhola	1
Congreso de los Diputados	1
Consejo de Estado	1
Consejo del Poder Judicial	1
Conselh Generau d'Aran	1
Conselharia de Saúde	1
Conselho de Administração Diari Ara	1
Conselho de Profissionais Catalunya Rádio	1
Conselho de Profissionais TV3	1
Conselho Europeu	1
Consell de Garanties Estatutàries	1
Consell de Gremis de Comerç, Serveis i Turisme	1
Consell de l'Audiovisual de Catalunya	1
Consellaria d'Economia	1
Constituição	1
Constituição Espanhola	1
Consuelo Madrigal	1
Consulado EUA	1
Coordenação Podemos Andalusia	1
Copcat	1
Cristian Fernández	1
Cristina Narboba	1
Cristina Seguí	1
Cúpula do PSOE	1
Daan Everts	1
Dados oficiais dos partidos	1
Dalia Grybauskaitė	1
Dani Rovira	1
Daniel Corpas	1
Daniel Farré	1
Daniel Kutner	1
Dante Pérez	1
David Abril	1

David Bravo	1
David Drew	1
David Garner	1
David Marsh	1
David Pérez	1
De Standaard	1
Decreto de Convocatória	1
Defesa de Josep Lluís Traperó	1
Delegação do Governo da Catalunha	1
Delegação Governo Catalunha	1
Demòcrates de Catalunya	1
Denis Bosquet	1
Departamento de Educação Catalunha	1
Departamento de Saúde	1
Departamento de Saúde Generalitat	1
Departamento Estado EUA	1
Departamento Federal de Assuntos Exteriores	1
Deputados	1
Deputados	1
Deputados Cs, PSC, CSQP, y PP	1
Deputados dos três partidos catalães	1
Deputados rebeldes	1
Der Spiegel	1
Der Spiegle	1
Desde o bloco independentista	1
Desde o PP	1
Desde os serviços secretos espanhóis	1
Diari Oficial de la Generalitat	1
Diari Oficial de la Generalitat de Catalunya	1
Didier Reynders	1
Die Welt	1
Die Welt y Süddeutsche Zeitung	1
Die Zeit	1
Diego López Garrido	1
Diego Pérez de los Cobos	1
Diferentes fontes diplomáticas	1
Dimitri Péskov	1
Dimitrij Ruper	1
Dionís Guiteras	1
Dirigentes apoiantes de Javier Fernández	1
Dirigentes do Podemos	1
Dirigentes do PP	1
Dirigentes do PSC	1
Dirigentes PDECAT	1
Dirigentes PSOE	1
Dirigentes Socialistas	1
Disseram na equipa de Sánchez	1
Distintos dirigentes	1
Diversas fontes	1
Diversos Alcaldes	1

Dizem desde a formação	1
Doc a que o La Vanguardia teve acesso	1
Documento a que teve acesso	1
Documentos a que o La Vanguardia teve acesso	1
Documentos EUiA	1
Documentos Iniciativa	1
Dolors Monserrat	1
Dolors Sabater	1
Dolors Sanater	1
EastStratComm	1
Edgars Rinkevics	1
Eduardo Mendonza	1
Eduardo Vallory	1
EFE	1
EH Bildu	1
El Confidencial	1
El Corte Inglés	1
El Español	1
El País	1
Eldiário.es	1
Eleitor	1
Elena Valenciano	1
Eliseo Aja	1
Eliseu Estelrich	1
Elsa Artadi	1
Em meios do Supremo	1
Embaixada da Finlândia	1
Emili Medan	1
Emilio Zegrí	1
Enmanuel Macron	1
Enric	1
Enric Folch	1
Enric Llorca	1
Enric Ucelay da Cal e Arnau Gonzá-lez Vilalta	1
Enrique Viguera	1
Entre os fieis a Sánchez	1
Equipa de Imprensa	1
Equipa de Sánchez	1
Equipa PP	1
Eric Maurice	1
Escola El Palau	1
Escpça Bages	1
Especialistas	1
Especialistas consultados	1
Esperança Esteve	1
Esquerda Unitária	1
Estatut Catalunya 2006	1
Esteban Gonzáles Pons	1
Esteban González	1
Ester Capella	1

Esther Giménez-Salinas	1
Estivadores dos Portos de Barcelona e Tarragona	1
Estudantes	1
ETA	1
Eudald Casadesús	1
Eugènia Gay	1
Explicam no governo	1
explicaram na CEuropeia	1
Fachin	1
Família da Vítima	1
Farhan Haq	1
Fátima Báñez	1
Federação de Associações de Pessoas Maiores da Catalunha	1
Federació d'Educació CC.00	1
Feijóo	1
Felip Puig	1
Felipe de Borbon	1
Félix Riera	1
Fernando Martínez Maíllo	1
Fernando Ónega	1
Fernando Rivarés	1
Fernando Savater	1
Ferran	1
Ferran Bel	1
Ferran Mascarell	1
Festival Primavera Sound	1
Finncial Times	1
Fiscalia	1
Fiscalia Belga	1
Fiscalía Belga	1
Fiscalía Catalunha	1
Fiscalia de Barcelona	1
Fiscalía de Barcelona	1
Fiscalía de Catalunha	1
Fiscalía de Catalunya	1
Fiscalía General del Estado - Tarragona	1
Fonte direção PSCO	1
Fonte do Executivo	1
Fonte do PDECat	1
fonte oficial	1
Fonte PDECAT	1
Fonte próxima	1
Fonte próxima do governo	1
Fontes à volta de Puigdemont	1
Fontes à volta de Susana Díaz	1
Fontes ANC	1
Fontes bem colocadas	1
Fontes Cattalunya en Comú	1
Fontes Centristas	1
Fontes Ciudadanos	1

Fontes Conhecedoras da Conversa	1
Fontes Conselleria	1
Fontes consultadas (PP)	1
Fontes Cs	1
Fontes da Administração Central	1
Fontes da ANC	1
Fontes da Audiência Nacional	1
Fontes da Candidatura	1
Fontes da Comissão Europeia	1
Fontes da Conselleria	1
Fontes da Conselleria d'Economia	1
Fontes da CUP	1
Fontes da defesa	1
Fontes da direção	1
fontes da direção do podemos	1
Fontes da direção dos mossos	1
Fontes da equipa de Sánchez	1
Fontes da Fiscalía	1
Fontes da força política	1
Fontes da Hacienda	1
Fontes da Instituição	1
Fontes da Moncloa	1
Fontes da UE	1
Fontes das mesas eleitorais	1
Fontes das prisões	1
fontes de CC. OO.	1
Fontes democratistas	1
Fontes departament de treball	1
Fontes Diplomáticas Bálticas	1
Fontes Diplomáticas Estónias	1
Fontes Diplomáticas Europeias	1
Fontes do bloco independentista	1
Fontes do conselho	1
Fontes do CS	1
Fontes do departamento de trabalho	1
Fontes do departamento federal	1
Fontes do ERC	1
Fontes do estabelecimento prisional	1
Fontes do Executivo	1
Fontes do Executivo Catalão	1
Fontes do gabinete	1
Fontes do Gabinete de Forcadell	1
Fontes do Gabinete de Puigdemont	1
Fontes do Governo Autnómico	1
Fontes do governo catalão	1
Fontes do Governo da Catalunha	1
Fontes do hotel	1
Fontes do Ministério do Fomento	1
Fontes do PDECAT	1
Fontes do PP Catalão	1

Fontes do PSOE	1
Fontes do Supremo Tribunal	1
Fontes do TC	1
Fontes do tribunal	1
Fontes dos anticapitalistas	1
Fontes dos Republicanos	1
Fontes Europeias	1
Fontes Governo	1
Fontes independentistas	1
Fontes Judiciais consultadas pelo la Vanguardia	1
Fontes La Vanguardia	1
Fontes Laranja	1
Fontes na reunião	1
Fontes oficiais	1
Fontes oficiais argentinas	1
Fontes oficiais consultadas	1
Fontes Oficiais da Policia	1
Fontes PDECat e ERC	1
Fontes Pimec	1
Fontes Podemos	1
Fontes presentes na reunião	1
Fontes Próximas do Govern	1
Fontes próximas do PM Belga	1
Fontes Próximas dos presos	1
Fontes próximas PDECAT	1
Fontes RENFE	1
Fontes sindicais	1
Fontes sindicais CGT	1
Fontes soberanistas	1
Fontes Tribunal Constitucional	1
Fontes TSJC	1
Francesc de Carreras	1
Francesc Fàbregas	1
Francesc Miralles	1
Francesc Pujol	1
Francesc Ribera	1
Francesc Xavier Moreno	1
Francisco de la Torre	1
Francisco Garcia	1
Francisco Miralles	1
François de Rugy	1
Frankfurter Allgemeine	1
Frankfurter Allgemeine Zeitung	1
Frederico Mayor Zaragoza	1
Fscalía	1
Fuentes de la ejecutiva estatal	1
Fuentes Socialistas	1
Fundación España Constitucional	1
Fundación Faes	1
Fundadores do Partit Català d'Europa	1

Gabinete Carles Puigdemont	1
García Roca	1
Gardia Urbana	1
Gencat.cat	1
Generalitar	1
Generalitat Catalunya	1
Gerard Piqué	1
Germà Gordó	1
Gilles Dejemeppe	1
Glòria Freixa	1
Gobierno	1
Gonzalo Boyé	1
Govern de Andorra	1
Govern de Catalunya	1
Govern Puigdemont	1
Governo Basco	1
Governo Belga	1
Governo Espahol	1
Governo Municipal	1
Governo PP	1
Governo RUnido	1
Gregorio Cámara	1
Grupo de Alcaldes PP	1
Grupo de Eurodeputados	1
Grupo de Manifestantes	1
Grupo de Militantes PSUC	1
Grupo de Passageiros	1
Grupo de promotores	1
Grupo Eurodeputados Esquedá Unitária Europeia	1
Grupo Parlamentar Catalunya Sí que es Pot	1
Grupo Parlamentar Ciudadanos	1
Grupo Parlamentar PSC	1
Grupo PP Comunidad Madrid	1
Grupos Comitès de Defensa de la República	1
Guardia Civil de Igualada	1
Guardia Urbana de Barcelona	1
Guardias civiles	1
Günther Oettinger	1
Héctor López	1
Heiko Maas	1
Hendrik Daems	1
Henry Laguérie	1
Human Rights Watch	1
Huy Verhofstadt	1
Hywel Williams	1
Idoia Medina	1
Idoia Sagatizabal	1
Ignacio Molina	1
Ignasi Candela	1
Ignasi Giménez Renom	1

Ignasi Rafel	1
Iker Casanova	1
Ildefonso Falcones	1
Imprensa da Capital	1
Imprensa Internaiconal	1
Iñaki Arriola	1
Íñaki Urkullu	1
Inês Arrimadas	1
Informação a que teve acesso	1
Inger Enkvist	1
Ingibjörg Sólrún	1
Íñigo de la Serna	1
Iñigo Errejón	1
Íñigo Jesús Alli	1
Íñigo Méndes de Vigo	1
Iñogo Urkullu	1
Instituciones Penitenciarias	1
Institut de Ciències Polítiques i Socials	1
Interpostas pessoas	1
Irene Rigau	1
Isa Zapata	1
Isabel Bonig	1
Isabel Boning	1
Isabel Rodríguez	1
Ishaan Tharoor	1
Isidor Alberich	1
Isidro Martínez	1
Ismael Palacín	1
Iván Redondo	1
Izaskun Bilbao	1
Jan Peumans	1
Jaume Bernis	1
Jaume Casals	1
Jaume Dulsat	1
Jaume Ribes	1
Javi López	1
Javier Ábalos	1
Javier Aranda	1
Javier Arenas	1
Javier Barrycoa	1
Javier Nart	1
Javier Pérez Royo	1
Javier Sandomingo	1
Javier Solana	1
Javir Fernández	1
Jean Christophe Lagarde	1
Jean Claude Juncker	1
Jean Claude Junckers	1
Jean Félix Acquaviva	1
Jean Francois Lisée	1

Jean Pierre Robin	1
Jean Pierre Stoobants	1
Jean-Luc Mélenchon	1
Jefatura de los Mossos	1
Jeremy Corbyn	1
JNC	1
JNC	1
Joan	1
Joan Baldovi	1
Joan Capdevila	1
Joan Capdevilla	1
Joan Cosbuiela	1
Joan Coscubiela	1
Joan Domènec Ros	1
Joan Elias	1
Joan Giner	1
Joan Giró	1
Joan Manel Abril	1
Joan Mena	1
Joan Ramon Casals	1
Joan Tàrda	1
Joaquim Coll	1
Joaquima	1
Joaquin Joan	1
John Dalhuisen	1
Jokin Lecumberri	1
Jordi	1
Jordi Amant	1
Jordi Ballart (Terrassa), Josep Mayoral (Granollers), Ignasi Giménez (Castellar del Vallès) y Núria Parlon (Santa Coloma)	1
Jordi Canyas	1
Jordi Carbonell	1
Jordi Casas	1
Jordi de Juan	1
Jordi Hereu	1
Jordi Matas	1
Jordi Puigneró	1
Jordi Sevilla	1
Jordi Soler (ERC), Josep Maria Terricabras (ERC) e Ramon Tremosa (Convèrgencia)	1
Jorge Azcón	1
Jorge Fernández Días	1
Jorge Fernández Hernández	1
Jornal Público	1
Jornalista Observador	1
Jornalistas presentes	1
José Antonio Bermúdez	1
José António Bermúdez de Castro	1
José Antonio Nieto	1
José Antonio Pastor	1
José António Rodríguez	1
José de la Mata	1

José Domingo	1
José Enrique Fernández de Moya	1
José Enrique Fernández Moya	1
José Ignacio Wert	1
José Julián Gregorio	1
José Luís Abalos	1
José Luis Ayllón	1
José Luis Martínez-Almeida	1
José Luís Roberto	1
José Luís Zapatero	1
José Manuel García Margallo	1
José Manuel López	1
José Manuel Mazas	1
José María Espejo-Saavedra	1
José María Espejo-Saavedra	1
José María Fuster Fabra	1
José María García-Margallo	1
José María González	1
José María Lassalle	1
José Miguel Ortí Bordás	1
José Omella	1
José Rodríguez	1
José Rodríguez de la Borbolla	1
Josef Janning	1
Josep Bou	1
Josep Fèlix Ballesteros	1
Josep Josep Nuet	1
Josep Lluís Bonet	1
Josep Lluís Cléries	1
Josep Lluís Salvadó	1
Josep Luís Trapero	1
Josep M. Coromines	1
Josep Manel Busqueta	1
Josep Maria Bartomeu	1
Josep Maria Bricall	1
Josep Maria Cervelló	1
Josep Maria Nolla	1
Josep Maria Terricabras	1
Josep Monràs	1
Josep Piqué	1
Josep Pla	1
Josep Tarradellas	1
Josep Tarradellas Macià	1
Josep Vilalta	1
Josep Vilaplana	1
Joseph E. Stiglitz	1
Joseph Muscat	1
JosepLluís CarodRovira; los exconsellers Andreu MasColell, Montserrat Tura, AntoniCastellsyMarina Geli; los exdirigentes de ICV Joan Herrera yDolorsCamats; laexlíder de PodemCatalunya Gemma Usabart y los líderes sindicales Javier Pacheco (CC.OO.) y Camil Ros (UGT). También lo firman el cantautor Raimon; la cantante Maria	1

del Mar Bonet; el escritor Jaume Cabré; el arquitecto Oriol Bohigas; el corredor Kilian Jornet o el economista Joan López Casasnovas	
Juan	1
Juan Antonio Delgado	1
Juan Antonio Puigserver	1
Juan António Sánchez Quero	1
Juan Antonio Serrano	1
Juan Carlos Blanco	1
Juan Carlos Rodríguez Ibarra	1
Juan Ignacio Marín	1
Juan José López Burniol	1
Juanma Moreno	1
Juez de Guardia de Terrasa	1
Jugo Romakkaniemi	1
Juiz Audiência Nacional	1
Julian Lewis	1
Juliana Navarro	1
Julie Fernández	1
Julio Rua	1
Julio Villacorta	1
Junta de Portavoces y la Mesa	1
Junta de Portavoces	1
Jurek Kuczkiewics	1
Juri Ratas	1
Jüri Ratas	1
Justin Trudeau	1
JXSÍ	1
Karl Heinz Lambertz	1
Kartik Raj	1
Kaus-Dier Frankenberger	1
Klaus Ioannidis	1
Koen Geens	1
Kofi Annan	1
Konchi	1
Kris Peeters	1
La Fepol	1
La Repubblica	1
La Repubblica	1
La Vanguardai	1
La Vanguardia teve acesso	1
La Vanguardia teve acesso a documento	1
La Vanguardia teve conhecimento - fonte 1	1
La Vanguardia teve conhecimento - fonte 2	1
Laia	1
Laia Guasch	1
Laia Serra	1
Laura Garrido	1
Le Canard Enchaîné	1
Le Figaró	1
Le Soir	1
Le Soir (cita fonte oficial)	1

Leberation	1
Lesley Riddoch	1
Lia Regev	1
Lidia Heredia	1
Lloll Bertran	1
Lluís Coromines	1
Lluís Llach	1
Lluís Llanche	1
Lluís Puig	1
Lluís Rabel	1
Lluís Soler	1
Lord Rennard	1
Lorin Parys	1
Lorne Cook	1
Luc Hennart	1
Luciano Violante	1
Luis Carlos Sahuquillo	1
Luís Corominas	1
Luis Navajas	1
Luis Videgaray	1
Luísa Fernanda Rudí	1
Luz Martínez Seijo	1
Magda Ballester	1
Manel Pulido	1
Manifestantes contra independència	1
Manifestantes Londres	1
Manifestantes pró independència	1
Manifestantes San Sebastián	1
Manifestantes València	1
Manuel Andino	1
Manuel Brinquis	1
Manuel Cruz	1
Manuel Fraga	1
Manuel Gómez Acebo	1
Manuel Jiménez Barrios	1
Manuel Parra	1
Manuela Carmena e Rita Maestre (Consistorio)	1
Manuela de Madre	1
Mar Ampurdanès	1
Marc Bertomeu	1
Marc Colomer	1
Marc Puigtió	1
Marc Unitari de la Comunitat Educativa	1
Marcelo Expósito	1
Margaritis Schinas	1
Maria Angela Paone	1
Maria Barbal	1
María Emilia Casas	1
Maria Eugènia Alegret	1
Maria Eugènia Gay	1

Maria Luisa Balaguer	1
María Senserrich	1
Maria Serrat	1
Maria Udrescu	1
Maria Zajarova	1
María Zájárova	1
Mariano Rajoy	1
Mario Borghezio	1
Mario Mauri	1
Mario Romeo	1
Marisa Xandri	1
Mark Rutte	1
Marta Raspall	1
Marta Torrecillas	1
Martín Javier Cámara	1
Martin Schulz	1
Mathieu de Taillac	1
Matt Qvortrup	1
Matteo Salvini	1
Meio de Comunicação	1
Mercé	1
Mercè Homs	1
Mercè Perea	1
Meritxel	1
Meritxel Batet	1
Meritxell Borràs	1
Meritxell Ruiz	1
Meritxell Serret	1
Michael Roth	1
Michael Stothard	1
Mieria Boya	1
Miguel Ángel Aguilar	1
Miguel Ángel Estradé	1
Miguel Ángel Gimeno	1
Miguel Ángel Presno Linera	1
Miguel Capuz	1
Miguel Garcia	1
Miguel Urbán	1
Milagros Pérez Oliva	1
Milhares de pessoas	1
Ministério de Assuntos Exteriores	1
Ministério de Exteriores	1
Ministerio de Hacienda	1
Ministério do Exterior	1
Ministério do Fomento	1
Ministério do Interior (à EFE)	1
Ministério Interior	1
Ministério Negócio Estrangeiros	1
Ministério Público	1
Ministério Público Belga	1

Ministro de Exterior da Russia	1
Ministro dos negócios estrangeiros Venezuela	1
Miquel	1
Miquel À, Estradé	1
Miquel A. Cullerés	1
Miquel Buch (ACM)	1
Miquel Forns	1
Miquel Iceta	1
Miquel Milagros	1
Miquel Sala	1
Miquel Valls	1
Mir.es	1
Mireia Vehí	1
Miren Larrion	1
Miritxell Batet	1
Mónica Lora	1
Monica Oltra	1
Mónica Oltra	1
Montse Palau	1
Montse Rosell (advogada Homs)	1
Montserrat Tura	1
Moody's	1
Mosos de Esquadra	1
Mosos d'Esquadra	1
Mossos d'Esquadra	1
Movimento Parlem/Hablemos	1
Muitos Altos cargos	1
Mundó	1
Muñoz Machado	1
Na Moncloa	1
Na sala da máquina de campanha	1
Nació Digital	1
Nagua Alba	1
Não identificada	1
Natàlia Esteve	1
Neus Llorevas (AMI)	1
Neus Llorevas (AMI) e Miquel Buch (ACM)	1
Neus Llovera	1
Nicolás de Miguel	1
Nigel Farage	1
Nils Muižnieks	1
No meio judicial	1
No TC se subraya	1
Nuet	1
Nuet	1
Núria de Gispert	1
Nuria Marin	1
N-VA	1
O Governo	1
O juiz	1

O La Vanguardia foi informado	1
O La Vanguardia sabe	1
Observadores Internacionais	1
Octavi Vilà	1
Òmnim	1
Ómnium	1
ONU (David Kaye e Alfred Zayas)	1
Opositores Sánchez	1
Organizações do Terceiro Setor Social da Catalunha	1
Organizações pela causa independentista	1
Oriol Bartomeus	1
Oriol Junqueras	1
Ortega y Rigau	1
Os advogados dos 5 membros na Bélgica	1
Os colaboradores Mossos d'Esquadra	1
Os independentistass	1
Os manifestantes	1
Os responsáveis	1
Os seus colaboradores	1
Os votantes	1
Oscar Matute	1
Oshrat Kotler	1
Otegui	1
outra agência SCPF	1
Outra fonte europeia	1
Outra mulher	1
Outras fontes Governamentais	1
Outro dirigente crítico	1
Outro dirigente do PP	1
Outro votante	1
Outros dirigentes	1
Outros quadros	1
Pablo	1
Pablo Bustinduy	1
Pablo Llarena	1
Pablo Pérez Tremps	1
Paco Boya	1
Paco Frutos	1
Pais que assinam manifesto	1
Paloma Arenós	1
Parlament Català	1
Parlament Catalão	1
Parlamento Catalão	1
Parlamento Europeu	1
Parte dos dirigentes do Ciudadanos	1
Parte dos fiscais	1
Partido Esquerda Basca	1
Partido Socialista Europeu	1
Partidos Socialistas Europeus	1
Pascal Boniface	1

Patrick Chappatte	1
Patronal Foment	1
Patxi López	1
Pau Caneleta	1
Pau Molins	1
Paul Beckaert	1
Paul Richard Gallagher	1
Paul-André Colombani	1
Pavlo Klimkin	1
Pedro António Sánchez	1
Pedro Sanchéz	1
Pedro Sánchez	1
Pedro Santistevé	1
Pedro Sanz	1
Pedro Saura	1
Pere Aragonès	1
Pere Grau	1
Pere Martí	1
Pere Navarro	1
Pere Portabella	1
Pere SOLer	1
Pergunta alguém	1
Pessoas da Família do agredido	1
Peter de Roover	1
Peter Luykx	1
Petró Poroshenko	1
Philippe Lamberts	1
Pierre Robert	1
Pilar Gargallo	1
Pilar Rahola	1
Pío García Escudero	1
Pío García-Escudero	1
Planeta	1
Plataforma de Advogados	1
Plataforma Portes Obertes	1
Plataforma Súmate	1
PNV, EH Bildu e Podemos	1
Podem	1
Podemos Basco	1
Polícia Catalã	1
Polícia Generalitat	1
Político (jornal)	1
Populares	1
Porta Voz Jean Claude Junker	1
Portes Obertes del Catalanisme	1
Porto de Barcelona	1
Presidente de um banco espanhol	1
Procés Constituent	1
Promotores de Manifestação Pró Independência	1
PS	1

PSPV e Patrons Valencianos	1
Quetin Warlop	1
Quim Fernández	1
Quima	1
RAC1 (declarações de Trapero - fuga de áudio)	1
Rafael Entrena	1
Rafael Entrena (advogado Artur Mas)	1
Rafael Ribó	1
Rafal Bochenek	1
Rafel Bruguesa	1
Raimon Obiols, Laia Bonet, el alcalde de Esparreguera, Eduard Rivas, exdirigentes como Joan Carles Mas	1
Ramon Fabregat	1
Raquel Sánchez	1
Real Academia de la Historia	1
Real Instituto Elcano	1
reconhecem desde as filas do Podemos	1
Recortes Cero, Federalistas de Izquierda e Los Verdes - Grupo Verde	1
Regulamento da Câmara [Parlamento Autonómico Catalão]	1
Reinhar Vesper	1
Relatório Govern Catalão	1
Repórteres sem Fronteiras	1
Representante de Moncloa	1
Retail.cat	1
Retailcat	1
Reuters	1
Revista Nature	1
Ricardo Gosalbo	1
Richard Youngs	1
RNE	1
Roberto Bermúdez de Castro	1
Roger Español	1
Romano Prodi	1
Romeva	1
Rosa Berrio	1
Rosa Fabregat	1
Rosa M. Ibarra	1
Rosa María Codines	1
Rosa María Sardà	1
RTS	1
Russia TV	1
Ruth Moreta	1
Ryszard Legutko	1
Sabem no PP	1
Salvador Guillermo	1
Salvador Sánchez-Terán	1
Sandra Moneo	1
Santi Fisas	1
Santiago Muñoz Machado	1
Santiago Muñoz Machado y Eliseo Aja, Francesc de Carreras, Enric Fossas, Víctor Ferreres y Joaquín Tornos, Muñoz Machado y Javier García Roca (Madrid), Ana Carmona (Sevilla), Alberto López Basaguren (País Vasco) y José Antonio Montilla (Granada).	1

Santiago Vidal	1
Sara Mestres	1
Sara Vilà	1
Sarah Huckabee Sanders	1
Saül Godillo	1
Sebastià Aupí	1
Sebastià Tamarit	1
Segundo fontes	1
Segundo fontes conhecedoras	1
Segundo o jornal conseguiu saber	1
Segundo se pôde saber	1
Segundo soube o diário	1
Segundo soube o jornal	1
Sem informação	1
Sem dados	1
Sem Fonte - jornalista como leitor da história	1
Sem fonte (jornalista pesquisador)	1
sem informação	1
Sem informação - jornalista	1
Sem informação, mas com acesso ao documento interno	1
Senhor reformado	1
Sergi	1
Sergi d'Assís Gelpí	1
Sergi Miquel	1
Sergio de Molino	1
Sergio Santamaría	1
Serguéi Lavrov	1
Serguéi Narishkin	1
Silvio Berlusconi	1
Sindic de Greuges	1
Sindicat d'Estudiants	1
Sindicato Profesional de la Policia	1
Sindicatos	1
Sindicatos ligados ao ensino	1
Sindicaltura Electoral de Catalunya	1
Socialistas	1
Societat Civil Catalana e Abogados Catalanes por la Constitución	1
SOM Escola	1
Soraya Sáens Santamaría	1
Sputnik	1
Stefeen Seibert	1
Stephen Sackur	1
SUP, CEP, UFP e SPP	1
Sus federaciones	1
Susana Días	1
Susana Diaz	1
Susana Segovia	1
Tamayo y Sáez	1
Tanja Fajon	1
Taula per la Democràcia	1

Têm dito	1
Teresa Giménez Barbat	1
Teresa Pitarch	1
Teresa Rodríguez	1
Teresa Rodríguez	1
Testemunha ocular	1
Texto a que o La Vanguardia teve acesso	1
The Daily Telegraph	1
The Economist	1
The Elders	1
The Financial Times	1
The Independent	1
The New York Times	1
The New Your Times	1
Theresa May	1
Thomas Kolly	1
Thomas Markert	1
Thomas Spekschoor	1
Thorbjorn Jagland	1
Tilman Renz	1
Todos os deputados JXSí e CUP	1
Tom Nuttall	1
Tomàs Marquès-Bonet	1
Tomeu	1
Toni Albà	1
Toni Cantó	1
Toni Vall	1
Três Associações de Fiscales	1
Tribunal	1
Tribunal Constitucional	1
Tribunal de Contass	1
Tribunal Superior de Justiça da Catalunya	1
tricoteuses	1
Trump	1
TV3	1
Txarli Prieto	1
Ulrich Launder	1
Ulrike Demmer	1
Um alto cargo	1
Um Alto cargo da Generalitat	1
Um alto cargo Govern	1
Um cargo cupero	1
Um casal	1
Um ciclista	1
Um conselheiro de Borges Blanques	1
um deles	1
Um deputado PP	1
Um destacado membro do governo	1
Um dirigente empresarial	1
Um dirigente PDECAT	1

Um dos colegas da juíza (magistrado)	1
Um dos empregados do secretariado	1
um dos presentes	1
Um dos seus colaboradores	1
Um fotógrafo	1
Um grupo de estudantes	1
Um homem	1
Um inspetor chefe	1
Um membro da última executiva de Sánchez	1
Um membro das mesas eleitorais	1
Um militante PSC	1
Um ministro	1
Um polícia	1
Um político italiano	1
Um político radicado em Madrid	1
Um portavoz do executivo alemão	1
Um presidente PSO	1
Um professor	1
Um secretário do PSOE	1
Um veterano do partido	1
Um veterano líder socialista	1
Um veterano Polícia	1
Uma assistente	1
Uma Conselheira	1
Uma das pessoas presentes	1
Uma deputada PSOE	1
Uma dezena de delegados de entidades pacifistas	1
Uma dirigente PSC	1
Uma dirigente socialista	1
Uma empregada	1
Uma fonte europeia	1
Uma mulher	1
Uma senhora de 70 anos	1
Umas plataformas	1
Umas raparigas	1
Unai Sordo	1
Unió de Pagesos	1
Unió Pagesos	1
Unión de Oficiales de la Guardia Civil	1
Units per Avançar	1
Universidade de Barcelona	1
Universidades Públicas Catalãs	1
Universitat Pompeu Fabra	1
Uns deputados	1
Uns Manifestantes contra independência	1
Uns Manifestantes pró independência	1
Uri Levy	1
Ustec	1
Vários Altos Quadros do Governo Basco	1
Vários dirigentes políticos	1

Vários Dirigentes PSC	1
Verdes - Aliança Livre	1
Vicens	1
Víctor	1
Vincent van Peteghem	1
Vinyes Singulans	1
Virginia	1
Vlaams Belang	1
Vladimir Zhabárov	1
Vladimir Zhirivnoski	1
Vladis Dombrovskis	1
Vozes fizeram-se ouvir	1
Website referendum.cat	1
Xavi Domenèch	1
Xavier Albiol	1
Xavier Alegre	1
Xavier Amor	1
Xavier Garcia Albiol	1
Xavier Pastor	1
Xavier Sabaté	1
Xavier Vendrell	1
Xavies Domènech	1
Xerardo Fernández Albor	1
Xesús González	1
Xosé López Barreiro	1
Yaacov Eylon	1
Yorgos Papandreu	1
Yusty Bastarreche	1
Zeid Raad al Husein	1

Mancha ocupada pelas declarações

Grande (+ 500 caracteres)	430
Média (até 500 caracteres)	2428
Pequena (até 100 caracteres)	495
Sem declaração direta	693
Sem informação	124

Distribuição de fontes de informação por partidos

Sem informação	1399
PP	469
PSOE	276
PDECAT	243
JXSÍ	240
ERC	244
PSC	228

Ciudadanos	147
CUP	120
Podemos	119
En Comú Podem	83
PNV	75
Catalunya en Comú	36
CIU	31
PPE	28
JXCAT, PDECAT	25
Catalunya Sí que Pot	23
En Comú	17
PS	15
CDU	14
Movimento Reformador	12
Outros	325
Não é partidário	12
EH Bildu	9
EUiA	9
N-VA	9
Catalunya Sí que es Pot	8
ICV	8
Compromís	6
IU	6
Partido Republicano	6
PS Belga	6
Forza Italia	5
Partido Conservador	5
Units per Avançar	5
Lliures	4
Partido Comunista Russo	4
Partido do Trabalho	4
PSOE, PSC	4
Rússia Unida	4
Units	4
Verdes	4
CIU, PDECAT	3
CSV	3
Cuidadanos	3
New Flemish Alliance	3
Podemos, En Comú Podem	3
PP, PSC, Ciudadanos	3
PS França	3
PS Francês	3
SMC	3
UDC	3
Bloco independentista no parlamento catalão	2
CDC	2
CIU, JXCAT, PDECAT	2
CIU, JXSÍ	2
Conservador	2

CSQP	2
Forza Itália	2
França Insubmissa	2
Iniciativa	2
JXCAT, JXSÍ, PDECAT	2
JXSÍ, ERC	2
Liberais Europeus	2
Liberais Flamencos	2
Partido Comunista Venezuela	2
Partido Comunista Venezuelano	2
Partido Democrata	2
Partido Liberal	2
Partido Popular Europeu	2
Partido russo	2
Partido Solidariedade	2
Scottish National Party	2
Sí que es Pot	2
UCD	2
Unidade	2
Unió	2
UPD	2
Alianza de los Liberales t Demócratas por Europa	1
Alianza Libre Europea	1
Alianza Popular	1
ANC	1
Arran	1
Catalunya Sí que es Pot, Podemos	1
CD&V	1
CDU Alemanha	1
CIU, JXSÍ, PDECAT	1
CIU, UDC	1
Civic Choice	1
Coalición Canaria	1
Coalición Canaria	1
Colación Canária	1
Comunes	1
Conservadores	1
Crida per Sabadell	1
CSV	1
CUP, Arran	1
CUP, JXSÍ	1
CUP, JXSÍ, Catalunya Sí que Pot	1
Demòcrates	1
Demòcrates de Catalunya	1
Democratic Party	1
Eesti Reformierakond - ER	1
Em Comú Podem	1
En Comú	1
En Comú Podem, Catalunya Sí que Pot, Iniciativa	1
En Marea	1

ERC, JXSÍ, PDECAT, En Comú Podem	1
ERC, PDECAT	1
ERC, PDECAT, En Comú Podem	1
Esquerda Unitária	1
Esquerda Unitária Europeia	1
Europa 2000	1
ex-Unió	1
Foro Asturias	1
Ganaremos Zaragoza	1
Independente	1
Independente JxCAT	1
Institucional, mas com ligações partidárias ao PSOE	1
JXÍ, PDECAT	1
JXSÍ, CUP	1
JXSÍ, CUP, Catalunya sí que es pot	1
JXSÍ, PDECAT, ERC	1
La France Insoumise	1
Labour	1
Lei e Justiça	1
Liberal Democrata RU	1
Liberal Party of Canada	1
Liga Norte	1
Lliga Nord	1
Mais Madrid	1
Més	1
Mesa del Parlament	1
Movimento Reformador (Belga)	1
Movimento Reformador Belga	1
Não aplicável	1
New Era	1
Novo-Centro Direita	1
Open Flemish Liberals and Democrats	1
Partido Abertzale	1
Partido Centro Estónio	1
Partido Comunista	1
Partido Democrático	1
Partido Democrático Itália	1
Partido Democrático Italiano	1
Partido do Centro Estónio	1
Partido do Trablho	1
Partido Liberal Democrático da Rússia	1
Partido por la Libertad	1
Partido Revolução Institucional	1
Partido Socialista Europeu	1
Partido Socialista Unificado de Cataluña (PSUC)	1
Partido Socialista Vasco	1
Partido Trabalhista	1
PC	1
PDECAT, ERC e Ara Reus	1
PDECAT, JNC	1

Plaid Cymru	1
Plataforma Cívica	1
PNC	1
PNL	1
Podem	1
Portes Obertes Al Catalanisme	1
PP, PP Catalunya	1
PP, PP Vasco	1
PP, PPC	1
PP, PSC, Ciudadanos, Catalunya Sí que Pot	1
PPEuropeu	1
PQ	1
Procés Constituent	1
PS	1
PS Esloveno	1
PS Europeu	1
PS Grego	1
PSE	1
PSE - Basco	1
PSE - País Basco	1
PSOE, Basco	1
PSPV e Associação de Patrões de Valência	1
PxC	1
Sabin Etxea	1
Scottish National Party NP	1
Sí que pot	1
Sm	1
SNP	1
Trabalhista	1
Trabalhistas	1
UA	1
UKIP	1
Unión des Démocrates et Indépendants	1
Unitat d'Aran	2
UPN	1
Vários	1
VB	1
Verdes-ALE	1
VLD	1
VOX	1
VVD	1

Posição das declarações das fontes de informação

A favor ação musculada da polícia	2
A favor das detenções	3
Apelo à resolução interna	1
Apelo ao diálogo	119
Apelo diálogo	6
Apoio ao direito de decidir	1

Contra a aplicação artigo 155	25
Contra a aplicação do artigo 155	11
Contra a DUI	13
Contra a DUI, Apelo ao diálogo	1
Contra a DUI, Contra a Independência	5
Contra a Independência	543
Contra a Independência	1
Contra a Independência unilateral, Pró-Referendo negociado	1
Contra a Independência, Apelo ao diálogo	10
Contra a Independência, Contra a DUI	1
Contra a Independência, Contra DUI	1
Contra a Independência, Contra o referendo	16
Contra a Independência, Contra o referendo, Apelo ao diálogo	1
Contra a Independência, Pró- regime federalista	1
Contra ação musculada da polícia	35
Contra ação musculada da polícia, Apelo ao diálogo	6
Contra aplicação 155	9
Contra aplicação 155, Contra ação musculada da polícia	2
Contra aplicação artigo 155	4
Contra declarações PP sobre doutrinação de alunos	7
Contra detenções	16
Contra DUI	17
Contra lei do referendo	1
Contra o referendo	87
Contra o referendo, Apelo ao diálogo	2
Contra o referendo, Contra ação musculada da polícia	5
Contra o referendo, Sem informação	1
Contra referendo	1
Contra Referendo unilateral	1
Contra resposta de Puigdemont a Rajoy	2
Crítica à gestão de Puigdemont	1
Evento	3
Indefinida	57
Indefinida, Apelo ao diálogo	8
Indefinida, Contra ação musculada da polícia	4
Indefinida, Contra o referendo	7
Indefinida, Pró-Referendo, Contra ação musculada da polícia	1
Indefinida, Sem informação	1
Indefinido	3
Neutro	3
Pró-Independência	713
Pró-Independência, Apelo ao diálogo	1
Pró-Independência, Contra a aplicação do artigo 155	5
Pró-Independência, Contra ação musculada da polícia	9
Pró-Independência, Contra aplicação 155	1
Pró-Independência, Efetivar a DUI	11
Pró-Independência, Pró-Referendo	28
Pró-Independência, Sem informação	2
Pró-Referendo	108
Pró-Referendo, Contra ação musculada da polícia	2

Pró-Referendo, pactado	2
Pró-Referendo, Sem informação	2
Sem informação	2239
Várias Posições	1

Meio de atuação

Sem informação	818
Soundbite/Encontro "informal" com jornalista	475
Evento	364
Redes Sociais	283
Conferência de imprensa	272
Sessões Parlamento Nacional	268
Manifestação	209
Entrevista formal	203
PR/Comunicado	259
Reunião	194
Sessões Parlamento Autnómico	154
Peça Jornalística	62
Resolução	56
Carta	52
Entrevista	52
Auto	37
Visita	31
Sessão do Senado	30
Editorial	28
Relatório	21
Outros	302
Artigo de Opinião	17
Votação	17
website	17
Sessões Parlamento Europeu	15
Documento	14
Sondagem	14
Diploma legal	13
Manifesto	12
Declaração Institucional	11
Moção	9
Acórdão	8
Email	8
Documentação	7
Agenda	6
Debate	6
Notícia	6
Ação de Campanha	5
Inquérito	4
Livro	4
Ações de Campanha Autnómica Basca	3
Ações de Campanha Autnómica galega	3
Jornal	3

Ação de campanha	2
Agenda de trabalho	2
Blog	2
Capa de Jornal	2
Carta Aberta	2
Conselho Europeu	2
Entrevista formal	2
Evento, Debate PSC	2
Femu a Corsica	2
Jornais	2
Manifestação (vídeo)	2
Mensagem Institucional	2
Mensagem Institucional TV	2
Notificação	2
Publicação Listas	2
Sentença	2
Sentença	2
Sessão Parlamento Nacional	2
Sessões Ayuntamiento	2
Sessões Conselho da Europa	2
Texto	2
Ação de fiscalização	1
Ação Judicial	1
Agenda Real	1
Alegações	1
Artigo de Opinião The Guardian	1
Artigos de Opinião	1
Ata	1
Basca	1
blogue	1
BOE	1
Carta	1
Cartoon	1
Comunicado Interno	1
Convocatória	1
Crónica	1
Dados	1
Dados eleitorais	1
Declaração Institucional	1
decreto	1
Denúncia	1
Deputados PSOE	1
Direito de resposta	1
Discurso de Tomada de Posse	1
Documentação propostas partidárias	1
Documento histórico	1
Documentos	1
Eleições Autonómicas bascas	1
Entrevista formal, Debate	1
Espetáculo	1

Fax	1
Gravação Audiência	1
Impugnação	1
Manifestação/ Soundbite Jornalistas	1
Manifestações	1
Manifesto	1
Memorando	1
Notícias	1
Parecer	1
Peças Jornalísticas	1
Proposta	1
Recomendação	1
Recurso	1
Recurso judicial	1
Registos	1
Resolução Parlamento Catalão	1
Resultados Eleições	1
Saída da Prisão	1
Sessão de Audiência Nacional	1
Sessão Tribunal	1
Sessão Tribunal Constitucional	1
Sessões do Conselho Europeu	1
Spot Publicitário	1
Telegrama	1
Tese	1
Texto	1
Tribunal	1
Vinheta Humorística	1
Whatsapp	1

Apêndice 8: Entrevista a Jaume Valles Aroca (La Vanguardia)

Entrevista concretizada em castelhano

Versão em Castelhana

Entrevista realizada via Skype a 26 de fevereiro de 2021

P: ¿Cuánto tiempo lleva en La Vanguardia?

R: Creo que toda la vida. Yo pertenezco a una generación que entraba en una empresa y se quedaba en ella. Creo que debo llevar más de 20 años, seguro, de los cuales la mitad dedicado a la sección de local de Barcelona y del área metropolitana, que es que algo que ahora no existe, pero existía y luego ingresé en la sección de política y ahí he estado y hecho muchas cosas. He sido redactor, cubriendo información de determinados partidos, luego me fui a Madrid y estuve trabajando en lo Congreso de los Diputados algunos años, en la época de Zapatero y de la inauguración del nuevo estatuto de autonomía catalana, que en parte hay que considerar que ahí empieza el conflicto en que estamos ahora. Yo, particularmente, creo que no es exacta esa tesis, pero bueno. Luego regresé aquí, a Barcelona. Volví a trabajar en la sección de política y así la posición de redactor jefe en 2015/2016, no me recuerdo exactamente en qué momento, pero em 2015 creo que empecé a hacer cosas más allá de lo que sería hecho por un redactor de política y en 2016 me integré como redactor jefe.

Debes entender que la estructura en uno periódico es la siguiente: hay el director, hay un subdirector del área de la política, luego el redactor jefe, después los jefes de sección, que pueden ser uno o dos. De hecho, parece que voy a volver a la sección de política, pero luego te cuento. Y después hay los redactores que son la redacción de Barcelona, más los corresponsales del territorio en Cataluña, más los corresponsales en las diversas provincias españolas, particularmente algunas que son interesantes y hay otras que no hay corresponsal y, finalmente, la redacción de Madrid que cuenta con uno subdirector o uno director adjunto, que en este caso es Enric Juliana y también hay el redactor jefe. Pero esto, digamos están operativamente dependientes de las decisiones que se toman en Barcelona, en la medida que la "casa" de la empresa es Barcelona y esa es una singularidad de La Vanguardia, porque siendo uno periódico de alcance español, a pesar

de su difusión ser unos 80 o 90% en papel se hace en Cataluña y en Barcelona, seguramente en web es distinto con un reparto de 50%-50%. Pues, a pesar de ser uno diario como te decía de alcance español tiene su casa madre en Barcelona, esto es una singularidad que se produce en otros países, quizás en Italia es uno ejemplo muy claro, pero en pocos más. Los diarios tienen sus sedes en las capitales políticas.

P: ¿El hecho de estar en Barcelona penaliza el La Vanguardia en el acceso a las fuentes de información, que trabajan en Madrid?

R: Seguramente, algo de eso hay, en la medida de que cuando tienes a tu director y tu staff en Barcelona al final el periodismo, y sobre todo el periodismo político, bascula sobre las relaciones humanas y, evidentemente que, si el grueso de tu equipo está en Barcelona seguramente hay algunas dificultades, sin duda. Curiosamente, esto se compensa con el hecho de que, hasta los últimos años, y precisamente derivado al *procés*, tenías muchas empresas importantes para la economía española aquí. Algo que, en cierto sentido, el *procés* ha cambiado. Como bien sabes, ha habido una significativa fuga de empresas, que es relevante en términos operativos, que en término reales, en términos de representación del PIB, quizás no es tan importante que el hecho de que, como bien sabes en este momento en España, y creo que esto forma parte del conflicto catalán, gravita en torno a Madrid y cuando los centros de decisión, no solo políticos, como también financieros y también empresariales se desplazan hacia Madrid, claro la pérdida de ese capital humano de que hablábamos antes y de esa relación humana tiene un peso específico sobre el ejercicio del periodismo.

P: En su opinión, ¿a qué retos se enfrenta el periodismo político en España?

R: Es una pregunta que da para mucho. Creo que no debe ser muy diferentes a los retos que se enfrenta en todo el periodismo, pero en particular el periodismo del poder, que básicamente son dos: economía y política, que es la pérdida de la capacidad de intermediación. Hasta hace algunos años, nosotros éramos los grandes y legítimos intermediarios entre la ciudadanía y el poder, pero esto dejó de ser así en el momento en que ha cualquier ciudadano se le dio la posibilidad de poder informar, opinar e influir. Nuestra capacidad de intermediación se ha visto limitada del mismo modo que se ha

visto limitada la capacidad de intermediación de la política. Entonces, eso nos obliga a uno ejercicio de refuerzo de nuestra legitimidad en base a la capacidad de representar y de dar voz y de explicar mejor que lo que pueda hacer un individuo lo que ocurre. Luego, hay muchos más retos, si quieres, y en particular en España, seguramente hay retos relacionados con la comprensión de nuestro propio país, pero esto es un problema que precede desde el siglo XIX. Pero yo creo que el factor fundamental es el que se enfrenta todo el periodismo y toda la política, que es esa dificultad para seguir ejerciendo esa intermediación con verdadera legitimidad.

P: ¿Cree que a veces las fuentes de información, más que las redes sociales, tratan de influir en el contenido que el periodista está preparando? ¿En qué sentido?

R: Bueno, sí. Pero eso, creo que siempre ha sido así. Decir, al final, el periodismo no es más que la descripción de las relaciones humanas y de las relaciones de poder, cuando hablamos de periodismo político. Y en ese contexto, no creo que haya cambiado sustantivamente el deseo de influir. Probablemente, ahora se me ocurre, quizás nuestra pérdida de influencia se hace menos necesaria de esta influencia. Es decir, que nos influye porque somos menos determinantes, pero, aun así, diría que sí. Pero al final, si lo piensas, en cualquier relación empresarial y en cualquier relación profesional, la interacción forma parte del asunto, para decirlo así.

Claro, las redes sociales, por ejemplo, dada la visión conservadora de La Vanguardia, evidentemente, somos objeto muy a menudo de estos sectores que no comparten nuestro/el punto de vista del diario y claro, somos objetos de presión. Pero, en este punto, te diría que eso hace con que te esfuerces más para hacer tu mejor. Y ni todo es malo en la interacción que nos proporciona la red, también nos obliga a ser mucho más rigurosos, a ser más cuidados y mucho más respetuosos, porque sabes que, dependiendo de lo que hagas o como hagas, va a desatarse una tormenta y ante esa tormenta la única posibilidad de defensa es la verdad y la equidad.

P: Según su experiencia, ¿a qué fuentes de información recurre más a menudo el periodista? ¿o es al revés?

R: Mi, y ocupando la posición que he ocupado, punto de partida siempre ha sido: ellos nos necesitan más a nosotros, que nosotros a ellos. Y, por lo tanto, yo acudo a la fuente de información a buscar información, no me relaciono con la fuente de información y esto es un elemento que creo que, en particular en el caso que estás analizando, es especialmente relevante. Porque estábamos en un contexto conflictivo y, por lo tanto, había que intentar ser particularmente escrupuloso en esas relaciones. No obstante, no olvidemos - y eso es muy importante - que en esa interacción hay factores comerciales, estratégicos de la empresa y hay factores de necesaria equidad ante el conflicto, que creo que se reforzaba más esa equidad, por lo tanto, sí, es verdad que ha habido ocasiones en que esa interacción ha sido reciproca, pero insisto, el periodista hay que tener muy claro que la interacción es, en cierto sentido, unidireccional. La complicidad es un malo asunto, más allá del cisno ideológico de cada uno. Puedes llegar a tener amigos políticos y tener un político que te pida un consejo o que te pregunte "¿tú como lo ves?", pero en general, distancia.

P: ¿Sentiste alguna presión por parte de la fuente A o B para transmitir la perspectiva más favorable a la facción de apoyo?

R: ¡Claro! Eso ocurre, pero pretendo separar el trabajo de hacer un periódico o un periódico web, en la perspectiva de hacer el periodismo, de las estrategias y de las posiciones de tu propio periódico. Creo que a partir de la estructura que te he descrito antes, a partir de mi posición hacia arriba esas interacciones tienen más sentido, porque forman parte de la estrategia empresarial. Por debajo de mi posición, que es la posición de hacer un diario, creo que esas presiones o esas interacciones deben ser mucho más contenidas. Te diría que el redactor jefe es la posición que lleva la rótula a partir de la cual empezaban los intereses y las estrategias empresariales y a partir de lo cual, por debajo, empezaban los intereses y las estrategias estrictamente periodísticas. Esto ahora parece muy claro, pero no. Todo esto es mucho más confuso, infinitamente más confuso y esa relación por veces produce verdadero insomnio, pero entiendo o he pretendido, durante el tiempo a que te estás refiriendo, hacerlo de eso modo.

P: ¿Cuál fue el mayor reto para los periodistas durante la cobertura del proceso catalán?

R: Es que eso que tu defines como proceso catalán, yo te describo como un conflicto. Yo subrayo esto porque creo que entramos en una zona de conflicto, en una zona de división profunda y grave de la sociedad. En la que subrayo que las aspiraciones de unos e otros eran perfectamente legítimas, las de los que querían separarse y las de los que querían quedarse. Los que quieren quedarse y los que quieren irse. Creo que, para mi periódico, el principal reto profesional, fue conseguir y esto te lo dice el redactor jefe el periódico de referencia en Cataluña, evitar que nuestros lectores también se dividieron. Que nuestros lectores solo tomaran una parte de la sociedad. Cataluña está, y estuvo, y empezó a romperse no en 2016 (creo que fue bastante antes), pero 2016 y 2017 fueron años clave en esa ruptura y nuestra misión fundamental fue conseguir que todos nos siguieron leyendo. Por dos razones: una puramente comercial, tú necesitas que te sigan leyendo porque vives de eso, y eso no es una razón menor; y luego la otra, porque el periodismo debe tener la vocación de conseguir no ser parte, si no ser un descriptor fiel. Insisto, eso con todos los doses de insomnio que produce, porque es complicadísimo, pero mira para que entiendas la dimensión: nosotros teníamos al principio de la crisis 60 mil suscriptores en papel, que creo que es la cifra más alta de suscriptores que hay en España; salimos de lo más duro de la crisis con 55 mil, es decir que perdimos 5 mil. Eso quiere decir que nos hicimos todo mal, teniendo en cuenta la sociedad civil y que nosotros somos el diario de referencia de este país. En segundo lugar, si buscar en las encuestas del Centro de Estudios de Opinión y buscas la tripa de la encuesta verás que somos el diario más leído en todos los segmentos ideológicos en Cataluña. Es decir: todas las personas que dicen ser partidarios de una formación política, el primer que leen es lo nuestro. Para mí, ese era y es el principal reto a lo que enfrentábamos, muy encima de cualquier otro y lo conseguimos.

P: Desde su punto de vista, ¿qué ha diferenciado la cobertura mediática de La Vanguardia de la de los otros periódicos [El País, El Mundo y Ara]?

R: Claro que hay diferencias, pero son diferencias que tienen que ver con la posición editorial, pero esa posición editorial se deriva también de la posición en el universo mediático. El Mundo y El País son dos diarios de Madrid, uno es un diario progresista, otro es un diario más reactivo y, quizás, con una línea de opinión más - tampoco diría

que una posición de derecha, El Mundo es un poco más difícil de definir que El País en su vocación. Y en Cataluña el Diari Ara es uno diario que nace con la vocación de representar a una parte y La Vanguardia es un diario que ha cumplido recientemente 140 años y que te promete representar la integralidad, pero una integralidad que se pronuncia desde Barcelona y al pronunciarse desde Barcelona tiene una noción de España distinta de la que tiene El Mundo y El País. Que quiero yo decir con eso: nuestras posiciones son distintas, pero porque nuestros orígenes y nuestros a priori ya son distintos. Quiero pensar que el ejercicio estricto de nuestro trabajo como periodistas no es muy distinto. Lo que es distinto son nuestras posiciones de partida. Creo que es mucho sustantivo y que es mucho más que la posición política que se ocupa en un momento determinado y eso es evidente que, en el caso del *procés*, todos tomaron partido por uno o por otro, desde luego el caso de El Mundo y El País, que son inequívocamente contrarios al *procés*, en el caso del Ara, inequívocamente parte de *procés* y en el caso de La Vanguardia suportamos la tensión de intentar o buscar un punto intermedio que explicara el conflicto y las dos caras del conflicto. Y esta es una posición realmente compleja porque por ambas partes hubo momentos críticos y poco ejemplares.

P: ¿Se siente la dicotomía/confrontación "Cataluña-Madrid" en las redacciones?

R: Dentro de la redacción de La Vanguardia hay independentistas y no independentistas. Yo soy poco partidario de la descripción del grupo de no independentistas como unionistas o constitucionalistas, creo que todavía no hemos encontrado la palabra cierta para definirlos, a pesar de que se utiliza no sólo aquí como también en Madrid.

La tensión entre ambas partes existe, claro que existe. Buenos, mi punto de vista en estos casos es que tus preferencias guárdatelas para cuando salgas de la puerta de la redacción. Lo cual ni siempre es cierto o funciona, ni siempre es pacífico, pero en una situación de conflicto como la que vivimos, sólo creo que se pueda sobrevivir bajo esa premisa.

P: Si tuviera que analizar el discurso periodístico producido por La Vanguardia sobre la cuestión catalana, ¿cómo lo clasificaría? ¿Independentista catalán o nacionalista español?

Te diría que, en cierto sentido, hay un a priori que no comparto que es el que "hay que ser una cosa o la otra". Precisamente, nuestro propósito fue precisamente evitar ser una cosa o ser la otra. Para que me entiendas, creo que volvemos a las tradiciones periodísticas: La Vanguardia procede de una tradición histórica.

Creo que te he descrito nuestro diario como conservador, cuando te digo la palabra conservador tiene también el sentido de ser particularmente capaz de navegar en aguas turbulentas y de conservar. Y en ese sentido ante el conflicto la posición trataba precisamente de mantener este *status quo* y dar voz a todo mundo y explicar lo que ocurría.

Como te puedes imaginar, cuando en septiembre de 2017 se produce dos anómalas secciones en el Parlament de Catalunya y se produce lo que para mí es uno de los mayores errores que se ha producido en la política catalana, en mucho tiempo la posición del diario fue especialmente difícil, pero, y yo lo equiparo, con la posición de diario cuando la policía y la guardia civil toman de asalto los centros de votación que se habían creado para el 1 de octubre. Eso también es tremendo. Y ahí, ¿cuál es tu papel? Intentar contar todo y evitar ser parte - no tomar parte. Hay una diferencia grande entre tomar parte y ser parte. Tomamos parte en el editorial, tomamos parte al describir desde una perspectiva una situación: la situación inaceptable del Parlament de Catalunya y la de la policía golpeando la gente. Pero una cosa es eso y la otra es ser parte de eso. Eso es el límite, la línea y todo esto es muy ideal y teórico, pero te aseguro y he intentado explicarte como lo hicimos. Nuestra voluntad fue esa: no ser parte.

[Versão em Português](#)

P: Há quanto tempo está no La Vanguardia?

R: Penso que estive toda a minha vida. Pertenço a uma geração que chega a uma empresa e acaba por ficar. Penso que devo estar há mais de 20 anos, com certeza, metade deles dedicados à secção local de Barcelona e à área metropolitana, que é algo que não existe agora, mas existiu. Depois juntei-me à secção política e por lá estive e fiz muitas coisas. Fui editor, cobrindo informações sobre determinados partidos, depois fui para Madrid e trabalhei no Congreso de los Diputados durante alguns anos, durante o tempo de Zapatero e na altura da inauguração do novo estatuto de autonomia catalão, que em parte deve ser considerado como o início do conflito em que nos encontramos agora. Eu, em particular, não penso que esta tese seja exata, mas tudo bem. Depois regresssei aqui a Barcelona. Voltei a trabalhar na secção política e assumi o cargo de editor-chefe em 2015/2016, não me lembro exatamente em que altura, mas em 2015 comecei a fazer coisas para além do que seria feito por um editor político e em 2016 tornei-me editor-chefe.

É preciso compreender que a estrutura do jornal é a seguinte: há o diretor, há um subdiretor para a área política, depois o editor-chefe, depois os chefes de secção, que podem ser um ou dois. E depois há os redatores, que são a redacção de Barcelona, mais os correspondentes na Catalunha, os correspondentes nas várias províncias espanholas, algumas particularmente interessantes e outras onde não há correspondente, e finalmente a redacção de Madrid, que tem um diretor e um subdiretor, que neste caso é Enric Juliana, e há também o editor-chefe. Mas isto, digamos que dependem operacionalmente das decisões tomadas em Barcelona, na medida em que a "casa" da empresa é Barcelona. Isto é uma singularidade de La Vanguardia, porque sendo um jornal espanhol, tem cerca de 80 ou 90% em papel a ser feita na Catalunha e em Barcelona, sendo que na web é diferente com uma distribuição de 50%-50%. Bem, apesar de ser um jornal espanhol, como eu disse, tem a sua sede em Barcelona, esta é uma singularidade que ocorre noutros países, talvez em Itália seja um exemplo muito claro, mas em poucos outros. Os jornais têm a sua sede nas capitais políticas.

P: O facto de estar em Barcelona penaliza La Vanguardia no seu acesso às fontes de informação, que trabalham em Madrid?

R: Certamente, na medida em que, quando o seu diretor e o seu pessoal estão em Barcelona, no final do dia o jornalismo, e especialmente o jornalismo político, se baseia nas relações humanas e, obviamente, se o grosso da sua equipa está em Barcelona, há certamente algumas dificuldades, sem dúvida. Curiosamente, isto é compensado pelo facto de, até aos últimos anos, e precisamente por causa do *procés*, termos tido aqui muitas empresas importantes para a economia espanhola. Algo que, num certo sentido, o *procés* mudou. Como sabe, tem havido uma fuga significativa de empresas, o que é relevante em termos operacionais, mas em termos reais, em termos de representação do PIB, talvez isso não seja tão importante, como o facto de neste momento Espanha, e penso que isto faz parte do conflito catalão, gravitar em torno de Madrid. Quando os centros de decisão, não só políticos, mas também financeiros e empresariais, se mudam para Madrid, claro que a perda desse capital humano, de que falávamos antes, e da relação humana tem um peso específico na prática do jornalismo.

P: Na sua opinião, quais são os desafios que o jornalismo político enfrenta em Espanha?

R: Esta é uma questão que dá muito que pensar. Penso que não deve ser muito diferente dos desafios que se colocam a todo o jornalismo, mas em particular o jornalismo do poder, que são basicamente dois: economia e política, que é a perda da capacidade de mediar. Até há poucos anos, éramos os grandes e legítimos intermediários entre a cidadania e o poder, mas este deixou de ser o caso quando foi dada (a qualquer cidadão) a possibilidade de poder informar, expressar uma opinião e influenciar. A nossa capacidade de intermediação tem sido limitada da mesma forma que a capacidade de intermediação da política tem sido limitada. Por conseguinte, isto obriga-nos a reforçar a nossa legitimidade com base na nossa capacidade de representar, dar voz e explicar o que está a acontecer melhor do que um indivíduo pode fazer. Depois, há muitos mais desafios, se quiser, e particularmente em Espanha, há certamente desafios relacionados com a compreensão do nosso próprio país, mas este é um problema que remonta ao século XIX. Mas creio que o fator fundamental é aquele que todo o jornalismo e toda a política enfrentam, que é a dificuldade de continuar a exercer esta intermediação com verdadeira legitimidade.

P: Pensa que por vezes as fontes de notícias, assim como as redes sociais, tentam influenciar o conteúdo que o jornalista está a preparar? De que forma?

R: Bem, sim, mas isso, penso eu, sempre foi o caso. Dizer, no final, que o jornalismo nada mais é do que a descrição das relações humanas e das relações de poder, quando se fala de jornalismo político. E nesse contexto, não creio que o desejo de influenciar tenha mudado substantivamente. Provavelmente, ocorre-me agora, talvez a nossa perda de influência se torne menos necessária por esta influência. Ou seja, que somos influenciados porque somos menos decisivos, mas, mesmo assim, eu diria que sim. Mas no final, se pensarmos nisso, em qualquer relação comercial e em qualquer relação profissional, a interação faz parte do negócio, para colocar as coisas dessa forma.

Claro que as redes sociais, por exemplo, dada a visão conservadora de La Vanguardia, obviamente, somos muito frequentemente o objeto destes setores que não partilham o nosso ponto de vista e, claro, somos objetos de pressão. Mas, neste momento, eu diria que isso faz o jornalismo esforçar-se mais para fazer o seu melhor. E nem tudo é mau na interação que a rede nos dá, obriga-nos também a ser muito mais rigorosos, mais cuidadosos e muito mais respeitosos, porque sabemos que, dependendo do que fazemos ou como o fazemos, vai levar a uma tempestade e perante essa tempestade a única possibilidade de defesa é a verdade e a justiça.

P: Na sua experiência, são as fontes de informação que recorrem aos jornalistas com mais frequência ou é o contrário?

R: O meu, e na posição em que tenho estado, o ponto de partida tem sido sempre: as fontes precisam mais de nós do que nós precisamos delas. E, portanto, vou à fonte de informação para procurar informação, não me relaciono com a fonte de informação e este é um elemento que penso que, particularmente no caso que está a analisar, é especialmente relevante. Porque estávamos num contexto de conflito e, portanto, tivemos de tentar ser particularmente escrupulosos nessas relações. No entanto, não esqueçamos - e isto é muito importante - que nessa interação existem fatores comerciais, fatores estratégicos da empresa e fatores de equidade necessários face ao conflito, portanto, sim, é verdade que houve momentos em que essa interação foi

recíproca, mas insisto, o jornalista deve ser muito claro que a interação é, num certo sentido, unidirecional. A cumplicidade é uma coisa má, para além da perspetiva ideológica de cada um. Pode ter amigos políticos e ter um político a pedir-lhe conselhos ou a perguntar-lhe "como o vê", mas em geral, à distância.

P: Sentiu alguma pressão por parte da fonte A ou B para transmitir a perspetiva mais favorável à facção de apoio?

R: Claro! Isso acontece, mas pretendo separar o trabalho de fazer um jornal ou um jornal web, na perspetiva de fazer jornalismo, das estratégias e das posições do vosso próprio jornal. Penso que da estrutura que lhe descrevi anteriormente, da minha posição para cima, essas interações fazem mais sentido, porque fazem parte da estratégia empresarial. A seguir à minha posição, que é a posição de fazer um jornal, penso que essas pressões ou essas interações devem ser muito mais contidas. Eu diria que o editor-chefe é a posição que carrega o rótulo a partir do qual começam os interesses e estratégias empresariais e a partir do qual, abaixo dele, começam os interesses e estratégias estritamente jornalísticas. Isto parece agora muito claro, mas não é. Tudo isto é muito mais confuso, infinitamente mais confuso e essa relação produz por vezes insónias reais, mas compreendo ou tentei, durante o tempo a que se refere, fazê-lo dessa forma.

P: Qual foi o maior desafio para os jornalistas durante a cobertura do processo catalão?

R: O que se define como o processo catalão, eu descrevo como um conflito. Sublinho isto porque acredito que estamos a entrar numa zona de conflito, uma zona de profunda e séria divisão na sociedade. Saliento que as aspirações de ambos os lados eram perfeitamente legítimos: as dos que queriam separar-se e as dos que queriam ficar. Aqueles que queriam ficar e aqueles que queriam partir. Creio que, para o meu jornal, o principal desafio profissional, e é isto que o editor-chefe do principal jornal da Catalunha lhe diz, era evitar que os nossos leitores se dividissem. Para impedir que os nossos leitores tomem apenas uma parte da sociedade. A Catalunha começou a partir-se, não em 2016 (penso que foi bem antes), mas 2016 e 2017 foram anos-chave nessa

quebra e a nossa missão fundamental era conseguir que todos nos continuassem a ler. Por duas razões: uma puramente comercial, precisávamos deles (leitores) para continuar (porque vivemos disso), e isso não é uma razão menor; e a outra, porque o jornalismo deve ter vocação para não fazer parte, se não para ser um descritor fiel.

Insisto, com toda a insónia que isto provoca, porque é muito complicado, mas veja, para que compreendam a dimensão: no início da crise tínhamos 60 mil assinantes em papel, o que penso ser o maior número de assinantes em Espanha; saímos da parte mais difícil da crise com 55 mil, ou seja, perdemos 5 mil. Isto significa que não fizemos tudo mal, tendo em conta a sociedade civil e que somos o principal jornal deste país. Em segundo lugar, se olharmos para os inquéritos do Centro de Estudos de Opinião e se olharmos para as entranhas do inquérito, veremos que somos o jornal mais lido em todos os segmentos ideológicos da Catalunha. Ou seja: todas as pessoas que dizem ser apoiantes de um partido político, a primeira coisa que leem é escrita por nós. Para mim, este foi e é o principal desafio que enfrentamos, acima de todos os outros, e fomos bem-sucedidos.

P: Do seu ponto de vista, o que diferenciou a cobertura mediática do La Vanguardia da dos outros jornais [El País, El Mundo e Ara]?

R: Claro que há diferenças, mas são diferenças que têm a ver com a posição editorial, mas essa posição editorial também deriva da posição no universo dos meios de comunicação social. O El Mundo e El País são dois jornais de Madrid: um é um jornal progressista, o outro é um jornal mais reativo e, talvez, com uma linha mais opinativa - não diria que é uma posição de direita, o El Mundo é um pouco mais difícil de definir do que El País na sua vocação. E na Catalunha, o Diari Ara é um jornal que nasceu com a vocação de representar uma parte e o La Vanguardia é um jornal que completou recentemente 140 anos e que promete representar o todo, mas que se pronuncia a partir de Barcelona e, ao pronunciar-se a partir de Barcelona, tem uma noção de Espanha diferente da do El Mundo e do El País.

O que quero dizer com isso: as nossas posições são diferentes, mas porque as nossas origens e o nosso *a priori* já são diferentes. Gostaria de pensar que o exercício rigoroso

do nosso trabalho como jornalistas não é muito diferente. O que é diferente são as nossas posições de partida. Penso que é muito mais substantivo e muito mais do que a posição política que temos num dado momento e é evidente que, no caso do *procés*, todos tomámos um ou outro lado, certamente no caso do El Mundo e do El País, que são inequivocamente contra o *procés*, no caso do Ara, inequivocamente parte dos *procés* e no caso do La Vanguardia suprimimos a tensão de tentar ou procurar um meio-termo para explicar o conflito e os dois lados do conflito. E esta é uma posição realmente complexa, porque em ambos os lados houve momentos críticos e não muito exemplares.

P: A dicotomia/confrontação "Catalunha-Madrid" é sentida nas redações?

R: Dentro da redação do La Vanguardia há independentistas e não-independentes. Não sou a favor de descrever o grupo de não-independentistas como unionistas ou constitucionalistas, penso que ainda não encontramos a palavra certa para os definir, embora ela seja utilizada não só aqui, mas também em Madrid.

A tensão entre os dois lados existe, claro que existe. Bem, o meu ponto de vista nestes casos é que deve guardar as suas preferências para quando sair da porta da redação. O que nem sempre é verdade ou funciona, nem sempre é pacífico, mas numa situação de conflito como aquela em que vivemos, penso que só se pode sobreviver sob essa premissa.

P: Se tivesse de analisar o discurso jornalístico produzido pelo La Vanguardia sobre a questão catalã, como o classificaria: independentista catalão ou nacionalista espanhol?

R: Eu diria que, num certo sentido, há um *a priori* de que não partilho, que é que "tens de ser um ou outro". O nosso objetivo era precisamente evitar ser um ou outro. Para marcar o meu ponto de vista, penso que temos de regressar às tradições jornalísticas: o La Vanguardia vem de uma tradição histórica.

Penso ter descrito o nosso jornal como conservador, quando digo a palavra conservador também tem que ver com a sensação de ser particularmente capaz de navegar em águas turbulentas e de se preservar. Nesse sentido, face ao conflito, a posição era precisamente manter o *status quo* e dar voz a todos e explicar o que se estava a passar.

Como pode imaginar, quando, em setembro de 2017, houve duas sessões irregulares no Parlamento catalão e houve o que para mim é um dos maiores erros que ocorreram na política catalã, durante muito tempo a posição do jornal foi particularmente difícil, mas não só nesse momento. Também a posição do jornal quando a polícia e a guarda civil invadiram as assembleias de voto que tinham sido criadas para 1 de outubro foi difícil. Isso também foi tremendo. E aí, qual é o papel do jornalista? Tentar contar tudo e evitar ser parte - não fazer parte. Há uma grande diferença entre participar e fazer parte. Participámos no editorial, participámos ao descrever uma situação de uma perspetiva: a situação inaceitável no Parlamento catalão e a polícia a bater nas pessoas. Mas isso é uma coisa e fazer parte dela é outra. Esse é o limite, a linha, e tudo isto é muito ideal e teórico, mas garanto-vos e tentei explicar como o fizemos. A nossa vontade era essa: não fazer parte dela.

Apêndice 9: Entrevista a David Miró Molés (Ara)

Entrevista concretizada em castelhano

Versão em Castelhana

Entrevista realizada via Zoom a 21 de julho de 2021

P: ¿Cuánto tiempo lleva en el Diari Ara?

R: Desde que salió, o sea, desde 2010. Será desde septiembre de 2010, el periódico salió el noviembre, pero me incorporé unos meses antes. Como subdirector de política estoy desde febrero de 2011.

P: En su opinión, ¿a qué retos se enfrenta el periodismo político en España?

R: Creo que los retos que el periodismo político se enfrenta en España no son muy diferentes de los que se enfrentan en todo el mundo. Ahora mismo el periodismo a nivel global, seguramente hay excepciones, pero a nivel global tiene un problema grave de credibilidad. Por múltiples factores, pero bueno... redes sociales, internet, populismos, etc. hay una gran campaña de desprestigio contra los medios de comunicación. Digamos como proveedores de la información verídica y contrastada y más o menos objetiva. La gente cada vez cree menos en los medios de comunicación, esto, por una parte, eso es un problema que tenemos como sociedad. Luego tenemos otro problema que es los políticos, no sé el caso de Portugal, pero no creo que sea muy diferente de aquí, no respetan la libertad de prensa e intentan siempre manipular, presionar de múltiples maneras.

Como periodistas políticos, estamos por un lado con la gente que no nos cree, que cree que estamos a sueldo de algo. Los políticos nos presionan a su vez para vendernos su mensaje y para presionar de múltiples maneras, llegando a provocar despidos. Y luego hay el tercer factor es que como la crisis en el modelo de negocio de los medios de comunicación, que hace que los medios sean cada vez más débiles del punto de vista económico. Entonces, que pasa, son más vulnerables a las presiones de los propietarios, de los anunciantes, etc.

Todo esto es un problema del periodismo en el general. En el caso del periodismo político es más complicado por la presión de los políticos y es más delicado. Yo creo que sin el periodismo político de calidad no hay democracia.

Y entonces, creo que lo que tenemos que hacer es intentar hacer bien nuestro trabajo e intentar sobrevivir en este mar de presiones y contra presiones, pero lo tenemos difícil porque cada actor juega sus cartas y nadie se cree en el periodismo. Si los políticos lo creían, apoyarían al periodismo, envés de intentar condicionarlo, presionarlo, etc. Y los anunciantes. Todo el mundo mira por su propio interés y nadie mira el conjunto y para la importancia de tener esa visión de conjunto. Eso conlleva a que pasen cosas y con que la realidad se explique de muchas maneras y eso hace con que la gente no crea en el periodismo, porque si cada uno explica una cosa diferente "a quien me creo?" y entonces vamos a otro proceso que es la constitución de burbujas mediáticas, o sea, cada persona solo cree aquello que quiere creer y solo consume aquellos medios que dicen lo que quiere oír y no tienes contacto con otros sistemas mediáticos, solo quieres que te refuerzan lo que tú ya piensas.

No sé si eso pasa en Portugal, pero en situaciones de polarización muy fuerte, como la que vivimos aquí con el *procés*, pero que también hemos visto en los Estados Unidos con Trump, eso pasa. La gente vive en su comunidad y sólo se relacionan entre ellos, a nivel mediático, estoy hablando. En Twitter solo ves aquellos que piensan como tú, o sea, te acabas alimentando solo de unos medios de comunicación en concreto. En fines, es que hay muchos temas.

P: Según su experiencia, ¿a qué fuentes de información recurre más a menudo el periodista? ¿o es al revés?

R: El periodista. Su trabajo es ir a las fuentes e ir a los políticos. Yo, digamos, como subdirector de política tengo abajo una sección de política que está formada por un ejército de "psicópatas" que lo único que hace es llamar por teléfono todo el día. Llamar... Llamar a políticos, a expertos, a funcionarios... todo el día, todo el día.

Cuando el político llama para quejarse o para ejercer alguna presión, pues por suerte eso no pasa a cada día, que, si no sería una guerra, pero bueno... nuestro trabajo es

investigar, llamar, pedir que nos expliquen y que nos digan y que nos faciliten la información y si no la quieren dar, pues intentar por otro sitio. ¡Esto es nuestro trabajo!

P: ¿Cree que a veces las fuentes de información, más que las redes sociales, tratan de influir en el contenido que el periodista está preparando? ¿En qué sentido?

R: Las fuentes de información siempre quieren influir, eso es lo normal. Cuando tú llamas a alguien, tú ya sabes de que partido es, que función ocupa y cuál es su interés, lo que te dirá y con qué objetivo. Eso no es problema. Lo único que tú, como periodista, lo tienes que saber, en tu análisis, es que este te ha dicho esto por esto. Para ti, lo importante es distinguir lo que es verdad de lo que no es verdad, porque a veces hay una relación de *win-win* entre el periodista y la fuente, porque lo que la fuente te dice y que quiere que se sepa es de interés público y por tanto para ti es importante y ahí está la relación de *win-win*, pero ni siempre es así. Muchas veces lo que te dicen tienes de contrastar con otras fuentes, etc. Pero, lo que te quiero decir es que las fuentes quieren siempre condicionar el mensaje, eso siempre. Entonces en el periodismo político eso es el "A-B-C", y eso sí que pasa en todo el mundo, seguro.

P: ¿Sentiste alguna presión por parte de la fuente A o B para transmitir la perspectiva más favorable a la facción de apoyo?

Sí. La situación ahora ha bajado un poco, pero si remontamos a los momentos de octubre de 2017... sí, había muchas presiones por parte de los poderes públicos y de los políticos para poder dar su versión de los hechos. Entonces, nuestro trabajo como periodistas era ver que era verdad y que no era verdad y cuestionar hasta donde podíamos. Y yo entiendo que aquí cada medio en eso es diferente. Si tu estudias medios de ámbito español y medios catalanes debes tener en cuenta diferentes coordenadas.

En nuestro caso, como Diari Ara, que es un diario que es en catalán, que tiene una visión 'Catalano céntrica' y una línea editorial que vendría ser soberanista/progresista, nosotros las presiones las recibíamos más del gobierno catalán, más que del gobierno español, porque el interés del gobierno español era los medios de ámbito español. Nosotros somos un periódico relativamente pequeño, no nos va a llamar el secretario de Estado de comunicación, a no ser que sea algo muy, muy grave y no creo que haya pasado nunca. En cambio, sí que nos llaman de la Generalitat. En este caso, creo que eso también es curioso de ver, ¿no? Las presiones siempre son más fuertes cuando tu línea editorial es más coincidente con el gobierno y eso tiene una razón. Porque nosotros como medio de comunicación tenemos credibilidad en el público soberanista, entonces si nosotros cuestionamos alguna cosa de la Generalitat eso les hacía daño y seguramente que al El País y El Mundo les pasaba al revés, cuando ellos daban algo contra el

gobierno español, a ellos, como tienen credibilidad en ese ámbito, pues seguramente el gobierno español les llamaba y presionaba, porque le estaban haciendo daño y a su estrategia. Nuestro trabajo también es resistir a esas presiones, pero el tema interesante del *procés* es como nosotros lo teníamos muy difícil, porque no solo teníamos presiones del gobierno catalán, sino que teníamos presiones de nuestro público y de las calles. ¿Pero, por qué? En eso momento de máxima polarización y emocionalidad política y movilización, la gente no quería saber la verdad, en los dos lados. La gente quería saber su verdad. Nosotros, como medio independentista o 'pro', se cuestionábamos si estaban haciendo bien las cosas, eso no solo nos ponía en contra al gobierno, nos ponía en contra a parte de nuestro público y suscriptores y eso es más complicado de llevar, porque los suscriptores son los que te dan 'de comer'. Cuando tu intentas, y en nuestro caso, nuestra obsesión es hacer buen periodismo, o sea, es que pase lo que pase explicar al lector lo que está pasando de verdad y lo que puede pasar y las consecuencias. Si eso le gusta al lector o no, eso no es nuestro problema. Pero si el lector, lo que está pidiendo no es que le informes, sino que le mientas aquí es cuando tenemos un problema, porque entonces el lector se va de ti, porque no piensa que le estás diciendo la verdad, piensa que le estás mintiendo y entonces se va a buscar otro medio que le explique lo que quiere oír y eso pasa en momentos de mucha polarización.

P: ¿Cuál fue el mayor reto para los periodistas durante Los incidentes del proceso catalán en 2017?

Era muy difícil. Creo que si miramos el diario Ara de aquellos días, creo que podemos estar relativamente satisfechos. Digamos que el problema no es en estos medios, no es solamente las noticias, creo que ya verás que tienen la línea editorial incorporada muchas veces en el redactado. Puedo hacer crítica, en mi opinión, es que los medios de Madrid no hicieron un esfuerzo por comprender. Yo creo que el trabajo del periodista es comprender para después explicar, pues si tu no entiendes lo que está pasando no lo puedes explicar, al margen de que si te gusta o no te gusta. Si tú quieres estudiar el nazismo, tendrás que explicar las razones de porqué explotó, o sea que pasaba allí y que mal estar llevó aquel momento, eso no quiere decir que eres un nazi o que lo apoyas. Intentas comprender y eso, sobre todo en estos momentos de 2017, creo que los medios de Madrid ya no hacen periodismo. Esta es solo mi opinión. La línea editorial que marca el gobierno español es lo que marca todo el resto y todo que se aparte de ahí es un

problema, porque si no hay un mínimo relato compartido es difícil llegar a todas las comunidades.

Sus hipótesis es que esto es un problema de TV3 y de la escuela. Vamos a ver, eso es que puede ser así, pero ¿cómo se explica que en el año 31 ha sido proclamada la república y que en 34 lo hizo Companys? O sea, cuando no existía TV3 ni había escuela catalana. El problema siempre ha existido desde finales del XIX con visiones políticas distintas, golpes... Mismo antes de TV3 y de la escuela ya había catalanismo. ¿Cómo podremos discutir que TV3 o la escuela catalana es mejor o peor y decir que son el problema? Eso es mentir y no se sustenta y así estás vendiendo a tu público que los catalanes son una especie de gente mala de la cabeza, de gente muy poco capaz, que se deja influir por la televisión y tal. O sea, intenta profundizar un poco más, intenta comprender al otro, ponerte en el lugar del otro. Siento que este esfuerzo lo hacíamos más desde aquí que desde allí (Madrid), seguramente porque aquí somos una sociedad plural y ni toda la gente piensa lo mismo, pero entonces nuestro recto era encontrar el equilibrio y era difícil porque estábamos todos inmersos en una especie de batidora emocional, donde los periodistas tenían sus propios entornos familiares presionando y esto es muy fuerte. A ver, en todo el mundo los periodistas son sépticos y no creen en el poder, sea de quien sea y entonces aquí llegó el momento en que ellos consiguieron, la dirigencia política catalana independentista, que la gente les leyera a ellos y no a los medios de comunicación. Es verdad que había cosas que ayudaban a esto. Si los medios de Madrid no hacían periodismo, eso no ayudaba porque entonces te decían a ti: “¿por qué hacéis periodismo? ¿por qué explicáis si ellos no lo hacen? Esto es una guerra”.

Y eso nos decían los políticos, pero nos decían también suscriptores, incluso familiares, que nos decían que no estábamos explicando bien las cosas, que estábamos poniendo demasiados problemas.

Yo recuerdo que, en esos días, circulaba en los grupos de WhatsApp instrucciones para informarse y que medios eran buenos y los que no. En algunos de estos mensajes el Ara estaba y en otros no. Llegó al momento en que, incluso en el núcleo duro independentista, el Ara no era de fiar, porque no estábamos explicando la versión oficial

a 100%, decíamos más 'ojo que aquí se pueden pasar cosas', puede haber problemas y represión.

En aquel momento, no convenía. ¿Yo recuerdo de entrevistar al presidente Puigdemont y preguntarle “está usted dispuesto a ir a la cárcel?” y responderme mal, porque ese mensaje no era lo que ellos querían transmitir, no querían hablar de esa posibilidad o entonces preguntarle directamente “¿qué va a pasar cuando se haga una declaración unilateral de independencia si tú no tienes la fuerza coercitiva para imponerla?”. Había una línea muy fina entre mentir y no decir la verdad o no decir toda la verdad. Más que de mentir, yo les acuso de dejar que la gente pensara una cosa que no era y de haber intentado que los medios, más o menos próximos, compráramos eso. Yo intentaba haber periodismo, cosa que al mi alrededor poca gente hacía.

P: Desde su punto de vista, ¿qué ha diferenciado la cobertura mediática de Diari Ara de la de los otros periódicos [El País, El Mundo y La Vanguardia]?

Yo no creo que sea tan, tan diferente. Nosotros dábamos un mayor peso a las fuentes de la sociedad civil, la ANC y Òmnium, que nosotros considerábamos actores políticos de primer orden, nosotros y después la justicia española también. Creo que La Vanguardia es un periódico más clásico, no daba tanto peso a esos y seguramente nosotros dábamos menos peso al gobierno de Madrid, por falta de personal. La Vanguardia tiene una delegación en Madrid de 15 personas y nosotros tenemos de tres. Nuestros mayores recursos estaban destinados a saber qué pasaba en Cataluña y creo que esa es la diferencia.

La línea editorial es diferente, pero eso se vehicula en los editoriales y los artículos de opinión, ahora si eso se filtra a la información y a los titulares, seguramente algo se filtra, pero bueno tampoco estábamos muy pendientes del La Vanguardia.

Nosotros intentamos que la línea editorial no contamine la información, que es como se tiene que hacer. Nosotros, por ejemplo, tenemos un redactor solo para ANC y Òmnium. En La Vanguardia no creo que lo tenga. Dábamos seguramente más peso a la sociedad civil y no tanto a los despachos.

P: ¿El hecho de estar en Barcelona penaliza el Ara en el acceso a las fuentes de información, que trabajan en Madrid?

Sí, seguro. Piensa que en Madrid está todo establecido, que tienes los medios que son de toda España, luego hay un grupo de segunda orden, que ellos llaman regionales, pero que tienen una potencia que va más allá, y aquí está La Vanguardia, o sea, La Vanguardia es un periódico editado en Barcelona y es catalán pero que su visión del mundo no es Catalano-céntrica y esto es importante.

Imagina: A veces puede pasar que el paro sube en España y baja en Cataluña, La Vanguardia titulará "El paro sube", porque su marco mental es España. Nosotros titularemos "El paro baja". Entonces, La Vanguardia intenta ser un periódico de ámbito español editado en Barcelona, esta es un poco su visión histórica. Si lo consiguen o no, bueno diría que no, pero hacen eso ejercicio y son los únicos que lo hacen fuera de Madrid, o sea, por ejemplo, La Voz de Galicia, que tiene casi los mismos lectores que La Vanguardia, no tiene esa ambición. Son un periódico de Galicia y punto, venden muchísimo, pero son de ahí. Entonces, después de La Vanguardia vienen todos los medios que llaman regionales, y aquí hay muchísimos. Entonces, nosotros no somos solo un periódico con una línea editorial muy diferente de la que hay en España, es que además somos pequeños para ellos. Yo creo que aquí si equivocan y nosotros somos más estratégicos que lo que ellos piensan y tengo que decirte que cada vez nos van respetando más, incluso entre los otros medios, ya ven que somos un periódico serio y no un panfleto y que sacamos temas buenos. Nosotros, por ejemplo, hemos hecho demitir un conseller del Govern de Catalunya por un tema de acoso sexual, un conseller que es republicano. O sea, nosotros también destapamos casos de acoso sexual en otros sitios, hemos hecho entrevistas con Pablo Iglesias que han tenido mucha repercusión. Ellos ven que no hay intocables, pero tu piensa que, para el jefe de prensa de cualquier Ministerio, nosotros estamos en el número 25, antes de nosotros hay mucha gente... y bueno, luchamos contra eso. Cuando llamamos aquí se nos ponen en la primera, aquí somos importantes, más que por el tema de ventas, porque somos un medio muy influyente y con cierto prestigio y, por eso, la Generalitat nos responde, pero para el

gobierno español estamos muy abajo. Para preguntar a Pedro Sánchez... a nosotros nos toca preguntarle dos veces al año en la rueda de prensa.

P: ¿Se siente la dicotomía/confrontación "Cataluña-Madrid" en las redacciones? ¿Se siente la presión en la redacción?

Es que yo no sé qué la gente piensa. Aquí no se pregunta a nadie, eso se supone que, si vas con el chip de Irlanda del Norte, esto es muy diferente. Puedes intuir y hay una cosa que actúa como filtro de alguna manera, pero que no es un filtro. Pero no hay problema alguno, porque nosotros hacemos periodismo. Esas tensiones que se vivía en la sociedad, seguro que en familia había, pero en la redacción no hay espacio para discutir eso. Seguro que no hay nadie de Vox, porque nosotros tenemos valores que, tu si trabajas ahí tienes que compartirlos. Si contratamos alguien es porque es bueno, pero hay una cosa que para nosotros es imprescindible: debes tener un nivel de lengua altísimo y eso crea un filtro.

En la redacción no hay tensiones, pero tengo que decirte que, en cambio, sí que ha habido tensiones y la gente que pasa mal por esto son las redacciones en Barcelona de los periódicos de Madrid, donde te piden que hagas unas piezas que, a lo mejor, a ti de presentan problemas deontológicos. Estoy pensando en El Mundo y sus trabajos sobre lengua que decían que "en una escuela obligan a los niños a hablar en catalán", cosas totalmente falsas y que yo conozco casos de periodistas que han llorado y a quien obligan, desde Madrid, a hacerlo.

P: Si tuviera que analizar el discurso periodístico producido por Diari Ara sobre la cuestión catalana, ¿cómo lo clasificaría? ¿Independentista catalán o nacionalista español?

El discurso del diario es claramente "Cataluña es un sujeto político, histórico, que tiene derecho a pronunciarse y a poder decidir en libertad su relación con el resto de España". Eso es un pilar fundamental de nuestra línea editorial. En cambio, los otros periódicos de tu análisis no lo consideran, incluso La Vanguardia. No consideran que Cataluña tiene ese derecho, consideran que Cataluña no es nada para decidir qué quiere hacer, para ellos tiene que decidir el conjunto de España, pero nosotros decimos "no". Cataluña

tiene ese derecho, de decidir en libertad, después de un debate sobre las ventajas y los inconvenientes.

En la realidad, siempre hemos intentado mantener la idea del referéndum y del derecho de decidir sin ser explícitamente independentistas, puede que alguna vez nos ha escapado, pero la línea editorial es intentar abrazar lo que se considera como unos 70% de la opinión pública catalana. Hay gente que está a favor del referéndum y que votaría que no y eso es un consenso social en Cataluña. Así como la idea de la independencia divide la sociedad en dos bloques iguales, la idea del referéndum no y va más allá, llegando a unos 70% y nosotros intentamos mantenernos en ese *frame*, eso quiere decir que nosotros también estamos contra la teoría de los bloques, que nos independentistas no pueden pactar con otros partidos no independentistas. Nosotros tuvimos en favor de que los independentistas apoyen a la moción de censura de Pedro Sánchez contra Rajoy. En uno día, hicimos editoriales pidiendo que se aprobara nos presupuestos de gobierno de España. Estamos en esa línea de intentar colaborar con el gobierno progresista de España para digamos encarrilar el tema y para que se sitúe en el marco de la política y no de la judicialización. Y luego en el eje izquierda - derecha, aquí en temas más sociales somos muy claramente progresistas y en política económica más matices, se defendiendo la colaboración pública privada.

Yo creo que es muy importante que los periodistas hagan autocrítica y yo creo que en aquellos momentos seguramente todos nos dejamos influir demasiado por nuestros entornos, los políticos, etc. pero hay que admitirlo. Yo pienso: "nosotros no lo hicimos perfecto", seguramente no avisamos suficiente de lo que podía pasar. Yo creo que nuestro papel periodístico ha sido muy digno, y lo diría que el mejor, el que recorría todos los puntos de vista, pero también hago autocrítica y seguramente deberíamos ser más insistentes con las preguntas: "¿qué va a pasar con la DUI?". Estoy dispuesto a hacer autocrítica.

P: Há quanto tempo está com Diari Ara?

R: Desde que o jornal saiu, por outras palavras, desde 2010. Acho que desde setembro de 2010, o jornal saiu em novembro, mas eu entrei alguns meses antes. Sou diretor-adjunto da política desde fevereiro de 2011.

P: Na sua opinião, quais são os desafios que o jornalismo político enfrenta em Espanha?

R: Penso que os desafios que o jornalismo político enfrenta em Espanha não são muito diferentes dos que se colocam em todo o mundo. Neste momento o jornalismo a nível global, existem certamente exceções, mas a nível global tem um grave problema de credibilidade. Devido a múltiplos fatores, mas sobretudo... redes sociais, internet, populismo, etc., há uma enorme campanha de difamação contra os meios de comunicação social. Digamos que como fornecedores de informação verdadeira, contrastada e mais ou menos objetiva. As pessoas acreditam cada vez menos nos media, o que, por um lado, é um problema que temos como sociedade. Depois temos outro problema que são os políticos, não sei sobre Portugal, mas não acho que seja muito diferente daqui não respeitam a liberdade de imprensa e tentam sempre manipular, pressionar de muitas maneiras.

Como jornalistas políticos, estamos de um lado com pessoas que não acreditam em nós, que pensam que estamos a pagar por alguma coisa. Os políticos, por sua vez, pressionam-nos a vender a sua mensagem e a exercem pressão sobre nós de muitas maneiras, até ao ponto de sermos despedidos. E depois há o terceiro fator, como a crise no modelo empresarial dos meios de comunicação social, que torna os meios de comunicação social cada vez mais fracos de um ponto de vista económico. Assim, o que acontece, eles são mais vulneráveis às pressões dos proprietários, anunciantes, etc.

Tudo isto é um problema para o jornalismo em geral. No caso do jornalismo político, é mais complicado devido à pressão dos políticos e é mais delicado. Acredito que sem jornalismo político de qualidade não há democracia.

E assim, penso que o que temos de fazer é tentar fazer bem o nosso trabalho e tentar sobreviver neste mar de pressões e contrapressões, mas é difícil porque cada ator joga as suas cartas e ninguém acredita no jornalismo. Se os políticos acreditassem nisso, apoiariam o jornalismo, em vez de tentarem condicioná-lo, exercer pressão sobre ele, etc. E os anunciantes. Todos estão atentos aos seus próprios interesses e ninguém está a olhar para o grande quadro e para a importância de ter esse grande quadro. Isto leva a que as coisas aconteçam e a que a realidade seja explicada de muitas formas diferentes e isto significa que as pessoas não acreditam no jornalismo, porque se todos explicam algo diferente "em quem acredito?" e depois vamos para outro processo que é a constituição de bolhas nos media, ou seja, cada pessoa só acredita no que quer acreditar e só consome os media que dizem o que querem ouvir e não tem qualquer contacto com outros sistemas de media, só quer que eles reforcem o que já pensa.

Não sei se isso acontece em Portugal, mas em situações de polarização muito forte, como a que estamos a viver aqui com o *procés*, mas que também vimos nos Estados Unidos com o Trump, isso acontece. As pessoas vivem na sua comunidade e só se relacionam umas com as outras, a nível dos meios de comunicação social, estou a falar. No Twitter só vê quem pensa como tu, por outras palavras, acaba por se alimentar apenas de um meio de comunicação específico. Em suma, há tantas questões.

P: Na sua experiência, a que fontes de informação os jornalistas recorrem mais frequentemente, ou é o contrário?

R: Jornalistas. A função é ir às fontes e ir aos políticos. Eu, digamos, como diretor adjunto, tenho uma secção política lá em baixo que é composta por um exército de "psicopatas" que não fazem mais do que telefonar o dia todo. Ligar... ligar a políticos, especialistas, funcionários públicos... durante todo o dia.

Quando o político liga para reclamar ou para exercer pressão, bem, felizmente isso não acontece todos os dias, senão seria uma guerra, mas o nosso trabalho é investigar, telefonar, pedir-lhes que nos expliquem e nos digam e que nos deem a informação e se não a quiserem dar, terão de tentar noutro lugar.

P: Pensa que por vezes as fontes de informação, mais do que as redes sociais, tentam influenciar o conteúdo que o jornalista está a preparar? De que forma?

R: As fontes de informação querem sempre influenciar, isso é normal. Quando se liga a alguém, já se sabe a que parte pertence, que papel ocupa e qual é o seu interesse, o que lhe dirá e com que objetivo. Isso não é um problema. A única coisa que tu, como jornalista, tens de saber, na tua análise, é que ele te disse isto por causa daquilo. Para ti, o importante é distinguir o que é verdade do que não é verdade, porque por vezes existe uma relação *win-win* entre o jornalista e a fonte, porque o que a fonte te diz é o que quer que seja conhecido e de interesse público e, portanto, importante para ti e essa é a relação *win-win*, mas nem sempre é assim. Muitas vezes o que eles lhe dizem tem de ser verificado com outras fontes, etc. Mas o que eu quero dizer é que as fontes querem sempre condicionar a mensagem, é sempre esse o caso. Assim, no jornalismo político este é o "A-B-C", e isso acontece em todo o mundo, com certeza.

P: Sentiu alguma pressão da fonte A ou B para transmitir a perspetiva mais favorável à facção de apoio?

R: Sim. A situação agora abrandou, mas se voltarmos aos tempos em outubro de 2017... sim, houve muita pressão por parte dos poderes e dos políticos para poderem dar a sua versão dos acontecimentos. Assim, o nosso trabalho como jornalistas era ver o que era e o que não era verdade e questionar, tanto quanto possível, o que era verdade. E compreendo que cada meio de comunicação social aqui é diferente. Se estudares os meios de comunicação espanhóis e catalães, tem de ter em conta diferentes coordenadas.

No nosso caso, como o Ara, que é um jornal em catalão, que tem uma visão "catalã-cêntrica" e uma linha editorial que seria soberanista/progressiva, fomos pressionados mais pelo governo catalão do que pelo governo espanhol, porque o interesse do governo espanhol estava nos meios de comunicação espanhóis. Somos um jornal relativamente pequeno, o Secretário de Estado da Comunicação não nos vai chamar, a menos que seja algo muito, muito sério, e não creio que isso alguma vez tenha acontecido. Por outro lado, recebemos chamadas da Generalitat. Neste caso, penso que

isso também é curioso de ver, não é? As pressões são sempre mais fortes quando a sua linha editorial está mais alinhada com o governo, e há uma razão para isso. Porque nós, como órgão de comunicação social, temos credibilidade junto do público pró-soberania, por isso, se questionássemos algo sobre a Generalitat, isso iria prejudicá-los, e certamente foi o contrário para o El País e o El Mundo, quando relataram algo contra o governo espanhol, uma vez que têm credibilidade nesta área, certamente que o governo espanhol os chamaria e os pressionaria, porque eles estavam a prejudicá-la e à sua estratégia. O nosso trabalho é também resistir a estas pressões, mas o interessante sobre o *procés* é que tivemos muita dificuldade, porque não só tivemos pressões do governo catalão, como também tivemos pressões do nosso público e das ruas. Mas porquê? Naquele momento de máxima polarização e emocionalidade política e mobilização, as pessoas não queriam saber a verdade, de ambos os lados. As pessoas queriam saber a sua verdade. Nós, como meios de comunicação pró-independência ou 'pró', questionámos se estavam a fazer as coisas bem, que não só nos colocavam contra o governo, mas também contraparte do nosso público e assinantes, e isso é mais complicado de lidar, porque são os assinantes que o 'alimentam'. Quando se tenta, e no nosso caso, a nossa obsessão é fazer bom jornalismo, ou seja, explicar ao leitor o que está realmente a acontecer e o que pode acontecer e as consequências. Quer o leitor goste ou não, não é um problema nosso. Mas se o leitor pede para não ser informado, mas para ser enganado, é aí que temos um problema, porque então o leitor deixa-o, porque eles pensam que você não lhes está a dizer a verdade, pensam que você lhes está a mentir e por isso vão e procuram outro meio que lhes explique o que querem ouvir, e isso acontece em tempos de grande polarização.

P: Qual foi o maior desafio para os jornalistas durante Os Incidentes do Processo Catalão em 2017?

R: Foi muito difícil. Se olharmos para o jornal Ara daqueles dias, penso que podemos estar relativamente satisfeitos. Digamos que o problema não está nestes meios de comunicação, não são apenas as notícias, penso que verão que eles têm a linha editorial incorporada muitas vezes na escrita. Posso criticar, na minha opinião, o facto de os meios de comunicação social em Madrid não terem feito um esforço para compreender.

Penso que o trabalho de um jornalista é compreender para poder explicar, porque se não se compreende o que está a acontecer não se pode explicar, quer se goste quer não. Se quiser estudar o nazismo, terá de explicar as razões pelas quais ele explodiu, ou seja, o que se passava ali e como era mau na altura, mas isso não significa que seja um nazi ou que o apoie. Tenta-se compreender e que, especialmente nesta altura em 2017, penso que os meios de comunicação social em Madrid já não fazem jornalismo. Esta é apenas a minha opinião. A linha editorial estabelecida pelo governo espanhol é o que estabelece todo o resto e tudo o que se desvie disso é um problema, porque se não houver uma narrativa mínima partilhada, é difícil chegar a todas as comunidades.

A sua hipótese é que este é um problema da TV3 e da escola. Vejamos, talvez seja assim, mas como explica que a república tenha sido proclamada em 31 e Companheiros a tenham proclamado em 34? Ou seja, quando não havia TV3 e não havia escola catalã. O problema sempre existiu desde o final do século XIX com diferentes visões políticas, golpes... Mesmo antes da TV3 e da escola já existia o catalanismo. Como podemos argumentar que a TV3 ou a escola catalã é melhor ou pior e dizer que o problema são eles? Isso é mentir e é insustentável, e é assim que se vende ao público que os catalães são algum tipo de pessoas más na cabeça, pessoas que não são muito capazes, que se deixam influenciar pela televisão e assim por diante. Por outras palavras, tenta ir um pouco mais fundo, tenta compreender o outro, coloca-te no lugar do outro. Sinto que fizemos este esforço mais daqui do que dali (Madrid), provavelmente porque aqui somos uma sociedade plural e nem todas as pessoas pensam o mesmo, mas então o nosso desafio foi encontrar o equilíbrio e foi difícil porque estávamos todos imersos numa espécie de mistura emocional, em que os jornalistas tinham o seu próprio ambiente familiar a exercer pressão sobre eles e isto é muito forte. Vejamos, em todo o mundo, os jornalistas são sépticos e não acreditam no poder, seja ele quem for, e assim chegou o momento em que conseguiram, a liderança política catalã pró-independência, levar as pessoas a lê-los e não os meios de comunicação social. É verdade que houve coisas que ajudaram a isto. Se os meios de comunicação social de Madrid não faziam jornalismo, isso não ajudava, porque então eles diziam-lhe: "porque faz jornalismo? porque explica se eles não o fazem? Isto é uma guerra".

E foi isso que os políticos nos disseram, mas também nos disseram os subscritores, mesmo os familiares, que nos disseram que não estávamos a explicar bem as coisas, que estávamos a criar demasiados problemas.

Lembro-me que, naquela época, as instruções sobre como obter informação e quais os meios de comunicação recomendados começaram a circular nos grupos WhatsApp. Em algumas destas mensagens o Ara estava lá e em outras não. Chegou ao ponto em que, mesmo no núcleo duro do movimento pró-independência, o Ara não parecia ser confiável, porque não estávamos a explicar a versão oficial a 100%, estávamos a dizer mais "cuidado, as coisas podem acontecer aqui", pode haver problemas e repressão.

Lembro-me de entrevistar o Presidente Puigdemont e perguntar-lhe "está disposto a ir para a prisão?" e obter uma má resposta, porque essa mensagem não era o que eles queriam transmitir, não queriam falar sobre essa possibilidade, ou então de perguntar-lhe diretamente "o que acontecerá quando for feita uma declaração unilateral de independência se não tiver a força coerciva para a impor?". Havia uma linha ténue entre mentir e não dizer a verdade ou não dizer toda a verdade. Mais do que mentir, acuso-os de deixarem as pessoas pensarem algo que não pensaram e de terem tentado aproximar os meios de comunicação, mais ou menos próximos deles, para comprarem isso. Eu estava a tentar ser jornalista, algo que poucas pessoas à minha volta estavam a fazer.

P: Do seu ponto de vista, o que diferenciou a cobertura mediática do Ara da dos outros jornais [El País, El Mundo e La Vanguardia]?

R: Não me parece que tenha sido tão, tão diferente. Demos maior peso às fontes da sociedade civil, à ANC e a Òmnium, que considerámos serem atores políticos de primeira linha, e mais tarde também o sistema de justiça espanhol. Penso que La Vanguardia é um jornal mais clássico, não deu tanto peso a estes e provavelmente demos menos peso ao governo de Madrid, devido à falta de pessoal. La Vanguardia tem uma delegação em Madrid de 15 pessoas e nós temos três. Os nossos maiores recursos foram dedicados a descobrir o que estava a acontecer na Catalunha, e penso que essa é a diferença.

A linha editorial é diferente, mas isso é transmitido nos editoriais e artigos de opinião, agora se isso se filtra na informação e nas manchetes, certamente algo o faz, mas bem, também não estávamos muito atentos ao La Vanguardia.

Tentamos assegurar que a linha editorial não contamine a informação, que é como tem de ser feita. Por exemplo, temos um editor apenas para ANC e Ómnium. Não creio que La Vanguardia o faça. Daríamos certamente mais peso à sociedade civil e não tanto aos gabinetes.

P: O facto de estar em Barcelona penaliza o acesso da Ara às fontes de informação, que trabalham em Madrid?

R: Sim, certamente que sim. Pense que em Madrid tudo está estabelecido, que tem os meios de comunicação que são de toda a Espanha, depois há um grupo de segundo nível, a que chamam regional, mas têm um poder que vai além disso, e aqui há o La Vanguardia, ou seja, o La Vanguardia é um jornal publicado em Barcelona e é catalão, mas a sua visão do mundo não é centrada na Catalunha e isto é importante.

Imaginem só: Por vezes pode acontecer que o desemprego aumente em Espanha e caia na Catalunha, La Vanguardia manchará "O desemprego aumenta", porque o seu estado de espírito é a Espanha. Vamos manchete "O desemprego cai". Assim, La Vanguardia tenta ser um jornal espanhol publicado em Barcelona, esta é a sua visão histórica. Quer tenham ou não sucesso, bem, eu diria que não, mas fazem esse exercício e são os únicos que o fazem fora de Madrid, ou seja, por exemplo, La Voz de Galicia, que tem quase a mesma audiência que La Vanguardia, não tem essa ambição. São um jornal galego e é isso, vendem muito, mas são de lá. Depois de La Vanguardia vêm todos os chamados meios de comunicação regionais, e há muitos deles aqui. Assim, não somos apenas um jornal com uma linha editorial muito diferente da que existe em Espanha, mas também somos pequenos para eles. Penso que estão errados aqui e nós somos mais estratégicos do que eles pensam e tenho de vos dizer que nos respeitam cada vez mais, mesmo entre os outros meios de comunicação social, eles veem que somos um jornal sério e não um panfleto e que levantamos boas questões. Nós, por exemplo, tivemos um ministro do governo catalão demitido por assédio sexual, um ministro que é republicano.

Por outras palavras, também descobrimos casos de assédio sexual noutras locais, fizemos entrevistas com Pablo Iglesias que tiveram muitas repercussões. Veem que não há intocáveis, mas pensam que, para o oficial de imprensa de qualquer ministério, somos o número 25, perante nós há muitas pessoas... e bem, nós lutamos contra isso. Quando chamamos aqui, eles colocam-nos em primeiro lugar, somos importantes aqui, mais do que por causa das vendas, porque somos um meio de comunicação muito influente com um certo prestígio e, por essa razão, a Generalitat responde-nos, mas para o governo espanhol estamos muito em baixo. Para perguntar a Pedro Sánchez... temos de lhe perguntar duas vezes por ano na conferência de imprensa.

P: Sente a dicotomia/confrontação "Catalunha-Madrid" nas redações? Sente a pressão nas redações?

R: Não sei o que as pessoas pensam. Aqui não se pergunta a ninguém, ou seja, se for com o chip da Irlanda do Norte, é muito diferente. Pode-se sentir e há uma coisa que funciona como um filtro de certa forma, mas não é um filtro. Mas não é um problema, porque nós fazemos jornalismo. As tensões que foram sentidas na sociedade, tenho a certeza que houve na família, mas na redação não há espaço para discutir isso. Tenho a certeza de que não há ninguém da Vox, porque temos valores que, se se trabalha lá, se tem de partilhar. Se contratamos alguém é porque ele é bom, mas há uma coisa que é essencial para nós: é preciso ter um nível de linguagem muito elevado e isso cria um filtro.

Não há tensões na redação, mas devo dizer-te que, por outro lado, houve tensões, e as pessoas que sofrem com isso são as redações em Barcelona dos jornais de Madrid, onde vos pedem para fazer peças que, talvez, vos apresentem problemas éticos. Estou a pensar no El Mundo e nos seus artigos sobre linguagem que diziam que "numa escola obrigam as crianças a falar catalão", coisas que são totalmente falsas e que conheço casos de jornalistas que choraram e que são obrigados, a partir de Madrid, a fazê-lo.

P: Se tivesse de analisar o discurso jornalístico produzido pelo Ara sobre a questão catalã, como o classificaria: independência catalã ou nacionalismo espanhol?

R: O discurso do jornal é claramente "A Catalunha é um sujeito político, histórico, que tem o direito de falar e poder decidir em liberdade a sua relação com o resto de Espanha". Este é um pilar fundamental da nossa linha editorial. Por outro lado, os outros jornais na sua análise não o consideram, incluindo o La Vanguardia. Não consideram que a Catalunha tenha esse direito, consideram que a Catalunha não é nada para decidir o que quer fazer, para eles tem de ser decidido pela Espanha como um todo, mas nós dizemos "não". A Catalunha tem esse direito, de decidir em liberdade, após um debate sobre as vantagens e desvantagens.

Na realidade, sempre tentámos manter a ideia do referendo e o direito de decidir sem ser explicitamente pró-independência, talvez por vezes nos tenha escapado, mas a linha editorial é tentar abraçar o que é considerado como sendo cerca de 70% da opinião pública catalã. Há pessoas que são a favor do referendo e que votariam não, e isso é um consenso social na Catalunha. Tal como a ideia de independência divide a sociedade em dois blocos iguais, a ideia do referendo não o faz e vai mais longe, atingindo 70%, e tentamos manter-nos dentro deste quadro, o que significa que também somos contra a teoria dos blocos, que as partes pró-independência não podem fazer acordos com outras partes não-independentes. Éramos a favor de independentistas que apoiassem a moção de censura de Pedro Sánchez contra Rajoy. Um dia, publicámos editoriais apelando à aprovação do orçamento do governo espanhol. Estamos nesta linha de tentar colaborar com o governo progressista de Espanha para voltar a colocar a questão no bom caminho e para a colocar no quadro da política e não da judicialização. E depois no eixo esquerda-direita, aqui somos muito claramente progressistas nas questões sociais e na política económica somos mais matizados, defendendo a colaboração entre os sectores público e privado.

Penso que é muito importante que os jornalistas sejam autocríticos e penso que, nessa altura, provavelmente todos nós nos deixámos influenciar demasiado pelo nosso ambiente, políticos, etc., mas temos de o admitir. Penso: "não o fizemos na perfeição", certamente não avisámos o suficiente sobre o que poderia acontecer. Penso que o nosso papel jornalístico tem sido muito digno, e eu diria o melhor, aquele que cobriu todos os pontos de vista, mas também sou autocrítico e certamente deveríamos ser mais

insistentes com as perguntas: "o que vai acontecer com o DUI? Estou disposto a ser autocrítico.

